

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Giovana Duailibe de Abreu Vieth

FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER: VIDA PESSOAL, CLÍNICA, TEORIA
E CONTEMPORANEIDADE

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Giovana Duailibe de Abreu Vieth

FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER: VIDA PESSOAL, CLÍNICA, TEORIA
E CONTEMPORANEIDADE

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do título de doutor
em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Luiz Augusto Monnerat Celes

Brasília

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Esta tese de doutorado foi aprovada pela seguinte comissão examinadora:

Prof. Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes – Presidente – Universidade de Brasília

Prof.a Dr.a Cláudia Amorim Garcia – Membro – PUC do Rio de Janeiro

Prof.a Dr.a Estela Ribeiro Versiani – Membro – Escola Superior de Ciências da Saúde

Prof.a Dr.a Terezinha de Camargo Viana – Membro – Universidade de Brasília

Prof.a Dr.a Eliana Rigotto Lazzarini – Membro – Universidade de Brasília

Prof.a Dr.a Márcia Teresa Portela de Carvalho – Suplente – Universidade de Brasília

Brasília

2013

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (Simone de Beauvoir – O Segundo Sexo, vol.2).

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João e Silvana, pelo amor e constante apoio.

Ao Peter, pelo amor e paciência.

Ao Professor Dr. Luiz Augusto Monnerat Celes, pelas atentas pontuações e observações.

Aos amigos Gustavo José e Hannyery Maciel, pela riqueza teórica das diversas discussões.

Aos amigos em geral, por dividirem comigo angústias e alegrias, pelo carinho e companheirismo.

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo apresentar a relação de Freud com a sexualidade da mulher, primeiramente, em três âmbitos: relações pessoais, clínico e teórico. No primeiro âmbito, a relação entre Freud e a sexualidade da mulher é discutida pela sua relação com sua filha Anna Freud. No segundo âmbito, apresenta-se a escrita do caso clínico de Anna Freud, também sua paciente. Já no terceiro âmbito, faz-se um mapeamento de ideias que versam sobre a sexualidade da mulher na obra de Freud, no sentido de apresentar a evolução teórica pela qual a obra passa ao longo do tempo. Esse percurso, em seus três primeiros âmbitos, é feito como um retorno à Freud, indispensável para se chegar ao último âmbito desse estudo, que é a psicanálise contemporânea. Nesse sentido, serão apresentadas as ideias de autores da psicanálise contemporânea sobre a crise que está na teoria e no trabalho de tratamento frente às demandas atuais. Só após essa abordagem geral da crise é que se passará para a crítica das concepções atuais acerca da sexualidade da mulher, sob o viés psicanalítico. O trabalho é concluído com a construção de diretrizes que podem servir ao trabalho de psicanálise na atualidade, afirmando seu status de clínica da sexualidade da mulher.

Palavras-chave: psicanálise freudiana; Anna Freud; sexualidade da mulher; psicanálise contemporânea.

ABSTRACT

This work aims to present Freud's relation with women's sexuality, primarily in three areas: personal relations, clinical and theoretical. In the first area, the relationship between Freud and women's sexuality is discussed through his relationship with his daughter Anna Freud. In the second part, we present the written clinical case of Anna Freud, also his patient. In the third part, ideas that deal with women's sexuality in Freud's work are mapped out in order to present the theoretical evolution of this construct in his work over time. This course, with its first three areas, is important as a return to Freud, essential to reach the last area of this study, which is contemporary psychoanalysis. In this sense, we present ideas from contemporary psychoanalysis authors about the crisis that is faced by theory and treatment work regarding current demands. Only after this general approach about the crisis, will be presented the critique of the current conceptions about women's sexuality under the psychoanalytical theory. This work is completed with the construction of guidelines that can serve the work of psychoanalysis today, claiming its status of women's sexuality clinic.

Keywords: Freudian psychoanalysis, Anna Freud, women's sexuality; contemporary psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER NAS RELAÇÕES PESSOAIS: A FILHA ANNA FREUD	8
1.1 ÉDIPO E ANTÍGONA – DADOS HISTÓRICOS DA VIDA DE ANNA E SUA RELAÇÃO COM SIGMUND FREUD	9
1.2 ANNA SEM FREUD - COM EVA E DOROTHY	46
CAPÍTULO 2 – FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER NO DIVÃ: ANNA FREUD, FILHA E PACIENTE	63
2.1 ANNA NO DIVÃ – DE FILHA A FILHA PACIENTE	66
CAPÍTULO 3 – FREUD E SEXUALIDADE DA MULHER NA TEORIA PSICANALÍTICA: A MULHER FREUDIANA E SEUS DESTINOS POSSÍVEIS	127
3.1 O PENSAMENTO FREUDIANO ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER: QUEM É A MULHER FREUDIANA?	129
3.1.1 A HISTÉRICA SEDUZIDA	129
3.1.2 A HISTÉRICA SÁBIA E FANTASIADORA	142
3.1.3 A PERVERSA	168
3.1.4 DE IGUAL À DIFERENTE	176
3.1.5 A INOMINÁVEL	183
CAPÍTULO 4 – FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER, HOJE: A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA E OS DESTINOS DA MULHER FREUDIANA	192
4.1 O PESSOAL, O CLÍNICO E O TEÓRICO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL	193
4.2 SOBRE A CRISE PSICANALÍTICA: DE QUE SE TRATA?	199
4.3 A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA E O PENSAMENTO ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER: POSSIBILIDADES PARA A ATUALIDADE	212

4.3.1 A CHAMADA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA E SUAS QUESTÕES: DISCUSSÕES E SOLUÇÕES PROPOSTAS ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER	213
4.3.1.1 ALGUMAS CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE	218
4.3.1.2 FAMÍLIA E MATERNIDADE	225
4.3.1.3 DESTINOS E NOVOS DESTINOS DA SEXUALIDADE DA MULHER	232
4.4 A PSICANÁLISE (E A SEXUALIDADE DA MULHER), HOJE: MUDANÇAS E PERSPECTIVAS	244
- PSICANÁLISE É TRABALHO DE TRATAMENTO (E CRENÇA)	245
- A PSICANÁLISE E SUA ACEITAÇÃO	248
- AS INSTITUIÇÕES PSICANALÍTICAS	251
- A PSICANÁLISE, O SEXO E A IDENTIDADE SEXUADA	255
- SOBRE O CONCEITO DE FEMINILIDADE	258
- A CONSIDERAÇÃO DO DESEJO DA MULHER	260
CONCLUSÃO	264
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	270

INTRODUÇÃO

A sexualidade da mulher é objeto de estudo de muitas pesquisas. No percurso de Freud observa-se, desde seu início, o interesse pelo assunto, mesmo que nem sempre de forma específica. O título desse trabalho, “Freud e a sexualidade da mulher: vida pessoal, clínica, teoria e contemporaneidade”, traz aquilo que esse estudo, primeiramente, se propõe a investigar: a relação entre Freud e a sexualidade da mulher nos três primeiros âmbitos. O objetivo dessa primeira investigação é se alcançar o quarto e último âmbito, o da contemporaneidade, que se apresenta a partir das ideias e discussões propostas por autores atuais da psicanálise.

Ao longo do tempo, as ideias que versam sobre a sexualidade da mulher se modificaram. Isso se deve a um grande conjunto de interferências, mas pode-se destacar, por exemplo, mudanças culturais e sociais que perpassam, a cada época e contexto, o processo civilizatório. Com isso, as noções acerca da sexualidade da mulher se tornam cada vez mais amplas. A psicanálise, por outro lado, também avança em suas produções teóricas e clínicas, inclusive acerca da sexualidade da mulher. Nesse trabalho, procura-se investigar, também, ao se mostrar a relação em alguns âmbitos entre Freud e a sexualidade da mulher, de que forma a psicanálise lidou com as questões que versam sobre esse tema. De que forma, por exemplo, a psicanálise adequou seu pensamento (psicanalítico) ao contexto social da época. Todas as construções acerca da sexualidade da mulher feitas pela psicanálise desembocam na atualidade, onde se encontra ora momentos de crise, caracterizados por uma dificuldade da psicanálise em se adequar, como trabalho de tratamento, às demandas atuais, ora argumentações sobre a atualidade da psicanálise e de sua proposta clínica. Nesse sentido, se coloca um *problema*: **Tendo em vista as origens constitucionais da sexualidade da mulher**

freudiana, nos âmbitos pessoal, clínico e teórico, o quanto ainda é possível que esta mulher freudiana perdure nos dias de hoje? Que tipo de ajustes, relocalizações e reformulações deve a psicanálise contemporânea realizar para conseguir atender às demandas da mulher atual, visto que é trabalho de tratamento? Para tentar responder às questões colocadas, se utiliza algumas *hipóteses*. A primeira, referente ao primeiro questionamento, diz da atualidade da psicanálise freudiana, assim como a necessidade de um retorno à sua clínica e teoria. A mulher freudiana é concebida em contextos diferentes, visto que ela não é só uma. Seu “perfil” varia com o momento teórico da obra de Freud. A mulher freudiana se torna possível nos dias de hoje, ainda, pois se sua maior característica é ser contextualizada, ela se permite mudanças frente à cultura e está em constante movimento no que diz respeito às suas demandas. A segunda hipótese apresentada por esse estudo e referente ao segundo questionamento diz respeito à consideração de que a psicanálise contemporânea, para se manter na atualidade enquanto trabalho de tratamento viável às demandas da sociedade atual, deve, além de promover um retorno cuidadoso e específico à obra de Freud, além de crítico, propor novas contribuições ao trabalho. Sem fugir ou negar a origem da psicanálise em suas ideias fundamentais, deve a psicanálise contemporânea construir e propor estratégias que sejam efetivas ao trabalho de tratamento para que se adequem melhor à atualidade, à sexualidade da mulher em toda a sua amplitude que a cultura e a sociedade atuais permitiram. Nesse sentido, esse estudo também se arrisca a formular diretrizes para a psicanálise contemporânea, com o objetivo de ajudar a conduzir a produção teórica e a prática clínica psicanalítica, frente às demandas atuais.

O *objetivo* principal desse estudo é pensar a atualização das ideias acerca da sexualidade da mulher sob o viés psicanalítico, na contemporaneidade. Para isso, faz-se um tipo de retomada à Freud no que diz respeito ao que versa acerca dessa sexualidade específica.

Essa retomada é feita nos três primeiros âmbitos – pessoal, clínico e teórico – para só assim se chegar à psicanálise contemporânea. Como se trata de uma pesquisa de cunho totalmente teórico, o *campo de estudo* no qual se dá refere-se à obra freudiana e às publicações psicanalíticas mais atuais que debatem as questões aqui apresentadas. Para a abordagem dos dois primeiros âmbitos (pessoal e clínico), principalmente, utiliza-se publicações como biografias, correspondências e escritos retirados de diários pessoais. Para a parte final, que versa sobre a psicanálise contemporânea, serão utilizados, além de livros, artigos científicos de autores psicanalíticos da atualidade. A *metodologia* consiste em realizar uma pesquisa bibliográfica de cunho teórico, cujo referencial circunscreve à produção freudiana e dos autores contemporâneos da psicanálise. Além disso, para a escrita da história de Anna Freud em específico, realiza-se uma pesquisa bibliográfica de cunho histórico, para que os fatos referentes à sua vida sejam relatados com maior veracidade possível.

No primeiro capítulo, é apresentada a relação de Freud com a sexualidade da mulher no âmbito pessoal. Como é impossível que se aborde as relações de Freud com todas as mulheres importantes de seu convívio, apenas uma relação, entre ele e sua filha Anna Freud, será apresentada. É claro que durante essa discussão, outras mulheres aparecerão, como Lou Andreas-Salomé e Marta Freud. Entretanto, o objetivo principal desse capítulo é inferir, a partir da relação entre Freud e Anna Freud, de que forma Freud concebeu a sexualidade da mulher em suas relações pessoais. A escolha por Anna justifica-se pela importância que ela teve na vida do pai e na intensidade da relação entre eles. No mesmo capítulo, aspectos da vida de Anna após a morte de Freud também são abordados, principalmente seus relacionamentos com suas duas amigas mais próximas, Eva Rosenfeld e Dorothy Burlingham.

No segundo capítulo, busca-se definir e discutir a relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito clínico. Da mesma forma que o primeiro capítulo encontra a impossibilidade da abordagem de todas as relações entre Freud e as mulheres que significaram algo em sua vida, essa parte do estudo infere, pela apresentação e discussão da relação clínica entre Freud e a filha Anna Freud, como Freud concebeu a sexualidade da mulher no âmbito do trabalho de tratamento psicanalítico. Entretanto, ao se tentar escrever a análise de Anna, outros casos clínicos de Freud também são abordados, seja pela semelhança, seja pela diferença. É sabido que muitos escritos teóricos contidos na obra de Freud tem a “participação” de Anna, como uma das pacientes em questão. Além disso, para que a discussão em torno dessa análise seja mais completa, biografias, correspondências entre Freud e a filha, entre a filha e Lou Andreas-Salomé (já que essa também fora sua analista) e entre Freud e Lou, que, por sua vez, partilhavam ideias acerca da sexualidade de Anna, são utilizadas. Outras fontes de pesquisa que esse capítulo traz à tona são escritos de Anna de cunho pessoal como poemas, sonhos escritos e textos sobre ela mesma. Destaca-se seu texto de 1922, *A relação entre fantasias de espancamento e devaneios*, onde se observa um relato autobiográfico, que diz de sua análise e se utiliza das concepções do próprio pai e analista para compreender o que se passa com ela. Anna fez análise por três períodos, sendo duas vezes com Freud: de 1918 a 1921, com o pai; de 1921 a 1922/23, com Lou Andreas-Salomé; de 1924 a 1925, novamente com o pai. Esse capítulo discorre acerca de todo esse tempo, de forma contextualizada e obedecendo a ordem cronológica dos textos, tanto de Anna, quanto de Freud.

No terceiro capítulo, figura a relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito teórico, ou seja, percorre, em sua obra, o surgimento e a evolução de suas ideias acerca da mulher e de seu desenvolvimento psicosssexual. Procurando uma definição que

responda a questão “quem é a mulher freudiana?”, conceitua-se a mulher, de acordo com a evolução da obra de Freud acerca da sexualidade dela, em cinco grupos: a histérica seduzida, a histérica sábia e fantasiadora, a perversa, a que passa de igual à diferente, no que diz respeito ao seu desenvolvimento psicosssexual frente ao homem, e a inominável, aquela que se constitui a partir de todos os outros grupos e, exatamente por esse motivo, é impossibilitada de qualquer nomeação que limite sua sexualidade. Os textos de Freud utilizados para embasar a ideia da constituição desses cinco grupos de mulheres são, basicamente, *Estudos sobre a histeria* (1895/2006) para a histérica seduzida; *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905[1901]/2006), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006), correspondências entre Freud e Fliess, *O esclarecimento sexual das crianças* (1907/2006), *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade* (1908a/2006), *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908c/2006) e *Algumas observações gerais sobre ataques histéricos* (1909[1908]/2006) para a histérica sábia e fantasiadora; “*Uma criança é espancada*” – *contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/2006) e *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920b/2006) para a perversa; *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923/2006), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924b/2006) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2006) para a mulher que passa de igual à diferente, no que confere a seu desenvolvimento psicosssexual e *Sexualidade feminina* (1931/2006) e *Feminilidade* (1933[1932]/2006) para a inominável.

No quarto capítulo, chega-se ao âmbito da contemporaneidade, onde procura-se definir de que forma as ideias e noções freudianas acerca da sexualidade da mulher ainda consistem na psicanálise atual. Antes disso, entretanto, busca-se definir a relação existente entre os três âmbitos já apresentados. Após isso, discute-se a chamada “crise

da psicanálise” de forma geral e não especificamente no que tange às ideias acerca da sexualidade da mulher. Para isso, conta-se com contribuições teóricas de autores da psicanálise contemporânea como Antônio Quinet, Joel Birman e Luiz Celes. Só após essa discussão acerca da crise em linhas gerais é que se passa para especificidade da sexualidade da mulher. De início, apresenta-se e discute-se ideias, também de autores da psicanálise contemporânea, acerca do que se pensa sobre a sexualidade da mulher, hoje. Nesse sentido, são apresentadas possibilidades de o trabalho de tratamento psicanalítico se dar frente às demandas atuais. Essas concepções de autores da contemporaneidade estão divididas em grupos temáticos que facilitam a compreensão do leitor. São eles: noções gerais sobre a sexualidade da mulher, família e maternidade e destinos e novos destinos da sexualidade da mulher, sendo os destinos aqueles postulados por Freud (assexualidade, heterossexualidade e homossexualidade) e “novos destinos” aqueles que, diante do contexto social e cultural atual, vem se destacando cada vez mais. Por fim, lança-se algumas perspectivas que a psicanálise contemporânea pode ter. A partir de alguns tópicos que são fundamentais para a psicanálise (psicanálise como trabalho de tratamento – e crença, a psicanálise e sua aceitação, as instituições psicanalíticas, a psicanálise, o sexo e a identidade sexuada, o conceito de feminilidade e a consideração do desejo da mulher), constrói-se diretrizes para o trabalho se dar e se sustentar na atualidade, visto que as demandas atuais das mulheres e da sociedade em geral exigem mudanças e reformulações tanto na teoria quanto na clínica psicanalíticas. É importante destacar que somente os três últimos tópicos é que geram diretrizes específicas à sexualidade da mulher. Entretanto, os três primeiros, mais gerais e convenientes à psicanálise como um todo, não deixam de contribuir para a atualização acerca do assunto específico do qual trata este estudo.

A conclusão deste trabalho retoma todo o caminho percorrido e debate acerca da relevância do tema. Além disso, lança questionamentos e reflexões que envolvem a temática da sexualidade da mulher, destacando, principalmente, a importância da psicanálise frente às questões lançadas na contemporaneidade, concebida, também, enquanto clínica da sexualidade da mulher.

CAPÍTULO 1

FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER NAS RELAÇÕES PESSOAIS: A FILHA ANNA FREUD

Esse capítulo tem como objetivo apresentar de que forma Freud lidou com a questão da sexualidade da mulher no contexto de suas relações pessoais. É de conhecimento público o interesse que muitos pesquisadores têm demonstrado, ao longo do tempo, pela vida pessoal e profissional de Sigmund Freud. Diversas biografias já foram escritas sobre ele e os autores dividem-se em pesquisadores de sua obra, ex seguidores, psicanalistas e historiadores. Nesses escritos, encontram-se, além de pontos conceituais de sua vasta obra, detalhes acerca da vida pessoal do pai da psicanálise, inclusive documentos que, até pouco tempo, jamais haviam sido liberados ao grande público. Hoje se pode contar com documentos pessoais, cartas, cadernos de anotações diárias, entre outros. A leitura desse material “proibido” desperta curiosidade e interesse, principalmente por elucidar o modo como Freud, por exemplo, travava suas relações pessoais. Nesse sentido, diante de todo esse material, surge sua relação com uma das mulheres mais importantes de sua vida, que teve um papel fundamental para ele e para a psicanálise: sua filha Anna Freud. Para que se inicie a abordagem da sexualidade da mulher no contexto pessoal de Sigmund Freud, é importante que se apresente alguns aspectos biográficos referentes à relação dele e sua filha Anna, visto que a constituição da sexualidade dela é o exemplo que ilustrará, nesse estudo, a sexualidade da mulher no contexto das relações pessoais freudianas.

1.1 ÉDIPO E ANTÍGONA – DADOS HISTÓRICOS DA VIDA DE ANNA E SUA RELAÇÃO COM SIGMUND FREUD

Assim como Sigmund Freud teve sua vida vasculhada por pesquisadores e biógrafos, não foi diferente com Anna. “Annerl”, “Anna-Filha”, “Santa Anna” e “Diabo Negro” são apenas alguns dos nomes que a última filha de Freud foi chamada durante sua vida. Porém, talvez nenhum deles tenha mais significado, quando se trata de Anna, a filha do pai da psicanálise, do que “Antígona”. Anna Freud não foi apenas uma professora e psicanalista que teorizou psicanálise e contribuiu fortemente para o reconhecimento e consolidação do trabalho de psicanálise: Anna foi a fiel companheira, amiga, paciente e filha do pai.

Entretanto, a história de Anna não começa com ela tão bem posicionada. Anna teve, de certa forma, que “lutar” por todos esses títulos. De uma menina fantasiosa e carente, sempre em busca da atenção e do reconhecimento do pai, sempre sofrendo por ciúmes de seu pai com a irmã Sophie, a uma mulher comprometida com o trabalho, companheira e confidente do pai, guerrilheira do movimento psicanalítico, teórica do desenvolvimento infantil normal e patológico, sistematizadora dos mecanismos de defesa do ego e, porque não dizer, possuidora de uma sexualidade intrigante e, como aposta esse estudo, de várias facetas.

Anna Freud nasceu em 3 de dezembro de 1895 e foi a sexta e última filha do casal Freud. Segundo Rodrigué (1995), Freud escolheu seu nome a fim de homenagear a única filha de seu antigo professor de hebreu, Samuel Hammerschlag, seu mentor hebraico. Porém, segundo o mesmo autor, é provável que tenha sido uma homenagem à irmã mais velha de Freud. Anna, apesar de ter sido vista como uma filha quase que indesejada, como relatam os biógrafos de Freud Gay (1989/2007) e Rodrigué (1995) e a

mais famosa biografia de Anna Freud, escrita por Young- Bruehl (1992), por exemplo, foi vista por seu pai, depois de seu nascimento, como um bom augúrio. Segundo Freud em carta a Fliess de 8 de dezembro de 1895, “agrada-nos pensar que o bebê fez com que minha clientela duplicasse” (in Masson, J. M., 1986, p. 155). Apesar disso, nem Martha Freud nem Minna Bernays (que, segundo Freud, eram “as duas mães”), parecem ter assumido a responsabilidade total maternal em relação à Anna. Isso poderá ser um dos fatores que implicará, como será mostrado ao longo desse trabalho, na falta de identificação de Anna com sua mãe e na procura dela por figuras femininas idealizadas e admiradas por Sigmund Freud (curiosamente, todas elas possuem estereótipos contrários ao de sua esposa, Martha Freud). Uma figura de grande destaque nesse período para a pequena Annerl, segundo Young-Bruehl (1992), foi a babá espanhola Josefina Chulez, que Anna chamaria, mais tarde, de “zeladora primordial” e de “mãe psicológica”. Apesar dos outros filhos de Freud observarem em Josefina uma militar, para Anna ela era sua “salvadora” e, principalmente, quem a fez se sentir segura durante aquele complicado período de romance familiar infantil. Josefina era finalmente a mulher-materna que preferia Anna e não a outra pessoa. Um episódio da infância de Anna relatado por Rodrigué (1995) é bastante interessante:

Certa vez, as crianças brincavam nos parques da Ringstrasse com a mãe e a governanta [Josefina]. Acontece que Annerl, que mal sabia andar, entrou em pânico quando perdeu de vista sua babá e, tentando encontrá-la, perdeu-se. Muitos anos depois, esse foi o tema central de um bonito ensaio intitulado *On losing and being lost* (Perdendo e perdendo-se). Dá pra concluir que, na cena do parque, Josefina era mais importante que a própria mãe (p. 392)

É exatamente o fato de Anna ter “escolhido” Josefina como sua principal referência materna infantil é que faz desse fato algo primordial ao desencadeamento teórico de sua obra. Ao longo desse estudo, serão analisadas outras relações entre sua vida pessoal e

seu trabalho como teórica da psicanálise¹, mas, por ora, analisa-se um trecho exatamente dessa obra de Anna citada por Rodrigué (1995):

Quando os sentimentos parentais são ineficientes ou ambivalentes em excesso, ou quando as emoções maternas estão temporariamente perturbadas, as crianças sentem-se perdidas e, de fato, se perdem (Freud, A., *On Losing and being lost*, in *Writings*, IV, pp. 311-312)

Essa afirmação parece traduzir um pouco Annerl, a pequena Anna Freud, cujos sentimentos pelos pais eram ineficientes e ambivalentes em excesso e, principalmente, possuía emoções muito perturbadas em relação à mãe, o que pode ter prevalecido para o resto de sua vida. Voltando à figura da governanta-mãe, parece ter sido ela, então, que ajudou Annerl a dar conta do romance que se estabelece a partir do momento em que ela, indesejada, é colocada em uma família onde já existia a filha mais bela e também preferida, Sophie. Além disso, não era só com Sophie que disputava o amor e a atenção do pai. Martha, sua mãe, também era uma forte concorrente e alguém com quem parece nunca ter construído uma relação profunda de identificação e afeto. Outras figuras surgirão ainda para atrapalhar o caminho de Anna: sua tia Minna e as diversas pacientes e amigas interessantíssimas de Sigmund Freud. Com essas últimas, Anna se identifica, as ama, as odeia, as inveja e as admira. Tudo bem ambivalente. As principais figuras marcantes na vida dela serão apresentadas ao longo desse estudo, assim como a importância que tiveram na constituição da sexualidade de Anna.

E como era Annerl, a Anna criança? Evidentemente solitária e infeliz? Nem tanto. Apesar de sua infância ter sido marcada pela carência e disputa de amor em relação ao pai e pela relação conturbada emocionalmente com a mãe, Anna era uma perfeita fantasiadora. Criava histórias e mais histórias e sonhava acordada com um mundo feito por ela. Além disso, ela tinha outras características marcantes. Segundo Young-Bruehl (1992), Anna era chorona, fantasiosa, “cabeça” e não “beleza”, sofria de complexo de

¹ Ver segunda parte desse capítulo e o capítulo 2, por exemplo.

patinho feio e lhe faltava feminilidade, como o próprio Freud observou quando ela já era uma adolescente. Sobre esse período é fundamental que se discorra acerca de alguns aspectos de sua relação com sua irmã Sophie, visto que, por ora, ela será até a sua morte (de Sophie) o maior empecilho na relação de amor entre Anna e o pai, maior até do que Martha Freud:

Para Anna Freud, Sophie foi a irmã mais difícil, o alvo de seu ciúme – Sophie também concedia essa honra à irmã menor [...] era difícil para Anna suportar a beleza de Sophie. [...] As duas filhas mais jovens de Freud desenvolveram, cada uma, sua versão de divisão fraternal e comum de territórios: “beleza” e “cabeça” (Young-Bruehl, E., 1992, p. 37).

Sendo assim, dentro do romance familiar já instaurado, Sophie era uma grande rival. Alguns biógrafos de Freud como Rodrigué (1995) chegam a afirmar que Sophie era a filha preferida de Martha Freud e, provavelmente, do pai. Quando do casamento de Sophie com Max Halberstadt, Anna escreve ao pai em 7 de janeiro de 1913 se sentindo excluída não só do amor entre os dois quanto do próprio evento²:

[...] Como é natural, penso com frequência no casamento de Sophie, mas Max me é indiferente porque me é completamente estranho; no fundo, não gosto dele mas, certamente, não é por causa de ciúme. Não é bonito dizê-lo, mas fico contente com o casamento de Sophie porque me causava horror a briga interminável entre nós. A ela isso não importava porque não gostava de mim, mas eu gostava muito dela e sempre a admirei muito (In Meyer-Palmedo, I. (org.), 2008, pp.70-71).

A morte de Sophie, em 1920, pode ser encarada, em relação à Anna, como triste e libertadora. Acostumada com relações ambivalentes desde muito cedo, Anna Freud amava sim a irmã, mas não deixou de ver seu caminho livre para ocupar finalmente o lugar de filha predileta do pai – e parece ter conseguido somente nesse momento mesmo. Além disso, Anna passou, junto com sua irmã mais velha Mathilde, a ser a principal cuidadora dos filhos que Sophie precocemente deixou, podendo assim, pela primeira vez, exercer de fato funções maternas.

² Segundo alguns outros autores, como Elizabeth Young-Bruehl (1992), essa carta data de 9 de janeiro, o que parece ser irrelevante.

Segundo Young-Bruehl (1992), nem alguns textos de Freud passaram ilesos de comparações com sua vida pessoal e, principalmente, com suas relações com pessoas queridas. Nesse caso, destacam-se dois textos onde é possível observar a “presença” extremamente simbólica de Anna Freud. O primeiro deles é o famoso relato do sonho freudiano da injeção de Irma. Freud parece não ter se debruçado ferozmente, como fez com outras associações do conteúdo do sonho, ao significado da figura feminina em questão, Irma. Freud, em carta a Karl Abraham de 9 de janeiro de 1908 deixa claro ao amigo que não era mesmo de seu interesse que seus leitores entendessem quem era a enigmática personagem central de seu sonho. Isso era assunto do próprio Freud:

Por trás dele [do sonho] está escondida uma megalomania sexual; as três mulheres, Mathilde, Sophie e Anna, são as três madrinhas das minhas filhas, e eu as possuo todas! Para a viuvez haveria, é natural, uma terapia simples. É claro que toda sorte de coisas íntimas (in Young-Bruehl, 1992, p. 22).

À esta citação, acrescenta-se o comentário de Young-Bruehl (1992):

Irma era aquilo que Freud chamava de uma “condensação”, uma figura que se compunha de outras figuras: ela bem podia ter em si um elemento da perturbadora Emma Eckstein, mas era principalmente Anna Hammerschlag Lichtheim, uma jovem viúva de que Freud estava então tratando, aparentada de Sophie Schwab, madrinha de Sophie Freud, e amiga de Mathilde Breuer, madrinha de Mathilde Freud. Em dezembro de 1895, Anna Hammerschlag Lichtheim tornou-se madrinha de Anna Freud (p. 23).

Em maior grau de envolvimento da vida pessoal de Freud e seus textos, surge um texto extremamente interessante de 1913, *O tema dos três escrínios* ou, dependendo da tradução, *O tema dos três cofres*. Esse texto trata de contos de fadas ou histórias infantis, nos quais são apresentadas tramas envolvendo diversos personagens, dentre os quais, inicialmente, príncipes ou princesas que têm o seu direito de conquista à noiva ou ao noivo condicionado ao cumprimento de tarefas determinadas por um rei ou mestre. Está dividido em duas partes. Na primeira parte, Freud comenta, primeiramente, uma cena extraída de *O Mercador de Veneza*, comédia trágica de William Shakespeare. Na segunda parte, há a cena extraída da peça *O Rei Lear*, tragédia teatral do mesmo autor.

Essa segunda cena é a de interesse desse estudo, pois é ela que autores como Young-Buehl (1992), Rodrigué (1995) e Appignanesi e Forrester (2010) relacionam com Freud e Anna-Filha. Freud (1913b/2006) conta que o rei resolve dividir seu reino, enquanto ainda está vivo, entre as três filhas, em proporção igual à quantidade de amor que cada uma delas conseguir expressar por ele. As duas mais velhas, Goneril e Regan se esmeram em afirmar, das mais diferentes formas, seu amor por ele, enquanto Cordélia, por sua vez, recusa-se a fazer o mesmo. O rei divide o reino entre as outras duas, ao invés de reconhecer o valor da terceira filha, e cai na ruína. Freud aponta que novamente se trata da escolha entre três mulheres, das quais a mais jovem é a melhor. Não é tão simples, de início, igualar a figura de Cordélia à Anna Freud, já que a primeira era dona de um amor mudo pelo pai. Anna Freud foi conhecida durante sua vida adulta por defender não só o pai, mas também toda a psicanálise freudiana. Entretanto, como se pode ver no trecho de uma carta de Freud a Sándor Ferenczi de 23 de junho de 1912, a seguir, para o pai da psicanálise, Cordélia não era só muda. Ela era também a que se esconde, a singular, a Cinderela:

Uma única idéia que me ocorreu, e que o divertirá, foi que a cena introdutória em O Rei Lear deve significar o mesmo que a cena da escolha no Mercador de Veneza. Ora, três cofrinhos são o mesmo que três mulheres, três irmãs. A terceira é sempre a escolha acertada. Essa terceira, porém, é singular, não fala e se esconde (Cinderela?), é muda. [...] Com algumas associações, descobri que se tratavam das três irmãs do destino, das parcas, das quais a terceira é muda, pois simboliza a morte (Stekel). A força do destino é transformada no motivo da escolha. Cordélia, que ama e se cala, é, na verdade, a morte. A situação de Lear com o cadáver de Cordélia nos braços pode ser revertida: é o velho homem que está nos braços da parca funesta. As três parcas representam a mulher em suas três figurações principais: a que dá à luz, a que proporciona volúpia e a que tudo destrói, ou seja: a mãe, a amante e a terra-mãe = morte (in Falzeder, E. e cols., org., 1995, p. 101).

Quando esta carta foi escrita, em 1912, Anna já contava com seus 16 anos. Já era uma adolescente cheia de ideias e fantasias que o pai admirava. Apesar de ainda estar disputando o amor paternal com Sophie, ela já não era mais Annerl: na verdade, dava os

primeiros passos para se tornar a Antígona do pai, singular e única, assim como Cordélia. Um ano mais tarde, em nova carta à Ferenczi datada de 9 de julho de 1913³, Freud dá a entender claramente quem seria sua singular Cordélia: “Minha relação mais próxima será minha filha menor [na ocasião de sua estada em Marienbad], que agora se desenvolve tão a contento (há muito que o senhor deve ter adivinhado esta condição subjetiva da ‘escolha do cofre’)” (p. 226). Segundo Erik Erikson, em seu *Tributo a Anna Freud* (1983), nesse período Freud já considerava Anna a mais talentosa e completa de seus filhos, chegando até ao perigoso elogio de chamá-la de “meu único filho verdadeiro” (p. 52). Depois de todas essas semelhanças entre Anna e Cordélia, há mais uma, talvez a mais sombria: ao inverter os papéis entre o Rei Lear e sua última filha, Freud anuncia, como uma previsão, seu próprio destino. Se a filha mais nova é a que representa a morte, por sua mudez, é a que carrega o corpo do pai para morrer dignamente, será Anna Freud que exercerá esse papel na vida de Freud. Só a morte o libertaria do conflito de ter que dispensar Anna-Cordélia. Ela seria quem lhe carregaria para a morte ao mesmo tempo em que é também, ironicamente, sua defensora contra a morte. Outros textos de Freud serão retomados ao longo desse estudo, com a finalidade de relacioná-los com Anna, principalmente aqueles que versam sobre sua teoria da sexualidade⁴.

Algumas das outras características de Annerl também merecem destaque, pois vão embasar o pensamento desenvolvido por esse estudo. Alguns aspectos a serem observados são sua incrível capacidade e gosto pelo fantasiar e devanear e sua “falta de feminilidade”, aspecto esse que, ao mesmo tempo em que preocupou seu pai, ele mesmo tratou de manter essa imagem sobre a própria filha. Talvez uma das primeiras fantasias

³ Segundo James Strachey, em seu comentário introdutório do texto *O tema dos três cofres* (1913b, p. 313), essa carta em questão data de 7 de julho de 1913.

⁴ Ver, por exemplo, *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919) e em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925).

de Anna que se tem conhecimento seja seu famoso sonho relatado por seu pai em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2006). A história da menina que sonhou com um cardápio completo de guloseimas no dia em que lhe negaram comida por conta de suas dores estomacais estava apenas começando:

As demonstrações e retaliações da jovem Anna contra o papel ínfimo que a vida familiar lhe ofereceu se expressaram nos atos de devanear, contar histórias e ler – maneiras de se identificar imaginariamente (e algumas vezes de modo masoquista) com personagens cujos lugares ao sol eram mais importantes do que o dela própria. Esses hábitos também lhe ofereciam oportunidades de “perder-se”. Com frequência, os personagens com que Anna se identificava eram heróis masculinos que, infatigáveis, se sacrificavam para servir ao “Imperador” – um imperador em quem é difícil não enxergar o Papai. É a aprovação e o amor desse Papai que Anna, enciumada, busca, contra um exército de rivais composto não apenas de sua mãe e de suas irmãs – a bela Sophie, a racional Mathilde -, mas também de sua segunda mãe, Minna, e por fim de diversas analisandas que ainda eram amigas e futuras analistas (Appignanesi, L. e Forrester, J., 2010, p. 414).

Nesse trecho observa-se não apenas a capacidade de Anna com devaneios e fantasias, mas a peculiaridade, que preocupou Freud por um bom tempo, da tendência de Anna a se identificar com personagens masculinos. Freud demonstrou inúmeras vezes em suas trocas de correspondências com amigos e com a própria filha o quanto ele se sentia preocupado com a falta de feminilidade dela. Realmente, a feminilidade não era um traço marcante de Anna. Segundo Young-Bruehl (1992), “o motivo pelo qual ele adorava sua Annerl não era sua feminilidade, mas algo um tanto diferente a que dava o nome de *Unartigkeit* (travessura). [...] Esse lado travesso de Anna revestiu-se depois de bondade, mas nunca desapareceu – especialmente porque seu pai gostava dele” (p. 35). Na época do casamento de Sophie, que Anna não compareceu pois estava passando um período em Merano, ela e seu pai trocaram cartas que apontam algumas preocupações de Freud em relação à feminilidade nunca afluída da filha, como nesta de 2 de fevereiro de 1913:

Dos livros que você leu, você terá compreendido que, se foi tamanho o seu zelo, se ficou tão inquieta e insatisfeita [em

relação ao casamento de Sophie], deve-se isso a que, como uma criança, fugiu de muitas coisas que uma garota adulta já não temeria. Daremos conta de uma mudança quando você já não mais se retrair dos prazeres próprios de sua idade, mas fruir com alegria o que as outras jovens fruem. Dificilmente temos energia para interesses sérios, quando somos demasiado cuidadosos, demasiado sensíveis e permanecemos afastados da nossa vida e natureza, fica-se prejudicado também naquilo a que se pretende dedicar. Terás aqui livre acesso a todos os meios de formação, se quiseres utilizá-los para a finalidade certa (in Meyer-Palmedo, I. org., 2008, pp. 72-73).

O trecho citado acima parece trazer à tona o desejo de Freud de que a filha cresça e floresça em sua feminilidade, abarcando destinos semelhantes aos de suas irmãs, que casaram e tiveram filhos. Porém, Freud é extremamente contraditório quando se trata da sexualidade de Anna. De início, ela parece assexuada aos olhos do pai. Ela é alguém que lê, trabalha, estuda e passa boa parte do tempo se dedicando a temas que não são próprios de sua idade. “Ela deveria estar saindo, conhecendo pessoas, vivendo sua juventude e explorando sua sexualidade”, poderia pensar Freud. Mas não. Ao mesmo tempo em que Freud mostrava preocupação na assexualidade de Anna, também se preocupava extremamente com o possível desabrochar de sua sexualidade. O extenso episódio entre Anna Freud e o amigo de seu pai Ernest Jones e as cartas que trocou com sua fiel amiga Lou Andreas-Salomé (que foi analista de Anna)⁵ se configuram como provas dessa contradição freudiana.

Segundo Young-Bruehl (1992), Anna Freud possuía vários cadernos onde ela anotava seus contos, sonhos e poemas⁶. Em um desses poemas, intitulado *Sonhos* (1918), Anna narra sua trajetória como alguém que poderia ter encontrado vários amores, não a houvessem distraído “outros pensamentos”. Provavelmente estava se referindo ao trabalho, ao estudo e a seus outros interesses mais intelectuais, que a ligavam ao pai.

⁵ Ver a análise e trechos relevantes dessa correspondência no capítulo 2 deste estudo.

⁶ Segue a explicação de Young-Bruehl (1992) sobre esses textos e poemas de Anna: “Todos os poemas e textos citados são de uma coleção que Anna Freud, em algum momento, organizou em três pastas. Eu os apresentarei (em parte) cronologicamente porque não consigo determinar qual o seu princípio de organização. Ao todo, há 24 poemas, cinco textos curtos em prosa e onze breves reflexões em prosa. Sob o aspecto da qualidade literária, a obra certamente não é excepcional, mas é mais do que boa e ocasionalmente até notável” (p. 390).

Este, por sua vez, sentia-se com isso ao mesmo tempo lisonjeado e preocupado. O que a biógrafa chama de “namoros rápidos” de Anna mais pareceram amizades masculinas que ela travou durante toda vida. A primeira dessas “amizades” parece ter sido seu primo Edward Bernays, com quem ela apenas passeou no campo, mas sempre fazendo questão de manter distâncias. A figura de Hans Lampl é outra que aparece na literatura de Young-Bruehl (1992), inclusive sendo considerada essa relação como seu único namoro sério. Entretanto, ele não parece ter passado de uma ponta do triângulo onde os outros participantes, mais significativos que ele, eram Anna e Sigmund Freud. Amigo de Martin, irmão de Anna, Hans era o acompanhante dela em festas e outros eventos sociais. Ele tinha uma relação boa e calorosa com Freud por conta de seu interesse pela psicanálise, mas isso não comoveu o pai ao ponto de ele querer Lampl como seu genro. Young-Bruehl (1992) conta que isso ficou bem claro quando Lampl, durante o Congresso de Haia de 1920, “se sentiu o terceiro – e menor – lado de um triângulo” (p. 78). Talvez Lampl tenha sido o primeiro de outros pretendentes de Anna que Freud julgou como não satisfatório e isso pareceu ser bom à Anna. Ela não lutou nem por ele e nem por homem algum na vida, somente por seu pai. Não fica muito claro o motivo concreto pelo qual Anna não cedeu às investidas de Lampl, mas, como mostra esse trecho de uma carta dela ao pai, de 7 de agosto de 1921, a decisão parece ter sido consensual – não entre Lampl e Anna, mas entre Anna e Freud:

[...] Também esqueci de te contar que o Lampl já está aqui há alguns dias. Ele está bastante envolvido e feliz com o trabalho psicanalítico e elogia bastante o Sachs [Hanns]. Estou seguidamente com ele e estamos muito amigos, sendo que tenho tido oportunidade diariamente de confirmar nosso diagnóstico do ano passado sobre ele e ficar satisfeita por o termos julgado corretamente (in Meyer-Palmedo, I., 2008, pp. 253-254).

Esse julgamento correto que Freud e Anna fizeram é desconhecido (nenhum dos dois toca mais nesse assunto adiante e as correspondências de um ano antes também não mostram nada). Entretanto, o que importa é que eles chegaram juntos à decisão de não

levar adiante esse quase-romance, transformando-se Lampl em mais uma amizade masculina de Anna. Outros dois nomes que surgem como possíveis pretendes são Siegfried Bernfeld e August Aichhorn. O primeiro, segundo Young-Bruehl (1992), era o idealizador de “um projeto chamado Lar Baumgarten para crianças, destinado a alimentar e abrigar órfãos de guerra judeus e meninos de rua vienenses” (p. 80). Anna, porém, se interessava primeiramente e exclusivamente por seus projetos para educadores e para a juventude e não por sua pessoa e seu possível interesse nela. O segundo foi um de seus colegas, junto com Bernfeld e Willi Hoffer, no grupo que criaram para discutir idéias sobre educação e psicologia infantil. Aichhorn era diretor de uma renomada instituição residencial para delinquentes juvenis e isso acabou fazendo com que Anna se interessasse pelo menos intelectualmente por ele. Apesar disso, esse é mais um quase-romance da vida dela e Aichhorn, segundo Young-Bruehl (1992), só admitiu à própria Anna que a amava depois da Segunda Guerra Mundial, um ano antes de falecer. Rodrigué (1995) ainda cita mais um pretendente, Max Eitingon. Porém, percebe-se que esse relacionamento foi de outra ordem⁷.

Todos esses pretendes masculinos merecem seu devido destaque, mas nenhum teve a participação e a influência na vida de Anna como Ernest Jones. Este com certeza é o relacionamento de quase-romance que Anna manteve que mais favorece a compreensão da preocupação contraditória de Freud com a sexualidade de Anna. Afinal, Freud queria manter a filha assexuada, com a sexualidade adormecida, ou queria fazer com que ela vivesse sua feminilidade? O relacionamento Anna-Jones perpassa a amizade, pois chega à uma discussão teórica até mesmo sobre o Complexo de Édipo de Anna Freud.

Ernest Jones foi um neurologista e psicanalista que participava do círculo de Freud. Durante a vida, notadamente, Freud teve com ele uma relação de respeito e admiração,

⁷ Max Eitingon é considerado por Young-Bruehl (1992) como o “terceiro analista” de Anna Freud.

mas, também, muitas vezes amistosa. Biógrafo oficial de Sigmund Freud, Jones passa a demonstrar interesse romântico por Anna quando ela tinha seus 18 anos, enquanto que ele, 35. Mas antes que se explique essa relação, é importante que se apresente uma terceira figura, a de Loe Kann Jones. Loe era a antiga mulher de Ernest Jones. Na verdade, aos olhos da sociedade, foi por muitas vezes considerada uma amante por não ter uma situação matrimonial regularizada com ele. Loe e Anna mantinham uma relação de amizade, visto que Loe foi paciente de Freud – a pedido de Jones – e tinha muito carinho pela família. Na verdade, Loe Kann foi a primeira das muitas mulheres que Anna Freud manteve uma intensa relação de amizade. Além de Loe, figuram nessa lista outras mulheres como Kata Levy, Melanie Rie, Mirra Eitingon, Lou Andreas-Salomé, Eva Rosenfeld e Dorothy Burlingham⁸. Não só Loe como todas as outras seguintes possuíam características em comum como uma certa masculinidade nas atitudes, intelectuais, racionais, independentes e muito admiradas, principalmente, por Sigmund Freud. Segundo Appignanesi e Forrester (2010), os movimentos de Jones em direção à Anna começaram quando ela viajou à Inglaterra no verão de 1914 e o amigo do pai fez-lhe uma calorosa recepção. Loe Kann Jones – agora “Jones” por conta de seu segundo marido, Davy Jones – pareceu preocupada com a investida na amiga Anna e tratou de comunicar o fato à Freud, em carta. Freud, também preocupado, escreve à filha uma extensa carta, em 16 de julho de 1914. Segue trecho:

Eu sei através das melhores fontes [por Loe Kann] que o Dr. Jones tem sérias intenções de te fazer a corte. Decerto é a primeira vez na tua jovem vida, e eu nem ousaria te roubar a liberdade da qual as tuas irmãs mais velhas puderam usufruir. Mas [...] eu me embalo na esperança de que terás mais dificuldade em tomar uma decisão sobre a tua vida sem antes estar certa da nossa (neste caso: da minha) concordância (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 89).

Com esta introdução, Freud passa, então, a descrever Jones à filha. Não faltam elogios, como “meu amigo e valioso colaborador [...], uma pessoa carinhosa e boa [...] e isso

⁸ Sobre a relação de Anna com as duas últimas, ver segunda parte desse capítulo.

pode ser uma tentação adicional” (p. 89), o que já mostra o grande poder de Freud em relação às decisões (amorosas) da filha. Freud também lembra à filha que Jones já tem 35 anos (e ela ainda é muito jovem), concluindo que ele tentará logo se casar com ela, o que não seria de agrado de seu pai. Para Freud, Jones precisa de uma mulher mais velha e mais experiente e não de uma moça mimada e frágil, como considera Anna neste momento. Para terminar o assunto, coloca:

Sem se preocupar consigo – e isto é o pior que eu posso dizer dele –, ele demonstra uma tendência a se colocar em situações ousadas e nelas colocar tudo em risco, o que não me garantiria nenhuma segurança para ti. Talvez consideres desnecessária toda essa advertência e garantas nunca ter pensado seriamente nele. Mesmo assim, debes saber quais são suas intenções para poderes lidar com elas com muito tato e com cuidado gentil. Não estou te aconselhando a evitar o contato com ele, e sim a não ficar a sós em nenhuma circunstância. [...] Adia tuas visitas a Londres até que tenhas companhia, e não deixa nunca que ele vá te buscar sozinha. Isto é também uma obrigação em relação ao homem. De qualquer forma, me escreve sobre isso (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, pp. 89-90).

A carta-resposta de Anna para Freud não é conhecida na publicação em questão, mas sabe-se que ela respondeu ao pai por uma carta que Freud escreveu a Ferenczi, de 22 de julho de 1914. Freud escreve ao amigo que Anna contou que Jones foi muito gentil e que ele (Freud) não iria atrapalhar a relação dos dois:

A pequena deve aprender a se impor, mas com certeza será suficientemente habilidosa para evitar uma declaração, que só pode levar a uma decepção (...) é coisa que não quero mais mencionar, e também não quero perder minha filha querida para um ato de vingança muito óbvio – um ato que se oponha a qualquer racionalidade que fale contra ele. E penso que Loe vai ficar vigiando como um dragão” (in Falzeder, E. e cols., org., 1995, p. 58).

Pode-se perceber, entretanto, a grande contradição de argumentos entre as duas cartas escritas por Freud. Por um lado, ele deixa claro à filha que ele não se sente bem em imaginar que Anna possa corresponder a alguma intenção amorosa de Jones. Há avisos expressos para que Anna não fique sozinha com ele e há previsões de que essa empreitada não dará certo. Ora, Freud sabia exatamente como Anna era e qual a dimensão que ela dava à opinião do pai. Anna jamais desagradaria sua aior referência de

admiração e amor. Entretanto, quando escreve à Ferenczi, as palavras já são outras. Ao mesmo tempo que demonstra preocupação, coloca a decisão nas mãos de Anna, que saberá evitar uma declaração de Jones, já que isso só poderá levar a uma decepção amorosa e, conseqüentemente, à tristeza da filha. Freud sempre soube que, apesar de Anna admirar a maioria de suas amigas e pacientes independentes, como a própria Loe Kann Jones, ela jamais deixaria de ser dependente da vontade do pai. Talvez tenha sido de grande inteligência da parte de Freud escrever a Anna com as palavras que escreveu, da maneira que escreveu, ao invés de pedir claramente que ela renunciasse de vez a Jones, pois ele (e não ela, pois ele ainda não sabia das intenções da filha com Jones) não queria que isso se consumasse. Para se assegurar ainda mais de que nada aconteceria entre a filha e o amigo, Freud não deixou de escrever também ao próprio Jones, em 22 de julho de 1914:

Talvez o senhor não a conheça o suficiente. Ela é a mais dotada e prendada entre meus filhos e, além disso, um caráter precioso, cheio de interesse em aprender, ver coisas e chegar a compreender o mundo. [...] Ela não pretende ser tratada como mulher, estando ainda muito longe de anseios sexuais e, mais precisamente, recusando o homem. Há um entendimento expresso entre mim e ela de que não pense em casamento, ou nas preliminares, antes de ficar uns 2 ou 3 anos mais velha. Não creio que ela vá romper esse acordo (in *A correspondência completa de Sigmund Freud e Ernest Jones*, 1993, p. 294).

Dessa vez, mais contradições ainda aparecem. Aqui, Freud deixa claro, com todas as palavras, que nada acontecerá, até porque Anna parece ainda ser assexuada, pois, mesmo já com 18 anos, ainda não possui “anseios sexuais” e recusa homens. Segundo Gay (1989/2007), “alegar que Anna, uma moça plenamente desenvolvida, não tinha nenhum sentimento sexual era falar como um burguês convencional que nunca lera Freud” (p. 397). Novamente, a contradição: ao passo que Anna era considerada pelo pai como alguém sem desejo sexual aflorado, ela também era alguém que deveria deixar aflorar sua feminilidade e, porque não dizer, sua sexualidade. Porém, quando Freud avistava de longe a pequena chance disso acontecer, tratava logo de cortar as asas de

todos os envolvidos. Muito mais tarde, em 1979, Anna Freud se pronunciou sobre o fato em uma curta biografia que escreveu sobre Ernest Jones, que morrera há 21 anos:

Como é normal, fiquei lisonjeada e impressionada, embora não destituída da suspeita de que ele estava mais interessado em meu pai do que em mim, circunstância a que eu já me acostumara. Seja qual for o motivo, ele certamente não deixou de prestar atenção em mim. Esforçava-se muito para me pegar nos lugares em que eu ficava e para me mostrar as belezas de que gostava na Inglaterra. Houve uma viagem de que nunca me esqueci, num barco que subia o Tâmis. Havia um livro, *As estradas e caminhos de Sussex*, que continuou por muitos anos em minhas mãos. Também nunca deixou de corrigir meu inglês (Freud, A., 1979, in Young-Bruehl, E., 1992, p. 54).

A “sorte” de Freud, além do amor incondicional da filha por ele, era que Anna não estava nem um pouco interessada em Jones. Na verdade, segundo Appignanesi e Forrester (2010), Anna sonhava não com Jones, mas com Loe Kann Jones, “que Anna admirava, de quem se aproximava e em quem talvez sonhasse se transformar, de modo a ser objeto de apreço de seu pai” (p. 417). Segundo Young-Bruehl (1992), Anna se tornou amiga de Loe em 1912, quando Loe era analisada por Freud, a pedido de Jones. Loe, durante esse período de análise, tentava decidir se terminaria ou não seu caso de amor com Jones. Na época em que Jones cortejou Anna, este já não estava mais com Loe. Ela, após sua análise com Freud, decidiu que o melhor seria deixar o lugar de “amante” de Jones e partir para o casamento com seu outro pretendente, Davy Jones, ou “o segundo Jones”. Freud partilhou sua opinião sobre Loe Kann em correspondências à Ferenczi. Em uma delas, de 9 de julho de 1913, ele diz ao amigo que ela era “de grande inteligência, profundamente neurótica”(p. 226), alguém que o excitava “com todos os seus sintomas”(p.226) e, segundo Young-Bruehl (1992), o fazia esforçar-se para manter a neutralidade analítica exigida entre paciente e médico. Anna com certeza concordava com o pai sobre a figura de Loe Kann. Em carta ao pai, de 26 de julho de 1914, Anna mostra o quanto aquela mulher também lhe parece extremamente excitante:

Caso me mandem para Manchester, cuidarei para ser gentil e amorosa com todos. Já sei fazer isso bem melhor e também é bem mais fácil quando não há ninguém ao lado que sabe como

sou normalmente. Hoje também escrevi para a senhora Jones [Loe] em Londres, pois soube que ela já está lá. Tenho tido muitos sonhos com ela, inclusive na noite passada. Também soube que ela teve uma péssima viagem e que não está se sentindo bem; lamentei muito, pois sabes que eu gosto muito dela (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 94).

Nesse trecho, Anna parece estar se esforçando para ser “mais gentil e amorosa” e para ninguém saber como ela é normalmente. Esse seu jeito mais normal de ser é explicado em outros momentos, como em carta ao pai de 9 de agosto de 1920, onde ela chama esse esforço de “tentativas de socialização” (p. 196), e também em carta à Lou Andreas-Salomé, de 18 de janeiro de 1922, quanto diz que teve uma recaída no seu “velho eremitismo” (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 73, nota de rodapé n. 2). Mesmo com todo esse esforço para ser alguém mais sociável, amorosa e gentil, Anna parece achar que Loe é merecedora disso (pois Anna lhe escreve e se preocupa com ela) e, até mesmo, de figurar em seus sonhos. Em outra ocasião, já em 19 de julho de 1915, Anna relata à Freud em carta que sonha “todas as noites com a senhora Jones [Loe], e hoje sonhei que fiquei cega. Foi horrível, mas já sonhei isso várias vezes” (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 105). Como se pode perceber, os sonhos com Loe eram recorrentes e perduraram por um considerável período de tempo. Nesse último sonho, em particular, é interessante notar que após sonhar todas as noites com ela, Anna sonha que está cega. Com muito cuidado para não se recorrer a algum tipo de psicanálise selvagem, é importante colocar que esse trecho vale uma interpretação psicanalítica. Freud, mais uma vez e por mais estranho que isso pareça, passa batido pelo sonho da filha e não faz um comentário sequer sobre isso em suas cartas seguintes. É extremamente difícil acreditar que esse trecho da carta da filha não tenha chamado sua atenção. Além de ser o criador de um trabalho de tratamento que prioriza os sonhos e dá a eles significados fundamentais, não se pode esquecer que Freud foi mesmo que mais tarde, analista de sua filha. Como poderia não se interessar pelos sonhos dela? Uma

possível interpretação, mesmo que, para alguns, soe como psicanálise selvagem, seria a cegueira que vem após o desvendamento do desejo. Não se pode saber o conteúdo manifesto desses sonhos recorrentes de Anna com Loe, mas, pela afeição que ela tinha pela amiga, por toda admiração e amor que mantinha por ela e que manteve por suas outras amigadas femininas ao longo da vida, pode-se concluir que esse sonho pode ter revelado desejos íntimos de Anna em relação à Loe, desejos esses que ela não gostaria de revelar. Talvez também lhe faltassem instrumentos para interpretar esses sonhos, trabalho esse que seu futuro analista poderia ajudá-la. Mas como lidar com isso se meu analista ora será papai, ora será uma das melhores amigas de papai (Lou), a quem ele recorre para falar, principalmente, sobre mim?

Depois de todo o episódio ocorrido com Jones na Inglaterra, em 6 de março 1917 Anna escreve a ele (mandou-lhe um pós-escrito numa carta de seu pai à Jones) e deixa claro mais uma vez que seu interesse principal não era e nunca foi o próprio Jones:

Tenho de agradecer-lhe três cartas com que me brindou por ocasião de meus aniversários. E tomo assim consciência do tempo que passou desde minha viagem. [...] Talvez você ache interessante, quando receber os números do Zeitschrift, observar que eu traduzi no ano passado seu ensaio contra Janet e também o artigo de Putnam. Estive também presente em todas as conferências de papai, sobre as quais você escreveu sua última carta. Será que você também daria uns beijos na Frau Loe por mim? Eu e papai escrevemos a ela no ano novo, mas não sei se recebeu a carta. Como eu gostaria de receber notícias dela [...] (in Young-Bruehl, E., 1992, pp. 55-56).

Esse trecho demonstra duas coisas bastante interessantes: primeiro, o tom de deboche o qual Anna se dirige à Jones. Jones, afinal, era extremamente crítico quanto ao inglês de Anna. Mesmo assim, ela traduziu um trabalho dele, originalmente escrito em inglês. Faz questão de dizer a ele que estava presente em todas as conferências de Freud que Jones cita, deixando a entender que ele não é alguém do interesse dela, ou que ela não é, provavelmente, alguém do interesse dele, visto que ele parece desconhecer que ela estava naqueles lugares. Por fim, ela dá sua cartada final, mais clara impossível,

deixando claro a ele que ela não queria ouvir falar dele, mas de Loe Kann – com certeza, bem mais interessante aos olhos dela do que Jones. Apesar disso, o tempo parece ter se encarregado de afastá-las cada vez mais. Além disso, Loe se apegou ao fato de Freud e sua família residirem na Áustria e ela, em tempos de guerra, sentia cada vez mais aversão aos germânicos e austríacos. Apesar de saber que Freud não era a favor da guerra e sim que sofria as conseqüências dela, Loe, aterrorizada pelo que acontecia nesses dois países, chegou a dizer, segundo Young-Bruehl (1992), com notável franqueza, que ela chegou a pensar nos próprios filhos de Freud como inimigos, já que poderia ter visto neles os homens que teriam matado Davy (Jones), desde que pudessem. Mais tarde, já em 1922, Anna Freud confidenciou à Lou Andreas-Salomé o quanto a perda da amizade com Loe lhe fora dolorida e que se sentiu traída por ela:

Qualquer “infidelidade” tornava o meu objetivo, ou seja, a posse de outra pessoa, impossível; e com isso toda a minha passada amizade com ela parecia desprovida de valor, mesmo se eu gostasse dela tanto quanto gostei de...Loe Kann Jones, o final sempre destruía todo o passado (In Young-Bruehl, E., 1992, p. 116).

A teoria de Freud de que Jones só havia se aproximado de Anna porque queria se vingar dele⁹ assombrou Jones para sempre. Segundo Young-Bruehl (1992), Jones se aborreceu quando, já biógrafo de Freud, leu especulações sobre isso. Em 5 de julho de 1953, escreve à Anna se defendendo e deixando claro seu amor, ainda atual, por ela. Anna, obviamente, ignorou o assunto:

Ele [Freud] parece ter-se esquecido da existência do instinto [pulsão] sexual, porque eu a achei (e ainda acho) muito atraente. É verdade que eu queria substituir Loe, mas não me doe o fato de ela ter partido. Aliviei-me de um fardo. Seja como for, sempre a amei, e muito honestamente (in Young-Bruehl, E., 1992, p. 55).

Não se sabe até que ponto Jones estava sendo sincero ou não. Na realidade, visto que um dos propósitos desse estudo é utilizar Anna Freud como exemplo para se discutir as propostas de Freud sobre a sexualidade da mulher, o que interessa é que Anna não se

⁹ Pois Loe Jones decidiu acabar definitivamente seu caso com Jones após sua análise com Freud.

comoveu com Jones, assim como não se comoveu com nenhum outro pretendente que veio a ter durante a vida. Anna, até agora, só se comove verdadeiramente com o pai e com suas amigadas femininas mais velhas e independentes, sem filhos e intelectuais. Anna não se comove com a mãe, apesar de citar muitas vezes seu relacionamento conturbado com ela. Anna tem e mantém como referências de admiração mulheres que construíram a vida de forma oposta à que Martha Freud escolheu para ela e, principalmente, que Freud admira. Portanto, Anna se comove com o pai e com as mesmas pessoas com as quais o pai se comove.

A “participação” de Jones na vida de Anna não se deve apenas ao âmbito amoroso. Na verdade, Jones tem também outro papel marcante: o de “portador” da notícia de que Anna Freud não era bem analisada, principalmente em relação a seu Complexo de Édipo¹⁰. Para que o desenrolar desse tópico se torne mais compreensível, é fundamental incluir o nome de mais uma pessoa que marcou a vida de Anna Freud: sua principal “rival” teórica, a psicanalista Melanie Klein.

Diferentemente das outras relações com personagens femininas marcantes que Anna travou durante sua vida, Melanie Klein foi sua oponente. Apesar de possuir atributos que normalmente atrairiam Anna, Klein constituiu um pensamento teórico psicanalítico que desafiou e exaltou os ânimos dos freudianos. É de conhecimento público que Freud não se debruçou de forma direta na análise com crianças. Seu mais famoso caso, chamado na obra de Freud de *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909/2006), trata da história do pequeno Hans, que não foi analisado por ele. Na verdade, o pai de Hans, Max Graf, entregou à Freud relatórios sobre o garoto e recebeu supervisões e aconselhamentos do psicanalista. Logo, até antes da prática clínica e das construções teóricas de Anna Freud, a história da análise infantil era muito breve.

¹⁰ Sobre a teoria edipiana e o Complexo de Édipo de Anna Freud, consultar capítulo 2 desse estudo.

Segundo Appignanesi e Forrester (2010), até o início do trabalho de Anna podia-se contar apenas com construções significativas da Dra. Hermine Hug-Hellmuth, considerada a primeira analista infantil. Alguns anos mais tarde, as duas damas opostas da psicanálise de crianças separaram-se não só por idéias, mas também geograficamente: entre os anos 20 e 30, a Viena de Anna se tornou a capital da análise infantil, enquanto que em Londres, um pouco mais tarde, Klein teria seu auge teórico. Melanie Klein era entusiasta da psicanálise desde 1916, quando teve o primeiro contato com a obra de Freud e foi aluna e analisanda de Sándor Ferenczi e de Karl Abraham. Desde 1908, Ferenczi fazia palestras sobre psicanálise e educação e, segundo Appignanesi e Forrester (2010), as idéias dele acerca de como a educação poderia ser estruturada a fim de ajudar a vida pulsional das crianças tiveram impacto tanto no desenvolvimento teórico de Anna quanto de Klein. Porém, de formas bem distintas. Anna Freud possuía uma direção psicanalítica com um viés extremamente pedagógico. As crianças, por exemplo, seriam mais felizes por meio da conjectura entre a psicanálise e a educação e essa relação sempre teria a participação dos pais. Esse “lugar dos pais” na análise annafreudiana, inclusive, foi um dos maiores pontos de divergência com os kleinianos. Em seu livro *Sobre a técnica da análise infantil* (1971[1927]), Anna deixa claro que tipos de pensamentos pretendeu empreender em seu trabalho como analista. Era vista como muito pragmática, principalmente quando era comparada ao pai. Para Anna, o trabalho de psicanálise poderia sim vislumbrar uma “cura” enquanto objetivo final, coisa que o pai não achou relevante defender. Sobre essa “praticidade” no trabalho, Anna escreve à Lou em 16 de fevereiro de 1928:

Sabe, quando estou analisando ou quando imagino alguma coisa em minha própria mente, parece-me muito claro e, se não “simples”, ao menos transparente. Mas se ouço os outros na Sociedade [de Psicanálise de Viena], as coisas parecem mais complicadas e difíceis, como se eu quisesse enxergar simplicidade onde ela não existe. Isso provavelmente deriva do fato de que os outros compreendem melhor as coisas quando se distanciam dos seres humanos e põem tudo em termos frios e

teóricos. E no meu caso, a compreensão simplesmente desaparece com muita facilidade quando está separada do ser humano. (...) Meu jeito é totalmente prático, mas eu gostaria de aprender a outra maneira também. Papai acha que isso virá com a experiência (in Young-Bruehl, E., 1992, pp. 163-164).

Além de Anna estar sempre preocupada com a aprovação do pai – e talvez por isso precise dos pais das crianças que analisava na maioria das etapas do processo analítico -, ela se mostra extremamente insegura em relação à opinião dos outros sobre seu trabalho. Esse é um ponto fundamental em sua questão com Klein: em todos os relatos biográficos, Anna aparece como a moça ingênua, pragmática e normativa que não sabe se defender e que foi ofendida teoricamente, precisando, assim, da defesa do pai. Klein aparece como a bruxa que resolveu apontar ao mundo as falhas teóricas de Anna, mostrando em seu trabalho uma psicanálise infantil bem mais independente, subjetiva, muitas vezes sendo acusada de colocar a criança em análise na mesma posição que se coloca o adulto nesse processo. Na verdade, parece que o tipo de construção teórica de cada uma delas as representa: Anna é a criança que ele imagina analisar, a criança conservadora e que precisa ser, a todo momento, conquistada, em que seriam facilmente aplicáveis todos os seus métodos e suposições teóricas, sempre com a aprovação do papai. Klein, nesse sentido, representa a criança kleiniana, tratada e analisada como um adulto, envolta desde antes do Édipo em possíveis fases de desenvolvimento sexual¹¹, independente e nada ingênua.

Apesar de Freud nunca ter rejeitado ou argumentado em público contra a obra de Melanie Klein, não deixou de se solidarizar com a filha, em particular, principalmente após a “entrada” de Ernest Jones nessa discussão. Segundo Young-Bruehl (1992), Ernest Jones contratou os serviços de Klein para analisar seus dois filhos menores e também sua mulher Katharine e apoiou Klein, inclusive financeiramente, no Simpósio

¹¹ Para mais informações sobre a teoria kleiniana nesses aspectos citados, ver *A psicanálise de crianças. Obras Completas de Melanie Klein: Volume II A psicanálise de crianças (1932)* e *O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. Obras Completas de Melanie Klein: Volume I; Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1945)*.

de psicanálise de 1927. Esse foi o momento em que ela e alguns de seus seguidores ingleses responderam à crítica que Anna Freud publicara em *Sobre a técnica da análise infantil* (1971[1927]). Em carta de 16 de maio de 1927, Jones deixa claro à Freud sua posição:

Lamento não poder concordar com algumas das tendências do livro de Anna [Sobre a técnica da análise infantil], e não posso deixar de pensar que elas se devem em parte a algumas resistências analisadas de forma imperfeita; na verdade, eu acho que é possível prová-lo com detalhes (in Appignanesi, L. e Forrester, J., 2010, p. 433).

Desse momento em diante, Jones passa a ser uma espécie de “portador” de uma falha freudiana em relação à própria filha. Sabe-se que, por dois períodos de tempo, Freud analisou Anna. A fala de Jones acusa o próprio pai da psicanálise de ter falhado na análise da filha, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento sexual dela e seu Complexo de Édipo. Freud, é claro, respondeu, mas ainda com um tom diplomático:

Quando dois analistas tem opiniões diferentes sobre um ponto, supor que a percepção errônea de um pode advir do fato de que ele não foi completamente analisado, e por isso pode ser influenciado por seus complexos à custa da ciência, pode, em certos casos, se justificar. Mas em polêmicas práticas, considero que este argumento é inadmissível, porque cada parte pode usar este mesmo argumento, e ele não ajuda a chegar a uma conclusão sobre quem está errado (carta de 31 de maio de 1927, in Appignanesi, L. e Forrester, J., 2010, p. 433).

Freud teve razão em seu argumento: realmente pode-se dizer também que Klein tinha um tipo de construção teórica sobre o infantil por conta de sua própria análise, bem ou mal sucedida. Porém, seu analista não era seu pai e talvez esse tenha sido o grande problema que Anna Freud teve de carregar por sua vida. Como alguém que fora analisada por seu próprio pai pode ser alguém “bem analisado”? Como alguém pode ser filha de Sigmund Freud, ser analisada por ele e ter “resolvido” seu Complexo edipiano? Impossível, ainda mais quando se tratava da relação de extrema cumplicidade e amor que Anna mantinha com o pai.

Após a resposta de Freud a Jones, alguns meses se passam. Porém, após o Congresso Internacional de Innsbruck e da publicação do material do Simpósio de Londres no *International Journal*, editado por Jones, a raiva de Freud parece ter chegado ao ápice. Não só Jones como outros psicanalistas também afirmaram sobre a análise insuficiente de Anna Freud. A psicanalista britânica Ella Freeman Sharpe (1927), por exemplo, observou que “o problema da análise infantil parece estar mais sutilmente relacionado com os profundos recalcamientos não explorados do próprio analista do que a análise de adultos” (p. 384). Além disso, aponta que muitas vezes a consideração de que uma criança tem um superego frágil por ser ainda muito nova pode ser proveniente de analistas que precisam lidar com seus próprios superegos infantis. Já Joan Riviere (1927), uma das tradutoras de Freud e também ex-paciente, já havia colocado a questão durante o Simpósio, afirmando que “os analistas ainda hesitam em sondar essas profundidades (fantasias inconscientes)” (p. 376) e que a análise não deveria se preocupar com o mundo real, nem com a adaptação da criança e do adulto ao mundo real, mas “com as imaginações da mente infantil, com as fantasias de prazer e com os temidos castigos” (p. 376). Freud não gostou nada disso. Colocou a diplomacia que estava mantendo com Jones de lado e partiu em defesa aberta não só da filha, mas sua enquanto analista dela:

O senhor está organizando uma verdadeira campanha em Londres contra a análise infantil de Anna. Nela, acusa-a de não ter sido analisada com a profundidade necessária e repete essa acusação em carta a mim. (...) Quem foi, então, suficientemente bem analisado? Posso assegurar que Anna foi analisada de forma mais profunda e detalhada do que, por exemplo, o senhor. (...) Frau Klein concluiu, a partir de uma observação feita por Anna a uma criança, com a intenção de estimulá-la a encontrar o material por conta própria, que Anna evita o Complexo de Édipo em suas análises. (...) No Congresso, Frau Klein fez essa acusação a Anna e, em resposta à reação de Anna, “O que mais, além do Complexo de Édipo, eu poderia analisar em uma criança?”, admitiu que entendera mal. Mas o senhor só quer dar publicidade a este ataque – tradução completa no periódico e publicação em uma brochura separada. (...) As diferenças de opinião entre duas analistas sobre o desenvolvimento do superego nas crianças e sobre

técnicas de análise não são tão importantes que não possam ser deixadas para que a história decida, nem deveriam provocar uma reação tão precipitada, violenta e injusta. Isso foi dirigido a mim, já que Anna é minha filha? Um bom assunto entre analistas que exigem dos outros o controle de seus impulsos primitivos (em 23 de setembro de 1927, in Appignanesi, L. e Forrester, J., 2010, p. 434).

Pode-se supor, por conta de fatos ocorridos anteriormente entre Freud e Jones já citados aqui que Jones poderia ter sim como objetivo principal atrair a atenção de Freud para ele mesmo. É certo que as acusações de Jones possuíam certo fundamento – nada mais incoerente que o pai da psicanálise analisar a própria filha -, mas desde Loe Kann, passando pelo quase-caso com Anna, Jones parece ter contas a acertar com Freud e pode ter acreditado que essa poderia ser a melhor forma de “retribuir” Freud. O fato é que essa parece apenas ser uma parte da história de Anna e Klein. A controvérsia entre as duas ainda duraria bastante tempo. Em 1929, no Congresso Internacional Psicanalítico na Inglaterra, as duas voltaram a se encontrar. Segundo Young-Bruehl (1992), Anna levou à Inglaterra um trabalho chamado “Uma contraparte às fobias de animais em crianças” e Melanie levou o seu, “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”. As duas participaram da mesma mesa-redonda sobre análise infantil e Klein contestou duramente o trabalho de Anna, ao ponto de Freud comentar com sua amiga Lou Andreas-Salomé que “Anna está comendo o pão que o diabo amassou em Oxford” (Pfeiffer, E., org., 1968, p. 243). Após esse “confronto” em Oxford, as duas passaram a elaborar teorias de defesa psíquica, mas isso só fez com que as duas continuassem a ser vistas até mesmo de forma muito estereotipada. Anna era a conservadora, ortodoxa e “desvairada”, enquanto que Klein construiu cada vez mais uma imagem com ares de inovação e independência teórica.

Mais um episódio é relevante nesta trama que envolve Anna Freud e Melanie Klein. Entre novembro de 1940 e fevereiro de 1944, aconteceu um episódio no movimento psicanalítico inglês denominado “Grandes Controvérsias”. É sabido que desde 1926 as

divergências teóricas entre seguidores de Klein e de Anna ficaram muito evidentes. Na verdade, essa oposição era entre a escola vienense (annafreudiana) e a escola inglesa (kleiniana). Segundo Roudinesco e Plon (1998), os annafreudianos sempre pretenderam ser os porta-vozes do freudismo puro e ortodoxo. Nesse contexto, os próprios freudianos chamados kleinianos começaram a dar origem a chamada clínica “das relações de objeto, centrada nas psicoses e nos distúrbios narcísicos” (p. 314) e, principalmente, “nas relações arcaicas e inconscientes com a mãe e na exploração do estágio pré-edipiano” (p. 314). Logo, veem-se dois lados teóricos opostos que tiveram origem lá em 1926/27. Segundo Appignanesi e Forrester (2010):

O auge [da controvérsia entre Klein e Anna] foi durante a guerra com as Grandes Controvérsias da Sociedade Britânica e por fim chegou-se a um acordo bem inglês: um guarda-chuva consensual que permitia o convívio lado a lado das diferenças, apesar dos constantes atritos entre as tropas que se opunham (p. 435).

Além dos dois lados principais, outra tendência emergiu nessa época. Chamado de *middle group*, “reuniu os grandes clínicos da segunda geração inglesa (Donald Winnicott, John Bowlby, acompanhados por James Strachey) que aceitavam tanto o freudismo quanto o kleinismo, mas recusavam a se curvar a quaisquer dogmas” (Roudinesco, E. e Plon, M., 1998, p. 315). Para tentar controlar essa situação e até mesmo conciliar esses lados, eis que surge, mais uma vez, a figura de Ernest Jones neste cenário. Jones, nesse momento, continuava muito ligado à Klein e às suas referências teóricas, mas possuía sentimento de familiaridade com Anna Freud. Após os 4 anos de Controvérsias, a quebra da Sociedade foi, por pouco, evitada, e uma última organização foi reconhecida enquanto oficial: a tendência annafreudiana, os kleinianos e os chamados Independentes, originado a partir do antigo *middle group*. Apesar de “resolvida” a situação, até hoje, na Inglaterra, a influência de Melanie Klein é a mais visível, enquanto que entre os psicanalistas infantis americanos – e não vienenses, como

anteriormente -, Anna Freud e suas teorias são imbatíveis. Talvez esse fato se dê até mesmo pelo pragmatismo ortodoxo pelo qual os annafreudianos são conhecidos até hoje.

Voltando aos aspectos peculiares de Anna, um dos mais relevantes talvez seja sua capacidade de fantasiar. A pequena Anna narrava suas fantasias, escrevia contos e poemas com vários heróis e parecia insistir nesse movimento sublimatório por conta de outra “prática” que lhe era bastante comum: a masturbação. Talvez a melhor forma de se discutir acerca das fantasias infantis de Anna seja analisando seus escritos (textos, pensamentos e poemas contidos em um caderno, ao qual Elizabeth Young-Bruehl teve acesso) e trechos de algumas cartas entre ela e seu pai e ela e sua outra analista conhecida, Lou Andreas-Salomé. Por ora, esse estudo apresentará alguns pontos elucidativos dessas fantasias que servirão, mais adiante¹², como base para uma análise mais profunda. Segundo Young-Bruehl (1992):

Sigmund Freud e seus primeiros seguidores (...) propuseram duas características gerais da grande criação intelectual. Diziam eles que as pessoas criativas eram, em sua juventude, grandes artistas da fantasia. Depois, quando maduras, não tendem a ser tipos extremos ou puros em termos psicosssexuais ou emocionais; possuem misturas aproximadamente iguais de feminilidade e masculinidade, de passividade e atividade. Anna Freud não desafia essas generalizações. Em sua juventude, foi tão dada a fantasias que seu próprio pai se surpreendia com a elaboração de suas criações. Ela também equilibrava em seu íntimo, de maneira notável, uma feminilidade maternal e uma masculinidade ousada – ambas desempenhadas de forma bastante convencional (p. 16).

É com essa introdução que se inicia a abordagem acerca da produção literária da jovem Anna, bem antes mesmo dela pensar em seguir os passos do pai na psicanálise. Com uma escrita ora doce e feminina, carente e ingênua, ora áspera e masculina, forte e heróica, Anna escreveu em seus vários cadernos de anotações contos, poemas e textos que falam mais dela mesma do que se pode imaginar. Infelizmente, esses cadernos não possuem, até o presente momento, seu conteúdo disponível. Porém, sua biógrafa mais

¹² No capítulo 2 desse estudo.

importante teve acesso a esses escritos. De acordo com Young-Bruehl (1992), são 24 poemas, 5 textos curtos em prosa e 11 breves reflexões curtas em prosa. Na opinião da autora, “o estilo poético é um tanto arcaico (como era típico da época) e a linguagem é inconsistente (coloquialismos misturados com clichês altamente eruditos)” (p. 390). Logo, Anna possuía, em sua família, a fama de ser a criança que fantasiava o dia inteiro e porque narrava contos elaborados em que apareciam diversos heróis. Porém, esse “fantasiar” de Anna tinha uma condição para acontecer: ele deveria ter a possibilidade de, talvez, se tornar real um dia:

Antes que possam decidir quanto ao que lêem com independência, quando as crianças ainda ouvem o que lhes lê ou as histórias que lhes contam, eu limitava meu interesse ao que “pudesse ser verdade”. Não significava isso que tivessem que ser histórias verdadeiras no sentido comum da palavra, mas que fossem de modo a não se supor que contivessem elementos que as impedissem de acontecer no real. Assim que os bichos começavam a falar ou apareciam fadas e bruxas – em outras palavras, diante de qualquer elemento não realístico ou sobrenatural – a minha atenção caía e desaparecia (Freud, A., 1974, Writings, vol. VII, pp. 73-74).

Com base nessa afirmação de Anna, pode-se concluir que apesar de seu gosto pelo fantasiar, essa ação era delimitada e voltada apenas ao que pudesse acontecer, quem sabe algum dia. Quem sabe em algum momento de sua vida ela teria coragem para ser uma das heroínas dos poemas que lia e escrevia, e que admirava tanto. A escrita de poesias também trazem temas semelhantes aos textos. Desde seu tempo de adolescente, Anna já escrevia esse tipo de texto, mas parece que somente após o início de sua análise é que começou a expor temáticas mais pessoais, como se estivesse movida por uma necessidade interna. Podem-se observar assuntos como a identificação com personagens masculinos, tentativas de experiências amorosas frustradas, sonhos com uma “futura liberdade” e muitos narrados em primeira pessoa. Esses, para Young-Bruehl (1992), eram autobiográficos e exprimiam Anna em toda a sua carência de afeto ou, em alguns momentos, sua dificuldade para demonstrar seu afeto. Em um poema intitulado *Sonhos*,

datado em seu caderno pessoal em outubro de 1918 (a análise já havia começado), Anna escreve:

E assim estou pensando: na sua vida
 Você teria encontrado vários amores,
 Só não lhe foi dada a clarividência,
 Seu coração abriu-se a outros pensamentos.

Mais apertado que os sapatos em seus pés,
 Medo, obsessões, obstinação constrangeram
 Seu espírito; desprovido de afeto, com nojo das coisas,
 Você revirou sua nostalgia em seu interior

[...]

Poderia agora o amor, delicadamente, tocar-lhe o coração (in Young-Bruehl, E., 1992, p. 66).

Nesse poema, ela parece estar falando com ela mesma: “você” é a própria Anna, que é incitada por si mesma a viver, finalmente, o afeto que tem dentro dela. Com o coração aberto “a outros pensamentos”, talvez mais intelectuais e sublimados, Anna deixou de abrir seu coração aos relacionamentos afetivos e parece ter percebido isso com muita clareza diante de sua análise. Freud, aquele que “lutou” por tanto tempo pela assexualidade da filha parece ter sido também o maior responsável por ela ter percebido que agora, analisada, talvez fosse o momento de perder o medo, as obsessões e o nojo das coisas para deixar o amor “tocar-lhe o coração”.

A tendência em encarnar papéis masculinos, além de ser notada em seus escritos, pode ser vista também em seus sonhos. Talvez, por esse motivo, a questão da identificação com o masculino também tenha sido recorrente em seus anos de análise com o pai. Anna parecia ter muita consciência de não ser feminina ou atraente. Em carta da filha Anna ao pai, de 27 de julho de 1915, ela conta um sonho seu:

Recentemente, também sonhei que eu tinha de defender contra inimigos um sítio que havíamos arrendado. Mas a espada estava quebrada e, quando a desembainhei, fiquei com vergonha dos inimigos. Ao acordar, estava deitada em posição de sentido, os braços esticados e as mãos na costura da camisola, segundo o regulamento (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 111).

Com a falta de interpretação psicanalítica desse sonho (o pai nada comenta sobre ele nas próximas cartas), faz-se uma tentativa, utilizando-se argumentos propostos por Young-Bruehl (1992). Para a autora, é exatamente esse tipo de cena descrita por ela no sonho que, mais tarde, a já psicanalista Anna Freud caracterizaria como uma ação denominada “espantar fantasias”. É recorrente, também em seus poemas, o movimento de criar uma bonita história para reprimir uma fantasia que não era bonita. Nesse outro poema abaixo (também de outubro de 1918), intitulado *Erro*, Anna demonstra com clareza essa sua “necessidade” e apresenta, pela primeira e única vez em seus escritos, um posicionamento seu enquanto mãe. Seguem alguns trechos:

[...]
 Bebi a vida gulosamente até que,
 Cheia de fantasmas, a vida me sufocou.
 Tantas palavras de amor notei,
 Falas gentis, receios de prejudicar,
 E pessoas que, entendo, procuram outras.
 E que trabalho desajeitado eu fiz
 Que, do verdadeiro mundo, apenas mostrou uma metade
 Apenas as luzes, não mostrou as sombras.
 [...]
 Onde eu coloquei a dor, a raiva, o ódio?
 O medo da morte súbita, da solidão?
 [...]
 Eu sou como uma mãe que seu próprio filho
 Enfraquece com demasiado amor, mas não como o Destino,
 Que eu, impotente, usei personificar (in Young-Bruehl, E.,
 1992, p. 68).

Pode-se pensar que a análise de Anna também trouxe a tona sua relação com a mãe. Anna nunca colocou Martha em posição relevante. Até mesmo no poema acima, quando Anna encarna a posição materna, é alguém que erra na função, pois “erra exatamente na direção para a qual sentiu que a sua mãe nunca seguiu com ela – demasiado amor” (Young-Bruehl, 1992, p. 68). Porém, o que mais chama atenção no poema é a questão da necessidade de reprimir “coisas ruins”, como “ódio”, “dor” e “raiva”. Mais uma vez, Anna repete o movimento que vem fazendo desde a infância: tentar racionalizar e espantar suas fantasias “ruins” a fim de reprimi-las. Para isso, cria histórias belas, heroicas e fechadas, numa tentativa de usufruir do mecanismo de sublimação o máximo

possível. Mas que fantasias são essas e porque elas deveriam ser espantadas? Talvez a resposta venha com a combinação entre dois textos, um do pai e outro da filha: *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/2006) e *Fantasias de espancamento e sonhos em pleno dia* (1922/2006).

Apesar desses dois textos em questão serem de extrema importância para a análise de Anna, faz-se necessária a citação dos dois nesse momento do estudo. Em 1919, Sigmund Freud escreveu o artigo que tinha como propósito ser uma explanação acerca do masoquismo. Em carta à Ferenczi de 24 de janeiro de 1919, ele conta sua ideia ao amigo. No verão do mesmo ano, o artigo foi publicado. No texto em questão, Freud fala de uma fantasia que, segundo ele, é encontrada em um número surpreendente de pessoas que buscam tratamento analítico devido à histeria ou neurose obsessiva. Essa fantasia teria três fases, pois a primeira fase ocorre e é modificada, dando origem à segunda, e a segunda, por sua vez, ocorre, dando origem à terceira. Freud descreve a fantasia, reconstrói as fases e explicita sua derivação do Complexo de Édipo. Sem citar pseudônimos, Freud explicita que usará, ao longo do texto, relatos de casos seus onde esse tipo de fantasia ocorreu. Há quatro casos femininos e ele se preocupa em deixar bem claras todas as diferenças entre o desenvolvimento desse tipo de fantasia nos meninos e nas meninas. No caso deste estudo, o que interessa é o desenvolvimento delas nas meninas, pois se trata de uma pesquisa sobre o desenrolar teórico da sexualidade da mulher e, o caso em questão é de uma mulher. Essa mulher, vejam só, escreveu um artigo posterior ao do pai que tinha como objetivo encontrar a relação entre as fantasias de espaçamento descritas por seu pai anteriormente e os devaneios. Para isso, Anna (1922) diz recorrer a uma paciente sua, de cerca de quinze anos, com uma vida fantasiosa bastante abundante:

Neste artigo [“Uma criança é espancada” – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais] Freud diz: “Em dois dos meus quatro casos femininos uma superestrutura

elaborada de devaneios, que era de grande importância para a vida da pessoa em cada caso, tinha sido causada pela fantasia masoquista de espancamento. A função dessa superestrutura era tornar possível um sentimento de excitação satisfatória, apesar de não haver o ato da masturbação” (p.190). Eu fui capaz de encontrar um devaneio, entre uma grande variedade do mesmo, que pareceu adequado para ilustrar esse breve comentário. Esse devaneio foi criado por uma menina de cerca de quinze anos, cuja vida de fantasia, apesar da sua abundância, nunca tinha entrado em conflito com a realidade. A origem, evolução e término desse devaneio podem ser estabelecidos com convicção e a sua derivação da dependência de uma fantasia de espancamento de longa duração foram provados em uma análise bastante minuciosa (p. 137).

Como se pode observar, Anna coloca a menina em questão como sua paciente. Porém, segundo Appignanesi e Forrester (2010), isso seria impossível, visto que Anna ainda não havia começado seus atendimentos psicanalíticos. Na verdade, essa comunicação de Anna foi feita para ser enviada à Sociedade Psicanalítica de Viena, a fim de assegurar sua filiação. Portanto, considera-se que ela mesma seja a menina em questão, a menina com fantasias abundantes que criava devaneios excitantes para se “proteger” de atos masturbatórios. Além disso, os mesmos autores colocam que Anna, analisada por Freud na época em que ele escreveu seu artigo sobre as fantasias de espancamento, seria uma das quatro meninas que ele coloca na discussão, demonstrando que “o papai Freud continuava preocupado com sua filha mais nova” (p. 421). Essa relação entre os dois textos, nunca tão claramente explicitada pelos autores, mas discutida inúmeras vezes por outros, é mais uma “prova” de que as fantasias e o ato de devanear ocupavam uma grande parcela na vida de Anna Freud. O pai, sendo seu analista e também confidente, parece saber o quanto essas características da filha parecem influenciar na sua constituição sexual (já que, em seu texto de 1919, presume, mesmo que não totalmente, alguns caminhos do desenvolvimento sexual dos quatro casos femininos). A garota de quinze anos, na verdade, já era uma mulher de 27 anos, analisada e “consciente” de seu passado extremamente fantasístico.

Já abordadas questões bibliográficas da infância e adolescência de Anna, volta-se agora a uma cronologia de sua vida. É importante que se demarque a entrada de Anna na psicanálise e todos os fatos restantes relevantes de sua vida junto ao pai, até a morte dele.

Durante longa estada em Merano, no inverno de 1912-13, ela [Anna] informou ao pai que lera alguns deles [de seus escritos]. “O senhor não deve ficar chocado com isso”, escreveu um pouco na defensiva. “Afinal, agora sou crescida, e assim não admira que esteja interessada neles”. Ela continuou a ler, pedindo a seu pai para explicar termos técnicos como “transferência” e, em 1916 assistiu à segunda série de conferências introdutórias de Freud, sobre os sonhos, na universidade. Essas apresentações didáticas contribuíram muito para confirmar sua nascente ambição de se tornar psicanalista – como o pai. No ano seguinte, quando viu a última série de conferências de Freud, sobre as neuroses, ela avistou entre os colegas da platéia a figura de Helene Deutsch (...). Devidamente impressionada, foi para casa e disse ao pai que, para se preparar para uma carreira de analista, ela queria frequentar a escola de medicina (Gay, P., 1989/2007, p. 398)

A partir daí, o interesse de Anna pela psicanálise só cresceu. Apesar de nunca ter frequentado a escola de medicina (o pai a convenceu a se tornar uma analista leiga), Freud passou a atraí-la cada vez mais para seu círculo de amigos analistas. Nessa época, pouquíssimas mulheres tinham esse privilégio, como Helene Deutsch e Lou Andreas Salomé. O Congresso de Psicanálise de Haia, em 1920, foi o primeiro que ela frequentou, acompanhando o pai. Talvez por ter uma formação pedagógica e bastante experiência lecionando para crianças, seu maior interesse sempre esteve na psicanálise infantil. Nessa época, sua irmã Sophie já havia falecido e os dois filhos órfãos dela, Ernstl e Heinele, foram seus primeiros “pacientes”. Uma das coisas que ela mais gostava de fazer era pedir às crianças que contassem histórias a ela e basicamente elas demarcavam curiosidades sobre a origem dos bebês e sobre a morte. Seu artigo de 1922 sobre as fantasias de espancamento, considerado autobiográfico, marca sua entrada formal na psicanálise, visto que foi seu bilhete de ingresso na Sociedade Psicanalítica de Viena, deixando Freud muito orgulhoso. Com o reconhecimento do pai, cresceu

também a admiração que todo o círculo psicanalítico da época começou a cultivar por ela. Em 1924, com a renúncia de Otto Rank, Anna se tornou o sexto membro do círculo íntimo de Freud, o comitê que regia os assuntos da psicanálise, além de seu trabalho intenso na editora (organizou a edição alemã de obras de Freud e atuou como consultora na edição inglesa dos *Collected Papers*, por exemplo). Porém, nem tudo eram flores: seus desentendimentos com Melanie Klein e seguidores também se iniciaram aí, devido às divergências teóricas entre as duas sobre o tratamento psicanalítico infantil. Em carta a Max Eitingon de 21 de novembro de 1926, Freud expressa sua admiração e fala um pouco sobre o trajeto teórico que a filha começava a traçar:

O que me dá mais gosto agora é o curso de Anna sobre técnica analítica infantil. (...) Ela aborda o assunto muito à vontade, julga com autonomia e sabe como acentuar as particularidades desse tipo de análise. Comparadas às opiniões de Klein, as dela são conservadoras, poderíamos mesmo dizer reacionárias, mas dão a impressão de que ela está certa (in Young-Bruehl, E., 1992, p. 146).

Realmente, Freud estava certo. Anna, ao longo do tempo, e talvez muito pelas comparações com Klein, tornou-se uma psicanalista pedagógica, que acreditava no envolvimento grande dos pais no processo e encarava a análise como algo de caráter preventivo e até mesmo corretivo. Muitas críticas feitas a ela envolvem a rigidez com que ela “comandava” os tratamentos, quase como uma professora tradicional que ensinava conteúdos aos alunos a fim de fazer com que eles se desenvolvessem normalmente. O termo “normal”, muito discutido pela psicologia em geral, era geralmente adotado por ela a fim de comparar, por exemplo, crianças com tendências heterossexuais (“normais”) de crianças com tendências homossexuais (“anormais”). Em seu livro *Infância normal e patológica* (1971), ela divide o desenvolvimento infantil em “normal” e “patológico” e coloca dentro da patologia a homossexualidade “como categoria de diagnóstico nos distúrbios da infância” (p. 163). Além disso, coloca que o desenvolvimento “normal” da criança “previne a homossexualidade” (p. 172), chegando

a dar recomendações aos pais a respeito de lidar com a criança com tendências homossexuais.

O caminho de Anna na psicanálise também conta com uma obra que talvez seja seu maior sucesso. *O ego e os mecanismos de defesa* (1946) trata da abordagem de todos os mecanismos de defesa do ego já conhecidos, além do acréscimo, feito por Anna, de outros. Segundo Young-Bruehl (1992), a terceira parte desse livro seria a mais original, quando a autora comenta exemplos de dois tipos de defesa, identificação com o agressor e, como ela mesma chamou, uma forma de altruísmo. O último tipo seria mais interessante ainda, visto que é tido como autobiográfico. O mais curioso é que, segundo Young-Bruehl (1992), o próprio Freud já havia feito referência a esse tipo de defesa, mas a chamou de “retirar-se em favor de outrem” e fez a ressalva de que só era apresentada em casos masculinos. Anna reformula isso e expõe o caso de uma governanta que praticava a “entrega altruística”.

O restante da vida psicanalítica de Anna é marcada por Instituições de Ensino pelas quais ela passou, além das que ela fundou. Anna acreditava que, para o melhor desenvolvimento educacional e social da criança, esta deveria ter, na escola, acompanhamento psicanalítico, assim como seus pais. É com esse pensamento que Anna fundará sua escola, junto com suas amigas Eva Rosenfeld e Dorothy Burlingham, com a finalidade de promover a educação junto a referenciais da psicanálise, assim como a psicanálise que praticava com fundamentação pedagógica. Mais detalhes acerca do desenvolvimento profissional de Anna a partir desse período serão abordados no item posterior desse mesmo capítulo, junto com a relação dela com essas duas importantes amigas.

Nos anos finais da vida de Sigmund Freud, Anna parece ter encarnado a Cordélia de *O tema dos três cofres* (Freud, S., 1913b/2006). Ela foi sua fiel companheira e quem o

“preparou” para a morte. As cartas entre ela e o pai começam a cessar a partir de 1933, visto que ela passou, desde essa época, a acompanhá-lo até mesmo como uma cuidadora, por conta de todos os problemas de saúde já agravados que ele apresentava nessa época. Anna já não seria mais Antígona simplesmente por conta de sua intensa ligação edipiana com o pai, se é que isso pode ser considerado simples. Era encarna também esse personagem por ser aquela que guia o pai cego pela mão, até que ele descansa. É ela também que carregará a bandeira da psicanálise, defendendo a obra do pai e divulgando-a. Segundo Gay (1989/2007):

(...) Anna era a enfermeira-chefe de Freud. Quando tinha dificuldade em colocar a prótese, ele pedia sua ajuda, e pelo menos uma vez Anna teve de se debater com o desajeitado dispositivo por meia hora. Longe de inspirar desagrado ou ressentimento, essa proximidade física apenas fortaleceu ao máximo os laços entre pai e filha. Ele se tornou tão insubstituível para ela quanto ela se tornara indispensável a ele (p. 404).

Além da doença do pai, outro fator parece ter colocado Anna nos papéis de Antígona e Cordélia: o contexto social. Viena, desde o início da ocupação nazista, virou motivo de preocupação para Freud e toda sua família. Alguns fatos ligados a esse contexto descrevem os últimos anos da vida do pai da psicanálise e culminam com a morte dele. Conseqüentemente, seu relacionamento com Anna chega ao fim.

Com a subida de Hitler ao poder, Freud e vários outros psicanalistas judeus tiveram suas obras publicamente queimadas na Alemanha, em 1933. Nos anos que se seguiram, a ameaça nazista provocou a emigração em massa dos membros da comunidade psicanalítica de Viena, que era, em sua grande maioria, judia. Enquanto todos procuravam escapar da cidade, os planos de Anna e do pai eram manter o Centro de Orientação Infantil da Sociedade Psicanalítica de Viena em funcionamento, tentando manter a normalidade até onde isso fosse possível. A Anna preocupava a ideia de que seu pai pudesse ser submetido a ofensas à sua dignidade, como um mandado de busca e apreensão, em casa, ou coisas do gênero. Na época, filiou-se ao conselho editorial

do *American Journal Psychoanalytic Quarterly* onde publicou, em 1935, uma edição dedicada a seu trabalho em Viena, intitulada *Uma análise da criança*.

Anna possui uma participação fundamental na ida de Freud à Londres, por conta dos limites insuportáveis que a ocupação nazista assumiu em Viena. Na verdade, para muitos autores, a prisão de Anna pela Gestapo foi o ponto crucial que fez com que Freud não se autorizasse mais permanecer naquela cidade. Um desses autores é David Cohen (2010), que, em seu livro *A fuga de Freud* relata dados que contam como fora o que ele chamou de “o pior dia da vida de Freud”:

Na terça-feira, 22 de março [de 1938], a Gestapo voltou ao número 19 da Bergasse. Ernest Jones deixara Viena nesse mesmo dia, de modo que não estava em condições de ajudar. Os homens da Gestapo declararam que tinham vindo prender Anna Freud. Enfrentaram a resistência não só da família, mas também da princesa Marie Bonaparte. Seu marido estava preocupado com o que os nazistas poderiam fazer com ela, e a fizera prometer que permaneceria na embaixada da Grécia. Marie o ignorou, como fazia com frequência, permanecendo na Bergasse 19 (p. 202).

E assim aconteceu: apesar da princesa ter dito à Gestapo que deveria ser levada junto com Anna, a filha de Freud foi presa, mesmo parecendo “perfeitamente calma” (Cohen, D., 2010, p. 202). Seu pai, por outro lado, não parecia estar tão calmo assim:

No apartamento da Bergasse, Max Schur não conseguia acalmar seu paciente. Freud continuava andando para lá e para cá, acendendo um charuto atrás do outro, fumando, fumando e fumando. Paula Fichtl e Dorothy Burlingham escreveram ambas que foi com toda evidência o pior dia da vida de Freud. (...) Os interrogadores não puseram Anna nas celas de prisão que haviam sido montadas no porão. No fim da noite, ela foi autorizada a deixar o Hotel Metropole. Freud ficou indescritivelmente aliviado quando ela finalmente voltou sã e salva para a casa no fim do dia 22 de março. Max Schur comentou que Freud finalmente mostrou seus verdadeiros sentimentos. O velho fragilizado chorou. Chegara a temer que nunca mais voltaria a ver sua Antígona, como chamava Anna. A detenção de Anna aterrorizou Freud, representando a grande virada (Cohen, D., 2010, pp. 202-208).

A verdade é que Freud, além do grande amor que nutria pela filha, sentiu-se culpado pela prisão dela. Ele sabia que muito provavelmente ela fora presa para que ele desistisse de resistir na Bergasse 19. Alguns autores, como Cohen (2010), colocam que

a culpa de Freud vai mais além: ele sabia que ela nunca havia se casado por ter aberto mão de relacionamentos mais íntimos em função do pai – ou por devoção exclusiva a ele. Freud também nunca escondeu sua dependência em relação à filha. Abrir mão dela seria, como ele mesmo disse em carta a Lou Salomé escrita em 1922, “como se eu tivesse de abrir mão dos charutos” (in Cohen, D., 2010, p. 204). Anna foi, como já visto, sua amiga, companheira, aluna, paciente, Antígona e Cordélia. Com a ida à Londres, após a prisão de Anna, ela o acompanha e o carrega para a morte, sempre a seu lado, sempre lá. Em 4 de junho de 1938, pôde enfim deixar a cidade com seu pai, encontrando refúgio em Londres, em Maresfield Gardens, n.º 20. Em 23 de setembro de 1939, já bastante doente e idoso, aos 83 anos, Freud morre do mesmo câncer de mandíbula que o fizera padecer durante 16 anos. Com a morte do pai, Anna, já psicanalista renomada, passa a ser a guardiã de suas obras e de sua memória.

Apesar de ser de conhecimento público que Freud foi a principal pessoa da vida de Anna Freud e que a relação dos dois era incrivelmente intensa, há outras pessoas que também merecem algumas linhas quando se trata de explorar a vida afetiva da filha de Freud. Como esse capítulo possui, como um de seus objetivos, tentar escrever a relação entre Freud e Anna Freud como exemplo ilustrativo, seria imperdoável não se falar de duas pessoas, especificamente, que tiveram um papel fundamental na vida da filha de Freud, não só profissional, mas, principalmente, afetiva. Pode-se considerar que essas duas pessoas fizeram parte das vivências da sexualidade de Anna e Freud, enquanto sua relação mais íntima e também seu analista, influenciou muito no modo como essas duas relações aconteceram. Esses dois outros grandes afetos são Eva Rosenfeld e Dorothy Burlingham.

1.2 ANNA SEM FREUD – COM EVA E DOROTHY

Toda vez que se lê ou se comenta algo sobre Anna Freud, se tem uma impressão de que ela era, como o pai achou por muito tempo que fosse, assexuada. Mas, nesse contexto, o que quer dizer ser assexuada? Quando Freud se referia à filha dessa maneira, principalmente em conversas “preocupadas” que tinha com sua fiel amiga Lou Andreas-Salomé, ele estava dizendo que ela não se interessava por ninguém; que ela mantinha sua paixão pelos estudos, pelos livros e por suas histórias, mas não direcionava a ninguém em específico seus afetos. Possuía amizades, quase todas femininas e admiradas por ela, mas não possuía um namorado sério, um amor. Entretanto, essa pode ser apenas uma das diversas maneiras de se pensar Anna Freud. Seria ela realmente assexuada? Teria ela uma sexualidade tão sublimada, como gostava de frisar seu pai, ao ponto de nunca ter mantido um relacionamento com alguém? Ou será que Anna manteve, do seu jeito, seus relacionamentos e a vivência de sua sexualidade? Outras maneiras de se ver a história de Anna podem apontar para o fato de que sua devoção ao pai não foi, apesar de exclusiva, a única vivência afetiva que ela se permitiu ter.

O fato é que Anna teve dois relacionamentos em sua vida que merecem atenção, ao passo que o objetivo dessa parte do estudo é transformar sua história em exemplo ilustrativo, com base em fatos de sua vida. O primeiro desses relacionamentos é com uma mulher chamada Eva Rosenfeld, sua grande amiga e parceira de trabalho. Eva conheceu Anna em 1924. O filho de Eva, Victor Ross, em sua participação no livro que organiza a correspondência de Anna à Eva, conta como foi esse encontro:

Em suas próprias palavras, [Eva] planejou criar “um modelo de administração doméstica e de jardinagem (...) com jovens como alunas para as quais minha casa fornecia um tipo de lugar de pesquisa”. A ideia alcançou um sucesso rápido e logo minha mãe tinha mais pedidos de jovens (ou talvez de seus pais) do que número de vagas. [...] Foi Siegfried Bernfeld, amigo de meus pais e analista, que chamou a atenção de Anna Freud para o estabelecimento de minha mãe quando precisou de um lar adotivo para uma de suas pacientes mais difíceis. Anna veio examinar Eva em nossa casa, e logo a paciente,

Minna, foi instalada em nossa casa, não apresentando nenhum dos sintomas que lhe haviam impossibilitado a permanência em casa. [...] A amizade entre elas parece ter começado do ponto alto, não há menção de um amadurecimento gradual nas memórias inéditas de minha mãe [...]. Elas se conhecem em 1924 e, a partir desse momento, Anna Freud é fundamental na vida de minha mãe e permanece assim por, no mínimo, oito anos (in Heller, P. (org.), 1994, pp.41-42).

Logo que se conheceram, essas duas mulheres passaram a partilhar da vida uma da outra de forma incondicional. As cartas que Anna mandou à Eva tratam, especificamente, de questões pessoais – o que uma sentia pela outra, sonhos de Anna e a preocupação e carinho de Anna para com os filhos de Eva – até questões de trabalho e discussões sobre a teoria psicanalítica. As duas trabalharam juntas por muito tempo e esse período começa, segundo Bittner (1994), com o sonho de Anna de ter uma espécie de “família analítica ampliada” (p. 28). Mas o que significa esse conceito de família? Anna, além de sua família “natural”, sempre procurou manter suas amizades mais próximas possíveis. Essa proximidade incluía desde afeto e carinho constantes até trazer essas pessoas à convivência de sua intimidade, de sua casa e, principalmente, à convivência do professor Freud. Desse modo, algumas dessas amizades, por períodos mais longos ou mais curtos, chegaram a morar em sua casa e influenciar a vida não só de Anna, mas de todos os outros membros de sua família “natural”. Anna sempre foi dada a cultivar essas amizades com tamanha admiração e apego como se fossem um bem seu e talvez a única coisa que ela sentia que, de fato, havia conquistado por conta própria. É daí que surge a “família artificial” de Anna. Era composta por suas amizades mais preciosas e, no caso de Eva Rosenfeld e de Dorothy Burlingham, dos filhos das duas, que Anna tratava ora como pacientes, ora como filhos. Eva, por exemplo, tinha muitos problemas com o marido e isso se tornou tamanha preocupação para Anna ao ponto de ela indicar a amiga ao tratamento analítico com o pai. Outro sonho de Anna sempre foi incluir em suas aulas, em sua pedagogia, a psicanálise. Quando ela conhece Eva, isso se tornou extremamente possível: junto com Dorothy, as duas se uniram para

idealizar e criar a Hietzing, “a escola psicanalítica livre” (Bittner, G., 1994, p. 29). A escola nasceu, sob a concepção de Eva, como uma maneira de homenagear sua filha recentemente morta, Madi. Porém, para Anna, ia muito mais além. A escola seria a representação de sua família analítica artificial, onde seus alunos eram, basicamente, os filhos de suas duas amigas e algumas crianças que eram suas pacientes na época. Toda pedagogia na qual se pautava a escola era baseada em uma educação sem coerção, onde os alunos poderiam pensar livremente e colocar em prática conhecimentos teóricos. Além disso, o fato que mais marcou a existência da escola foi a tentativa das três de aplicarem a psicanálise à pedagogia, criando, assim, uma pedagogia psicanalítica. Entretanto, a própria Anna observou anos depois, em sua obra *Infância normal e patológica* (1971), que talvez a ideia de uma educação psicanalítica não tenha sido tão certa:

Uma visão retrospectiva do primeiro meio século de educação com orientação psicanalítica não deixa dúvida quanto a seu caráter inacabado e contraditório. Limitados ao objetivo de prevenção da neurose, os preceitos pedagógicos passados aos educadores foram mudando junto com as diferentes noções referentes às origens da neurose, acompanhando as investidas da análise em direção a níveis cada vez mais arcaicos e profundos da personalidade. Em sua sequência cronológica, as noções a respeito do que pode garantir a saúde psíquica mudaram de direção; primeiro, deram ênfase à liberdade da atividade dos impulsos, depois ao fortalecimento do ego e suas funções, voltando em seguida à intilidade dos relacionamentos afetivos infantis – uma variedade de objetivos, alguns dos quais dificilmente poderiam ser conciliados entre si (in Heller, P. (org.), 1994, pp. 31-32).

Mesmo com essa constatação, Anna não considerou que a escola foi um insucesso. Na verdade, pela primeira vez empreendeu uma ideia sua e, junto com ela, a formalização de sua “família analítica artificial”. Esses alunos, com raríssimas exceções, faziam tratamento psicanalítico na própria escola, em horários alternativos, o que tornava a instituição fora do comum naquela época. Além disso, alguns pais de alunos também eram submetidos à análise quando Anna e suas amigas achavam necessário. Anos mais tarde, em 1932, a escola fecha suas portas para sempre, mas os trabalhos com Eva não

terminam aí. Com vontade de se desvincular totalmente de seu marido, Eva começou uma análise com Freud em março de 1929 e ela durou, com alguns intervalos, até 1931. Foi somente com essa análise que Eva se separou definitivamente do marido, Valti, tendo Freud muitas vezes, segundo Ross (1994), insinuado em suas interpretações que Eva tinha um desejo reprimido de ser analisada por Anna¹³. Pela proximidade com a família, Eva parece ter dito à Anna o quanto fazer análise com o professor poderia ser estranho. Logo, recebe da amiga a seguinte resposta, em carta de 22 de março de 1929:

[...] Sabe de uma coisa, não há contradição alguma no fato de você fazer análise num lugar que gostaria de ir apenas por amor. Fiz o mesmo e, talvez por isso, as duas coisas tornaram-se inextricavelmente unidas pra mim. Afinal, você compreenderá: é a única maneira de se passar pela análise. Agora mesmo você está confusa pela sensação de que, quando ama, deseja ser especialmente boa. Verá que ser boa e fazer análise, em última instância, significam a mesma coisa (in Heller, P. (org.), 1994, p. 122).

Anna, na verdade, estava falando de sua própria análise com o pai. Extremamente polêmica, essa relação analítica entre Anna e Freud desenvolveu-se até chegar ao ponto em que ambos se declararam satisfeitos com o que haviam alcançado. Talvez Freud realmente tenha atingido essa satisfação, visto que é sabido que Anna figura em muitos de seus ensaios teóricos sob a designação de “uma das pacientes”. A impressão que fica é que ele “negou” a ela e ao mundo o saber que possuía sobre a filha. Os escritos de autores da psicanálise e de biógrafos de Anna e Freud, em sua grande maioria, a retratam como uma jovem ingênua, casta, assexuada e, mais além ainda, sem conhecimento sobre o sexo. Ela é sempre a que renuncia à vida a favor de alguém, como uma entrega altruística – um dos mecanismos de defesa formulados por ela - constante e interminável. Eva, nesse momento, era mais uma “filha” que seria analisada por ele, mas talvez ela conseguisse mais sucesso ao unir o amor e a análise.

¹³ Ver Heller, P. (org.), 1994, p. 49.

Muitas das 57 cartas que Anna Freud enviou à Eva foram enviadas de Tegel, localizada nos arredores de Berlim e local onde Freud ia se tratar, acompanhado de Anna, de seu câncer. Ernest Simmel, psiquiatra polonês foi o criador do sanatório do castelo de Tegel. Esse local, segundo Roudinesco e Plon (1998), “tornou-se assim um dos centros de introdução dos métodos freudianos no tratamento das toxicomanias, das psicoses e das neuroses graves” (p. 716). Anna, por sua vez, sempre teve o desejo de investir nesse lugar, acreditando que seria uma ótima oportunidade de divulgar o tratamento psicanalítico de Freud na Alemanha. Logo, sabendo que Eva, mesmo já com sua decisão tomada, desejava permanecer longe de seu ex-marido e reconstruir sua vida, Anna oferece à amiga um trabalho em Tegel. Ela seria responsável por supervisionar o sanatório e ser um meio de integrar os médicos e os pacientes, como se fosse uma espécie de “governanta” para aquele lugar. Eva, sempre disposta a ajudar a família Freud, se prontificou imediatamente e permaneceu em nessa função até 1932. Parece que só nesse momento Eva percebe que não tinha mais com Anna a mesma amizade de antes.

A verdade é que, com a ida de Eva à Tegel, Anna se aproxima cada vez mais de Dorothy. O que era um trio passa a ser, com mais intensidade, uma dupla. Segundo o relato de seu filho Victor Ross (1994), Eva sentiu-se deixada de lado pelas amigas, como se perdesse cada vez mais espaço ao longo dos anos. Pode-se pensar que Anna, ao “indicar” Eva ao cargo de governanta do sanatório de Tegel, tenha tido a intenção de afastá-la de onde ela efetivamente não possuía mais lugar. A amizade com Dorothy tornou-se tão intensa que os próprios filhos dela chamavam as duas de “minhas duas mães”. Dorothy e sua família parecem ser a materialização do que se considera a “família analítica artificial” que Anna Freud tanto sonhou. Porém, antes de abordar essa

segunda relação importante de Anna, há dois outros fatos sobre Eva que não podem deixar de ser descritos.

O primeiro fato refere-se ao desejo de Eva de se tornar psicanalista e qual efeito isso teve na família Freud. Após o fim de suas funções no sanatório e já tendo retornado à casa da mãe em Berlim, Eva resolve se dedicar à prática psicanalítica. Segundo Victor Ross (1994), ao começar a teorizar psicanálise, Eva procurou em Freud e em Anna opiniões sobre o seu trabalho, mas encontrou respostas “de modo negligente por Freud e de um modo um tanto duro por Anna” (p. 55). Por parte de Freud, Eva foi, nas palavras de seu filho, ignorada sobre algumas ideias em relação à bissexualidade e respostas ao complexo de Édipo. Realmente, sua teoria de que o engatinhar representava a bissexualidade e que o andar ereto da vida adulta representava um papel ativo e procriador não era exatamente o que se pode chamar de inovação teórica ao ponto de despertar a curiosidade freudiana. Em relação à Anna, as críticas parecem ter ferido Eva de modo afetuoso:

As objeções de Anna eram mais complexas e frequentes. Minha mãe escreveu inúmeros ensaios para a Sociedade Psicanalítica de Londres e participou de conferências e palestras. Era raro não submetê-los anteriormente a Anna Freud e mais raras ainda eram as oportunidades em que seus manuscritos não voltassem com observações críticas – tão frequentemente desconsiderações claras quanto proposições fundamentais. O acontecimento mais doloroso desse tipo envolveu um ensaio sobre a família Bronte, que não foi escrito para ser publicado; era sim um presente especial pelo aniversário de setenta e cinco anos de Anna. Era o resultado de uma imersão profunda na história dessa estranha família e, para uma interpretação das recordações da infância das irmãs, Eva aproximou-se dos ensinamentos de Anna. No conjunto, era uma homenagem de concepção audaciosa, seguindo a tradição de superpresentes, um trabalho muito bem datilografado e embrulhado com fitas, especial para a ocasião (in Heller, P. (org.), 1994, p. 55).

O fato é que Anna parece ter encarado o presente com certa imaturidade, ao corrigir os erros ortográficos e apontar imperfeições. Além disso, o tema do ensaio pode ter incomodado Anna: as três irmãs Bronte (Charlotte, Emily e Anna) tinham semelhanças

inegáveis com as três amigas. As irmãs, assim como as amigas, tinham laços fortíssimos, assumiram funções de governantas e professoras, se uniram para criar uma escola e, principalmente, pareciam não aceitar os papéis que a sociedade de sua época dava às mulheres. Elas eram escritoras com seus próprios mundos imaginários passados para o papel e não possuíam inclinação aos afazeres domésticos. Eva ficou profundamente magoada e permaneceu excluída da relação das outras duas. Quanto mais Dorothy crescia na afeição de Anna, mais Eva era tratada com indiferença e continuava pedindo atenção e afeto. Dorothy “surge” na correspondência das duas em setembro de 1927, como aquela que “deseja ser uma de nós” (in Heller, P. (org.), 1994, p. 115) e, depois de algum tempo, em setembro de 1929, já se tornou um motivo de ciúme:

[...] Por que você insiste tanto em dar destaque a Dorothy? Por que você supõe que Dorothy seja a única pessoa com quem me preocupo e a única cuja confiança desejo ter renovada? No momento, não sei de nada que se passa com você [...] e, sobretudo, o que você está fazendo e como as coisas estão sendo resolvidas. É como se não me escrevesse dando detalhes há muito tempo (in Heller, P. (org.), 1994, pp. 135-136).

Com Dorothy ocupando talvez o lugar mais desejado por Eva, revela-se o segundo fato que merece destaque. Eva, entre 1938 e 1941, realiza sua análise pessoal com a única pessoa que jamais poderia: Melanie Klein. Ao chegar a Londres, ela parece ter se encantado com aquela “mulher singular” (Ross, V., in Heller, P. (org.), 1994, p. 57). Sobre essa análise, Appignansi e Forrester (2010) descrevem que ao passo que Freud assumiu um tom cordial com Eva, Anna parece ter se sentido traída e magoada, visto todo o histórico que as diferenças teóricas entre Anna e Klein produziram. Infelizmente, as cartas publicadas de Anna para Eva não chegam a abordar esse assunto específico, mas há uma carta de Eva para Anna, de 3 de março de 1947, que expõe o fato, entre outras coisas:

[...] Nossa amizade foi e continua sendo a coisa mais valiosa e importante da minha vida. [...] Espero realmente que um dia

você esteja simplesmente à vontade pra mim como estou pra você, e assim nosso objetivo e trabalho em comum também se tornem evidentes. Fico muito agradecida de você ter dito afinal como a magoei em 1938 [por conta da associação teórica e analítica de Eva e Melanie Klein]. Mas, desde então, tenho me penitenciado. Faz nove anos agora que abri mão de qualquer ambição de realizar algo no contexto do movimento [psicanalítico], de modo a que você não se sentisse ofendida por mim e não pudesse parecer nunca que eu estava em seu caminho. E assim também foi de 1927 a 1938, quando me anulei e me retirei de seu caminho a fim de que seu relacionamento com Dorothy pudesse se desenvolver plenamente, que na época era o mais importante pra você. Em 1938, minha vida ficou presa por um simples fio. A balsa que resgataria o náufrago não poderia ser você, minha querida. Pois era você mesma que estava envolvida. A desistência que me afastou de Viena foi por sua causa (in Heller, P. (org.), 1994, p. 192).

Essa carta, em particular, parece ter exposto o verdadeiro sentimento que Eva cultivou por Anna e, conseqüentemente, por sua relação com Dorothy Burlingham. A mágoa e a atribuição à Anna por grande parte de coisas de sua vida ficam claras. Eva, apesar de excluída, não deixa de ser importante. O amor de Anna por Eva parece ter sido realmente fraternal, como duas irmãs que se amam e se ajudam. Não é possível afirmar se alguma das partes, talvez Eva, queria mais, um outro tipo de relação. Porém, da mesma forma que Eva afirmou que sua mais importante de sua vida foi sua relação com Anna, talvez Anna poderia ter afirmado que, após a morte do pai, sua mais preciosa – e controversa – relação tenha sido com Dorothy Burlingham.

Dorothy Tiffany Burlingham foi mais uma criança que se sentia excluída por seus irmãos e pais, que gostariam que ela fosse um menino. Nascida em uma família rica, era filha do magnata do vidro Louis Comfort Burlingham e de uma intelectual feminista chamada Louise. Uma de suas lembranças de infância era da melhor amiga de sua mãe, Julia de Forest, lendo e traduzindo “A interpretação dos sonhos” para sua mãe. Talvez esse tenha sido seu primeiro “contato” com Sigmund Freud. Outra curiosidade a respeito de Julia de Forest é que ela mantinha um “casamento de Boston” com uma médica. Essa expressão é curiosamente utilizada por Appignanesi e Forrester (2010)

para se referir a um tipo de relacionamento entre pessoas do mesmo sexo onde não havia, necessariamente, relações sexuais. Entretanto, esse termo tem outra origem. A expressão “Boston marriage”, ou “casamento bostoniano” foi usada pelo escritor Henry James e típica do século XIX norte-americano. Segundo Silvano Santiago, em sua escrita do posfácio do livro “A autobiografia de Alice B. Toklas” (2009), “em sociedade patriarcal, serviu e ainda serve para descrever o lar onde duas amigas vivem como irmãs, compartilhando o mesmo teto sem a companhia, o apoio ou a provedoria masculina. A atual crise econômica global trouxe de volta núcleo familiar semelhante. No novo milênio, são mães solteiras que se reúnem com os filhos numa única casa, sem homens ou romance.” O cunhador do termo, o próprio James, não mencionou, à maneira da época, a natureza das relações: “(...) não deixou claro se a expressão “casamento bostoniano” recobria relações onde a intimidade emocional era duplicada pelo contato físico — relações lésbicas.” Talvez tenha sido exatamente esse tipo de relação que Julia de Forest manteve que, anos mais tarde, Anna terá com Dorothy. Todas as características do relacionamento das duas e impressões de amigos e alguns biógrafos apontam para esse caminho. Entretanto, outro grupo de biógrafos parece ter preferido se contentar com as impressões de Freud sobre sua Anna assexuada.

Dorothy, assim como Eva, era casada e mãe. Outra semelhança entre as duas é o péssimo relacionamento que mantinham com seus maridos e o desejo de separação e independência. Tentando refazer a vida após fugir do marido, ela chega à Viena em 1925 com seus 4 filhos a procura de ajuda e parece a ter encontrado em Anna Freud e sua psicanálise. Anna, logo após ter conhecido a amiga e seus filhos, concordou em analisar o filho mais velho de Dorothy e passou a recomendá-la a vários analistas amigos de seu pai: ela se analisou com Reik e, em 1927, iniciou sua análise com Freud que durou, mesmo com muitos intervalos, 12 anos. Assim como Eva, Dorothy

permaneceu por muito tempo na casa dos Freud com seus filhos, sendo Anna, cada vez mais “o segundo responsável paterno dos filhos de Dorothy” (Appignanesi e Forrester, 2010, p. 425). Dorothy também viria a ser tornar analista, começando seu interesse ao ouvir palestras de Anna sobre psicanálise infantil no Instituto de Viena e participando de seminários. Seus filhos, também sempre acompanhados analiticamente por Anna, inclusive na escola Hietzing ou, como muitos conheciam, escola Rosenfeld-Burlingham, talvez tenham sido também um grande impulso para que ela resolvesse mergulhar na psicanálise. Em 1932, Dorothy entra para a Sociedade Psicanalítica de Viena, apresentando o artigo *Análise infantil e a mãe*. Esse artigo, inclusive, iniciou uma série de questionamentos e discussões que a analista Dorothy empreendia em face do sentimento que muitas mães tem ao veem seus filhos em análise. Ela defendia que muitas vezes os pais não suportavam a análise dos filhos por não poderem comandar ou participar totalmente daquele processo. Segundo Appignanesi e Forrester (2010):

[...] É possível especular que tenha sido a força dos sentimentos maternos de Dorothy que levou a técnica da análise infantil de Anna a ser tão categoricamente protetora da primazia dos pais na afeição dos filhos, se comparada à técnica de Melanie Klein (p. 427).

Infelizmente, não se tem acesso às cartas que essas duas amigas trocaram. Young-Buehl (1992), inclusive, relaciona no início de sua biografia de Anna Freud que uma das correspondências não publicadas é as de Dorothy Burlingham para Anna Freud, entre 1939 e 1940, explicando que as de Anna para Dorothy “se perderam” (p. 10). Não se sabe ao certo como e porque, mas se sabe que Anna não era dada a falções e exposições, muito menos em relação à sua vida pessoal. Pode ser que ela mesma tenha destruído as cartas para não deixar vestígios de seu possível “casamento de Boston”. A biógrafa de Anna também coloca os filhos de Dorothy como filhos das duas, assim como os netos, ao explicar que Anna, ao escrever aos “filhos” e “netos”, “enviava-lhes mensagens em espaço duplo, com letra maiúscula, dirigidas não apenas ao nível de

leitura deles, mas considerando também a superfície e a profundidade do que sentiam” (p. 15). Decerto, a ocupação de Anna frente aos filhos da amiga era extremamente maternal. Se Freud considerou – e se incomodou, por toda vida, com a suposta assexualidade da filha, talvez fosse porque não considerou, sexualmente falando, a relação de Anna com a família de Dorothy. A função materna/paterna que ela passou a exercer junto com Dorothy era notória. As tarefas com filhos eram divididas, as preocupações e carinhos também. Anna se tornou a segunda mãe, parte da família, companheira de Dorothy. Talvez, com exceção de seu pai, aquelas fossem as pessoas que ela mais prezava. Uma prova desse apreço está descrita na correspondência entre Anna e Max Eitingon, em carta de 19 de fevereiro de 1926, expressa adiante nas palavras de Young-Bruehl (1992):

Anna Freud contou a Eitingon que sua mente vivia cheia de pensamentos sobre Mabbie e Bob Burlingham [filhos de Dorothy]. Mais do que desejava, ela tinha “pensamentos pertinentes ao meu trabalho, mas que não acham nele um lugar apropriado”. Foi com simplicidade que formulou o problema: “Às vezes penso que não apenas quero torná-los saudáveis, mas também, ao mesmo tempo, tê-los, ou pelo menos ter alguma coisa deles, para mim. É claro que temporariamente esse desejo me ajuda no trabalho, mas cedo ou tarde isso realmente os perturbará; por isso, no todo, só posso chamar minha necessidade de ‘estúpida’.” Tendo admitido isso, Anna Freud prosseguiu: “Para mim, não é muito diferente em relação à mãe deles.” Terminou assim sua confissão: “É bastante curioso, mas sinto muita vergonha dessas coisas, especialmente diante de papai, por isso nada lhe direi a esse respeito. Essa coisa [a respeito dos Burlingham, filhos e mãe] é apenas uma pequena ilustração, mas, na verdade, tenho essa dependência, esse querer-ter-algo – mesmo deixando de lado minha profissão – em cada fresta e escaninho de minha vida.” (pp. 106-107).

Todas essas confissões feitas à Eitingon – lembrando que ele era seu amigo íntimo, sendo o relacionamento dos dois considerado por vários biógrafos, inclusive Young-Bruehl, como uma relação analítica – são extremamente reveladoras. O fato de Anna querer ter para si “alguma coisa deles” (dos filhos de Dorothy) mostra o quanto ela desejava e estava disposta a obter uma função naquela dinâmica familiar. Com Dorothy, o mesmo. Ela não era apenas uma amiga de trabalho, ela era alguém por quem Anna

tinha uma necessidade “estúpida”. A parte final do trecho mostra o eterno desejo de Anna: querer ter algo que fosse seu, só seu e conquistado exclusivamente por ela. A família Burlingham parecia uma ótima oportunidade para a realização desse sonho. Talvez por isso ela se sentisse tão envergonhada, principalmente diante do pai, que era aquele a quem ela não podia faltar. Então qual seria o problema de Anna permanecer ao lado de Freud, na vida que sempre levou, e ser, ao mesmo tempo, próxima dos Burlingham? O que se percebe é que, pela primeira vez na vida, Anna sentiu que deveria fazer uma escolha – nada altruística, inclusive – entre a sua vida, a sua felicidade, e a vida de seu pai. Não foi a toa que o fim de sua análise com o pai foi marcado, segundo Young-Bruehl (1992), pelo desejo que Anna tinha de possuir aquelas pessoas, já que esse desejo refletia sua dependência, sua necessidade de algo para si, algo que ela nunca havia, de fato, conseguido. Ao ensaiar escolher a primeira opção até a morte de Freud, Anna pôde começar a empreender com Dorothy o que seria o começo de uma verdadeira parceria ou, por que não dizer, de um casamento – mesmo que “de Boston”.

Após a morte de Freud, Anna, já em Londres, passou a morar efetivamente com Dorothy Burlingham até o fim da vida. Com certeza, naquele momento, muitos boatos em relação as duas eram espalhados no meio psicanalítico, apesar do esforço de Anna pela discrição. Entretanto, é impossível saber o que realmente houve entre elas. Como Anna Freud é o exemplo que ilustra esse estudo, é importante que haja algum tipo de posicionamento referente à sua sexualidade. A hipótese apresentada é a de que Anna parece evidenciar a dificuldade que Freud tinha em abordar o tema da sexualidade da mulher. Em muitos momentos, ela parece personificar, para ele, o próprio “continente obscuro”, misterioso e sem explicações. Se pensarmos nos destinos propostos por Freud como saídas da castração, para a entrada da menina no complexo de Édipo, parece ser

impossível “enquadrar” Anna em um só lugar. Baseando-se em funções sociais e em criações da cultura, Anna foi, em muitos momentos, assexuada, heterossexual e homossexual. Para Freud, pareceu conveniente que a filha fosse “mantida” como assexuada. Seus relatos sempre informam que ela não se interessava por ninguém, que ela só pensava em estudar. Uma dominadora da arte da sublimação. Entretanto, toda vez que lhe ocorria um pretendente, como aconteceu com Ernest Jones, o pai logo tratava de afastá-lo. Existia um poder sobre ela e, ao mesmo tempo, um imenso medo de perdê-la. Seria como perder seus charutos. Vivendo nessa dicotomia, era muito mais fácil apresentá-la ao mundo como alguém que, além de assexuada, desconhece o sexo. Isso é extremamente contraditório quando se remete ao fato de que Anna, segundo alguns biógrafos, como Young-Bruehl (1992), é uma das pacientes tomadas como exemplo em *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919) e em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925). Além disso, Anna escreveu um texto que, se por um lado demonstra sua necessidade de se libertar da masturbação, correndo em direção à atividade sublimatória do fantasiar histórias belas e heroicas, por outro demonstrava que ela tinha desejos sexuais. Seu texto *A relação entre fantasias de espancamento e devaneios* (1922) mostra uma mulher que sabe sobre o sexo, mas que, por várias questões, prefere não vivenciá-los, não se entregar aos desejos, talvez por medo. Talvez fosse mais cômodo e confortável manter a posição assexuada que seu pai tanto gostava.

O relato da vida de Anna também permite que se observe a vivência da sexualidade da mulher em suas outras duas posições, a heterossexual e a homossexual. Enquanto destinos da castração, é claro que não se apresentam enquanto constituições definitivas. Existe ainda todo o resto do tempo edipiano, que tratará de “definir” a qual desses destinos a menina melhor se adequará. Onde há melhor adequação, apresentar-se-á o

destino que a menina privilegiará, fazendo desta sua vivência sexual primordial. Entretanto, o privilégio maior dado a um destino não anulará a possibilidade de vivências sexuais dos outros dois destinos, que podem ocorrer em momentos específicos. No caso de Anna Freud, apesar de Freud parecer considerar que a assexualidade é a saída que ela vive, ele parece esperar o tempo todo que ela desperte para vivências heterossexuais, o que parece não acontecer. Na verdade, Anna não parece ter, enquanto destino mais privilegiado ou primordial a heterossexualidade. E como se pode, então, observar vivências heterossexuais em Anna? Talvez a vivência sexual que mais se mostre próxima da heterossexual seja a função materna que Anna exerceu ao longo de sua vida. Anna foi “mãe” de seus sobrinhos, de seus alunos, dos filhos de Eva e, principalmente, dos filhos de Dorothy. Buscando referências teóricas no próprio Freud, a menina que vivencia a heterossexualidade só supera sua inveja do pênis quando coloca em seu lugar um filho. Não se pode considerar que esse filho tenha que ser “natural”. A função materna, tantas vezes exercida por Anna, pode ter dado conta do viés heterossexual de sua sexualidade. Além disso, como é sabido, Anna criava histórias onde existiam famílias perfeitas. Nessas famílias ideais, ela poderia exercer o papel que desejasse, mesmo que fantasiosamente, o que não deixa de se uma vivência sexual. Sobre o último destino, o da homossexualidade, antes que se localize Anna nele é fundamental que se faça maiores fundamentações. Seria muito pouco afirmar que Anna vivenciou o viés homossexual de sua sexualidade ao construir relações afetivas com amigas, em especial, Dorothy Burlingham.

No próximo capítulo, será abordada a relação entre Freud e a sexualidade da mulher, desta vez no contexto da análise. Dentre as analisandas escolhidas, há Anna Freud, além de Dora e da jovem homossexual. Esses três exemplos tratarão de dar conta de explicar

de que forma Freud lidou com a questão da sexualidade da mulher no contexto do trabalho de análise.

Tabela cronológica da vida de Anna Freud

1895	Nascida no dia 03 de dezembro de 1895, Anna era a mais jovem dos seis filhos de Sigmund e Martha Freud. Anna não fora desejada nem por sua mãe, nem por seu pai, que decidiu, depois de seu nascimento, permanecer casto por não poder utilizar contraceptivos; Anna fundará sua própria corrente. Tornar-se-á uma célebre psicanalista de crianças;
1908	Acontece o Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburgo, com o título: "Encontro dos psicólogos freudianos". Neste congresso, em que 42 membros de 6 países estiveram presentes, Freud encontra-se com Ernest Jones pela primeira vez. Descoberta do complexo de castração;
1919	Começou a ler o trabalho do pai;
1913	Acontece o seu primeiro contato com o movimento psicanalítico;
1914	Anna viajou para a Inglaterra no intuito de melhorar o inglês;
1916	Como estava impedida de ir para universidade estudar medicina, tornou-se professora primária. Exerceria essa profissão durante toda a Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1920 exatamente;
1918	Início de análise com seu pai, Freud e a marca definitiva do seu envolvimento com a psicanálise. Freud analisou-a primeiramente entre 1918 e 1921; entre 1921 a 1922-23, foi analisada por Lou Andreas-Salomé e novamente pelo pai em 1924;
1920	Assistiu ao Congresso Internacional de Psicanálise junto com seu pai. Sua irmã (a filha mais velha de Freud), Sophie, falece;
1922	Foi no campo da psicanálise de crianças que Anna Freud ingressou no movimento psicanalítico e na Sociedade Psicanalítica de Viena. Em 1922, apresentou, para sua entrada na Sociedade, um primeiro trabalho, intitulado <i>A relação entre fantasias de espancamento e devaneios</i> .
1925	Anna criou o <i>Kinderseminar</i> (Seminário de Crianças); Instauram-se as regras da psicanálise didática, que devem ser seguidas por todos os integrantes da IPA; Foi presidente do Instituto de Formação Psicanalítica de Viena, de 1925 a

	1938;
1927	<p>Anna Freud publica o livro <i>Sobre a técnica da análise infantil</i>;</p> <p>M. Klein realiza um colóquio sobre Psicanálise de crianças, onde critica as ideias de Anna Freud;</p> <p>M. Klein torna-se membro da Sociedade Britânica de Psicanálise;</p> <p>Inicia-se um subgrupo kleiniano na Sociedade Britânica de Psicanálise;</p> <p>Foi uma das primeiras pessoas a realizar psicanálise infantil. A suas concepções irão se opor às de M. Klein, em particular do lado da exploração do complexo de Édipo. Anna Freud temia a deterioração das relações da criança com seus pais, se fossem analisados seus sentimentos negativos a respeito deles;</p> <p>De 1927 a 1934, Anna Freud era a Secretária Geral da Associação Internacional de Psicanálise;</p>
1933-36	<p>A terminologia freudiana é banida do vocabulário da psiquiatria e da psicologia da Alemanha. A psicanálise é considerada como uma ciência judaica. Neste período há uma grande emigração de psicanalistas alemães para a Argentina, Inglaterra e Estados Unidos;</p> <p>Os livros de Freud são queimados na Alemanha;</p> <p>Em 1935, Anna se tornou a diretora do Instituto de Treinamento Psicanalítico de Viena;</p>
1937	<p>Realizou caridade e trabalhou, com uma americana, Edith Jackson (1895-1977), que fundou um jardim-escola para as crianças pobres em Viena. Graças ao dinheiro dela, que foi a Viena analisar-se com Freud, Anna criou um pensionato para crianças pobres, ao qual deu o nome de Jackson Nursery. A experiência se inspirava na de Maria Montessori. Foi interrompida pela implantação do nazismo na Áustria;</p> <p>Publicou estudo influente dos modos e meios pelos quais o ego repele o desprazer e a ansiedade;</p> <p>Publica a sua obra maior, <i>O ego e os mecanismos de defesa</i>;</p>
1938	<p>O Anschluss: Roosevelt e Mussolini intervêm em favor de Freud;</p> <p>Fugindo do nazismo, Freud fixa residência em Londres com a esposa e filhos. Com a ascensão do nazismo, os seus livros são queimados em praça pública. Os nazistas revistam sua casa e levam seus objetos de coleção de antiguidades;</p> <p>Anna Freud instalou-se em Londres, acompanhada de muitos vienenses que se exilariam depois nos Estados Unidos. Os kleinianos sentiram esse desembarque da “legitimidade freudiana” como uma verdadeira intrusão. Há muito tempo a <i>British Psychoanalytical Society</i> (BPS) estava dominada pelas teses kleinianas, que haviam transformado radicalmente o freudismo clássico;</p>
1939	<p>Aos 83 anos, em 23 de setembro, Freud morre de um câncer de mandíbula, do qual padeceu durante 16 anos;</p>
1940	<p>Dissensões entre M. Klein e Anna Freud;</p>

1942-44	As Assembleias Extraordinárias e as Discussões Polêmicas organizam as oposições teóricas e políticas entre kleinianos e annafreudianos;
1946	Conclusões de novembro: a Sociedade Britânica é dividida em três Grupos, e a Formação, em dois regimes de ensino;
1947	Anna Freud e Kate Friedlaender estabeleceram os cursos de terapia para crianças;
1950	Começou a receber uma série de doutorados honorários, iniciando na Clark University e terminando com Harvard em 1980;
1951	Anna fundou, em 1951, a clínica Hampstead, centro de tratamento, formação e pesquisas em psicoterapia infantil;
1952	Em 1952, inicia outros trabalhos na clínica Hampstead, centro de terapia e pesquisas psicanalíticas, onde aplicou suas teorias em estreita colaboração com os pais das crianças atendidas;
1965	Publica o livro <i>Infância normal e patológica</i> , onde resumiu o material de trabalho na Clínica Hampstead como também observações ao “Bem Clínica de Bebê”, o jardim-escola e jardim-escola para as crianças cegas e os Berçários de Guerra.
1967	Recebeu um OBE de Rainha Elizabeth II;
1982	Coberta de honras, mas incapaz de compreender a evolução do movimento psicanalítico, Anna Freud morreu em Londres depois de enfrentar a tempestade provocada pelos adeptos da historiografia revisionista a respeito da publicação das cartas de Freud a Wilhelm Fliess.

CAPÍTULO 2

FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER NO DIVÃ: ANNA FREUD, FILHA E PACIENTE

O primeiro capítulo desse estudo tratou de mostrar a relação de Anna Freud com seu pai, a fim de descrever de que forma Freud lidou com a questão da sexualidade da mulher no contexto de suas relações pessoais. Com Freud, percebe-se uma Anna ora fantasiosa, inocente e assexuada ora começando a demonstrar interesse em relações amorosas, mas sempre barrada pelo pai. Aliás, Freud parece ter construído opiniões contraditórias sobre sua filha Anna durante toda a vida. Anna não se constituía enquanto mulher heterossexual e pronta para a superação da inveja do pênis, pronta para gerar filhos, o que preocupava Freud, que deixava isso bem claro em suas correspondências pessoais com amigos íntimos. Anna era a filha assexuada e fantasiosa, presente em seus textos quase que como uma paciente silenciosa, que serviria para dar embasamento às suas teses, mas jamais poderia ser identificada¹⁴. Por outro lado, Anna, de assexuada, parecia não ter nada: escreveu sobre suas fantasias e devaneios, se colocou no lugar de paciente quando todos sabiam que ela não tinha paciente alguma. Se atreveu a construir relacionamentos controversos, verdadeiros “casamentos de Boston”, famílias ideais com mulheres que tinham filhos que ao mesmo tempo eram como se fossem seus filhos e eram seus pacientes também. Anna é ora uma dama recalcada, ascética, ora uma mulher revolucionária, fora dos padrões aceitos para o sexo e para o gênero da época, que não teve filhos, era culta e viveu com mulheres. Ela parece poder ser várias, dependendo de

¹⁴ A presença de Anna nos textos teóricos de Freud será demonstrada ao longo desse capítulo.

quem conta sua história. O interessante é que seus biógrafos parecem sempre preferir sua versão mais casta e inocente.

Após a explanação feita no capítulo anterior acerca da sexualidade da mulher nas relações pessoais de Freud, este capítulo parte para a abordagem de um novo contexto. Agora, o contexto em questão é o do trabalho de análise, das construções que Freud fez acerca da sexualidade da mulher ao analisar mulheres em toda a sua complexidade. Como seria praticamente impossível apresentar e discutir todos os tratamentos psicanalíticos em que Freud se colocou no lugar de analista dessas mulheres, uma foi escolhida por motivos específicos. Ela é a própria Anna Freud, que figura também enquanto personagem principal no primeiro capítulo.

A escolha de Anna Freud se dá, basicamente, por três motivos. Primeiro porque esse estudo já a utiliza como referência quanto ao modo de Freud de lidar com a sexualidade da mulher em suas relações pessoais. Logo, há fatos que dizem respeito à sua história que já foram discutidos e que terão relevância ao se pensar em Anna enquanto paciente de Freud. Além disso, Anna Freud é alguém que parece ser um ótimo exemplo ilustrativo da vivência da sexualidade da mulher em toda a sua amplitude e complexidade, principalmente no que diz respeito aos destinos do complexo de castração. Por último, se observa a originalidade que pode conter o relato da análise de Anna Freud, visto que ela tem um papel fundamental na vida pessoal do pai e na história do movimento psicanalítico. Acredita-se que esse relato possa alcançar ganhos tanto teóricos quanto históricos para a psicanálise.

Mesmo com a escolha de Anna, é necessário lembrar que Freud teve várias outras pacientes que contribuíram para a construção de seu pensamento sobre a sexualidade da mulher no contexto da prática clínica. Dora, por exemplo, também se desenha enquanto caso clínico relevante para esse estudo a partir da ideia de que seu tratamento traz, pela

primeira vez em Freud, de forma sistematizada, o “uso” de suas ideias teóricas acerca da constituição da sexualidade. No desenrolar desse caso clínico, Freud coloca em prática suas ideias, já há tempos discutidas¹⁵, contando com indícios da posterior teoria da sexualidade de *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006). Freud, ao conduzir o tratamento de Dora, estava considerando a sexualidade como um ponto importante a ser considerado em suas fundamentações. Neste momento, a mania de Dora de chupar o dedo, por exemplo, já não podia mais ser encarada como um simples ato sem nenhum significado. Freud preocupa-se com a representação dos sintomas que Dora lhe apresenta e em como eles estão ligados à construção do psiquismo dela. Ele deseja, com Dora, deixar claro que acredita na sexualidade como algo totalmente vinculado à origem da neurose, mas também deixa claro que não há ainda, uma teoria da sexualidade construída de forma sistemática. O caso parece elucidar, a todo o momento, a vontade freudiana de consolidar, no tratamento, a junção entre o conhecimento do psíquico – do inconsciente – e da sexualidade (ou dos indícios que Freud possui acerca dela). Nesse sentido, por trazer algo único e original à psicanálise naquele momento, Dora é uma das mulheres do divã de Freud escolhidas por esse estudo para ajudar na construção do pensamento freudiano sobre a sexualidade da mulher no contexto teórico, âmbito que será analisado no capítulo seguinte.

O caso da jovem homossexual é um outro tratamento clínico que figura nesse estudo. Acredita-se que a discussão desse caso nesta parte do estudo se faz fundamental, ao passo que Freud analisa a jovem ao mesmo tempo em que analisou a filha. A fim de mostrar mais uma maneira de Freud lidar com a sexualidade da mulher no divã, esse caso publicado em 1920 demonstra uma maneira que ele encontrou de lidar com essa sexualidade anormal e invertida, a homossexualidade. Aqui, ainda mais complicado,

¹⁵ Por exemplo, ao longo de sua correspondência com Wilhelm Fliess.

visto que se trata de homossexualidade feminina, tema que não era constantemente debatido naquela época, pelo menos não da forma que Freud propôs. O relato do caso mostra toda a história familiar da jovem e as tentativas de Freud em desvendar seu complexo de Édipo e a volta dele na puberdade, movimento esse de fundamental importância aqui. Seria essa jovem representante de uma sexualidade homossexual “congenita” ou “adquirida”? Ou melhor, seria sua constituição homossexual sua linha de desenvolvimento primordial ou uma vivência momentânea ocasionada por situações específicas? E mais, sendo a homossexualidade considerada por Freud uma das formas da perversão, seria a jovem perversa, então? Estas e outras questões serão discutidas a partir do texto de Freud e de autores da psicanálise contemporânea que discorrem sobre o caso.

Com essa estrutura, que obedecerá a uma ordenação cronológica dos anos de análise de Anna Freud e da obra de Freud, espera-se chegar a conclusões mais aprofundadas sobre as opiniões de Freud sobre a sexualidade da mulher no divã, ao passo que se possa discutir, a partir do acompanhamento de seu pensamento, acerca da sexualidade da mulher hoje e das possibilidades e demandas que essa mulher tem na atualidade.

2.1 ANNA NO DIVÃ – DE FILHA A FILHA PACIENTE

Infelizmente, pesquisadores atuais ainda não podem contar com todos os dados necessários que seriam adequados à escrita desse capítulo. Não existem anotações da análise de Anna Freud. Segundo Cohen (2010), há “papéis relativos à Anna Freud” (p. 22) que constam nas pastas de acesso restrito dos Arquivos Freud. Para esses papéis, não há nem previsão de acesso e há desconhecimento quanto ao seu conteúdo. Além disso, o autor destaca o fato de que somente em 2057 a correspondência entre Freud e o

psicanalista Eduardo Weiss poderá ser acessada, o que impede bastante o aprofundamento nas interpretações acerca da análise de Anna. De acordo com Cohen (2010), essa correspondência versa especificamente a respeito da análise de sua filha Anna, pelo próprio Freud. Entretanto, mesmo com toda dificuldade no acesso a esses documentos, pode-se contar com outros que poderão ajudar para que seja possível se considerar a análise de Anna Freud como exemplo ilustrativo viável a esta parte do estudo. Dessa forma, os documentos utilizados são materiais escritos pela própria Anna como seus textos pessoais e poemas, disponibilizados, em parte, por Young-Bruehl (1992), seu texto autobiográfico *A relação entre fantasias de espancamento e devaneios* (1922), suas correspondências com seu pai durante o período em que datam suas análises com ele, aspectos relevantes de sua correspondência com Lou Andreas-Salomé, pontos específicos da correspondência entre Freud e Lou, relativos a opiniões deles sobre Anna e sobre seu relacionamento com Freud, biografias de Anna Freud, de Sigmund Freud e uma autobiografia de Lou Andreas-Salomé e textos de autoria de seus dois principais analistas que versam sobre suas teorias, mas que podem ser utilizados tanto como demonstração de Anna como paciente-exemplo desses textos como utilizados enquanto teorias que balizaram suas análises.

O objetivo primordial dessa parte do estudo, demonstrar de que forma Freud lidou com a questão da sexualidade da mulher no contexto do trabalho de psicanálise, parece poder ser observada na condução que Freud, principalmente, deu à análise da filha. Só o fato de ele ter analisado a filha já é, por si só, polêmico demais. Entretanto, para Freud, não pareceu ser tão grave, mesmo com os comentários posteriores feitos por Ernest Jones, que “acusou” Anna de ter um complexo de Édipo mal resolvido e um processo analítico mal sucedido¹⁶.

¹⁶ Sobre isso, consultar capítulo 1 deste estudo.

Não foi só Freud que tentou lidar com as fantasias e devaneios de Anna. Por sua indicação, sua amiga Lou Andreas-Salomé também a analisou durante um período em que Anna permaneceu na casa de Lou e, após, por cartas. O outro analista de Anna foi, segundo consideração de alguns biógrafos como Young-Bruehl (1992), o amigo Max Eitingon, com quem trocou um bom número de cartas nas quais discorreu sobre sua vida, suas fantasias, suas relações e, ao que parece, sobre as coisas que tinha vergonha de contar ao pai. Cronologicamente falando, essas análises ocorreram entre 1918 a 1925, da seguinte maneira: de 1918 a 1921, com o pai; de 1921 a 1922/23, com Lou Andreas-Salomé; de 1924 a 1925, novamente com o pai. Já as cartas entre Anna e Eitingon passam a ser consideradas analíticas, segundo nossa pesquisa, a partir de 1921 até 1925. Todo o material que esse estudo apresentará para a fundamentação teórica será apresentado cronologicamente, visto que se entende que, assim, o entendimento do leitor é facilitado.

É extremamente frustrante ao pesquisador que até hoje não se possa ter dados mais concretos sobre essa análise. Ao mesmo tempo, a pesquisa dos biógrafos e a publicação de correspondências pessoais são de grande valia. Resta aos novos pesquisadores a discussão e a interpretação embasada do material que se pode ter acesso, visto o quanto isso pode ser relevante – e revelador – à prática psicanalítica. Não se sabe, exatamente, porque Freud resolveu analisar a filha. Entretanto, Gay (1989/2007) nos dá algumas dicas:

O reconhecimento de Freud quanto à inteligência incomum de Anna e seu lugar especial na vida dele reflete-se no tom particular – conselhos afetuosos entrelaçados com interpretações quase analíticas – que adotava para com ela. Era um tom largamente ausente de sua conversa com os outros filhos. Por sua vez, a exigência de Anna quanto a uma intimidade particular com o pai era intensa e persistente, e se intensificou ainda mais [com a doença do pai]. [...] A maioria de suas doenças [de Anna], como dores nas costas, pareciam a Freud psicossomáticas, pois eram acompanhadas por meditações e rumações que ela mesma criticava severamente como absurdas (pp.393-394).

Por mais que possam existir diversos motivos para uma análise, Freud parece ter concretizado uma possível fantasia de analisar um filho – o que pode ser bem tentador para um analista – com Anna porque era com ela que ele havia construído seu vínculo afetivo mais especial. Por mais que isso seja extremamente contraditório, a questão ética psicanalítica de não se analisar pessoas com as quais o analista possua algum tipo de vínculo parece ter tido o efeito contrário para Freud e Anna. Em todos os momentos nos quais foram questionados sobre a eficácia dessa análise, tanto a filha quanto o pai defenderam seu vínculo psicanalítico quase como um legado da história da psicanálise. Seria esse tratamento tão valioso quanto a auto análise de Freud, por exemplo? Talvez. O fato é que a relação que ele tinha com Anna era especial. Anna era especial e diferente dos outros. Logo, Anna era “merecedora” de um tratamento analítico com pai e, principalmente, ela iria saber compreender esse tratamento e usufruir dele como qualquer outra paciente freudiana. Era isso que Freud parecia acreditar:

Apoiado por um círculo favorável, Freud agora atraía Anna, cada vez mais, para sua família profissional, e, em algum momento de 1918, ele a tomou em análise. [...] Suas cartas acompanham seu crescente refinamento psicanalítico. Durante alguns anos, ela enviara ao pai seus sonhos mais interessantes, em geral assustadores; agora, ela os analisava e ele respondia com interpretações. Anna observava seus próprios lapsos na escrita (Gay, 1989/2007, p. 398).

Outro ponto que colocou Anna diante da necessidade da análise foi seu próprio interesse pela prática psicanalítica. Ela era quase sempre a primeira leitora dos textos do pai, o que serviu para que ela, cada vez mais, compreendesse a psicanálise e acabasse por construir seu próprio caminho. Não se pode também desconsiderar a sexualidade de Anna, que nunca “desabrochava” e preocupava o pai, como fator que pode ter levado Freud a querer analisá-la. É sabido que Freud se preocupava demais com a sexualidade da filha¹⁷. Sua assexualidade, muito bem observada por seu pai em conversas íntimas

¹⁷ Sobre isso, ver mais no capítulo 1 desse estudo.

com amigos, era extremamente preocupante. Ele se incomodava demais com a demora do aparecimento da sexualidade da filha. Ela só estudava, lia, se interessava por sua vida profissional e pela psicanálise. Ao mesmo tempo, Freud se amedrontava a cada ensaio amoroso de Anna. Ele não podia saber do interesse dela por ninguém que começavam suas preocupações e “campanhas” desfavoráveis: ela sempre era considerada a inocente e jovem demais que não podia se envolver com homens de idade nenhuma, pois eles sempre eram mais maduros e aproveitadores de virgens puras. Foi essa imagem imaculada que Freud parece ter escolhido para filha e que perdurou para ele para sempre.

Mas o que seria, propriamente, assexualidade? Nesse contexto, ser assexuada é ser ascética, ser alguém que não constrói relacionamentos anaclíticos amorosos, não despende sua sexualidade com a finalidade de construir um relacionamento amoroso. A sexualidade de Anna, nesse momento, estava voltada para o pai¹⁸, para algumas amizades femininas que possuía e, em boa parte, estava sublimada. É claro que toda modalidade de destino da castração possui sua parcela de recalque: há recalque na heterossexualidade, na homossexualidade e na assexualidade. Entretanto, é importante que se demarque de que forma esse recalque acontece e no que exatamente ele age. O termo “assexualidade” se destina nesse estudo a funcionar enquanto sinônimo do que Freud (1931/2006) chama de “revulsão geral à sexualidade” (p. 237), ao descrever as características da primeira linha de desenvolvimento possível à sexualidade da menina, ao fim do complexo de castração. Dessa forma, ao diferenciar as três linhas nesse texto, Freud deixa bem claro que esta primeira é a única onde há um abandono da “atividade fálica, e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos” (p. 238). Logo, entende-se que a menina que entra no complexo de

¹⁸ Ainda é cedo para se descrever que tipo de relação esse par construiu, além de serem pai e filha. As características dessa relação analítica serão apresentadas ao longo deste capítulo. Para características da relação pessoal entre os dois, ver capítulo 1.

Édipo sob a “orientação” da primeira linha de desenvolvimento não é desprovida de sexualidade. Na verdade, por motivos múltiplos, sua sexualidade, existente, é recalcada. E o que aconteceria a essa sexualidade? Ela simplesmente desaparece? Acredita-se que a menina que possui como constituição sexual primordial a assexualidade direcionaria sua sexualidade em geral para atividades socialmente reconhecidas, tornando o ato de sublimar como sua principal e fundamental vivência sexual. Ela não é a única que sublima, mas é a única que torna essa atividade enquanto tradução de toda a sua sexualidade. O conceito de sublimação, ao longo da obra de Freud, parece não ter sofrido muitas modificações. Após seu aparecimento na metapsicologia, Freud (1915/2006) o coloca enquanto uma das vicissitudes da pulsão, junto com reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio eu e o recalque. Entretanto, é importante pontuar seu significado enquanto algo que ocorre quando, segundo Freud (1913 [1911]/2006):

O instinto sexual possui em alto grau a capacidade de ser desviado dos objetivos sexuais diretos e ser dirigido no sentido de metas mais elevadas, que não são mais sexuais (sublimação). O instinto fica assim capacitado a efetuar contribuições muito importantes às realizações sociais e artísticas da humanidade (p. 227).

Considerando 1918 como o ano de início da análise de Anna com o pai, é fundamental que se resgate a correspondência dos dois dessa época. Além disso, também serão discutidas a correspondência entre Freud e Lou Andreas-Salomé deste período, visto que era com ela que o analista comentava sobre sua filha-paciente. As cartas publicadas trocadas entre Anna e Freud desse período não trazem muitos elementos analíticos. Em 1918, há 11 cartas trocadas, sendo a primeira de 2 de agosto e a última de 3 de dezembro. Não há nenhuma referência clara feita por nenhuma das partes quanto à análise. O máximo que se pode observar é Anna contando sobre sua vida pessoal, sobre sua vida profissional, e, em carta de 5 de agosto, diz que “...também tive um sonho, mas

prefiro guardá-lo e contá-lo depois” (in Meyer-Palmedo, org., 2008, p. 146). Como Freud, nessa época, já possuía amizade com Lou Andreas, verifica-se também, na correspondência entre eles, que no ano de 1918, Lou ainda não conhecia Anna. Freud a cita algumas vezes, contando que Anna estava fazendo exames finais para ser professora¹⁹, enquanto Lou responde que “pensava que era por arte que ela se interessava”²⁰ (in Pfeiffer, E., org., 1975, p. 107). Talvez o que se configure como o mais interessante nessas cartas de 1918 entre Lou e Freud seja o tema da masturbação, muito presente. Lou estava atendendo uma menina na época e pede conselhos teóricos a ele, visto que ela parecia não saber lidar muito bem com o tema masturbação trazido por sua paciente. Em carta de 24 de janeiro de 1918, após Freud a ter tranquilizado sobre essa “prática”, ela lhe diz:

Com relação à masturbação, minha perplexidade não tinha exatamente o sentido que o senhor imaginou. Pois desde o começo estava claro para mim quanta confusão existe entre causa e efeito nessa questão quando as pessoas falam de seus efeitos negativos, e que, de fato, não há nenhuma razão para temer tais efeitos em casos normais. Mas de qualquer forma eu teria gostado de encontrar o ponto no qual a sexualidade da criança podia ser canalizada para outros cursos, assim como é possível com os adultos, que afinal sublimam com êxito seus instintos, ao menos em parte, e desse modo alcançam suas mais altas realizações. Se eu tivesse conseguido continuar nossa relação confidencial, algo deste gênero talvez pudesse ter emergido (in Pfeiffer, E., org., 1968, p. 102).

Bom, o que seria tão interessante nestas linhas de Lou à Freud? De início, percebe-se que Lou desejaria encontrar o que pode ser chamada de possibilidade de sublimação dessa sexualidade envolvida no ato masturbatório da criança, tal qual seria possível nos adultos. Esse tipo de pensamento é semelhante ao que Anna Freud expõe em seu texto de 1922, *A relação entre fantasias de espancamento e devaneios*. Nesse texto, Anna fala sobre a possibilidade de ocorrer sublimação na infância. Com pensamentos de fantasias de espancamento e atividade masturbatória constante, a paciente de Anna

¹⁹ Carta de Freud a Lou de 21/04/1918

²⁰ Carta de Lou a Freud de 18/05/1918

apresentada nesse texto – no caso, ela mesma – é uma criança que consegue desviar esses pensamentos extremamente sexuais para atividades sublimatórias como contar e escrever histórias e poesias, por exemplo. Logo, para Anna, a opinião de Lou sobre a possibilidade de sublimação na infância era algo extremamente possível. Mas será que sempre? Ou será que funcionou com Anna, visto que ela aparentava uma constituição sexual primordial assexuada, uma revulsão geral à sexualidade? Quando este estudo alcançar o ano de 1922 na análise de Anna, este texto será retomado com mais afinco.

Em 1919, a correspondência entre Anna e o pai atinge o número de 14 cartas. Elas tratam basicamente de discussões entre os dois sobre a obra *Além do princípio do prazer* (1920a/2006), sobre relatos de Anna acerca de sua convivência com a amiga Margaretl Rie e, pela primeira vez em toda a correspondência, Anna cita a questão da análise que vem fazendo desde 1918. Em carta de 24 de julho, ela conta ao pai que contou à amiga que está fazendo análise com ele. Na mesma carta ela relata um sonho a Freud:

Na noite anterior à tua partida de Viena eu tive um sonho horrível. Sonhei que a noiva do dr. Tausk havia alugado o apartamento na Bergasse 20, em frente ao nosso, para atirar em ti. Toda vez que tu te aproximavas da janela, ela aparecia do outro lado com a pistola. Eu sentia muito medo e corria junto para a janela. Então eu fiquei muito feliz, porque tu irias partir cedo na manhã seguinte, livrando-se dela. Será que foi esta a função do sonho, transformar o sentimento desagradável em relação à tua partida em outro, agradável? (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 163).

Será que Anna tinha razão quanto à interpretação deste sonho? A verdade é que se pode apurar mais algumas coisas diante de seu relato. É interessante como o sonho é formulado e que elementos ela utilizou para falar de seu medo em perder o pai. Na verdade, não parece que Anna está falando de morte. O que parece é que ela teve um sonho que quase elabora o *fort-da*, a brincadeira de sumir e aparecer do neto de Freud. Ela tinha acabado de vivenciar a tristeza do pai indo embora. O sonho traz essa tristeza, mas de forma mais trágica: iam matá-lo. Ele desapareceria de vez? Outro ponto: a

mulher da janela, a assassina em potencial de Freud, o mataria com uma pistola, instrumento o qual Freud teria interpretado como extremamente fálico. Anna, como sempre, parece ter interpretado esse sonho como algo que aconteceu “para o bem”, quase que como uma boa solução para algo que a desagradava. Como se pode perceber, Anna sempre tendia a crer que conflitos poderiam ser solucionados a partir do momento em que se desse uma boa solução para eles²¹. Ao relato de Anna, Freud responde em apenas duas linhas, em carta de 30 de julho, dizendo que “na casa 20, bem em frente à nossa, mora uma ‘amiga’. Deves acrescentar o ciúme à interpretação do teu sonho” (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 171). De forma sucinta e muito discreta, ele consegue dizer à filha que a sexualidade também está presente como um dos conteúdos oníricos e nem ela, tão casta e pura, estaria livre disso. Além disso, a “amiga” de Freud da casa 20 parece ser algo bem mais interessante à Anna do que uma mulher qualquer, como a carta de 2 de agosto mostra:

Hoje, sonhei que estava no nosso prédio na Bergasse e que não conseguia achar o nosso apartamento; foi muito assustador. Acho que tens razão quanto à tua última interpretação de sonho. A única vez que falei com a “amiga” da Bergasse 20 foi quando do tiroteio da Horlgasse. Naquela ocasião, a tia disse que eu não devia falar com ela (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 174).

Neste outro sonho, Anna traz novamente o perder-se – agora não representado pela figura do pai, mas da casa. Freud já havia feito sua consideração em relação à adição do ciúme ao outro sonho e Anna parece justificar que Freud estava certo ao lembrar do que a tia disse sobre a “amiga” da Bergasse 20, aquela com quem não se deve falar. Não se sabe porque Minna disse isso e nem mesmo quem seria essa mulher, mas aqui não se tratam dessas questões. O importante é perceber como Freud maneja sua análise com Anna e como ele parece muitas vezes tentar despertar algum sinal de sexualidade na filha, como se quisesse dizer para ela que os sonhos não podem ser tão assexuados

²¹ Como ela parece fazer, por exemplo, em seu texto de 1922, quando considera a sublimação como algo que “espantaria fantasias” de espancamento e o ato masturbatório.

como ela poderia considerar. O ciúme da mulher da casa 20 é a dica que Freud dá à Anna que seu complexo de Édipo, por exemplo, também retorna oniricamente. A mulher misteriosa é a outra ameaçadora, já que sua mãe não parecia apresentar perigo algum. Os dois relatos, mesmo que nem sempre referentes ao onírico em si, também mostram outros dois pontos bem familiares ao Édipo. Enquanto o primeiro sonho traz a mulher como uma rival, na segunda carta ela já aparece como alguém que desperta o interesse de Anna, mas que é alguém proibido, barrado por um terceiro.

Outro assunto bem comum abordado nas cartas desse ano é o que Freud chama de as “várias personalidades” de Anna (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 176). Tudo começa quando Anna diz a Freud, em forma de metáfora, que precisa de um papel e caneta maiores, que dessem conta de suas novas facetas que aparecem de tempos em tempos. Dentre estas facetas que ela cita, há várias coisas: uma professora, uma futura tradutora, uma personagem das histórias que ela cria, ela mesma, entre outras. Possivelmente se referindo ao processo de análise que Anna estava construindo, Freud comenta essas várias personalidades em carta de 3 de agosto:

As tuas várias personalidades estão podendo emergir agora sucessivamente, penso. Deves estar compreendendo que aquelas que foram preteridas ao longo dos anos de vez em quando dão sinal de vida (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 176).

Essas “várias personalidades” a que Freud se refere apareciam principalmente nas histórias que Anna gostava de escrever. Segundo Peters (1984), Anna começou a escrever nessa época uma história de uma grande família, com muitas crianças, que parecia não ter fim. Talvez isso tenha a ver com a “família analítica ampliada”²² que Anna desejava. O fato é que essas histórias eram produtos de sua fantasia, também criadas, pelo menos aparentemente, para “espantar” outras fantasias, talvez mais sexuais. Em carta de 5 de agosto ela relata um outro sonho:

²² Sobre isso, ver segunda parte do capítulo 1 deste estudo.

Minhas diversas personalidades voltaram a me deixar em paz. Mas eu sonho todas as noites, notável e nitidamente. Por exemplo, ontem: Matei alguém ou coisa parecida. Como punição, fui levada para um grande cômodo onde havia um monte de pessoas que poderiam fazer comigo o que quisessem. As pessoas queriam me rasgar e me atirar pela janela. Eu senti medo, mas não muito. Havia um senhor mais velho no meio das pessoas; de repente, ele pegou um objeto da parede e me deu a metade para me defender; com isto eu pude fazer com que as pessoas recuassem. Depois, fui vigiada por dois soldados com os rifles prontos para disparar contra mim. Então veio a parte mais notável: de repente, contaram-me a verdadeira causa da morte de Napoleão. Ele também fora vigiado naquele cômodo, assim como eu. Ele, assim como eu, ficou em pé, junto à janela aberta e quis sair para ir ao banheiro. Os soldados acharam que era uma tentativa de fuga e o derrubaram a tiros. Alertaram-me para não fazer o mesmo. Creio que eu posso pensar muitas coisas a respeito [deste sonho]. Quase sempre acontece alguma coisa ruim nos meus sonhos: assassinatos, tiros ou morte (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 178).

Desde o início do relato, Anna demonstra a extrema inquietude que tanto as diversas personalidades quanto os sonhos causam nela. A impressão que se tem é que Anna se depara com conteúdos durante os sonhos e durante a “convivência” com essas personalidades que lhe são muito ameaçadores, pois parecem tentar puxar seu véu, acabar com sua castidade, mostrar sua perversão e, porque não, sua sexualidade. A identificação que ela tem com Napoleão no sonho destaca-se também em todas as histórias e poesias que escreveu onde sempre há um herói, um mártir, alguém que luta por pessoas amadas, que salva aqueles que ama do perigo. A “punição” que Anna sofre no sonho por ter supostamente matado alguém também parece excitante: “eles poderiam fazer comigo o que quisessem”, “as pessoas queriam me rasgar”. Como Freud interpretaria esse sonho se ele pertencesse a uma de suas pacientes? Não há como saber. Quanto à Anna também não, pois Freud não toca no assunto desse sonho em suas cartas seguintes. Porém, pode-se pensar que as histórias belas que criava não estavam mais dando conta de esconder suas fantasias cheias de violência. A análise com Freud parecia estar trazendo todo esse conteúdo à tona. Young-Bruehl (1992) ainda destaca que além das histórias e dos sonhos, as personalidades apareciam também em ensaios literários e

demarca a relação entre suas poesias e sua análise pessoal. Segundo a autora, as figuras mais marcantes da escrita de Anna seriam personagens masculinos, com os quais ela se identificava, personagens com a vida amorosa frustrada ou desprovidos de afeto, personagens sonhadores, que ansiavam com uma “futura liberdade”, personagens desprovidas de beleza, que teriam que encontrar outras qualidades em si próprias que chamasse a atenção das pessoas para que fossem amadas, entre outros. Além disso, há um certo poema, sem data, intitulado *Noite*, que mostra de que forma Anna pode estar contando como tem lidado com suas fantasias violentas, já que as belas histórias que contava para si não conseguem mais esconder o que a análise pessoal pode ter trazido:

A febre me atormenta e me afasta.
 Minha mente esteve tão fechada por anos e anos.
 Mas hoje abriu-se uma porta e escapou selvagememente o que
 muito tempo foi reprimido.
 Faz muito tempo sei que muitas pessoas já fugiram de seus
 próprios egos [...] e, contudo, em cada fibra interna verificaram
 que vem o ego se arrastando trás deles.
 Tão assombrosamente familiar, tão nunca novo. Por uma hora,
 por um dia, eu desejo
 Estar livre de mim mesma, já não mais conhecer
 Meu próprio resto, minha própria pobre mão,
 Nem que seja apenas por uma vez, não sentir meus
 pensamentos.
 Aquele homem, aquele que se arrasta, quisera eu ser
 [...] Alguém que nunca necessite cobrir –
 Como eu o tenho feito por tanto tempo,
 Com satisfações inteligentemente calculadas,
 E, ainda assim, tão roçantes, tão apiedantes [...]
 Por que você fica feliz quando me viro na cama,
 Quando estendo os braços, mas os deixo
 Cair vazios no meu corpo? Feche a porta!
 [...] Fique voando dentro! E eu contarei a você
 Duas histórias, todo dia – as mais
 Bonitas que eu sei. Se você tem fome
 E minhas histórias não o saciam,
 Ainda pode gozar de seu livre arbítrio,
 Por pior que ele seja! (in Young-Bruehl, 1992, pp. 71-72).

O poema acima parece relatar o processo analítico o qual Anna estava vivendo. Sua mente fechada, “por anos e anos”, agora parece ter sido aberta, deixando escapar o recalcado, possibilitando o retorno do recalcado. Esse conteúdo que ela se depara é, ao mesmo tempo, familiar e estranho. E deve ter sido doloroso para ela entrar em contato com ele, já que deseja, “por uma hora, por um dia” que seja, estar livre de si mesma e

não mais conhecer o que a análise lhe reserva. Outro ponto chama a atenção: Anna fala das belas histórias, aquelas que costumava criar por tanto tempo para “espantar fantasias”, as “satisfações inteligentemente calculadas” que serviam de coberturas para o que a análise, finalmente, descobriu. Tudo isso já seria, por si só, bastante interessante se deseja-se investigar a vida de Anna. Entretanto, se torna mais ainda ao se tomar Freud como seu analista. Freud, seu pai, foi também aquele que descobriu seu inconsciente. As fantasias de violência de Anna, já mostradas em sonhos, aparecem também quando ela fala da análise. Esse poema traz, talvez de forma não tão simples, como interpreta Young-Bruehl (1992), um outro conteúdo ligado às fantasias. Anna se refere a um alguém ao perguntar “por que você fica feliz quando me viro na ama, quando estendo os braços, mas os deixo cair vazios no meu corpo?”. Quem seria esse alguém e, principalmente, a o que exatamente ela estaria se referindo?

Na tentativa de responder a esses questionamentos, e lembrando que o propósito desse estudo, neste capítulo, é descrever como Freud lidou com a questão da sexualidade da mulher no contexto de sua prática clínica, busca-se em seus textos alguns pontos que podem ajudar a escrever a sexualidade de Anna Freud, filha e paciente. De acordo com a cronologia até agora apresentada, o ano em questão é 1919, época em que Freud publica seu texto *“Uma criança é espancada” – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*. Segundo J. André (1996):

Aquela a quem chamamos “a menina de 1919” [termo usado pelo autor para descrever o que Freud pensava sobre a sexualidade feminina naquele período] é também Anna, filha de Sigmund. O período em que foi concebido e publicado o artigo *“Uma criança é espancada”* correspondeu, de fato, a uma época de transgressão incestuosa psicanalítica por parte de Freud: ele havia deitado Anna, sua própria filha, em seu divã. [...] Anna fez parte dos pacientes que o pai Freud tinha em mente ao escrever seu artigo de 1919. Convém notar, a esse respeito, que, embora se trate realmente de uma “relação genital proibida” (porque incestuosa), as palavras “ser submetida ao coito pelo pai” não figuram nesse texto – conquanto Freud as formulasse sem hesitação a propósito do homem dos lobos, no mesmo contexto fantasístico. Tudo tem seu limite. A análise da fantasia não se contenta em revelar o

desejo genital/masquista da filha, mas exibe também a figura do pai que “faz tudo” – a começar por deitar a filha no divã. É onde volta a silhueta do pai sedutor, sumido desde 1897 com o abandono da neurótica (pp. 49-50).

O que o autor repara é a inclusão de Anna nos textos de Freud, mesmo que com certa cautela. As fantasias de espancamento descritas no texto de Freud podiam muito bem ser observadas na sua paciente Anna, já que sua análise corria nesse mesmo tempo. Além disso, outro fato corrobora esta afirmação: o primeiro texto de Anna de 1922, autobiográfico, discute exatamente a teorização do pai nesse texto²³. Voltando ao poema *Noite*, de Anna, tenta-se responder às últimas perguntas deixadas, quando Anna invoca um “você”. O que parece se desenhar na fala de Anna é a própria masturbação decorrente das fantasias de espancamento. Na terceira fase das fantasias de espancamento, Freud (1919/2006) relata a forte excitação sexual presente na fantasia, meio para satisfação masturbatória, que se configura como característica essencial dessa fase. Quando Anna pede que o “você” “feche a porta” quando ela estende os braços e os deixa cair vazios em seu corpo, ela pode estar se remetendo ao descobrimento que Freud faz da relação entre as fantasias de espancamento e o prazer presente nelas. Além disso, esse “você” fica feliz quando isso acontece, quando a masturbação acontece. O que Anna parece desabafar é que percebe a relação incestuosa com o pai que origina as fantasias de espancamento e mais: que muitas vezes, por mais que ela sempre tenha sido “a favor” da atividade sublimatória em prol da manutenção dos “pensamentos bons”, ou para “espantar fantasias” (de espancamento, por exemplo), outras vezes ela gostaria de ser deixada de lado, “estar livre de si mesma”, “já não mais conhecer meu próprio resto, minha própria mão”, “alguém que nunca necessite cobrir”, ou seja, alguém que gostaria de viver sua sexualidade sem nenhuma interferência. Em suma, alguém que pudesse se masturbar em paz, a fim de conhecer, por si mesma, sua sexualidade.

²³ O texto *A relação entre fantasias de espancamento e devaneios* será discutido mais adiante, quando se chegar ao ano de sua escrita, 1922.

A citação acima de J. André (1996) também traz outros pontos de análise para este estudo, mas é importante que se visite, primeiramente, o texto de Freud. Para começar, esse texto se propõe, nas palavras de Freud à Ferenczi, em carta de 24 de janeiro de 1919, a ser um artigo sobre o masoquismo. Entretanto, ele acaba por ser um escrito que elucida a questão da perversão de modo geral, mesmo que esteja mais preocupado com um tipo de perversão específico. O autor nos mostra, assim como Anna em sua vida pessoal, que existe uma ligação entre essas fantasias de espancamento e o ato sublimatório. Segundo Freud (1919/2006):

Embora nas séries mais adiantadas da escola não mais se batesse nas crianças, a influência dessas ocasiões era substituída, e mais do que substituída, pelos efeitos da leitura, e a importância destes em breve seria sentida. No *milieu* dos meus pacientes, eram quase sempre os mesmos livros cujo conteúdo dava um novo estímulo às fantasias de espancamento: aqueles acessíveis aos jovens [...]. A criança começava a competir com essas obras de ficção, produzindo as suas próprias fantasias e construindo uma riqueza de situações e instituições, nas quais as crianças eram espancadas, ou eram punidas e disciplinadas de qualquer outra forma, por suas traquinagens e seu mau comportamento (p. 196).

Neste primeiro trecho, o que Freud nos diz é que as histórias e devaneios das crianças dão um estímulo ao aparecimento das fantasias de espancamento. Essa hipótese parece ter se confirmado com Anna. Conhecida por seus devaneios e criações literárias, ela “sofria” com as fantasias que incluíam a masturbação como ato finalizador, tal qual Freud descreve na terceira fase das fantasias de espancamento. É lógico que não é possível se afirmar que este tipo específico de fantasia se originaria dessas leituras e devaneios, mas há uma forte ligação entre eles. Quando se trata da infância, não é possível se pensar em uma delas deitada no divã, contando o que fantasia. Logo, talvez a via de aparecimento perfeita destas fantasias seja exatamente o devanear, a criação de histórias heroicas onde alguém precisa ser salvo, a escrita de contos e poemas que divaguem sobre algo violento, como os assassinatos, tiros e mortes dos sonhos de Anna Freud. Mais adiante, Freud (1919/2006) escreve:

Sabemos que uma perversão infantil desse tipo [das fantasias de espancamento] não persiste necessariamente por toda a vida; mais tarde pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação (é possível que a sublimação nasça de algum processo especial que seria detido pela repressão). Se esses processos, contudo, não ocorrem, a perversão persiste até a maturidade [...] (pp.197-198).

O que Freud nos diz é que uma das condições para que o sujeito entre na “normalidade” é a não persistência dessas fantasias. Elas devem achar um caminho no recalque, na formação reativa, que se configura como um dos mecanismos de defesa do ego, ou na sublimação. Este último mecanismo parece ter sido bastante utilizado por Anna. A criação de suas histórias, contos, sua vida profissional precoce, suas várias profissões e tarefas acumuladas parecem ter sido sua saída “preferida” para dar conta de espantar²⁴ suas fantasias e se constituir enquanto alguém normal, longe da perversão. Freud assinala, ao longo do mesmo texto, que as chamadas aberrações sexuais como a perversão, o fetichismo e a própria inversão seriam frutos de alguma fixação na infância, quando essa perversão, desenhada nas fantasias de espancamento, persistem até a maturidade. Talvez Freud quisesse que Anna escapasse desses três caminhos e, mais especificamente, da inversão, já que ela mostrava-se assexuada aos olhos dele, mas com fortes tendências a construir laços com figuras femininas²⁵. Voltando à questão da ligação entre as fantasias de espancamento e o ato sublimatório, destaca-se que Freud (1919/2006) assinala atividades sublimatórias enquanto possíveis estimulantes ao aparecimento das fantasias de espancamento, ao mesmo tempo que destaca que a mesma sublimação, em um momento diferente, é uma das responsáveis pela não persistência dessas mesmas fantasias na vida adulta. Logo, a sublimação configura-se como primordial para se pensar em toda a teorização das fantasias de espancamento. Ele

²⁴ Este termo é aqui utilizado pois era constante na escrita de Anna, quando ela queria falar de coisas que deveria “espantar” ou afastar, como os “pensamentos ruins” ou as fantasias de espancamento, por exemplo.

²⁵ Sobre isso, ver capítulo 1, mais especificamente acerca dos relacionamentos de Anna com Eva Rosenfeld e Dorothy Burlingham.

parece instigar e calar essas fantasias ou, em outras palavras, “anormalizar” para depois “normalizar” o sujeito. Mas quem seria Anna no texto de Freud, como aponta J. André (1996)? Segundo Freud (1919/2006), o artigo em questão baseou-se no estudo de seis casos, sendo quatro femininos e dois masculinos:

Destes, dois eram casos de neurose obsessiva; um extremamente grave e inqualificável; o outro, de severidade moderada e bastante acessível à influência. Havia um terceiro caso que, de qualquer maneira, exibia claramente traços individuais marcados de neurose obsessiva. O quarto caso, temos que admitir, era de franca histeria, com dores e inibições; e o quinto paciente, que chegou à análise simplesmente por causa de indecisão na vida, não teria absolutamente sido classificado pelo diagnóstico clínico comum, ou teria sido rejeitado como “psicastênico” [nada é dito quanto ao sexto caso] (p. 198).

É impossível a certeza de qual desses seis pacientes seria Anna, se é que algum é ela. Entretanto, esse estudo considera que ela seja uma delas, visto a cronologia, a semelhança da descrição das fantasias de espancamento e de sua evolução e o quadro clínico de Anna e o indício que o grande interesse de Anna por esse texto pode trazer, visto que ela é a paciente de seu próprio texto de 1922, onde se configuram fantasias com a mesma especificidade, inclusive nomeadas por ela como “de espancamento”. Nesse sentido, conta-se com a opinião de Young-Bruehl (1992), que acredita que Anna ou pode ser a quinta paciente, indecisa “se seria uma professora informada psicanaliticamente ou uma psicanalista” (p. 84), ou ela seria a sexta paciente, de quem Freud não fala, talvez para proteger a intimidade da filha. O fato é que o quarto caso, da histórica inibida, também pode ser Anna. Até mesmo o modo como Freud fala dessa paciente, em pouquíssimas linhas, é interessante. Quando ele diz “temos que admitir”, o que estava sendo dito? Admitir o que, e para quem? E mais: que inibições seriam essas? É conhecido que Anna, muitas vezes, se portava realmente como uma garota inibida, principalmente no que diz respeito à sua sexualidade. Ao se referir a essa inibição, Freud poderia estar falando da dificuldade que Anna tinha de despertar seus desejos

sexuais, fato já observado por ele há tempos. Além disso, ao falar sobre a primeira saída feminina da castração, J. André (1996) a denomina não de assexualidade, mas de “inibição neurótica” (p. 48). Em outro trecho, mais adiante, seus casos parecem se assemelhar à filha:

Em dois dos meus quatro casos femininos, uma elaborada superestrutura de devaneios, que era de grande significado para a vida da pessoa em questão, desenvolvera-se sobre a fantasia masoquista de espancamento. A função dessa superestrutura era tornar possível um sentimento de excitação satisfeita, mesmo que houvesse abstenção do ato masturbatório. Em um desses casos, permitia-se que o conteúdo – ser espancado pelo pai – se arriscasse outra vez pela consciência, na medida em que o próprio ego do sujeito se tornasse irreconhecível por meio de um pobre disfarce. O herói dessas histórias era invariavelmente espancado (ou, depois, apenas punido, humilhado, etc;) pelo seu pai (Freud, S., 1919, p. 205).

Ao descrever os dois casos acima, Freud até parece descrever Anna. A superestrutura de devaneios seguida do desencadeamento de fantasias de espancamento configura-se como uma de suas características, como mostram seus sonhos, escritos e seu texto de 22. O herói reaparece, como nas histórias e poemas de Anna, aquele que sofre, é humilhado, é preso, é morto, é punido, para depois ser “salvo” pelo prazer de esgotamento que o ato masturbatório proporciona. Além disso, volta à cena também a questão do incesto. Como assinalado por J. André (1996), o pai é aquele que pode tudo, que determina as coisas, que deita a própria filha no divã – e isto pode ser uma analogia do incesto, do amor incestuoso do pai pela filha e da filha pelo pai. Além disso, Freud (1919/2006) não deixa de assinalar o que denomina de “complexo de masculinidade” das meninas. É importante demarcar, como bem faz J. André (1996) que, nesse contexto, esse complexo não designa a homossexualidade feminina propriamente dita, visto que se trata da “masculinidade originária da menina” (p. 48). Só se houver o prolongamento deste “complexo de masculinidade” é que há a constituição homossexual feminina. Para finalizar a análise desse texto freudiano, por ora, destaca-se

a relação entre as fantasias de espancamento, o incesto e o “complexo de masculinidade”:

No entanto, tal característica [as crianças espancadas são, invariavelmente, meninos, característica encontrada na terceira fase] assinala uma complicação no caso das meninas. Quando elas se afastam do amor incestuoso pelo pai, com o seu significado genital, abandonam com facilidade o papel feminino. Põem em atividade o seu “complexo de masculinidade” (Van Ophuijsen [1917]) e, a partir de então, querem apenas ser meninos. Por esse motivo, os bodes expiatórios que as representam são também meninos. Em ambos os casos de devaneios – um dos quais quase se elevou ao nível de uma obra de arte – os heróis eram sempre rapazes; na verdade, as mulheres não costumavam, absolutamente, surgir nessas criações e só fizeram a primeira aparição depois de muitos anos e, mesmo assim, em papéis de menor importância (Freud, S., 1919/2006, p. 206).

O chamado “complexo de masculinidade” parece configurar-se como um mecanismo de defesa frente à culpa que o incesto promete. Ao se identificarem com o agressor/pai, estariam livres da culpa incestuosa e passariam a querer ser meninos, ou seja, ganhariam nova posição na trama edipiana. Ao mesmo tempo que a menina parece estar totalmente envolta na sexualidade que devaneia e fantasia, ela parece prender-se ao recalçamento de sua própria sexualidade. Os heróis rapazes que Freud observou em seus casos foram vistos também na escrita de Anna, com suas identificações com personagens heroicos masculinos. Essa “complicação” na terceira fase das fantasias de espancamento das meninas é o próprio “complexo de masculinidade” que, apesar de colocado pelo próprio Freud como algo constituinte da sexualidade da menina em geral, poderia tornar-se problemático se persistisse até a maturidade, visto que a homossexualidade, a chamada “inversão”, denominava-se enquanto classificação própria da perversão. Ainda é cedo para se tirar conclusões acerca da constituição sexual de Anna Freud, ainda perdura o ano de 1919, início de sua análise. Entretanto, é fundamental demarcar que na época em que Anna foi analisada a homossexualidade não era somente problemática para a sociedade em geral, mas também para Freud. A persistência do “complexo de

masculinidade” configurava-se enquanto perversão, “anormalidade” e significava a não superação da inveja do pênis.

Ainda em 1919, é importante também destacar algumas considerações feitas na correspondência deste período entre Freud e sua amiga Lou Andreas-Salomé. A discussão dessas considerações é justificada pela necessidade de se compreender como Freud pensava e lidava sobre/com a sexualidade da mulher nessa época, a respeito de suas pacientes, visto que é um dos objetivos desse estudo. Nesse período, Lou e Freud conversaram basicamente sobre a relação possível entre o narcisismo e a homossexualidade, visto que ela estava atendendo uma jovem homossexual. A moça de Lou tinha 21 anos, que possuía sintomas físicos, como dores no abdômen e no pescoço, fantasias eróticas e sintomas obsessivos. Tudo isso, segundo Lou, estava ligado ao amor homossexual, mais precisamente a uma moça que esta jovem sempre via de passagem, de seus 11 aos seus 20 anos. Ao tentar esclarecer seus pensamentos sobre essa jovem, Lou conta à Freud, em carta de 22 de fevereiro de 1919:

Sobre suas fantasias, respondeu à minha pergunta dizendo que nunca tinha tido nenhum escrúpulo de consciência por causa delas, e tampouco tinha lutado contra elas com sentimentos de culpa, e que apenas tomavam muito o seu tempo e sua atenção. Por outro lado, os sintomas obsessivos apontam para fortes sentimentos de culpa, dos quais não tem ideia e cuja base é obviamente todo o complexo de Édipo. Na minha opinião, a razão disso talvez seja o desvio para o homossexualismo (característico da neurose obsessiva) que, no caso da menina, ocorre muito mais suavemente do que na situação envolvendo desejos heterossexuais: suas fantasias eram “livres de culpa” e serviam para encobrir os desejos incestuosos originais. [...] E o senhor poderia derramar alguma luz sobre as obscuridades que acabo de descrever, para que eu não perca meu rumo no meio delas? (in Pfeiffer, E., org., 1975, pp. 124-125).

Ao descrever o caso dessa jovem que Lou se comunicava por correspondências, ela começava também a desenhar parte do que será a teorização freudiana sobre a sexualidade da mulher. A discussão da estrutura histórica ou obsessiva para a homossexualidade é extremamente válida, visto que são duas construções neuróticas, ao passo que a homossexualidade – ou inversão – era vista muitas vezes por Freud como

modalidade da perversão. E Freud, ao responder a carta, não corrige a amiga. Ao contrário, parece lidar de uma forma muito mais natural e menos problemática com a homossexualidade feminina do que aparenta ao longo de seus textos teóricos com o passar dos anos. Responde Freud, em carta de 9 de março de 1919:

A mudança dos sintomas obsessivos para histéricos parecer indicar um progresso interior na organização sexual e é mais favorável do que outra coisa (há pouco tive de rejeitar um caso semelhante). [...] A explicação dos sintomas descritos só pode ser a que a senhora deu: fixação prematura no pai, interrompida por impulsos hostis. Conflito entre a posição masculina e feminina, a seguir, renúncia ao papel feminino, escolha homossexual do objeto em identificação com o pai, finalmente, talvez, uma tentativa renovada de organização genital (in Pfeiffer, E., org., 1975, p. 126).

Segundo Freud, a passagem para a histeria parece ser vista de bom grado, já que, de acordo com ele nesta mesma correspondência, o tratamento com neuroses obsessivas geralmente não chegam a alguma cura bem sucedida. Além disso, ele cita o caso que teve de rejeitar. Essa jovem pode ser a jovem homossexual de Freud, que teve seu caso publicado no ano seguinte, 1920²⁶. Finalmente, ele apresenta os tópicos referentes à interpretação de Lou sobre a jovem. Ao passo em que descreve as etapas pelas quais a jovem passa, Freud parece também estar descrevendo as etapas das fantasias de espancamento. A “fixação prematura no pai” assemelha-se à primeira fase das fantasias, quando de um período muito primitivo da infância, de amor incestuoso, mas não claramente sexual. Essa fase é interrompida pelo que ele chama de “impulsos hostis”, próprios da segunda fase das fantasias de espancamento, visto que a criança espancada é a mesma que produz a fantasia. Ser espancado seria uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual e todo esse processo, apesar de ser interpretado como hostil, é acompanhado por um alto grau de prazer. O “conflito entre a posição feminina e masculina”, citado por Freud, é o ponto que pode ilustrar a terceira fase das fantasias: é

²⁶ Esse caso será comentado mais a frente, na chegada de seu ano de publicação, por questões cronológicas.

quando a “complicação” feminina, demonstrada pelo chamado “complexo de masculinidade” acontece. Como já dito, é esperado que a menina supere o complexo e construa sua sexualidade na normalidade, fora da inversão, da perversão. Entretanto, não é o que parece acontecer com essa jovem em questão. Segundo a própria interpretação de Freud sobre o que Lou contou, há “renúncia ao papel feminino, escolha homossexual do objeto em identificação com o pai, finalmente, talvez, uma tentativa renovada de organização genital”. A homossexualidade, nesse contexto, parece ter sido uma solução viável e “boa”, visto que a organização genital possa ter se tornado possível exatamente por conta da escolha homossexual do objeto. A escrita de Freud, nesse momento, não coloca a problemática da anormalidade e nem da perversão, o que parece estranho e contraditório ao que ele parecia pensar em seus textos. Antes de se passar ao ano seguinte, há mais uma colocação a ser feita a respeito do pensamento de Lou, que pode ter influenciado Freud na construção de seus pensamentos acerca da sexualidade da mulher. Lou se surpreendia cada vez mais com a “disposição puramente narcisista” equivalente à “disposição homossexual”²⁷:

Quando a moça se refere a “ela mesma”, quer realmente referir-se a si mesma, e a fim de poder envolver-se na fantasia, inverte a situação – vê a mulher em questão [por quem era apaixonada] como sofredora, passiva e por isso mesmo desculpada, enquanto ela mesma antigamente queria ser a parceira ativa e sedutora. Reproduz então esse elemento passivo e sofredor em seus próprios sintomas físicos, em vez de reproduzi-los na situação de violação mentalmente atribuída a “ela”. E desse modo, nessa fantasia, ao lado da identificação com seu pai e de sua “masculinidade”, descobriu também uma satisfação para a sua feminilidade (carta de Lou à Freud de 18 de março de 1919, in Pfeiffer, E., org., 1975, p. 127).

Lou Andreas-Salomé, com seus pensamentos sobre a possibilidade do matriarcado, o feminismo e a sexualidade parece expandir em Freud o pensamento sobre a sexualidade da mulher e sua complexidade. O narcisismo se relacionaria com a homossexualidade feminina ao passo em que a mulher se satisfaz duplamente, em sua feminilidade, ligada

²⁷ Carta de Lou à Freud de 18 de março de 1919.

à passividade, e em sua masculinidade, ligada à atividade. A “satisfação para sua feminilidade” vem por meio do sintoma histérico, com a reprodução da passividade em seus próprios sintomas físicos. A jovem paciente de Lou, então, possuía uma complexidade talvez ainda não abarcada pela teoria de Freud, mas tentativas ao longo dos anos não faltaram.

O ano é 1920²⁸. Continua-se com a análise de Anna, por meio de suas cartas com o pai. Porém, para tentar complementar o pensamento freudiano sobre a sexualidade da mulher em seu divã, outra personagem virá à tona, visto que seu caso foi publicado neste mesmo ano. Ela é Sidonie Csillag, a “jovem homossexual” de Freud. A correspondência entre Anna e Freud desse período trata basicamente de alguns assuntos chave como o sentimento de dependência da filha pelo pai, o estado de espírito de Anna, as tentativas de Anna em interpretar sonhos e, principalmente, a descrição do relacionamento de Anna com a família de sua irmã Sophie, que havia falecido. Sobre este último item, percebe-se uma Anna dedicada não só com os dois filhos que a irmã deixou, Ernstl e Heinz (Heinele), como também com o viúvo, Max Halberstadt. Sobre seu estado de espírito, Anna comenta durante julho desse ano²⁹ o quanto se sente muito mais feliz que outrora, o que poderia ser considerado efeito de sua análise. Já em carta de 9 de agosto, as coisas parecem mudar bruscamente. Nesse relato, ela se sente sem iniciativa, vivendo quase uma inércia total, com muitos problemas de socialização. Durante o resto do ano, parece nutrir um grande mal estar perante suas indecisões profissionais. A todas essas “queixas”, há um pai/analista que responde prontamente, ora acalentando a filha, ora interpretando os motivos de seus lamentos. Entretanto, para um estudo como este, as interpretações que aparecem nessas cartas são um pouco frustrantes. Não há quase nada muito específico em relação ao que Freud pensa sobre o

²⁸ Nas considerações sobre esse ano, não será citado nenhum conteúdo referente à correspondência entre Freud e Lou Andreas-Salomé, visto que não há nada relevante para esse estudo nesse período.

²⁹ Em carta ao pai de 27 de julho de 1920.

que a filha conta, muito menos a respeito de sua sexualidade. Na verdade, nesse ano em particular, ele nada lembra um analista e se assemelha bastante a um conselheiro. Talvez estivesse começando a perceber, por sua própria conta, que Anna precisaria de uma analista mulher, como comunicou mais tarde à amiga Lou Andreas-Salomé.

Durante o mês de setembro de 1920, após o Congresso de Haia, a jovem Anna seguiu para Hamburgo, para encontrar seus sobrinhos órfãos. Por lá, permaneceu por um bom tempo e esta estada parece ter despertado nela alguns sentimentos e funções que, até então, lhe pareciam desconhecidas. A primeira vez que a correspondência entre pai e filha aponta para a relação de Anna com a família da irmã é em carta de Freud a ela, de 20 de outubro de 1920:

Recebi tuas duas cartas [que não constam no conjunto de cartas transcritas e publicadas]. Sobre a tua carta secreta, faço a observação de que a situação não me preocupa. Só pode fazer bem para o Max [viúvo de Sophie] vislumbrar a possibilidade de um novo afeto, e ele só estaria sujeito a uma nova perda se tu te comportasses de forma descuidada, o que não me parece ser o caso. Portanto, não te deixes incomodar por uma amizade inofensiva (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 212).

Este trecho mostra a preocupação do pai com algo que a filha relatou sobre Max e uma nova amizade, um novo afeto. Anna parece estar preocupada com a possibilidade de Max sofrer novamente e ter que enfrentar uma nova perda. Esta “carta secreta” também explicita, mais uma vez, o conteúdo das conversas entre Anna e o pai e o quanto ela estava envolvida naquela dinâmica familiar, outrora de sua irmã mais nova. O fato é que isto era apenas o começo. Enquanto Anna convivia com eles, desenvolvia também funções maternais com seus sobrinhos, inclusive ao ponto de criticar seu pai por este preferir um neto ao outro³⁰. Ernstl, um dos filhos da irmã, parece ser o neto preterido de Freud e o sobrinho preferido da tia. De forma expressa, Anna chega a dizer ao pai o quanto se afeiçoa, cada vez mais, ao menino, criando com ele um laço de identificação:

³⁰ Ver carta de 1 de novembro de 1920, de Anna para Freud.

Estou muito magoada por teres chamado Ernstl de “burrico”. Não fazes a menor ideia do quão inteligente e espirituoso ele é. A sua selvageria é uma reação natural ao longo tempo que fica sentado e preso [...]. O Ernstl também está numa fase extraordinariamente boa. Acho mesmo uma injustiça com ele dizer simplesmente que é irascível e difícil de lidar. [...] Ele me contou várias histórias que fica imaginando à tarde, quando tem de dormir; ele imagina muitas coisas, tem muita imaginação (carta de 1 de novembro de 1920, in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 218).

A relação entre Anna e o sobrinho só parece interessante porque mostra que a tia se identificava com ele. Quando ela relata ao pai o tamanho da injustiça que ele comete com a criança, está falando dela também³¹. Ernestl era preterido, julgado erroneamente, tinha dificuldades sociais, não era tão belo e sadio quanto seu irmão, imaginava histórias que o acalmavam e faziam com que ele se comportasse de forma menos difícil ou “selvagem”, além de que, do mesmo jeito que serviram à Anna, elas poderiam servir como sua válvula de escape. A morte de Sophie, nesse sentido, pode ser encarada como um alívio para Anna, pois ela finalmente pôde sair da sombra e da situação “injusta” que acreditava se encontrar. É só após isso que Freud a compara com a própria psicanálise, acrescentando que “ambas me trouxeram preocupações, mas no fundo espero mais alegrias de ti do que dela” (carta de 6 de dezembro de 1920, in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 232). Curiosamente, Ernestl perderá, anos depois, seu irmão Heirnele, o neto preferido de Freud, que morre precocemente. Além da identificação com o menino, o outro ponto curioso e ligado à sexualidade de Anna é o desenvolvimento de uma função materna que ela desconhecia até então. Sua mãe, Martha, quase nunca é citada em nenhum escrito seu. A importância da mãe é quase nula em seus escritos teóricos. A maternidade nunca foi seu sonho, mas ela não deixou de experimentar a maternagem vez ou outra, seja com os sobrinhos, seja com alunos ou filhos de amigas. Anna, considerada por muitos como assexuada – inclusive, em muitos

³¹ Sobre o sentimento de injustiça em relação ao afeto que recebia do pai, principalmente antes da morte de Sophie e às outras mulheres da vida de Freud, ver capítulo 1.

momentos, pelo próprio pai – vivenciou ao longo da vida uma função que até então, como acreditava seu próprio pai, era creditada às mulheres com a constituição heterossexual e “normal”. Essas seriam as “privilegiadas” que teriam a chance de superar a inveja do pênis, substituindo-o por um filho. Mas não se pode resumir a sexualidade de alguém desta forma.

Ainda em 1920, com o objetivo de se ampliar o entendimento do pensamento de Freud acerca da sexualidade da mulher no âmbito de sua clínica, coloca-se em destaque a discussão sobre o caso da jovem homossexual. Chamado por Freud de *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, esse escrito interessa a este estudo pois aborda, de forma prática e clínica, o pensamento de Freud acerca dessa outra saída da castração feminina – no caso, a constituição homossexual, resultado do prolongamento do “complexo de masculinidade”. Conseqüentemente, elucida pontos do pensamento de Freud acerca da sexualidade da mulher nessa época, no contexto clínico, objetivo deste capítulo.

O relato de Freud começa com a aparição da jovem em seu consultório. Ela teria sido levada pelos pais, pois estes estavam muito preocupados com a paixão que ela mantinha por uma certa dama da sociedade. Além disso, outro fato foi decisivo para que a preocupação dos pais aumentasse: a jovem, após ser vista pelo pai em companhia da dama, teria tentado suicídio³², se lançando sobre uma via ferroviária. Hoje, com o lançamento de uma extensa e completa biografia desta jovem³³, já se sabe que ela se chamava Margarethe Csonka e sua amada atendia por Leonie von Puttkamer, conhecida jovem senhora da sociedade. Segundo Rieder e Voigt (2008), biógrafas da jovem, a tentativa de suicídio parece ter sido mais motivada pelo fato da impossibilidade do amor

³² Essa foi a primeira de três tentativas de suicídio ao longo de sua vida. Segundo Barbero (2005), a jovem tenta o suicídio após seu tratamento com Freud, quando Leonie deixa a cidade com outra mulher, e anos mais tarde, quando se vê a beira de um casamento com um homem.

³³ Esta biografia foi escrita a partir de conversas e relatos da própria jovem, Margarethe Csonka, chamada no livro por um nome fictício escolhido pelas autoras: “Sidonie Csillag”.

de Leonie do que por culpa ou vergonha do pai. Na verdade, a própria jovem nunca teve certeza se foi ou não vista pelo pai naquela tarde, visto que ele nunca tocara no assunto. Ainda sobre a biografia, Margarethe afirma que nunca leu o texto Freud e que apenas aceitou se tratar com ele “porque precisava de amor e de proteção paternas” (Barbero, 2005, p. 140). É importante também frisar que, segundo Rieder e Voigt (2008), ela nunca aceitou a interpretação freudiana de que sua homossexualidade derivasse de um desejo frustrado de ter um filho do pai – o que pode até ser uma interpretação coerente de Freud, mas inconsciente na jovem. A transferência estabelecida entre os dois não parece ser das melhores, ao passo que a jovem se mostrou, até o fim de sua vida, bastante magoada com o “professor”. No escrito de Freud, fica claro que os pais gostariam que a filha se interessasse por meninos e por coisas próprias de sua idade e que não frequentasse a casa de uma dama todas as tardes. A demanda de análise era realmente dos pais, visto que a jovem não parecia se sentir culpada, arrependida ou triste por sua “condição”. Na verdade, parecia se sentir muito a vontade. Desde o início do relato, Freud (1920b/2006) não deixa de destacar que é quase impossível que um processo analítico ocorra satisfatoriamente se a demanda por ele não vem do analisando e sim de outrem, ainda mais nesse caso em específico, onde a demanda real dos pais parecia ser, no fim das contas, a remoção da inversão na constituição sexual que acometia a filha deles. A opinião de Freud (1920b/2006) sobre isso é clara, mas deixa algumas questões:

Outros aspectos desfavoráveis no presente caso eram os fatos de a jovem não estar de modo algum doente (não sofria em si de nada, nem se queixava de sua condição) e de a tarefa a cumprir não consistir em solucionar um conflito neurótico, mas em transformar em determinada variedade da organização genital da sexualidade em outra. Tal realização – a remoção da inversão genital ou homossexualismo – nunca, pela minha experiência, é matéria fácil. Pelo contrário, só achei possível o êxito em circunstâncias especialmente favoráveis e, assim mesmo, o sucesso consistia essencialmente em facilitar o acesso ao sexo oposto (até então barrado) a uma pessoa restrita ao homossexualismo, restaurando assim suas funções

bissexuais plenas. [...] me absteve por completo de oferecer aos pais qualquer perspectiva de realização de seu desejo. Simplesmente lhes disse que estava preparado para estudar cuidadosamente a moça durante algumas semanas ou meses, para então poder julgar em que medida uma continuação da análise teria probabilidade de influenciá-la (pp. 162-163).

Como se pode perceber, Freud não considerava a jovem como alguém doente. Entretanto, ao longo do mesmo texto, ele discorre sobre o “tipo” de homossexualidade que ela apresentava, se era “congenita ou adquirida”. Além disso, como o autor frisa bem, a própria jovem parecia estar muito a vontade em sua homossexualidade, não demonstrando, por si mesma, nenhuma necessidade de tratamento. Sob a ética da psicanálise – e da própria psicologia como um todo -, só esse fator já seria suficiente para que ela não se submetesse à análise, não exatamente pelo fato de ser homossexual. A questão da possibilidade de orientar a “transformação” da constituição sexual de alguém também é discutida. O próprio Freud assume a dificuldade disso, mas não tão claramente a impossibilidade, mesmo que esteja se referindo aos casos de impedimento de acesso ao sexo oposto. Quando se trata de discorrer sobre a constituição sexual de alguém, principalmente no que se refere àqueles que se propõem a analisar outros, é fundamental que se reflita sobre a utilização dos termos. “Orientação sexual” é um termo bastante utilizado, inclusive atualmente. Entretanto, não parece se tratar, de modo algum, de algum tipo de orientação. O próprio processo implicaria em se ter um “orientador” que possa “orientar” alguém. O que parece no caso em questão é que os orientadores da jovem, seus pais, parecem achar que “falharam” no processo com a filha. Por este motivo, procuram, anos mais tarde, um “orientador” de renome, que possa fazer com que esta jovem entre no caminho “certo”. Freud continua o relato afirmando sua negação em realizar a vontade dos pais, mas não deixa de dizer, por outro lado, que cuidará dessa jovem por algum tempo, “para então poder julgar em que medida uma continuação da análise teria probabilidade de influenciá-la”. Ora, se ele se

negou a realizar o desejo desses pais, por que então teria alguma pretensão em influenciá-la? E influenciá-la a que? Na verdade, o que se questiona, dados esses fatos citados acima é a que serve a jovem homossexual a Freud, visto que ele não se propõe a “transformar” sua constituição sexual, mas promete tentar “influenciá-la”, seja a que for?

A jovem parece trazer a tona um Freud que se compromete com a investigação das origens da homossexualidade feminina, mesmo que isso implique em uma construção de pensamento que cairá, fatalmente, na construção teórica freudiana da inveja do pênis e da persistência do complexo de masculinidade. Sendo a homossexualidade um grande tabu, principalmente naquela época, assumir um compromisso de influência com os pais da jovem poderia significar o mesmo que dar a eles algum tipo de esperança de que ela seria “normal”, casaria, teria filhos e se enquadraria na saída “correta” da castração feminina. Segundo Kehl (2008):

Na teoria freudiana, a questão dos destinos das pulsões para as mulheres parece resolver-se em torno de um único investimento: fazer-se mulher como a mãe, a fim de algum dia poder receber (do pai) um bebê/falo como os que a mãe possuiu. Fazer-se “feminina” é, portanto, apostar todas as fichas da existência nesta cartada, a única possível no caso da mulher (p. 204).

É sabido que esta não é a única solução possível para a mulher, mas o problema é Freud a ter colocado, por diversas vezes, como a mais adequada. Mais adequada a quem? Com certeza não é a mais adequada àquelas mulheres que não tem esse desejo, por exemplo. O fracasso dessa ideia de feminilidade já estava anunciado há tempos e a jovem homossexual, ao longo da vida, só confirmou isso. Segundo Rieder e Voigt (2008), Freud, ao fim do tratamento com a jovem, a fez prometer (não só a ele, mas também a seu pai) que não veria mais sua amada, o que não aconteceu³⁴. Ainda durante a análise, sua mãe, que parecia não se incomodar demasiadamente com o fato de sua paixão ser

³⁴ Margarethe e Leonie, que recebeu um “certificado de lesbiandade” da segunda mulher de seu pai – e, por isso, deserddada, continuaram sua relação até 1924, entre idas e vindas.

por uma mulher, mas pelo fato de esta mulher não ter boa reputação, diz-lhe quando soube que a filha teria visto Leonie novamente que seu pai e o professor Freud não iriam gostar de saber disto. É aí que a jovem começou a relatar a Freud o que ela mesma chamou de “meias verdades”, quando misturava desejos e fantasias em relação à Leonie e os transformava em sonhos. O próprio Freud (1920b/2006) relata que “a jovem trouxe uma série de sonhos” (p. 176):

No entanto, seu conteúdo, quando interpretado, era fora do comum. Previam a cura da inversão por meio do tratamento, expressavam sua alegria pelas perspectivas de vida que então se lhe abririam, confessavam seu anseio pelo amor de um homem e por filhos, e assim poderiam ter sido acolhidos como uma preparação para a mudança desejada. A contradição entre eles e as afirmativas da jovem na vida desperta, na ocasião, era muito grande. Não escondia de mim que pretendia casar-se, mas só para fugir à tirania do pai e seguir imperturbada suas verdadeiras inclinações. [...] Advertido por uma ou outra ligeira impressão, disse-lhe certo dia que não acreditava naqueles sonhos, que os encarava como falsos ou hipócritas e que ela pretendia enganar-me, tal como habitualmente enganava o pai. Estava certo; após havê-lo esclarecido, esse tipo de sonhos cessou. Mas acredito que, além da intenção de desorientar-me, os sonhos parcialmente expressavam o desejo de conquistar meu favor; eram também uma tentativa de ganhar meu interesse e minha boa opinião, talvez a fim de, posteriormente, desapontar-me mais completamente ainda (p. 176).

Como se pode ver, Freud realmente parece ter percebido o jogo que a jovem fazia. A mistura entre desejos diurnos e sonhos parece não ter dado certo como ela pretendia. Entretanto, o que mais chama atenção na citação acima é que Freud deixa claro que o objetivo da jovem, ao criar conteúdos oníricos heterossexuais, seria ganhar seu interesse – seu afeto, seu apreço –, se os sonhos de cunho heterossexual fossem confirmados. A “boa opinião” sobre a jovem poderia se confirmar se ele percebesse na vida diurna dela que conseguiu “influenciá-la” na “transformação” de sua inversão. Se isso acontecesse de fato, ele não ficaria desapontado, pelo menos parece ser o que a jovem acreditava. A conclusão que se pode chegar, por ora, é que essa linha de desenvolvimento da sexualidade da mulher, a da homossexualidade, é de extremo incômodo para Freud e custa à psicanálise. Entende-se que a inversão sexual não era vista com bons olhos pela

sociedade em geral, inclusive pelo pai da moça, mas não se espera que este incômodo venha de Freud – mesmo que toda a questão da sexualidade da mulher apareça como um calo em sua obra.

O texto ainda traz outras contribuições a esse estudo, visto que o objetivo, nesse momento, é desenhar o pensamento de Freud sobre a sexualidade da mulher no âmbito clínico. Freud já havia teorizado sobre o Complexo de Édipo, apesar deste ainda não estar totalmente definido quanto a seu desenvolvimento nos diferentes sexos. No caso da jovem, o que parece ganhar importância é o que Freud (1920b/2006) chama de “segundo tempo do Édipo”, ao constatar que sua inversão foi “posteriormente adquirida” (p. 179), quando a jovem já tinha passado pelo primeiro tempo edipiano e estava vivenciando o nascimento de seu segundo irmão. Este último fato é considerado por Freud (1920b/2006) como desencadeador de sua homossexualidade: a jovem teria se frustrado e se voltado contra a mãe, pois esta deu um filho ao pai no momento em que ela, a jovem, acreditava ser a futura mãe dos filhos deste pai. Esse desapontamento, combinado a fatores inatos e ao “complexo de masculinidade” que “a jovem trouxera consigo, desde a infância” (p. 180) seriam as bases de sua homossexualidade. Ao longo do texto, Freud (1920b/2006) não deixa de assinalar alguns pensamentos – bastante estereotipados até – que permeiam a homossexualidade de modo geral, como a predominância de homens homossexuais com caracteres físicos femininos e mulheres homossexuais com caracteres físicos masculinos (hermafroditismo físico), acabando por afirmar que a homossexualidade seria complexa e estaria envolvida em três conjuntos de características: caracteres sexuais físicos (hermafroditismo físico), caracteres sexuais mentais (atitude masculina ou feminina) e o tipo de escolha de objeto. A escolha da jovem para este estudo não é à toa. Na verdade, ela e seu tratamento parecem se assemelhar em alguns pontos com Anna Freud. Segundo Barbero (2005):

E que fazer com relação à transferência freudiana, que nessa mesma época estava analisando sua filha Anna? Esta filha que não teve relações amorosas conhecidas com homens durante toda a sua vida e que teve uma relação prolongada e algo suspeita, com uma amiga, Dorothy, cujos filhos ela mesma analisou? Uma filha que, com outros psicanalistas, conseguiu barrar a entrada de pessoas homossexuais na instituição analítica por muitos anos? Minimamente, conhecer os fatos e as diversas interpretações que dele existem (pp. 143-144).

O que Barbero (2005) nos diz é que a jovem não se relaciona com Anna apenas pelo fato de Freud ter encaminhado as duas, posteriormente ao seu tratamento com elas, à uma analista mulher, o que já seria bastante curioso. A autora observa que essas semelhanças podem ser transferenciais, ao passo que Freud pode ter achado que o caso das duas poderia ser semelhante. A falta de interesse por homens, um relacionamento com a mãe prejudicado ou quase inexistente, os conselhos amorosos dirigidos às duas³⁵, dentre outras coisas. Mesmo deixando clara a impossibilidade de tentar “normalizar” a inversão homossexual, Freud se contradiz ao demonstrar que não ficaria satisfeito se a jovem voltasse a ver sua amada dama. O que acontece com ela, segundo sua biografia, é uma vida construída de uma sucessão de desencontros amorosos com mulheres e homens, de diferentes maneiras. Ao mostrar sua “preferência”, Freud, ao invés de deixar fluir o desejo que a análise ajuda a clarear, acaba por confirmar a opinião e o desejo dos pais da moça.

Outro ponto curioso é a discussão em torno do *niederkommen*, o “deixar cair” da interpretação freudiana desse caso. Segundo Aflalo (2002), essa expressão teria um outro significado para mulheres homossexuais. A autora explica, a partir de casos de sua própria clínica, que elas foram “deixadas cair”, antes do momento de uma identificação clara ao pai. Esse “cair” seria fundamental e as que caem construiriam uma posição, principalmente perante o pai, de redução, humilhação e desvalorização. Logo, entende-se que, segundo Aflalo (2002), as mulheres homossexuais, em geral, tiveram de se

³⁵ Freud aconselhou Anna a não se envolver com Ernest Jones, entre outros pretendentes (ver capítulo 1); à jovem, a fez prometer que não veria mais Leonie.

dirigir às mulheres como objetos de amor, por terem sido anteriormente humilhadas e desvalorizadas pelos pais, com quem logo se identificariam massivamente, o que pode não ser sempre o caso. Se esta hipótese estiver correta, mesmo que somente em alguns casos, Anna, por exemplo, não se encaixaria nela.

Para finalizar a discussão sobre esse caso, é importante que se pense sobre o que a jovem pode ter trazido para Freud. Antes dela, outra moça já havia sido analisada com uma certa dificuldade por ele, principalmente pelo discurso interessante e intrigante que ela trazia. Ela é Dora e ficou conhecida por permitir que Freud colocasse em prática sua teoria sobre os sonhos, na análise, e por dar à luz ao conceito de transferência. Mas há outro ponto importante: Dora também parece ter sido a primeira paciente que se tem conhecimento que “enganou” Freud. Com seu discurso elaborado e inteligente, Dora escondeu sua paixão pela Sra. K. Segundo Freire Costa (1995), o caso Dora apresentaria a primeira tentativa de sistematização da perversão e se trata da consideração da homossexualidade, em mulheres ou homens, como parte da disposição perversa polimorfa infantil. Aqui apareceria a homossexualidade como perversão, somente no sentido de uma sexualidade desligada da função reprodutiva. Sendo infantil, seria considerada como uma inibição do desenvolvimento. Talvez a jovem de 1920 não tenha sido tão perspicaz e tenha se submetido ao desejo dos pais – e, talvez, de Freud – com mais facilidade. Entretanto, ela serve a Freud pois traz à tona, para a construção da teoria psicanalítica, um começo para a discussão em torno da homossexualidade feminina. Mais: a jovem parece ter instigado em Freud o desejo de responder a questão que anuncia como uma mulher desvia de sua “trajetória feminina” para se tornar uma homossexual.

Em 1921, Anna fora encaminhada pelo pai à amiga Lou Andreas-Salomé para análise. Assim como aconteceu com a jovem homossexual, Freud acreditou que uma mulher

poderia analisar sua filha com mais profundidade. Pode-se pensar que este encaminhamento aconteceu porque Freud finalmente vislumbrou todas as implicações que uma análise entre um pai e uma filha podem ter. Entretanto, em 1924, ele voltou a analisá-la. Nesta parte do estudo, até 1923, serão discutidos aspectos da correspondência entre Freud e Anna que versam sobre sua situação psicológica, a correspondência entre Freud e Lou no que diz respeito à Anna e obras de Freud que versam sobre o que ele pensava, nos anos correspondentes, sobre a sexualidade da mulher. Em 1921, destaca-se um texto de Freud em especial. *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/2006) é o texto que Anna se identificou profundamente, como relata em carta à amiga Eva Rosenfeld, em setembro de 1927³⁶:

Gostaria muito que você lesse *Psicologia de Grupo*, pois, quando o reli, voltei a trabalhar uma grande parte de minha própria análise. (Quando o li de novo, ajudou-me a superar uma gigantesca etapa da minha análise). Subitamente, tudo estava nele, meus antigos devaneios e tudo que desejava saber (in Heller, P., org., 1994, p. 114).

Este escrito de Freud trata da psicologia dos grupos com base na psicologia individual e anuncia a investigação freudiana da estrutura anatômica do aparelho psíquico. Ao apresentar este assunto, Freud disserta sobre o “ideal do eu”, conceito que, mais tarde, em 1923³⁷, será considerado enquanto sinônimo de supereu, ao passo que em 1933, em suas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, a divisão entre os dois conceitos é consolidada. Mas qual o sentido de tudo isso para essa parte do estudo, no qual se busca conhecer e discutir o que pensava Freud acerca da sexualidade da mulher no âmbito clínico? A importância que Anna Freud parece ter dado a esse artigo do pai se fundamenta basicamente na abordagem da auto renúncia existente na formação dos grupos, quando os membros passam a se identificar de uma forma tão profunda uns com os outros que perdem suas vontades individuais para compartilharem dos ideais que um

³⁶ A data exata da carta é desconhecida.

³⁷ Em *O eu e o isso*.

grupo possui, em comum. Anna, ao escrever à Eva, parece demonstrar o quanto isso acontecia com ela, principalmente quando esse grupo contava com seus pares psicanalíticos e com suas amigas mais íntimas. Além disso, nas palavras de Freud (1921/2006), “a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (116). Aí está subentendido que, quando os membros de um grupo se identificam, há auto renúncia de seu próprio eu em prol de aspectos, características daquele que é tomado como modelo, daquele que é o líder. Logo, a ideia de que a construção de um grupo requer uma dose de auto renúncia liga-se a outro ponto que o texto de Freud traz: a questão da identificação e sua importância.

A abordagem que Freud faz acerca desse conceito, na parte 7 do texto, inicia-se com a apresentação da estruturação do Complexo de Édipo e da importância da identificação nele. Como de costume, as referências utilizadas por Freud ao abordar esse tema são o desenvolvimento sexual do menino e a heterossexualidade normativa, ao passo que é considerada também a possibilidade do Édipo se “inverter”. O papel da identificação nesse processo se dá, nas palavras de Freud (1921/2006):

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo. Um menino mostrará interesse especial pelo pai; gostaria de crescer e ser como ele e tomar seu lugar em tudo. Podemos simplesmente dizer que toma o pai como seu ideal (p. 115).

Aqui se pauta o outro ponto o qual parece ter chamado a atenção de Anna e ter ajudado no andamento de sua análise: a identificação com uma figura de pai, coletiva e dominante, e a comunidade de seus seguidores. Não é possível dizer que Anna se identificou, edipianamente falando, com seu pai, apenas por esses comentários. Entretanto, na visão desse estudo, esse texto de Freud parece ter trazido à Anna um certo “alívio”. Quando ela fala à Eva sobre ter encontrado no texto seus antigos

devaneios e tudo o que precisava saber, ela traz a tona toda a ideia que sempre teve do pai, seu ideal, seu ideal de eu personificado e com todas as características que Freud (1921/2006), diz que o ideal tem: a auto observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência no recalque. Sendo Freud o líder, o herói de seus devaneios, estava justificada sua ligação profunda com ele e tudo o que ele representava para ela.

Como se pretende acumular o máximo possível de dados do pensamento freudiano acerca da sexualidade da mulher no âmbito clínico, destaca-se também uma passagem desse texto de 1921 que se relaciona com outra paciente sua, Dora. Freud (1921/2006), ao tentar discorrer sobre as possíveis origens da identificação de alguém por outro alguém, cita que uma delas pode provir do Complexo de Édipo, quando a menina desejaria tomar o lugar de sua mãe e expressaria, sintomaticamente, seu amor objetual pelo pai. Entretanto, existiria uma outra forma dessa identificação se expressar:

Ou, por outro lado, o sintoma pode ser o mesmo que o da pessoa que é amada; assim, por exemplo, Dora imitava a tosse do pai. Nesse caso, só podemos descrever o estado de coisas dizendo que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação (p. 116).

Não se nega o fato de Dora amar seu pai. Entretanto, apesar do posfácio de seu caso ter sido escrito em 1905, Freud parece, nesse momento, não querer enfatizar o que ele mesmo chamou de “a mais forte das correntes inconscientes de sua vida anímica” (p. 114): sua homossexualidade, demonstrada por seu amor à Sra. K. Se essa homossexualidade que Freud nos fala tivesse sido levada em consideração em seu texto de 1921, talvez Dora não pudesse ser tomada como exemplo de quando a identificação aparece no lugar da escolha de objeto – já que seu objeto de desejo não era propriamente seu pai.

As cartas desse período entre pai e filha relatam basicamente o estado de Anna, as publicações de Freud que ocorreram naquele ano a ligação dela com Ernstl, filho de Sophie. Ela continua a exercer a função materna com a criança, contando carinhosamente ao pai suas histórias fantasiosas, assim como as dela. Além disso, Anna expressa ao pai o quanto gostaria que Ernstl fosse morar com eles, o que Freud reprova usando como justificativa o estado de saúde de sua esposa, Martha. Anna também começa a aparecer enquanto analista infantil, ao tentar analisar os sonhos do sobrinho, assim como suas falas:

(...) o Ernstl (...) é tão encantador e correto que, se eu tivesse um filho, não poderia desejá-lo diferente ou melhor. (...) Quando eu tentei descobrir por que ele tem medo de escuro, ele me contou, em outro contexto, que Sophie lhe disse que adoeceria gravemente caso brincasse com seu membro. (...) Achas que é uma explicação correta? Segundo ele, o medo começou em Schwerin durante um sonho, do qual eu ainda não entendi muita coisa. Antes de adormecer, ele tenta se distrair com uma história recorrente, como acontecia comigo, e insiste agora em contá-la em voz alta para mim, em vez de apenas imaginá-la. Dessa forma, aprendo muita coisa sobre ele, mas ainda não consegui descobrir o seu verdadeiro sentido, ou seja, quais são os seus pontos altos (carta de 4 de agosto de 1921, in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 249).

Em resposta à carta da filha, Freud, em carta de 6 de agosto de 1921, tenta ajudá-la com uma interpretação que, inclusive, consta em *A interpretação dos sonhos* (1900/2006):

Acredito que achaste a razão correta, continua seguindo essa pista. O sonho com o qual ele deixa começar o seu medo, poderia ser um dos que Sophie registrou quando ele tinha três anos e cinco meses. Ele acordou muito transtornado e perguntou: “hoje à noite, o Papi estava com a sua cabeça sobre uma bacia. Por que a cabeça do Papi estava na bacia?” Sophie demorou muito para acalmá-lo. Um típico sonho de castração, transferido para o pai. Faz uso disso (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 252).

O que parece acontecer neste ano de 1921 é uma suspensão da análise de Anna com Freud. Todas as orientações dadas pelo pai nesse período não versam mais sobre ela e sim sobre outros, sobre aqueles com quem Anna se ocupa, como Ernstl. Em 3 de dezembro desse ano, também se nota uma carta interessante, de Freud para Anna, intitulada “Contribuição para o dote ou para a autonomia”. Nesta carta, o pai lista à filha

sua fortuna e seu dote, para que ela tivesse conhecimento. Anna estava completando 26 anos naquele dia. Isso explicita ainda mais a ambivalência de Freud em relação à Anna. Ao mesmo tempo que naquele mesmo ano ele escreveu a Eitingon que “desejaria que ela encontrasse logo uma base, trocar a ligação com esse velho pai por um afeto mais duradouro” (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 257), ele escreve à amiga Lou, meses depois, que lamentava que Anna ainda morasse em sua casa, com os velhos, “mas, por outro lado, se ela realmente fosse embora, eu me sentiria tão abandonado como por exemplo agora” (in Meyer-Palmedo, I., 2008, p. 257).

Neste ano, a correspondência entre Freud e Lou também é muito pouca e tem como aspecto principal a marcação do primeiro encontro entre as duas, que acontece com a chegada de Lou à Viena, em novembro. Elas se tornaram amigas e, segundo Freud em carta a seu filho Ernst, de 20 de janeiro de 1922, data da partida de Lou, “Anna trabalhou analiticamente com ela, visitou várias personalidades interessantes e aproveitou bastante sua companhia” (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 257). A análise de Anna com Lou não será privilegiada nesse estudo, visto que os objetivos são outros. Entretanto, ao se chegar no ano de 1922, é importante que se destaque como que dessa nova relação analítica Anna conseguiu sintetizar suas ideias sobre si mesma, tirando conclusões de suas próprias análises, em seu texto *A relação entre fantasias de espancamento e devaneios*. Nas palavras de Young-Bruehl (1992):

Esse relacionamento quase analítico não se deu no divã, quer em Viena, quer em Loufried; foi um relacionamento de conversas e consultas – com Lou Andreas-Salomé por vezes meditando em voz alta, estendida num divã, e Anna Freud sentada a seus pés. Mais tarde na vida, sempre que lhe chegava aos ouvidos de que Lou fora sua analista, Anna Freud dizia que essa ideia só persistia porque escandalizava as pessoas pensarem que seu pai desempenhara tal papel. Mas o pai, por seu lado, registrou a significação que, segundo ele, a presença de Lou exercera, ao trocar jocosamente cartas com Lou a respeito da filha que partilhavam, Anna. (...) Em suas conversas com Anna Freud, Lou contribuiu por quase uma década como analista e com um prolongado interesse no tópico do erotismo anal, que foi de importância óbvia para o ensaio de Anna [*A relação entre fantasias de espancamento e devaneios*,

1922]. (...) Ela [Lou] notara que nas mulheres, mais do que nos homens, o erotismo anal, por motivos anatômicos, associa-se muito mais estreitamente com masturbação e fantasias – como as de espancamento – que encobrem o prazer masturbatório (p. 90).

Não se sabe ao certo por qual motivo Anna Freud não gostava de assumir que Lou havia sido sua analista. O fato é que o próprio Freud queria que essa análise acontecesse, pois estava convicto de que precisava ser substituído por uma mulher na análise da filha. Uma mulher analista estaria em melhores condições de examinar quaisquer resistências oriundas da hostilidade de Anna em relação ao pai e, principalmente, sua distância deliberada do lado feminino e sexual da vida. Talvez Freud tenha “enganado” a filha: ela conheceria uma grande amiga sua, inteligente e envolvente, capaz de lhe ensinar conceitos, discutir ideias, lhe apresentar pessoas. Daí, surgiria uma relação analítica não rotulada, visto que nem entre as cartas de Freud e Lou desse período há referência a algum tipo de relação analítica entre as duas. Ao contrário, os relatos desse período que envolvem Anna versam vagamente sobre seu estado e bem mais profundamente sobre outros pacientes que os dois tinham. Parece que nem Lou sabia que era a analista de Anna, mas pode ter entendido a estratégia de Freud para poder se “livrar” da sexualidade da filha. Analisá-la também deveria ser difícil, senão constrangedor. Apesar de tudo isso, Lou parece ter sido a maior incentivadora da vivência do amor de Anna por Freud e vice versa. Enquanto alguns, como Ernest Jones³⁸, criticavam a relação de Anna com o pai, julgando-a edipiana demais, Lou Andreas-Salomé pensava diferente. Segundo Appignanesi e Forrester (2010):

O que Lou não fez foi satisfazer o desejo cada vez mais ambivalente de Freud de que Anna fosse afastada dele. De fato, Lou, que sempre viu a dedicação total e a autorrendição como o ponto alto do amor feminino, estava numa posição privilegiada para entender o desejo de Anna de ficar em casa e dedicar-se a Freud e à psicanálise. Em 6 de maio de 1922, depois de uma das visitas de Anna a Gottingen, Lou escreveu: “Ao mesmo tempo, Anna provocou uma verdadeira tempestade de paixões aqui, como ela lhe dirá, mas ainda assim volta pra

³⁸ Sobre isso, ver capítulo 1.

casa sem ter sido atingida por essas chamas. Não ficaria surpresa se essa sequência de acontecimentos se repetisse constantemente, visto o quanto ela gosta de cada volta ao lar” (p. 401).

O maior objetivo para Freud ao promover essa análise parece ter sido colocar diante de Anna alguém sedutora o suficiente, extremamente feminina, capaz de ativar sua feminilidade, assunto o qual ele parecia se preocupar. Entretanto, ao mesmo tempo que tem esse desejo, a frase “se ela realmente fosse embora, eu me sentiria tão lesado como me sinto agora, como me sentiria se tivesse de parar de fumar”³⁹ (in Pfeiffer, E., org., 1975, p. 151). Independente da vontade de Freud e de sua ambivalência, dos resultados que a análise de Anna com Lou obteve, o mais importante é, sem dúvida alguma, a sistematização do pensamento de Anna sobre um aspecto de sua própria sexualidade. A *relação entre fantasias de espancamento e devaneios* (1922/2006) é um texto fundamental para esse estudo, ao passo que relata, aos olhos de Anna, conclusões que Freud teve, enquanto pai, analista e teórico, sobre a sexualidade da filha, expondo assim seu modo de lidar com a sexualidade da mulher no âmbito clínico. Percebem-se ao longo dele diversas conclusões contidas na obra de Freud e reproduções de suas ideias, principalmente aquelas relativas à fantasia. Seu texto de entrada na Sociedade Psicanalítica Vienense, em junho de 1922, trazia a análise de uma menina de cerca de 15 anos, apresentada como sua paciente. O escrito utiliza como base teórica o texto de Freud, *Uma criança é espancada* (1919/2006) e discute a ideia da possível relação entre as fantasias de espancamento, que culminam com a obtenção de prazer autoerótico, e os devaneios, as chamadas “histórias boas”, muito presentes na vida de Anna e criadas por ela com o objetivo de afastar “pensamentos maus”.

O texto começa utilizando como referência as fantasias de espancamento denominadas por Freud. Anna observa o alto grau de prazer envolto nelas, que é descarregado num

³⁹ Carta de Freud a Lou em 13 de março de 1922.

ato de satisfação auto erótica, a masturbação. Para construir seu argumento, Anna cita um caso de uma menina que ela teria atendido. Segundo J. André (1996):

Os elementos biográficos que hoje dispomos permitem afirmar que o material clínico evocado por Anna nessa comunicação proveio de sua própria análise. Sua argumentação refere-se menos à fantasia de fustigação [de espancamento] em si – quanto a isso, ela se contenta em lembrar as conclusões paternas – do que às ficções às quais ela dá lugar [os devaneios] e, em especial, às que mais se distanciam do núcleo da fantasia: as “histórias fabulosas” [ou “histórias boas”] (p. 49).

Essa, então, seria a trama que Anna construiu, com as conclusões de sua própria análise com o pai, para explicar seus devaneios enquanto tentativas dessexualizadas de acabar com a tentação de se ter uma fantasia de espancamento, culminando na masturbação. Essas fantasias eram os chamados “pensamentos ruins”. Incomodava à moça em questão ter esse tipo de fantasia, visto que ela não parecia confortável com o desejo de satisfação auto erótica que finalizava esse fantasiar. Para afastar esses “pensamentos ruins”, ela cria uma estratégia que consistia, basicamente, em criar histórias boas que traziam “pensamentos bons” e que aliviam sua necessidade de prazer auto erótico. Anna Freud (1922) descreve que o início do desenvolvimento da fantasia de espancamento dessa moça é exatamente igual ao que Freud descreve em seu texto de 1919. Em seu quinto ou sexto ano, ela inicia a primeira fase (“um menino está sendo espancado por um adulto”) e, tempos depois passa a uma nova fase (“muitos meninos estão sendo espancados por muitos adultos”). Cada cena que ela fantasiava era acompanhada por uma excitação sexual forte e terminava com o ato de masturbação. Entretanto, depois que isso acontecia, lhe cabia um imenso sentimento de culpa totalmente relacionado a essas fantasias. Segundo Anna Freud (1922):

No caso da nossa sonhadora, a sensação de culpa que surgiu no início dos seus impulsos reprimidos por seu pai foi, primeiramente, menos relacionado ao conteúdo da fantasia em si – apesar de que o último também foi reprovado desde o início – do que à satisfação auto-erótica que acontecia regularmente no final. Por alguns anos, sempre renovando, porém, falhando, a menina tentou separar os um do outro, ou

seja, manter a fantasia como uma fonte de prazer e, ao mesmo tempo, abrir mão da satisfação sexual que não conciliava com as exigências do seu ego. Durante esse tempo, a fantasia em si foi sujeita a uma grande variedade de alterações e elaborações. Na tentativa de apreciar o prazer permitido por mais tempo possível e adiar a conclusão proibida por tempo indeterminado, ela acrescentou vários tipos de detalhes que eram indiferentes, porém, bastante descritivos. A criança inventou organizações complicadas, instituições, escolas e reformatórios em que as cenas de espancamento ocorriam. Ela também estabeleceu regras e regulamentos definitivos que determinavam as condições para obter prazer. Nesse momento, as pessoas que administravam os espancamentos eram, invariavelmente, professores; somente depois e em casos excepcionais, os pais dos meninos foram acrescentados – na maioria, como espectadores. Mas mesmo nessas elaborações detalhadas da fantasia, as figuras ativas permaneceram esquemáticas, todas determinando características como nomes, rostos individuais e histórias pessoais que a eles foram negadas (p. 39).

O que se observa é que Anna, a moça em questão, tentou separar diversas vezes a fantasia do ato de masturbação, ação essa provocada por seu sentimento de culpa. Entretanto, nem sempre obtinha sucesso. Além disso, mesmo quando conseguia “escapar” da masturbação, outras consequências apareceram. Segundo Anna Freud (1922), cada avanço, que era bravamente conquistado pela menina, era seguido de “auto recriminações fortes, dor na consciência e humores temporariamente depressivos” (p.40). Quando já possuía de 8 a 10 anos de idade, a menina passou a uma outra atividade, na busca de solucionar seu “problema”. Segundo Anna Freud (1922):

[...] a menina começou um novo tipo de atividade fantasiosa que ela mesma chamava de “boas histórias”, diferentes das fantasias de espancamentos feias. De primeira, essas “histórias boas” pareciam ser nada além de cenas agradáveis e alegres que mostrassem momentos de comportamentos bons, atenciosos e carinhosos. Todos os participantes nessas histórias boas tinham nomes, rostos, aparências externas que eram detalhadas com imensa exatidão e histórias pessoais que freqüentemente eram relacionadas aos seus passados fantasiosos. A situação de família desses participantes, suas amizades, seus colegas e o relacionamento entre eles eram precisamente especificados e todo incidente em suas vidas diárias eram criados o possivelmente mais parecido com a realidade. A situação da história mudava prontamente a cada mudança na vida da sonhadora, assim como ela freqüentemente incorporava partes dos eventos sobre os quais ela tinha lido. O final de cada episódio era regularmente acompanhado de um sentimento muito forte de felicidade e sem qualquer sentimento de culpa. Certamente, não havia mais atividade auto-erótica. Esse tipo de fantasia podia, então, tomar conta de uma parte cada vez maior da vida da criança. Aqui nós vemos o que

Freud destacou no teu trabalho: a superestrutura artística de devaneios que são de grande importância para a pessoa que os cria (p. 41).

Livre da atividade auto erótica que as fantasias de espancamento proporcionavam, a menina agora estava livre. Poderia curar seu desejo de masturbação envolvendo-se na trama de suas “histórias boas”, heroicas, cheias de personagens e especificidades. Entretanto, o que a menina não esperava – mas que acabou descobrindo ao longo de sua análise – é a ligação existente entre suas “histórias boas”, que mostravam beleza e felicidade, e as tão temidas fantasias de espancamento, que representavam o feio, o proibido e o condenável. Na verdade, ela não estava livre. Ela estava apenas vivenciando aquelas antigas fantasias de uma forma diferente, sublimada, mais aceitável a seu ponto de vista. Acima de tudo, as “histórias boas” significavam a possibilidade de vivenciar as fantasias sem que existisse qualquer sentimento de culpa. É aí que ela descobre os elos e as diferenças entre as duas. Coutinho Jorge (2010) anuncia essas diferenças e similaridades ao tentar explicitar a existência do amor e do gozo em toda fantasia:

Três aspectos foram destacados por Anna Freud como sendo elos importantes entre as fantasias de espancamento e as histórias agradáveis: uma surpreendente similaridade na construção das histórias individuais; um certo paralelismo em seu conteúdo; a possibilidade de uma reversão direta de uma história agradável em uma fantasia de espancamento. Uma diferença era evidente entre elas: as histórias agradáveis admitem a ocorrência de cenas afetuosas inesperadas precisamente no ponto em que a fantasia de espancamento descreve o ato do castigo (p. 112).

Outros pontos do texto de Anna Freud (1922) remetem à autobiografia. Ao narrar o enredo das histórias boas que a suposta moça criava, ela conta com seus antigos sonhos, devaneios e histórias. A menina normalmente se identificava com um jovem que era ameaçado. Suas histórias agradáveis muitas vezes eram desdobramentos de leituras que a própria fazia, sendo que outros desdobramentos, já da história criada, vinham ao longo do tempo. Sempre existe uma dualidade entre cavaleiros e prisioneiros, onde o

prisioneiro ora é castigado, ora é perdoado. A atitude ameaçadora do “forte”, daquele que castiga ou perdoa, em antagonismo com a do “fraco”, aquele que é castigado ou perdoado, é um dos principais itens que fez a menina, Anna, em análise com o pai, Freud, perceber a relação entre as fantasias de espancamento e esses devaneios, essas “histórias boas”.

Por mais que a moça estivesse obtendo sucesso com seus devaneios, ou seja, conseguindo afastar os “pensamentos ruins” que tinha, ela percebeu e admitiu em análise que, em alguns momentos específicos, nos quais havia um aumento das exigências externas ou diminuição de capacidades internas, tinha acontecido uma inversão direta das histórias boas para as fantasias de espancamento. Isso prova que seu método não era tão eficaz como ela pensava. Para piorar, quando isso acontecia, as cenas bonitas próprias do clímax das “histórias boas” eram substituídas pela satisfação sexual auto erótica. Para explicar a relação cada vez mais estreita entre as histórias e as fantasias, Anna Freud (1922) relembra o pai:

Com esses pensamentos em mente, eu volto à reconstrução de Freud da história da fantasia de espancamento. Como já mencionado, Freud diz que a forma com que sabemos que a fantasia de espancamento não é a original e sim uma substituição da cena de amor incestuosa, que, distorcida por repressão e regressão para a fase anal-sádica, se expressa como uma cena de espancamento. Esse ponto de vista sugere uma explicação da diferença entre a fantasia de espancamento e devaneio: aquilo que aparenta ser um avanço da fantasia de espancamento para história boa é nada mais que um retorno a uma fase anterior. Sendo manifestadamente removidas da cena de espancamento, as histórias boas recuperam o sentido latente da fantasia de espancamento: a situação de amor escondido nela (p. 49).

Aqui, tem-se um novo ponto de vista acerca das “histórias boas”. O que parecia ser uma evolução em relação às fantasias de espancamento, visto que causa uma calma psíquica, mesmo que temporária, além de afastar os “pensamentos ruins” e de ser uma atividade aceita socialmente, sublimada, é, na verdade, uma regressão, uma volta ao amor das relações edípicas já anteriores às fantasias de espancamento. É como se, após

o Édipo, a criança seguisse dois caminhos: enquanto que as fantasias de espancamento representariam uma volta ao afeto recalçado no Édipo, ou seja, a vivência, mesmo que na fantasia, de um amor “alterado” pelo recalque, as “histórias boas” representariam a sublimação do afeto edípiano. Nas palavras de Anna Freud (1922):

Na fantasia de espancamento os desejos sexuais diretos são satisfeitos, enquanto que nas histórias boas os desejos com finalidades inibidas, assim chamados por Freud, encontram satisfação. Assim como no desenvolvimento da relação da criança e seus pais, a corrente de amor originalmente não dividida se separa em esforços sensuais reprimidos (expressados na fantasia de espancamento) e em um laço afetivo sublimado (representado nas histórias boas) (p. 50).

Nesse sentido, a fantasia de espancamento e a “história boa” teriam funções específicas e distintas. Segundo Anna Freud (1922), enquanto a primeira representaria, de forma deturpada, “a situação de amor sensual que nunca muda” (p. 50), expressa no ato de espancamento, a segunda atuaria na representação das várias “agitações afetuosas” (p. 50) e sua organização.

Para concluir seu texto, Anna Freud (1922) explicita outro aspecto a respeito de suas “histórias boas”. Ao fazer uma diferença de significação entre um simples devaneio contado e uma história escrita, mesmo que os dois possuam o mesmo conteúdo, ela aponta que a história escrita possuía um papel ainda maior para a suposta moça. Ao escrever um devaneio, a moça passava a compartilhar algo a fim de influenciar outras pessoas ou, talvez mais importante, ganhar respeito e amor dos outros por esses meios. Esta sempre foi Anna Freud. O escrever proporcionaria a renúncia do prazer direto para o indireto, a transformação de uma fantasia privada em comunicação, a fuga do autismo social, a mudança de um conteúdo fantasioso para algo mais próximo da realidade e, fundamentalmente, a possibilidade de uma sublimação “melhor” que aquela do simples devaneio. Com essa conclusão, percebe-se que Anna construiu em sua análise um tipo de solução criativa para si. Como não conseguiu se livrar dos “pensamentos ruins” com simples devaneios, visto que eles eram falhos e podiam se converter em fantasias de

espancamento, o ato de escrevê-los passou a ser uma nova possibilidade de acomodação⁴⁰. Mas essa tática não permaneceria eficaz para sempre⁴¹.

A correspondência entre Freud e Lou desse ano é bastante escassa. Dentre elas, destaca-se a admiração e o carinho explícitos de Lou com Anna, a clara influência de Lou no trabalho de Anna, relatos breves dos diversos encontros das duas naquele período e pensamentos de Lou sobre as fantasias de espancamento, masoquismo infantil, sadomasoquismo e masturbação. Freud concorda com suas ideias, como em carta de 13 de março de 1922. Ao ler acerca da relação que Lou fez entre a dor e o amor, vivenciado pelas moças na defloração, ele diz:

Suas observações sobre a fantasia de espancamento demonstram que você ainda é a mesma pessoa de antes. Sempre que eu dissequei as coisas de uma maneira um tanto crua, você foi capaz de indicar a origem comum dos vários elementos e, logo, de sintetizá-los novamente. Em minha teoria da sexualidade, uma vez exprimi um ponto de vista, que para meu pesar não foi desenvolvido, ou seja, de que tudo o que causa excitação em geral causa também a excitação sexual, incluindo a dor, o efeito da violência (neurose traumática). Talvez seja esta a prosa para sua poesia (in Pfeiffer, E., org., 1975, pp. 151-152).

Já a correspondência entre Anna e o pai deste ano traz diversos elogios à “amiga” Lou e suas conversas intermináveis, “agora com um objetivo muito mais limitado”⁴² (in Meyer-Palmedo, I., org., 2008, p. 288), tratando de “várias coisas complicadas”⁴³ (p. 303) a ajuda de Lou em seu trabalho e relatos sobre suas vivências de função materna, no período que passou com os filhos de Sophie e Max, viúvo da irmã.

O ano de 1923 marca, em seu início, o fim da análise de Anna com Lou. Depois de muitos encontros entre as duas no ano anterior, agora era a hora de Anna voltar a estar na companhia do pai. Anna fica sem análise até 1924, quando retorna o processo com Freud. Entretanto, a fim de continuar discutindo Freud e a sexualidade da mulher no

⁴⁰ Algumas ideias contidas na conclusão do texto de Anna, acerca da escrita dos devaneios, são bem similares as de seu pai em *Escritores criativos e devaneio* (1908 [1907]).

⁴¹ Ver neste estudo os motivos que fizeram Anna Freud, em 1924, a retomar sua análise com o pai.

⁴² Carta de Anna a Freud de 27 de abril de 1922.

⁴³ Carta de Anna a Freud de 15 de julho de 1922.

âmbito de sua prática clínica, mostra-se o que há de relevante na correspondência entre Freud e Lou, Freud e Anna e destaca-se uma obra de Freud publicada neste ano, *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*. O objetivo da inserção deste texto neste momento é mostrar o que, neste contexto, pensava Freud em relação à sexualidade da mulher.

A correspondência entre Anna e Freud desse período é bem escassa. O que aparece de mais marcante são as declarações de gratidão que Anna faz a Lou para o pai, a programação que Freud fez da viagem à Roma, que os dois fizeram em setembro de 1923 e, mesmo não aparecendo de forma expressa, a preocupação de Anna com a saúde do pai. No outono de 1923, Freud descobriu a verdade sobre sua doença, o que transformou Anna, gradativamente, em sua Cordélia, como era de desejo dele. Por esse motivo, 1923 é o último ano em que Freud e Anna mantêm uma correspondência mais constante, visto que ela permaneceria cada vez mais na casa paterna, velando seus dias.

Já a correspondência entre Freud e Lou se restringe, basicamente, à notícias sobre o estado de Anna por parte dos dois, discussão dos casos de Lou e a famosa carta de aniversário que Lou escreveu à Freud em 2 de maio, contando todo seu amor e admiração por ele. Dentre os casos clínicos que discutiram, destaca-se um paciente de Lou que sofria de uma identificação patológica com o pai, o que o levou à inversão⁴⁴. Já em carta de 23 de março, Freud conta a Lou que Anna, depois de sua análise pessoal, teria se juntado aos analistas praticantes e que grande parte de sua autoconfiança era graças a Lou Andreas-Salomé. Sobre a viagem a Roma que os dois fizeram, Lou reafirma a Freud o que sempre pensou sobre Anna: que ela deveria se entregar às vontades de seu coração e ficar ao lado do pai, cumprir seu destino⁴⁵.

⁴⁴ Carta de Lou a Freud de 15 de março de 1923.

⁴⁵ Carta de Lou a Freud sem data específica, marcada apenas como sendo do “começo de setembro”.

Como produção teórica de Freud relevante para este estudo, surge *A organização genital infantil* (1923/2006) e todas as suas implicações para a futura teorização da sexualidade da mulher. Surgido como um acréscimo aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006), esse texto tem a intenção, nas palavras de Freud (1923/2006), de reparar alguns erros e negligências do campo do desenvolvimento sexual infantil. Inicialmente, o que é marcante no texto é a relação que Freud faz entre a reprodução e o desenvolvimento da sexualidade e a primazia do falo no desenvolvimento sexual de ambos os sexos. Segundo Freud (1923/2006):

[...] a característica principal dessa “organização genital infantil” é a sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo. Infelizmente, podemos descrever esse estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos (p. 158).

Talvez o que seja mais relevante nessa passagem do texto de Freud não seja a questão de ele não se atrever a descrever, nesse momento, o ponto em que afeta a organização genital feminina. O ponto mais importante é, sem dúvida, a questão da primazia do falo. Mesmo após muita teorização futura acerca da sexualidade de meninos e meninas, esse ponto jamais fora abandonado por ele, o que foi motivo de críticas⁴⁶. Segundo Kehl (2008), o terceiro ponto discutido por Freud nesse texto, a importância das teorias sexuais infantis e seus efeitos sobre a sexualidade do adulto, é o ponto mais radical e com mais consequências para o pensamento psicanalítico:

[...] Freud está dizendo que não só o psiquismo humano é sexual, como a sexualidade humana é toda ela permeada pelo psíquico. A realidade última, biológica, da vida sexual, não é acessível à psicanálise; a verdade última, vital, do desejo sexual, não é acessível às nossas representações – não pertence à dimensão psíquica. [...] Assim, a passagem da sexualidade infantil para a adulta deixa de ter uma determinação puramente orgânica – baseada na maturação dos órgãos genitais – e passa a ser marcada por uma mudança na interpretação da diferença sexual. Se a criança só reconhece um órgão sexual – o pênis – e

⁴⁶ Sobre o desenvolvimento teórico da sexualidade feminina, ver o terceiro capítulo desse estudo.

interpreta a diferença entre homens e mulheres como sendo uma oposição entre fálicos e castradas, o desenvolvimento da sexualidade infantil para a adulta depende de que se possa vir a repensar esta oposição como sendo entre dois sexos diferentes, o masculino e o feminino. Do contrário, o sexo da mulher será sempre intolerável, tanto para os homens quanto para as próprias mulheres (pp. 193-194).

Nesse sentido, Kehl (2008) nos faz olhar para a grande problemática que acompanhou Freud por todo o seu percurso teórico. A sexualidade da mulher será sempre aquela castrada, passiva e masoquista, contrastando com a masculina, fálica, ativa e sádica. Além disso, esse posicionamento teórico de Freud se faz problemático ao passo que coloca a sexualidade da mulher, seu desenvolvimento e seus caminhos enquanto dependentes da primazia fálica, o “grau zero da sexualidade” (p. 194), o que contribui com o pensamento de que a sexualidade da mulher é secundária e, até mesmo, inferior. A mulher passará a se colocar na teoria freudiana como o continente desconhecido, como algo indizível perante a grandiosidade da sexualidade do sujeito como um todo. Além disso, o texto de Freud (1923/2006) traz outra questão relevante, aquela em torno da mudança, na puberdade, da zona erógena feminina, do clitóris para a vagina. Neste momento, Freud (1923/2006) entende que a vagina é algo que serve ao pênis:

No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre ativo e passivo é a dominante. No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe masculinidade, mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado. Somente após o desenvolvimento haver atingido o seu completamente, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com masculino e feminino. A masculinidade combina (os fatores de) sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa (os de) objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (p. 161).

O que se institui neste comentário é que Freud faz uma tentativa de classificar posicionamentos de ambos os sexos, seja caracterizando um pela sua atividade, seja caracterizando outro por sua passividade. As qualificações são claras e extremamente opostas. Ao se pensar no desenvolvimento do pensamento psicanalítico, é interessante perceber que por mais que Freud tenha evoluído bastante acerca de seu pensamento

sobre a sexualidade da mulher, alguns pontos que já aí aparecem permaneceram intactos ou até mesmo obscuros. A determinação de que a vagina aparecerá na puberdade enquanto zona erógena é extremamente radical e problemática quando se pensa na complexidade da sexualidade da mulher. O entendimento do órgão sexual feminino como um “abrigo para o pênis” também é problemático porque coloca a mulher dependente dessa condição: ela deve ser o objeto a ser conquistado, assumir uma posição passiva, estar disponível ao homem e a seu falo, destinada à reprodução da espécie, visto que este é o caminho da “normalidade”, do desenvolvimento sexual normal (e da heterossexualidade). Essa mudança de zona erógena, voltada à reprodução, é a única possibilidade que a mulher teria para se desfazer de sua inveja do pênis⁴⁷. Além disso, o que Freud estabelece parece ser o roteiro de um desenvolvimento sexual “normal”, tanto para meninos, quanto para meninas. A aparição da feminilidade como algo posterior ao fálico comprova mais uma vez a primazia fálica, colocando o desenvolvimento sexual feminino enquanto secundário, como um figurante.

O ano de 1924 é marcado pela escassez de cartas entre Freud e Anna. Como estavam juntos a maior parte do tempo, esse tipo de comunicação não se fez necessário. Segundo Young-Bruehl (1992), essa segunda fase analítica com o pai foi construída em volta de tópicos específicos como a transferência, o “complexo de masculinidade” teorizado por Freud e explicitado em *Uma criança é espancada* (1919/2006), o ciúme e a necessidade que Anna tinha de ser boa, da “entrega altruística” que a levava, se não executada plenamente, a enormes sentimentos de culpa. Nesta parte desse estudo, os documentos a serem analisados são dois textos de Freud, visto a importância deles para a segunda análise de Anna com o pai, retomada no início desse ano. Estes textos são *O problema*

⁴⁷ Esse pensamento, por exemplo, perdurará até o fim da vida de Freud, em seus últimos textos sobre o assunto, como por exemplo, em *Sexualidade feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933[1932]).

econômico do masoquismo e A dissolução do complexo de Édipo. Segundo J. André (1996), sobre a volta de Anna à análise com Freud:

De certa maneira, os textos do pai [*Uma criança é espancada*, 1919] e da filha [*A relação entre fantasias de espancamento e devaneios*, 1922] adotam movimentos inversos: movimento de análise e desligamento por parte do pai (das ficções à fantasia incestuosa), e movimento de recalçamento/sublimação por parte da filha (do amor incestuoso para as “histórias fabulosas”). Um recalçamento malogrado, no caso: Anna confidenciaria a Lou Andreas-Salomé que sua retomada da análise com o pai, em 1924, deveu-se à “alergia” que lhe causavam as fantasias de fustigação (e sua consequência onanística), das quais ela não conseguia prescindir (p. 49).

Foi nessa época que Anna voltou com seus sonhos em pleno dia. Com o passar do tempo e com o agravamento da doença de seu pai, eles ficaram cada vez mais constantes e incomodavam a pobre Anna, que achava ter descoberto a fórmula para livrar-se deles ao escrever sua própria análise, em 1922. Mas não foi exatamente isso que ocorreu, como mostra sua carta de 25 de janeiro de 1924 a Lou:

Embora eu esteja agora muito ocupada...na semana passada, de repente, minhas “belas histórias” voltaram à superfície, todas elas, e se arrastaram, dias e dias, como há muito tempo não acontecia. Agora voltaram a adormecer. Mas impressionou-me o quanto esse sonho em pleno dia continua o mesmo, obstinado e sedutor, mesmo se foi – como meu pobre sonho – fragmentado, analisado, publicado e, de todas as formas, grosseiramente manejado e maltratado. Sei que é realmente vergonhoso – especialmente quando ocorre entre dois pacientes –, mas foi novamente muito belo e prazeroso (in Young-Bruehl, E., 1992, p. 97).

Logo, Anna percebeu que nem a exaustão das tarefas diárias iriam livrar-lhe de suas histórias. Freud parece ter se preocupado com isso e, curiosamente, em seu texto *O problema econômico do masoquismo* (1924a/2006), ao descrever um tipo de masoquismo, o feminino, utiliza uma descrição sintomática muito próxima ao quadro que Anna apresentava. Observa-se que ele pontua que está se atendo a esta forma masoquista apenas em casos masculinos. Entretanto, em 1919, quando descreve seus casos em *Uma criança é espancada*, deixa claro que o número de casos femininos⁴⁸ (4)

⁴⁸ E Anna Freud é um dos quarto casos femininos do texto de 1919.

é maior que o número de casos masculinos (2) em relação à questão do masoquismo.

Aí, há uma contradição. Segundo Freud (1924a/2006):

Havendo, porém, uma oportunidade de estudar casos em que as fantasias masoquistas foram, de modo especial, ricamente elaboradas, de imediato se descobre que elas colocam o indivíduo numa situação caracteristicamente feminina; elas significam, assim, ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz um bebê. Por essa razão chamei essa forma de masoquismo de forma feminina, embora tantas de suas características apontem para a vida infantil. [...] Também um sentimento de culpa encontra expressão no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas; o indivíduo presume que cometeu algum crime (cuja natureza é deixada indefinida), a ser expiado por todos aqueles procedimentos penosos e atormentadores. Isso se parece com uma racionalização superficial do tema geral masoquista, mas jaz por trás dela uma vinculação à masturbação infantil. Por outro lado, esse fator de culpa fornece uma transição para a terceira forma de masoquismo, a moral. O masoquismo feminino que estivemos descrevendo baseia-se inteiramente no masoquismo primário, erógeno, no prazer no sofrimento (p. 180).

Assim, Freud descreve uma condição sintomática muito próxima da de Anna, apesar de estar se atendo a casos masculinos: indivíduos com fantasias ricamente elaboradas, sentimento de culpa expresso no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas, a vinculação com a masturbação infantil, a transição para o masoquismo moral e, finalmente, o masoquismo baseado no prazer no sofrimento. Mais uma vez, de forma não expressa, Anna parece figurar nos textos do pai, visto que o tema era extremamente familiar ao caso dela. Ao longo do mesmo texto, Freud (1924a/2006) ainda descreve os dois outros tipos de masoquismo, o erógeno e o moral, além de começar a introduzir, de forma mais sistematizada, suas ideias acerca do complexo de Édipo e sua importância para a sexualidade.

No mesmo ano, figura *A dissolução do complexo de Édipo*, obra na qual Freud pauta, ainda que de uma forma bem geral, o desenvolvimento da trama edipiana. Porém, no menino. A menina continua atrás das cortinas, atuando apenas enquanto o inverso do menino, como aquela não possui o falo. Apesar de casos femininos sempre se fazerem presentes em sua obra, Freud (1924b/2006) ainda se considerava um inexperiente ao

tentar descrever a história edípica da menina. Para falar delas, utiliza palavras como “incompreensível” (p. 197), e assume ter uma compreensão desse processo classificada enquanto “insatisfatória, incompleta e vaga” (p. 199). Entretanto, destaca pontos já antes conhecidos acerca do desenvolvimento da sexualidade da mulher: a inferioridade perante os meninos, o complexo de masculinidade, a castração como fato consumado, a simplicidade do Édipo da menina, entre outros. Como se observa, o complexo de Édipo, nos dois casos, é somente descrito, até então, enquanto desenvolvimento sexual “normal”, ou seja, todo o seu percurso leva a um fim heterossexual. Seja a identificação com o pai e a mãe enquanto objeto de desejo nos meninos, seja a renúncia ao pênis somente superada pelo ganho de um filho nas meninas, os dois sexos aparecem dentro de uma “normalidade heterossexual”. Essa primeira comunicação sistematizada do complexo de Édipo muito difere de outras pontuações posteriores de Freud, como, por exemplo, no próximo texto a ser analisado por esse estudo, pela importância que tem para a segunda análise de Anna: *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2006).

A volta à análise de Anna, ao mesmo que servia às suas escapadas fantasiosas e à masturbação posterior, parecia não estar caminhando totalmente como ela previa. Mesmo que esse segundo período tenha terminado apenas em 1925, ela não parecia estar satisfeita, como explicita Young-Bruehl (1992):

Nesse trabalho analítico renovado, depois de uma pausa de dois anos [com Freud, no caso], ela trabalhou “muito séria e integralmente, dando grandes passos à frente e com menos resistências do que em anos anteriores”⁴⁹. Por ser ela própria uma analista praticante, tinha muito mais consciência da complexidade de sua situação analítica. Ela reconheceu a “ausência da terceira pessoa, aquela para quem progride a transferência e com a qual o paciente reproduz e termina os conflitos”⁵⁰. Anna Freud e seu pai trabalhavam duro, mas o analista que se supunha ser uma terceira pessoa, “uma tela virgem”⁵¹, nesse caso estava faltando. Além disso, ela

⁴⁹ Carta de Anna a Lou de 1 de junho de 1924

⁵⁰ Carta de Anna a Lou de 15 de maio de 1924.

⁵¹ Carta de Anna a Lou de 15 de maio de 1924.

compreendeu claramente que o que chamava de sua “intimidade extra-analítica”⁵² com o pai produzia “dificuldades e tentações de falsidade”⁵³ na análise (pp.98-99).

Nesse sentido, Anna parece ter finalmente descoberto (ou assumido) que talvez Freud não fosse a melhor opção para ser seu analista. Mas por que será que só agora ela teria tido vontade de compartilhar essa insatisfação em relação à análise com alguém? Seria somente pelo motivo de ela ter, de fato, se tornado uma analista e ter nesse período mais conhecimento sobre a técnica? Talvez. Entretanto, é curioso que a insatisfação com a relação analítica com o pai tenha se dado justamente no período em que conheceu sua primeira grande amizade feminina, Eva Rosenfeld⁵⁴. Eva representou para Anna a primeira libertação afetiva que ela teve, simbolizada em uma amizade onde ela ocupava lugares e funções diferentes das quais vivenciava com o pai. Talvez a insatisfação de Anna em sua análise tenha se dado pelo fato de existirem questões as quais não era conveniente se tocar com o próprio pai. Anna precisava de um outro ouvido, mais neutro, e foi assim que sua correspondência com o amigo Max Eitingon ganhou força e valor.

O ano de 1925 marca o fim da análise de Anna, agora sem mais retornos. Novamente, quase não há correspondências entre pai e filha. Entretanto, Freud parece ter utilizado uma outra via para falar do que pensou sobre essa última análise dela. Segundo Young-Bruehl (1992):

Nenhuma das correspondências [já liberadas⁵⁵] de Freud forneceu prova direta que apoie a ideia de que seu texto de 1925 representa para a segunda análise da filha o que *Uma criança é espancada* representou para a primeira – isto é, um relatório parcial, em moldura mais ampla -, mas é muito impressionante a prova que o próprio texto proporciona. Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud examinou as diferenças no desenvolvimento entre meninos e meninas que ele sugerira antes em *Uma criança é espancada*. Mas deu ênfase ao fato

⁵² Carta de Anna a Lou de 15 de maio de 1924.

⁵³ Carta de Anna a Lou de 15 de maio de 1924.

⁵⁴ No capítulo 1 desse estudo há mais detalhes acerca dessa relação.

⁵⁵ Pois há a correspondência ainda não liberada com Edoardo Weiss, citada no início deste capítulo.

que o “complexo de masculinidade”, ou inveja do pênis, de uma jovem perturba suas relações com a mãe e, indiretamente, com as irmãs. Mesmo depois que a inveja do pênis abandona seu verdadeiro objeto, ela continua existindo: mediante uma fácil deslocação, ela persiste no traço que caracteriza o ciúme. Freud observa que esse desenvolvimento não lhe era aparente quando escreveu *Uma criança é espancada*. Ele não percebera então que uma menina responsabiliza a mãe por que lhe falta um pênis, que pode sentir ciúme “de outra criança porque a mãe dela gosta mais da outra do que dela” (e essa criança pode ser transformada num dos meninos anônimos que apanham em suas fantasias de espancamento e que a própria mãe pode ser um objeto de ciúme quando a menina começa a esperar ter um filho – um “filho do pênis” – com o pai) (pp. 100-101).

Logo, esse texto de 1925 representa um marco à segunda análise de Anna Freud. Ao passo que sua situação analítica fora descrita por Freud em 1919 e por ela mesma em 1922, esse escrito de Freud é o que se pode chegar com maior proximidade à Anna paciente da segunda análise. Nesse texto, Freud começa a acender a luz na obscuridade em que repousava a sexualidade da mulher, colocando a menina enquanto um sujeito que possui um desenvolvimento edipiano, inclusive com uma pré-história edipiana. Ao constatar que a força primitiva do amor pela mãe nunca é toda transferida ao pai e a ideia de que a castração produziria fascínio e inveja na menina pelo pênis, ele inscreve a sexualidade da mulher no mapa psicanalítico. Além disso, não deixa de destacar quais consequências teriam a inveja fálica: os ciúmes (que no inconsciente da mulher sempre seriam do portador do falo), a hostilidade em relação à mãe, até então aparentemente amada, o abandono da masturbação clitoriana por decepção (pois descobre que o clitóris não se transformará em um pênis) e o complexo de masculinidade, como tentativa de negar a inferioridade percebida. Sobre o complexo de masculinidade, Freud (1925/2006) escreve:

Ela abandona o seu desejo de um pênis e o substitui pelo desejo de um filho; e, com esse desejo em vista, ela começa a amar o pai. Passa a ter ciúme da mãe. Essa menina tornou-se uma mulherzinha. Se devo dar crédito a uma só experiência analítica, essa nova situação pode fazer surgir sensações físicas que deveriam ser encaradas como um despertar prematuro do aparelho genital feminino. Quando o apego que a menina tem pelo pai começa mais tarde a doer, tendo de ser abandonado, pode dar lugar a uma identificação com ele, podendo a menina,

assim, voltar a seu complexo de masculinidade e talvez nele se fixar (pp. 284-285).

O complexo de masculinidade, já descrito por Freud em *Uma criança é espancada* (1919/2006) como parte de um desenvolvimento “normal” da sexualidade da mulher, é aqui colocado sob nova perspectiva. Enquanto que o esperado seja o desenvolvimento heterossexual normal da menina, com o ganho do substituto do falo (o filho), Freud inova ao abrir a discussão acerca da possibilidade da identificação com o pai perdurar além do tempo “normal”. Nessa nova perspectiva, a menina teria um desenvolvimento sexual pautado em um outro caminho que não o heterossexual, ao voltar e se fixar a seu complexo de masculinidade. A Anna paciente é várias vezes lembrada aqui: os ciúmes que sentia dos irmãos e do pai, pois o pai os amava, sua identificação com o pai e nunca com a mãe, a masturbação e as fantasias. Como destaca Young-Bruehl (1992):

A hipótese de Freud de que uma menina ciumenta se abrigará numa identificação com o pai exprime, de uma outra forma, a conclusão de *Uma criança é espancada*, em que Freud observara que a mulher assume um papel masculino em suas fantasias, relacionando-se dessa forma com o pai, prosseguindo nesse papel como uma asceta ou uma espectadora de cenas quase sexuais. A ênfase que confere ao ciúme como uma consequência do complexo de masculinidade reformula o problema com que Anna Freud deixou o seu assunto no fim de *A relação entre fantasias de espancamento e devaneios*. A menina que, mediante a sublimação, tornou-se uma escritora, era uma pessoa que necessitava de elogios como prêmio por ter renunciado à masturbação que começara em sua transição de desejar um pênis para desejar um filho. Mas a atividade social de escrever e o prazer social de ser louvada são de difícil dissociação das rivalidades originais maternas e com os irmãos. Como é notório que o elogio não aparece espontaneamente, quando se o deseja, precisar dele induz a revivescência de velhas competições (p. 101).

Entretanto, como é de praxe na obra de Young-Bruehl (1992), a autora deixa Anna em uma situação inocente, como a menina que precisava de elogios e da libertação da masturbação para se inserir em um desenvolvimento sexual “normal”. O que se realmente observa, inclusive no texto de Anna Freud de 1922 e nos motivos expostos por ela mesma para a volta de sua análise com o pai, é que o trabalho de sublimação não foi tão eficaz ao ponto de dar fim às tentações de Anna. Ela continuou sendo

assombrada pelas “fantasias ruins”, pelos pensamentos que a levavam a fantasiar o espancamento. Dizer que Anna Freud conseguiu deixar de desejar um pênis para desejar um filho não é algo que se observa nem em seus momentos de análise, nem em sua vida posterior. É claro que houve tentativas, inclusive a maioria delas no intuito de agradar o pai – que deixou bem claro, por escrito, em sua obra, que havia uma tendência na psicanálise em considerar o desenvolvimento sexual heterossexual, incluindo o ganho de um filho, como o “normal” e, principalmente, como o mais esperado.

No fim da análise com seu pai, Anna passa a endereçar cartas ao amigo Max Eitingon, inclusive com detalhes sobre o seu mais novo relacionamento: Dorothy Burlingham. A verdade é que o relacionamento dessas duas mulheres era de uma proporção tão grande e intensa que os ouvidos de papai Freud já não eram os mais adequados. Ela precisava, agora mais do que nunca, da “terceira pessoa”, aquela com quem pudesse estabelecer um real vínculo de transferência analítica.

Ao se colocar em discussão a análise de Anna Freud nessa parte do estudo, se tinha como objetivo elucidar a relação de Freud com a sexualidade da mulher no âmbito clínico. Anna fora escolhida por se tratar de uma paciente “original”, sem história analítica formalmente escrita. Entretanto, há de se pensar: será que Freud realmente não escreveu o caso da filha? Se as hipóteses de que ela figura ferozmente em algumas de suas obras está correta, Freud, de uma forma conservadora, tentou sim delinear o percurso analítico de Anna e algumas das implicações desse processo. Curioso também é o fato de Anna nunca ter mencionado à Freud que fazia análise com Lou Andreas-Salomé, fato esse que ela inclusive negou em anos posteriores. Seria essa análise, entre Anna e Lou, um arranjo de Freud? Lou não fora escolhida à toa. Ela era o maior exemplo, naquela época, de alguém que combinava perfeitamente a inteligência e a feminilidade. Era tudo o que Freud queria para filha: ao mesmo tempo que sua

sexualidade adormecida precisava acordar, ela deveria se manter inteligente e culta. Mas quem disse que essa feminilidade não acordou? Pensando na amplitude da sexualidade da mulher, inclusive exaltada pela própria psicanálise, pode-se concluir que Anna teve seus meios de vivenciar seu desenvolvimento sexual na vida adulta. Todas as relações que manteve com suas amigas mais íntimas, com seus sobrinhos órfãos e com seu pai são exemplos de que ela podia vivenciar funções as mais diferentes possíveis, todas inseridas nos caminhos que sua sexualidade permitia.

Obviamente, não se pode tirar conclusões gerais sobre o pensamento de Freud acerca da sexualidade da mulher, no âmbito clínico, apenas tomando por base a análise de Anna. Por ser sua filha, com certeza algumas restrições aconteceram. Entretanto, a análise de Anna tem pontos em comum com outras análises conduzidas por Freud, em que havia uma paciente mulher: a abordagem acerca das fantasias, as fantasias de espancamento, o complexo de Édipo, a relação parental, o desenvolvimento sexual infantil, a interpretação dos sonhos e, principalmente, a espera da saída do complexo de castração mais adequada: o desenvolvimento heterossexual “normal”. No caso de Anna, em específico, o que parece ter acontecido independentemente da vontade de Freud é uma identificação parental (com o pai, no caso) que pode ter sido a saída para a frustração do amor edipiano. Com uma figura feminina com a qual ela não se identificava – pois não a admirava, entre outras coisas -, Anna se volta para o pai na tentativa de se desenvolver sexualmente, mesmo sendo barrada pelo próprio em vários momentos. Freud representava tudo o que ela sempre quis ser – e talvez não o que gostaria de ter. Deve ter sido muito difícil ser filha de Freud.

Após a abordagem do pensamento de Freud acerca da sexualidade da mulher em suas relações pessoais (capítulo 1) e no âmbito clínico (capítulo 2), parte-se agora para a discussão de seu pensamento no âmbito teórico. No próximo capítulo, serão abordados

textos de Freud⁵⁶ que constroem o caminho de pensamento teórico acerca da sexualidade da mulher.

⁵⁶ Inclusive alguns já discutidos em capítulos anteriores.

CAPÍTULO 3

FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER NA TEORIA PSICANALÍTICA: A MULHER FREUDIANA E SEUS DESTINOS POSSÍVEIS

Após a discussão em torno de como Freud lidou com a sexualidade da mulher no âmbito clínico, tomando como exemplo o caso de sua paciente e filha Anna Freud, faz-se necessária a abordagem do pensamento teórico de Freud acerca dessa sexualidade. O objetivo desse capítulo do estudo é demonstrar de que forma Freud construiu as diretrizes da teoria sobre a sexualidade da mulher, mostrando seu desenvolvimento teórico ao longo de sua obra para, daí, trazer a sexualidade da mulher freudiana para a atualidade, dentro das condições possíveis disso se dar⁵⁷. Seguindo uma ordem cronológica, começa-se com os *Estudos sobre a histeria* (1895/2006), para demonstrar o início da sistematização de seu pensamento sobre a sexualidade das mulheres. Daí segue-se com pontuações acerca do caso Dora (1905[1901]/2006) como uma forma de se pensar a aplicação da teoria freudiana na prática clínica. Após esse primeiro momento, alguns textos sobre a teoria, com a finalidade de mostrar a evolução do pensamento freudiano, serão discutidos. Eles fazem parte de um grupo de escritos de Freud que versam sobre a fantasia. São eles: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006), *O esclarecimento sexual das crianças* (1907/2006), *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (1908a/2006), *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908c/2006) e *Algumas observações gerais sobre ataques histéricos* (1909 [1908]/2006).

⁵⁷ Este último ponto será abordado no capítulo 4 deste estudo.

Alguns textos já abordados em capítulos anteriores desse estudo voltarão à discussão com a finalidade de apresentarem não só subsídios referentes ao pensamento de Freud acerca da sexualidade da mulher no âmbito clínico, mas também em seu âmbito teórico. Muitos deles foram abordados no capítulo 2, com o propósito de fazer referência à Anna Freud e à sua sexualidade em particular. São eles: *Uma criança é espancada* (1919/2006), *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920b/2006), *A organização genital infantil* (1923/2006), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924b/2006) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2006).

Continuando com o desenvolvimento teórico freudiano, segue-se com *Sexualidade Feminina* (1931/2006) e, por fim, *Feminilidade* (1933[1932]/2006). Todos os textos seguirão ordem cronológica e contarão com interlocuções de outros autores que debatem a obra de Freud.

Além de esse capítulo possuir o objetivo de apresentar os passos freudianos na teorização da sexualidade da mulher, entende-se que se faz necessária a discussão em torno de algumas precariedades que essa teoria apresenta. Serão discutidos pontos como o privilégio dado ao destino heterossexual da mulher, considerado como o esperado e o “normal” frente às outras possibilidades, o funcionamento psíquico tendo como caractere fundamental não só o “sexual” como também a “sexuação” e a insistência de Freud em considerar a sexualidade feminina das mulheres como algo desconhecido, indizível, como o lado obscuro da psicanálise.

3.1 O PENSAMENTO FREUDIANO ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER: QUEM É A MULHER FREUDIANA?

3.1.1 A HISTÉRICA SEDUZIDA

Em busca da resposta à pergunta anunciada acima, há várias possibilidades de descrição dessa mulher. Utilizando uma ordem cronológica, pode-se pensar que a primeira denominação da mulher freudiana é a da histérica seduzida. A histeria pode ser considerada como uma das primeiras possibilidades de expressão e existência da mulher. Nos anos 1890, a sintomatologia da conversão, apresentada pelas moças histéricas, ganhou muita atenção por parte de Freud, já que ele achava que aquele quadro não poderia ser atribuído à biologia ou à anatomia, como uma gama de médicos pensava, muito menos era algo explicado pelo misticismo ou pela bruxaria. Segundo Kehl (2008), a histeria é produto da crise da feminilidade do século XIX e se tornou, naquela época, o “modo dominante de expressão do sofrimento psíquico” (p. 182). Logo, sob esse ponto de vista, pode-se pensar na sintomatologia histérica como algo de extrema importância àquelas mulheres, visto que não deixava de ser o modo pela qual elas se expressavam. A histeria foi – e ainda é –, então, uma expressão possível das mulheres⁵⁸ e de sua sexualidade.

As histéricas inauguraram a psicanálise e, nesse sentido, o desvendamento de sua sintomatologia – e da causa desses sintomas – foi o grande trunfo de Freud. Entretanto, elas também construíram o início das considerações acerca da sexualidade da mulher ser um mistério ou algo que a psicanálise ainda não poderia abarcar completamente. Ao

⁵⁸ É sabido que a histeria não é de exclusividade das mulheres, mas, neste caso, a frase serve apenas para enfatizar esta forma de expressão nas mulheres.

passo em que empreenderam a psicanálise e a inauguraram, também demonstraram suas falhas e lacunas teóricas. Segundo Birman (2001):

[...] a psicanálise se constituiu como um saber fundado na sexualidade, tendo na histeria seu ponto de inauguração e de incansável indagação. O discurso freudiano foi uma investigação interminável da histeria e da feminilidade, sendo estas as suas condições concretas de possibilidade. Foi desse solo que uma nova leitura do feminino se realizou (p. 80).

Sendo assim, além de inaugurar a própria psicanálise como trabalho de tratamento, a histeria inaugura uma nova leitura do feminino, se colocando como uma possibilidade da qual as mulheres usufruíram para se expressar, mesmo que não tivessem consciência disso antes de serem analisadas. Mais, ainda: a histeria e a feminilidade seriam as condições concretas para a existência do discurso freudiano, para a existência da psicanálise. Na escrita da clínica da histeria, Freud pôde pensar em diversos outros pontos chave de sua teoria, como exemplifica S. André (1987/2011):

A histeria nos coloca, assim, a questão de saber como a sexualização atinge o corpo, como no ser humano, se opera a mutação que privilegia o fato de se ter um corpo mais do que ser um organismo. Por que viés chega a se colocar uma fronteira entre o sexual e o não sexual? Que relações podem se estabelecer entre essas duas vertentes do corpóreo? Para resolver esses problemas, é necessária uma teoria do recalque. E a clínica da histeria se mostra aí essencial, na medida em que ilustra os fracassos do recalque (pp. 116-117).

E não só a teoria do recalque figuraria entre os “achados” da clínica da histeria. Outros pontos basilares da psicanálise também tiveram a participação da histérica para o insight de Freud, como a associação livre e a transferência⁵⁹. A histérica, sem saber, ensinava à Freud tudo o que ele precisava saber para, mais tarde, teorizar a histeria de forma bem diferente da que ele idealizou pela primeira vez de forma sistemática. Essa teorização se deu nos *Estudos sobre a histeria* (1895/2006), quando Freud ainda acreditava somente

⁵⁹ Vide Emmy von N. e Dora, respectivamente.

na teoria da sedução⁶⁰ e atribuía a descoberta do trabalho de psicanalisar a seu amigo Breuer. Mas afinal, quem eram essas histéricas e qual a importância delas para a construção do pensamento freudiano acerca da sexualidade da mulher?

As histéricas eram aquelas que haviam sido seduzidas e que precisavam lembrar, precisavam de suas lembranças mais antigas para poderem acabar com seus sintomas e dar sentido à sua doença. O método da recordação, a lembrança do fato ou cena sexual primordial era o grande trunfo de Freud na época, era aquilo que a histérica deveria lembrar-se para que o trabalho dele pudesse ser feito, obtendo resultados satisfatórios. É nesta época que se encontra um Freud totalmente imerso na chamada teoria da sedução. A histérica, então, era uma jovem mulher que havia sido seduzida na infância – e este aspecto implica um outro personagem principal, o sedutor – e este fato fora recalcado, ou seja, “jogado” para fora da consciência. Na idade adulta, surgiriam sintomas desenhados nas mais variadas formas que a conversão possibilitava. Eles remontariam à cena primordial e ganhariam sentido com o caminho traçado entre eles e a lembrança (acompanhada de afeto) desta cena. Quando a lembrança ocorria no tratamento, os sintomas desapareciam por completo e a histérica era “curada” – ou pelo menos era isso que Freud esperava dessas moças.

O pensamento do Freud dos *Estudos sobre a histeria* (1895/2006), acerca da sexualidade da mulher, se caracteriza pelo método hipnótico-catártico, por se utilizar da lembrança como possibilidade para o tratamento e por estar crente, neste momento, da veracidade de sua teoria da sedução. Logo, essas mulheres eram constituídas de uma sexualidade marcada por uma ingenuidade que as colocava diante de um sedutor, diante de um outro sujeito ativo que, de certa forma, as deflorava. Ele sempre acreditou que estas cenas traumáticas continham conteúdo sexual e que eram recalçadas por conta da

⁶⁰ Apesar da fantasia presente na fala das histéricas já ter chamado sua atenção, como mostra sua correspondência, desse período, com Wilhem Fliess.

idade precoce em que aconteciam. Entretanto, a descoberta da etiologia sexual das neuroses, neste momento, ainda não fornecia dados suficientes para uma sistematização de uma teoria sobre a sexualidade. O rompimento com Breuer fez com que Freud pudesse, cada vez mais, se debruçar na questão do conteúdo sexual envolto nas neuroses e chegar à conclusão de que o segredo do neurótico era, exatamente, um conflito sexual.

Segundo Gay (1989/2007):

Os histéricos tratados por Freud, nessa época heroica, apresentavam um assombroso conjunto de sintomas de conversão, desde dores nas pernas a sensações friorentas, estados depressivos e alucinações intermitentes. Freud ainda não estava preparado para eliminar o elemento da hereditariedade, a herança “neuropática” de suas diagnoses. Mas agora ele preferia procurar experiências traumáticas iniciais, como pistas para as fontes ocultas das estranhas deficiências dos pacientes. Ele vinha se convencendo de que os segredos dos neuróticos eram aquilo que Breuer chamava de *secrets d'alcôve*, conflitos sexuais ocultos aos próprios atingidos. Era, pelo menos, o que ele julgava que estavam lhe contando, ainda que, muitas vezes, das maneiras mais indiretas (p. 80).

As clássicas histéricas dos *Estudos sobre a histeria* (1895/2006) garantiram a formação de, até mesmo, um certo clima de romance que envolve a história das origens da psicanálise. Os casos clínicos são relatados por Freud e Breuer como contos que envolvem o leitor e constroem ares de literatura romanceada, a partir dos caminhos que são percorridos nas histórias. Anna O., Emmy von N., Miss Lucy, Katharina, Elisabeth Von R.: todas elas – e muitas outras – atuam até mesmo de forma literária no imaginário acerca das origens da psicanálise, estão envoltas em tramas de sedução e apresentam um amplo e característico quadro sintomático. Freud, sem sombra de dúvida, deve boa parte de suas descobertas e teorizações a estas e outras moças histéricas, que se submeteram ao trabalho de tratamento que ele propôs naquela época. Os próprios pacientes de Freud lhe davam acesso ao conhecimento sobre aquilo que ele estava investigando. As histéricas clássicas deram sentido ao movimento de recordar como objetivo para o tratamento se dar e remanejaram as ideias freudianas

acerca dele:

Ouvir, para Freud, tornou-se mais do que uma arte; [...] Um dos guias a quem Freud sempre foi grato era Emmy von N. [...] Ao longo do tratamento, ela apresentou lembranças traumáticas altamente interessantes para Freud. [...] Mas, ainda melhor, ela proporcionou uma veemente lição p rática a seu médico. Quando Freud a interrogava com insistência, ela se aborrecia, “muito rispidamente”, e pedia que ele parasse de “lhe perguntar de onde veio isso ou aquilo, mas que a deixasse me contar o que ela tinha a dizer”. [...] Ao lhe permitir ver que a hipnose é de fato “inútil e sem sentido”, Emmy Von N. ajudou Freud a se libertar de Breuer. [...] Ao abandonar gradualmente a hipnose, Freud não estava simplesmente fazendo da necessidade virtude; essa mudança, pelo contrário, levou à importantíssima adoção de um novo o modo de tratamento. Formava-se a técnica da associação livre (Gay, 1989/2007, pp. 80-81).

Nesse sentido, o que se quer dizer quando se reafirma a importância que as histéricas seduzidas tiveram na composição original da metapsicologia é que elas ajudaram a construir elementos teóricos que serviram de componentes fundamentais da nova “ciência”; mais que tudo, elas ajudaram Freud a reconhecer que a hipnose não era satisfatória porque não as permitia falar sobre aquilo que quisessem, sem maiores direcionamentos; elas provaram a Freud que ele, de alguma maneira, estava certo – ao menos por ora – ao se remeter às lembranças na construção do sentido da doença, na desconstrução do sintoma histérico e que este processo não estava necessariamente atrelado à técnica da hipnose. Mesmo assim, Freud parece ter sentido falta de abordar, mais profundamente, o papel do conteúdo sexual na neurose. Assinala, no *Estudo autobiográfico* (1925b[1924]/2006), que, nos casos clínicos com os quais contribuiu nos *Estudos sobre a histeria*, “os papéis sexuais desempenhavam certa função, mas quase não se prestou mais atenção a eles do que a outras excitações emocionais” (p. 29). Até 1897, Freud conduzirá seu trabalho com base na crença na teoria da sedução, tomando a recordação como sustentação do trabalho. A recordação só esbarrará em seus limites quando a teoria da sedução sofrer suas críticas, dando possibilidade a Freud de teorizar e discorrer acerca da teoria da fantasia.

A obra *Os estudos sobre a histeria* (1895/2006) não se revela como inaugural na história da psicanálise, mas diz de um período que está entre o pré-psicanalítico e a psicanálise propriamente dita. O próprio Freud não deixou de assinalar, futuramente, o quanto esta obra demonstra a falta de atenção à questão sexual, ponto no qual Freud se debruça, cada vez com mais afinco, nos anos seguintes. Os *Estudos sobre a histeria* (1895/2006) mostram uma tentativa de tratamento para a histeria, de trabalho de tratamento em volta do sintoma histérico e a construção de uma via que ligue este sintoma à cena traumática, desenhada à luz da teoria da sedução. Voltando à questão da sexualidade da mulher enquanto eixo principal, os *Estudos sobre a histeria* (1895/2006) mostram, principalmente, o método da recordação como possibilidade para o tratamento, como meio de acesso ao caminho para o conteúdo inconsciente, para o recalado. Se as histéricas inauguram a psicanálise e dão início a toda sua elaboração posterior, elas também inauguram os estudos acerca da sexualidade da mulher na psicanálise. Elas designam-se enquanto a origem do pensamento freudiano acerca das mulheres, colocado de forma sistematizada, mesmo que a insistência no desconhecimento sexual delas, nesse momento, seja visível por parte de Freud. Nas palavras de Gay (1989/2007), “em 1895, nos *Estudos sobre a histeria*, Freud avançava para algumas generalizações de grande alcance. Acumulando e ordenando as peças do grande quebra-cabeça que é a mente humana, ele estava desenvolvendo as ideias psicanalíticas, e também seu respectivo vocabulário, que se tornariam canônicas no final do século” (p.83). No *Estudo autobiográfico*, Freud (1925b[1924]/2006) fala da representação dos *Estudos sobre a histeria* (1895/2006) para a psicanálise:

Essa teoria foi de qualquer maneira despreziosa e quase não ultrapassou a descrição direta das observações. Não procurou estabelecer a natureza da histeria, mas apenas lançar luz sobre a origem de seus sintomas. Assim, dava-se ênfase à significação da vida das emoções e à importância de estabelecer distinção entre os atos mentais conscientes e inconscientes (ou, antes, capazes de ser conscientes); introduziu um fator dinâmico, supondo que um sintoma surge

através do represamento de um afeto, e um fator econômico, considerando aquele mesmo sintoma como produto da transformação de uma quantidade de energia que de outra maneira teria sido empregada de outra forma (esse segundo processo foi descrito como conversão). [...] Teria sido difícil adivinhar pelos *Estudos sobre a Histeria* a importância que tem a sexualidade na etiologia das neuroses (p. 28-29).

Teria sido difícil mesmo. Como se poderia imaginar que uma histérica teria algum tipo de conhecimento sexual ou que sua condição sintomatológica tivesse uma etiologia sexual se ela era, aos olhos de Freud, uma vítima de sedução? Era como se a sexualidade dessas mulheres estivesse comprometida por conta de uma situação onde foram vítimas e elas só poderiam se curar disso se recordassem o que havia acontecido com elas, se lembrassem da cena de sedução. A histérica seduzida mostra o interesse de Freud na sexualidade da mulher, mas não abarca, nem de longe, a complexidade dessa sexualidade. Essa primeira mulher freudiana ensina à psicanálise e ao próprio Freud que a sexualidade da mulher é constituída de forma complexa; que as lembranças não devem ser ignoradas, mas não devem possuir crédito total; que a fala consciente sobre o desconhecimento da sexualidade em geral – e de sua própria – pode ser sintomática; que a sintomatologia da histeria era uma forma de expressão, de comunicação; e, principalmente, que o elemento “fantasia”, presente no discurso delas e já observado desde essa época por Freud, tinha mais importância do que ele imaginava.

Para a histérica seduzida, a recordação apresenta-se como possibilidade no trabalho freudiano porque permite o acesso ao conteúdo traumático: a lembrança configurou-se como o caminho que ligava o sintoma – principalmente, o conversivo – ao trauma sexual. O trabalho de Freud consistia em percorrer esse caminho, em traçar a ligação entre o sintoma e a cena traumática e, para isso, utilizava-se da lembrança que vinha a tona durante o tratamento. Este método verifica-se como eficaz enquanto a teoria da sedução estava em vigor. Enquanto Freud acreditou que um sedutor havia seduzido uma paciente durante uma fase bem primordial – ou seja, durante a infância -, que havia

existido uma cena de sedução real e constatada, a recordação desenhou-se como possibilidade, no sentido que construía o caminho entre o sintoma e a cena. Entretanto, como se pode observar, Freud, durante (principalmente) o ano de 1897, passa a concentrar-se em sua concepção de fantasia. A fantasia era, portanto, algo que permeava a cena real – que, por todo o tempo de crença de Freud na sedução, nunca deixou de ter acontecido, nunca deixou de ter se dado como realidade. Freud elucidava a existência de elementos de fantasia no modo de contar o que lembravam da cena traumática de sedução. Entretanto, no ano de 1897, quando começa a se debruçar sobre este conceito, ele passa a fazer descobertas durante os tratamentos e considerações acerca delas que influenciam diretamente no que acreditava até então. Sobre esses desenvolvimentos em torno do conceito, serão utilizados, primeiramente, aqui, trechos de cartas de Freud a Fliess, escritos no decorrer do ano de 1897. Este percurso começa em uma carta de 17 de janeiro de 1897, quando Freud compara os ataques e as confissões histéricas à teoria medieval da possessão, como sendo algo comparável a uma pré-história da histeria:

Porque é que as confissões delas [das “pobrezinhas” possuídas da época medieval], mediante tortura, são tão semelhantes às comunicações feitas por meus pacientes em tratamento psíquico? [...] Os alfinetes que aparecem das maneiras mais estranhas; as agulhas que fazem com que as pobrezinhas tenham seus seios mutilados e que não são visíveis nas radiografias, embora apareçam, sem dúvida, em suas histórias de sedução! [...] Mais uma vez, os inquisidores espetam agulhas para descobrir os estigmas do demônio e, numa situação similar, as vítimas pensam na mesma velha história de crueldade sob a forma de ficção (ajudadas, talvez, pelos disfarces dos sedutores). Assim, não somente as vítimas, mas também os algozes relembram nisso sua mais tenra meninice (In Masson, org., 1986, pp. 225-226).

Neste trecho, observa-se que Freud, mesmo sem usar exatamente a palavra “fantasia”, se refere a ficções que surgem durante os relatos que escutava na clínica de seus pacientes, relatos estes que se assemelhavam a histórias que dizem respeito às pobres moças possuídas na época medieval. Aqui, se trata de fantasia, de uma certa elaboração freudiana acerca da presença dela no relato de seus pacientes, ou seja, no tratamento

psíquico. Porém, esta presença, neste momento, ainda se constituía ao lado da cena real de sedução. Sobre a existência da sedução real e da fantasia, Freud assinala a Fliess, em carta de 2 de maio de 1897:

Em primeiro lugar, adquiri uma noção segura da estrutura da histeria. Tudo remonta à reprodução de cenas (do passado). A algumas, se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamento deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal. Sua origem accidental talvez provenha de fantasias de masturbação. Um segundo elemento importante na compreensão me diz que as estruturas psíquicas que, na histeria, são afetadas pelo recalçamento, não são, na verdade, lembranças, já que ninguém se entrega à atividade mnêmica sem um motivo, e sim a impulsos decorrentes de cenas originárias. Apercebo-me agora de que todas as três neuroses (histeria, neurose obsessiva e paranóia) exibem os mesmos elementos (ao lado da mesma etiologia), quais sejam, fragmentos de memória, impulsos (derivados das lembranças) e ficções protetoras (In Masson, org., 1986, p. 240).

A partir deste trecho, pode-se notar que Freud trabalha, nesta ocasião, com as duas noções: existe sim uma reprodução de cenas do passado, ou seja, uma cena real e traumática realmente aconteceu, contando com um sedutor e um seduzido; entretanto, deve-se considerar a fantasia que, aqui, se ergue como proteção em relação ao conteúdo da cena traumática. O seduzido, então, arma-se de fantasias que embelezam a cena e o aliviam. Em 25 de maio de 1897, Freud escreve uma carta a Fliess e anexa o “Rascunho M.”, denominado “A Arquitetura da Histeria”. Neste rascunho, Freud nos fala da teoria da sedução e do processo de recalçamento, mas não deixa de tratar a respeito das fantasias:

As fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas. As fantasias são formadas por amalgamação e distorção, de modo análogo à decomposição de um composto químico que esteja combinado com outro. [...] Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento liberado se liga a alguma outra coisa” (In Masson, org., 1986, p. 248).

Observa-se aqui que já há uma construção teórica mais definida e consistente acerca do conceito de fantasia e um maior conhecimento no que diz respeito a seu papel na etiologia das neuroses. Entretanto, Freud não deixa, neste período, de levantar suas dúvidas acerca do papel da fantasia. No “Rascunho N.”, anexo à carta de 31 de maio de 1897, diz, ao relacionar impulsos e fantasias, que “as lembranças parecem bifurcar-se: parte delas é posta de lado e substituída por fantasias; outra parte, mais acessível, parece levar diretamente aos impulsos”. Logo depois, se pergunta: “Seria possível que mais tarde os impulsos também derivassem das fantasias?” Freud levanta a questão, portanto, de uma possibilidade, na etiologia das neuroses, de uma certa falsificação das lembranças, processo este que aconteceria sob a ordem inconsciente, o que permite Freud tirar outras conclusões complementares às anteriores apresentadas:

Assim, vejo que a defesa contra as lembranças não impede que elas dêem origem a estruturas psíquicas superiores, que persistem por algum tempo e depois são igualmente submetidas à defesa. Esta, porém, é de um tipo altamente específico – precisamente como nos sonhos, que contém em resumo toda a psicologia das neuroses em geral. Aquilo com que somos confrontados são falsificações da memória e fantasias – estas últimas, referentes ao passado ou ao futuro. Conheço superficialmente as regras segundo as quais essas estruturas se agrupam e as razões por que são mais fortes do que as lembranças verdadeiras, e assim, aprendi coisas novas sobre as características dos processos Ics (Carta de Freud a Fliess de 7 de julho de 1897, In Masson, org., 1986, p. 256).

Todos estes trechos já citados elucidam a ideia que Freud estava construindo acerca da fantasia e de seu papel na etiologia das neuroses. Não se pode dizer que Freud simplesmente acordou um dia com a ideia de que essas mulheres mentiam a respeito de sua vida, das cenas que contavam e que isso fez com que Freud pensasse na possibilidade de enquadrar esses relatos nos termos de representações, de fantasias acerca de algo. O que acontece pode ser visto como um processo de construção da teoria, a partir de desconstruções consideradas no trabalho de tratamento. A teorização freudiana a respeito da fantasia é gradual, como se pode observar. Ele levanta hipóteses

e questionamentos a todo o momento, a partir de seus avanços na teoria das neuroses, da etiologia das neuroses. A bastante conhecida carta de 21 de setembro de 1897 elucida claramente a mudança de opinião freudiana frente o papel da fantasia na etiologia das neuroses e demarca a crítica da teoria da sedução frente à possibilidade de teorização da teoria da fantasia:

E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica (teoria das neuroses). [...] De modo que começarei historicamente a lhe dizer de onde vieram as razões da descrença. O desapontamento contínuo em minhas tentativas de levar minha análise a uma conclusão real [...]. Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu, tinha que ser acusado de pervertido [...]. Depois, em terceiro lugar, o conhecimento seguro de que não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto. (Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais). Quarto, a consideração de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, de modo que o segredo das experiências da infância não é revelado nem mesmo no mais confuso delírio (In Masson, org., 1986, pp. 265-266).

Aqui ficam claros os limites nos quais esbarra a ideia da histérica seduzida na teoria freudiana. A teoria das neuroses na qual Freud diz não mais acreditar esbarra no limite de não poder ser possível levar a análise a uma conclusão real, de não ser possível creditar toda sedução relatada a um personagem real, a um sedutor que, na cena contada, chega ao ato. Não é possível, aos olhos de Freud, que tantos pais sejam culpados – inclusive o seu. Não há, principalmente, nenhuma indicação de realidade no inconsciente, o que talvez se configure como o maior limite da imagem da mulher histérica seduzida. Nesse sentido, pode-se dizer que, não havendo indicações de realidade no inconsciente, pode ser que haja indicações de outra ordem, indicações da ordem da representação, o que indicaria um caminho entre a verdade e a ficção assinaladas por Freud. A ideia da mulher enquanto histérica seduzida esbarra no limite de não poder se sustentar no campo do inconsciente, onde a realidade psíquica se

sobrepõe à realidade material. Toda a mudança já observada em torno do conceito de fantasia – mais precisamente ao longo do ano de 1897 – desemboca no processo da crítica da teoria da sedução – e da histérica seduzida – para dar lugar a uma ideia de mulher mais ativa⁶¹ e fantasiosa. Mas quais foram as consequências do processo de crítica da crença freudiana na sedução, ou em sua histérica seduzida? Em um longo trecho no *Estudo autobiográfico*, Freud (1925b[1924]/2006) assinala sua crença na sedução como um “erro” que trouxe, como consequência, uma perda de confiança em sua técnica e em seus resultados:

Antes de avançar ainda mais na questão da sexualidade infantil, devo mencionar um erro no qual incidi por algum tempo e que bem poderia ter tido consequências fatais para todo o meu trabalho. Sob a influência do método técnico que empreguei naquela época, a maioria dos meus pacientes reproduzia de sua infância cenas nas quais eram sexualmente seduzidos por algum adulto. Com pacientes do sexo feminino, o papel do sedutor era quase sempre atribuído ao pai delas. Eu acreditava nessas histórias e, em consequência, supunha que havia descoberto as raízes da neurose subsequente nessas experiências de sedução sexual na infância. Minha confiança foi fortalecida por alguns casos nos quais as relações dessa natureza com um pai, tio ou irmão haviam continuado até uma idade em que se devia confiar na lembrança. [...] Quando, contudo, fui finalmente obrigado a reconhecer que essas cenas de sedução jamais tinham ocorrido e que eram apenas fantasias que minhas pacientes haviam inventado ou que eu próprio talvez houvesse forçado nelas, fiquei por algum tempo inteiramente perplexo. De igual modo, minha confiança em minha técnica e nos seus resultados sofreu um rude golpe; não se podia discutir que eu havia chegado a essas cenas por um método técnico que eu considerava correto, e seu tema estava indubitavelmente relacionado com os sintomas dos quais partira minha pesquisa. Quando me havia refeito, fui capaz de tirar as conclusões certas de minha descoberta: a saber, que os sintomas neuróticos não estavam diretamente relacionados com fatos reais, mas com fantasias impregnadas de desejos, e que, no tocante à neurose, a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material (pp. 39-40).

A partir deste relato de Freud, fica claro o estado no qual ele se encontrou após o abandono da sedução: um estado de perplexidade acerca de sua própria teoria, a respeito do que acreditava. Freud se encontra em meio à perda de referências na qual se posicionava. Na mesma conhecida carta de 21 de setembro de 1897, Freud não deixa de

⁶¹ No sentido de não ser acometida de uma sedução, mas sim de, muitas vezes, fantasiar sobre ela e também seduzir, inclusive àqueles de quem se considerava vítima.

anunciar que “não tenho a menor ideia de onde me situo, pois não tive êxito em alcançar uma compreensão teórica do recalçamento e de sua inter-relação de forças. Mais uma vez, parece discutível que somente as experiências posteriores deem ímpeto às fantasias, que, então, remontariam à infância, e com isso, o fator da predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojá-lo – em prol do esclarecimento da neurose” (In Masson, J. M., org., 1986, p. 266). Nesse sentido, o que se espera – e o que acontece – é uma espécie de “recolhimento” teórico de Freud, quando ele se volta para o estudo e investigação daquilo que sempre foi o ponto principal de todo o seu trabalho: a questão do inconsciente.

Com a crítica da teoria da sedução, a concepção de fantasia ocupa um novo lugar, ao passo que as ideias sobre a mulher também se reformulam. Entretanto, não se pode afirmar que Freud simplesmente abandona a lembrança. Na verdade, o que acontece é a construção de uma nova concepção, dentro do trabalho de tratamento, desta noção de recordação. Não se trata em não mais acreditar na realidade material das cenas de sedução. Muito mais do que isso, segundo Zavaroni, Viana & Celes (2007), Freud nos diz de uma crença na realidade psíquica, “atravessada pela fantasia e marcada pelo recalque” (p. 67). Logo, Freud não teria desacreditado piamente na realidade material das cenas de sedução infantil e nem em sua mulher histérica seduzida. O que ocorre é que “ele opera um reposicionamento e não exatamente uma redefinição em relação ao lugar da experiência vivida na constituição do trauma” (Zavaroni e cols., 2007, p. 67):

A virada que realiza, nesse momento, consiste na introdução da fantasia na constituição das cenas rememoradas, que irá imprimir às lembranças da infância a marca da singularidade de cada analisando. [...] Fatos e fantasias irão mesclar-se na construção das recordações e no engendramento do esquecimento, possibilitando a elaboração freudiana de que não há fato possível de ser reproduzido em sua integridade e não há fantasia que não possua uma conexão com a realidade (Zavaroni e cols., 2007, p. 67).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a introdução, dessa maneira, da concepção de

fantasia no trabalho freudiano, não opera em termos de substituição. O que ocorre, como já citado no trecho anterior, é um reposicionamento. A noção de recordação é reposicionada no tratamento, assim como a noção de fantasia. Logo, a crítica à histérica seduzida abre caminho ao aparecimento da histérica fantasiadora. Isso acontece porque Freud vai se questionar acerca da realidade material da experiência traumática e o sobre o quanto dessa experiência – real - determinaria a neurose. Quando a fantasia passa a ocupar um outro lugar teórico na compreensão do psiquismo e da doença neurótica, não há como atribuir um papel fundamental apenas à realidade material. A realidade psíquica passa a ser determinante. A realidade psíquica, então, passa a assumir um papel fundamental na determinação da doença neurótica, pois, sem desconsiderar a realidade material e nem a recordação que se tem dela, permite a vivência subjetiva, psíquica, permeada pela fantasia e pelo recalque. A partir de todos esses acontecimentos na teoria de Freud acima relatados, parte-se agora para a ideia de mulher – e de como se constitui sua sexualidade – a partir do viés da teoria da fantasia.

3.1.2 A HISTÉRICA SÁBIA E FANTASIADORA

Após a crítica da teoria da sedução e da histérica seduzida, apresenta-se agora uma outra mulher freudiana. Essa nova ideia da mulher e de sua sexualidade não substitui a histérica seduzida, mas a recoloca na construção do pensamento freudiano acerca da sexualidade da mulher. A histérica agora, além de ter o fantasiar enquanto atividade que a caracteriza, é também sábia quanto ao sexo. Quando se critica a teoria da sedução, é necessário também que se argumente sobre o que sabiam essas pacientes/moças/mulheres. Será que elas desconheciam tanto o sexo como Freud pensou? Para começar a ilustrar a mulher histérica sábia e fantasiosa freudiana, será

apresentada e discutida no caso Dora, funcionando aqui como fonte de informação para a caracterização dessa nova mulher e, principalmente, de sua sexualidade.

Com todos os desdobramentos que este caso oferece, é fundamental destacar que, neste momento, o instrumento que Freud tem nas mãos – o conhecimento do inconsciente e o método de interpretação dos sonhos – não é mais algo definido como uma técnica: no caso Dora, esse instrumento é um conhecimento que permite a aplicação da teoria. Em carta a Fliess de 14 de outubro de 1900, Freud comunica que “esse tem sido um período animado (enquanto recolhe o material para a *Psicologia da vida cotidiana*) e me trouxe uma nova paciente, uma jovem de dezoito anos que se abriu suavemente com a coleção de gazuas” (In Masson, org., 1986, p. 428). Essa é a primeira comunicação que Freud faz sobre Dora, jovem que ocuparia suas ideias sobre o tratamento e sobre a metapsicologia por cerca de três meses (de outubro a dezembro de 1900).

Apesar de ter sido publicado em 1905 e, nesse aspecto, ser contemporâneo aos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade*, em relação a este, o Caso Dora tem uma certa antecedência. Foi escrito em janeiro de 1901, após o tratamento de Dora, que se estendera por três meses, de outubro a dezembro de 1900. O período de análise e da redação do caso de Dora tem uma significação particular no que diz respeito ao pensamento de Freud sobre a sexualidade (Celes, 1995, p. 28).

Uma das coisas que Freud pretendia com a redação deste caso era provar, não só com ideias metapsicológicas, mas também em função de um trabalho de tratamento, que suas ideias acerca do psíquico – do inconsciente – e do conhecimento sobre a interpretação dos sonhos eram eficazes e poderiam ser empreendidas na psicanálise. Aqui há, então, uma ligação entre as duas obras – a *Interpretação dos sonhos* (1900/2006) e o caso Dora. Enquanto pretendia estabelecer o conhecimento do inconsciente e apresentar a técnica da interpretação na primeira, a segunda serviria como complemento, ao passo que se inscreve, basicamente, como um tratamento que correu por conta, principalmente, da interpretação de dois sonhos-chave. É importante destacar que o primeiro nome que este caso recebeu foi “Sonhos e Histeria”, algo que, de certa forma,

já diz da disposição de Freud em relacionar este caso – e a resolução do mesmo - com suas ideias metapsicológicas acerca da interpretação dos sonhos. O caso Dora representaria, então, a aplicação da técnica de interpretar sonhos, “um exemplo da única aplicação prática que a arte de interpretar sonhos parece admitir” (Freud, 1905[1901]/2006, p. 26), além do surgimento da mulher fantasiadora e sábia sobre o sexo:

Terminei ontem “Sonhos e Histeria” [...]. Ele é um fragmento da análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos; assim, na verdade, é uma continuação do livro do sonho. Além disso, contém resoluções de sintomas histéricos e vislumbres dos fundamentos organo-sexuais do conjunto. É a coisa mais sutil que escrevi até agora e vai desconcertar as pessoas ainda mais do que de hábito (In Masson, org., 1986, p. 434).

Mas o que Freud quer dizer com “vislumbres dos fundamentos organo-sexuais do conjunto”? É sabido que Freud pretendia, após toda a teorização do livro dos sonhos, fundamentar uma teoria da sexualidade. Dessa maneira, estariam completos os fundamentos da psicanálise. Freud já havia expressado esse desejo, ao dizer que “é possível que uma teoria da sexualidade seja a sucessora imediata do livro dos sonhos” (In Masson, org., 1986, p. 380) e, mais adiante, anuncia que está “colhendo material para a teoria sexual e esperando por uma centelha que inflame o material já acumulado” (In Masson, org., 1986, p. 398). Realmente, o caso Dora já possui vários indícios da teoria sexual formulada sistematicamente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006). A própria representação que Freud dá aos sintomas de Dora, tanto físicos – conversivos – quanto àqueles provindos do material onírico já possuem um caráter sexual. Freud comenta o caso a Fliess sem deixar de elucidar estes pontos e, inclusive, a bissexualidade:

O principal nele [em “Sonhos e Histeria”] é, mais uma vez, a psicologia, a utilização dos sonhos e algumas peculiaridades dos processos inconscientes de pensamento. Há apenas vislumbres (de elementos) do orgânico, isto é, das zonas erógenas e da bissexualidade. Mas a bissexualidade é mencionada e especificamente reconhecida de uma vez por

todas, e está preparando o terreno para um exame pormenorizado dela em outra ocasião. Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, ambas as quais podem ser rastreadas até o caráter da sucção do bebê, e a questão principal nos processos de pensamento conflitantes é o contraste entre uma inclinação para os homens e uma inclinação para as mulheres (In Masson, org., 1986, p. 435).

Nesse sentido, observa-se que Freud, ao conduzir o tratamento de Dora, estava considerando a sexualidade – infantil – como um ponto importante a ser considerado em suas fundamentações. Neste momento, a mania de Dora de chupar o dedo, por exemplo, já não podia mais ser encarada como um simples ato sem nenhum significado. Freud preocupa-se com a representação dos sintomas que Dora lhe apresenta e em como eles estão ligados à construção do psiquismo daquela jovem. Ele já possuía um certo acúmulo de material teórico desde anos anteriores – como pode ser observado em sua correspondência com Fliess entre 1897 e 1898 e na própria redação do caso Dora, por exemplo. Já estavam em jogo termos como “zona erógena”, um certo desenvolvimento da sexualidade infantil e dela no adulto, uma noção das fases do desenvolvimento sexual, entre outros pontos (Celes, 1995). O caso Dora, ao mesmo tempo em que simboliza o escrito que poderia ter sido o último capítulo da *Interpretação dos sonhos* (1900/2006), pois é a teoria sobre os processos oníricos na prática clínica, é também a volta freudiana para a neurose após a escapada para o conhecimento acerca do inconsciente e o tratamento que vai anunciar a sistematização de uma teoria da sexualidade em Freud:

[O que há no caso Dora] São descobertas, noções e concepções que vão encontrar nos *Três Ensaio*s... uma organização e uma elaboração conceituais (mesmo que não sejam completas e definitivas em 1905). Mas é exatamente, por outro lado, essa organização e elaboração, a “centelha” inflamadora, a “colheita” que falta a Freud à época do caso de Dora (Celes, 1995, p. 29).

Observa-se, então, que Freud vai contar, neste momento, com indícios da posterior teoria da sexualidade sistematizada. Ele conta com um conhecimento no qual acredita e parece, em muitos momentos do texto, rogar que o leitor também o faça. Freud deseja,

com Dora, deixar claro que acredita na sexualidade como algo totalmente vinculado à origem da neurose, mas também deixa claro que não há, ainda, uma teoria da sexualidade construída de forma sistemática. O caso parece elucidar, a todo o momento, a vontade freudiana de consolidar, no tratamento, a junção entre o conhecimento do psíquico – do inconsciente – e da sexualidade – ou dos indícios que Freud possui acerca dela.

Como o caso Dora estabelece a técnica de interpretação dos sonhos no trabalho de tratamento, é importante ressaltar que, dessa maneira, a interpretação constitui-se como a possibilidade que Freud se utiliza para tratar a enfermidade neurótica que se apresenta. A partir da análise de dois sonhos de Dora é que Freud vai percorrer o caminho que traçam seus sintomas histéricos. Nesse sentido, Freud (1905[1901]/2006) nos diz, ao apresentar o caso:

Tendo demonstrado em *A Interpretação dos sonhos*, publicada em 1900, que os sonhos em geral podem ser interpretados e que, uma vez concluído o trabalho de interpretação, podem ser substituídos por pensamentos impecavelmente construídos, passíveis de ser inseridos num ponto reconhecível no encadeamento anímico, gostaria de dar nas páginas seguintes um exemplo da única aplicação prática que a arte de interpretar sonhos parece admitir. [...] O sonho é, em suma, um dos *desvios por onde se pode fugir ao recalçamento*, um dos principais recursos do que se conhece como modo indireto de representação no psíquico. O presente fragmento da história do tratamento de uma jovem histérica destina-se a mostrar de que forma a interpretação dos sonhos se insere no trabalho de análise. Ao mesmo tempo, dar-me-á uma primeira oportunidade de trazer a público, com extensão suficiente para evitar outros mal-entendidos, parte de minhas concepções sobre os processos psíquicos e condições orgânicas da histeria (p. 26).

O sonho é constituído, então, como “um modo indireto de representação no psíquico”, o que implicaria em dizer que os processos oníricos se dão de modo a representar, mesmo que indiretamente, o psíquico, ou seja, o inconsciente. O trabalho de análise consistiria em utilizar-se dessa representação para chegar ao desejo inconsciente latente, para chegar ao menos em um fragmento do conteúdo latente do sonho. Dessa forma, o

método da interpretação firma-se como possibilidade, pois permite a Freud, o uso da técnica para chegar ao que ele acreditava ser a origem dos sintomas neuróticos de Dora. Ao passo que Freud chega à origem desses sintomas, ele também começa a construir a nova concepção freudiana da mulher, que não anula a antiga, da histérica seduzida, mas a coloca em outro patamar.

Após a crítica da teoria da sedução e da histérica seduzida – que marca uma nova posição frente ao conceito de fantasia e à concepção de mulher para a psicanálise -, Freud passa a considerar, além das recordações presentes nas falas neuróticas, o elemento fantasístico que permeava as mesmas. Em carta a Fliess de 30 de janeiro de 1899, afirma sua posição de “abandono” frente à sedução ao comunicar que “a fantasia enquanto chave continua firme” (In Masson, org., 1986, p. 343). No caso de Dora, isto não é diferente. Apesar de não haver, até o momento dessa análise, um conceito totalmente sistematizado acerca do que a fantasia compreendia, Freud se utiliza da ideia que ele compreende, mesmo que timidamente. A fantasia atravessa o discurso de Dora e Freud (1905[1901]/2006) se põe a interpretar seus sintomas como tais – como elementos de sua fantasia:

As menos chocantes dentre as chamadas perversões sexuais são amplamente difundidas por toda a população, como sabe todo o mundo, exceto os médicos que escrevem sobre o assunto. [...] Portanto, não surpreende que nossa histérica de quase dezenove anos soubesse da existência desse tipo de relação sexual (sucção do órgão masculino), criasse uma fantasia inconsciente dessa natureza e a expressasse através da sensação de cócega na garganta e na tosse. Ela lembrava muito bem ter sido na infância uma “chupadora de dedo”. [...] A intensa atividade dessa zona erógena [a boca] em idade precoce constitui, portanto, a condição para a complacência somática posterior do trato da membrana mucosa que começa nos lábios. Se depois, numa época em que já se conhece o objeto sexual propriamente dito, o membro masculino, surgem circunstâncias que tornam a aumentar a excitação da zona da boca, que preservou seu caráter erógeno, não é preciso um grande dispêndio de força criadora para substituir, na situação de satisfação, o mamilo originário e o dedo que fazia as vezes dele pelo objeto sexual atual, o pênis. Assim, essa fantasia perversa e sumamente escandalosa de chupar o pênis tem a mais inocente das origens; é a nova versão do que se pode chamar de impressão pré-histórica de sugar o seio da mãe ou da ama –

uma impressão comumente revivida no contato com crianças que estejam sendo amamentadas (pp. 56-57).

Nesse sentido, além de se utilizar, no caso Dora, do método de interpretação, usa também de suas noções acerca da sexualidade (infantil) e da fantasia inconsciente como algo que a paciente se utiliza e que, de certa forma, provocaria o sintoma. Os sintomas de tosse e referentes à garganta, por exemplo, são tomados como a realização de uma fantasia inconsciente de Dora acerca da relação sexual de caráter oral. Eles (os sintomas) são apresentados pela paciente, primeiramente, desprovidos de quaisquer significações. Durante o trabalho de tratamento, vão ganhando sentido e a fantasia inconsciente é “progressivamente” descoberta. Freud observa, no quadro sintomático de Dora, atividades de satisfação inconsciente que remetem à satisfação e a tentativas parciais de realização, por sua vez, de fantasias sexuais inconscientes. Porém, deve-se estar atento quanto ao caráter psíquico da fantasia e no sentido de que ela não compreende simplesmente em uma repetição de uma satisfação infantil. Como aponta Celes (1995), “a fantasia é a figuração de uma nova experiência, sobre um modelo de satisfação antigo” (p. 77), o que implica em dizer que, ao invés de uma repetição da satisfação, ela demonstra o modelo de satisfação estabelecido na experiência infantil, ao mesmo tempo em que é uma reprodução modificada dessa mesma experiência.

Após as considerações feitas sobre o caso em questão, faz-se necessário apresentar algumas considerações posteriores sobre ele que Freud aponta no posfácio da obra. Freud acredita ter resolvido a histeria da jovem, já que possui, como objetivo fundamental, provar com um tratamento que a técnica da interpretação funcionava, como desvendamento das significações inconscientes. Porém, é sabido que Dora abandona o tratamento. Por que teria feito isso? Quais seriam os motivos de Dora para encerrar o trabalho? Já nas “notas preliminares” que introduzem o caso – e que foram escritas, provavelmente, um pouco antes da publicação da obra, ou seja, em 1905, mais

ou menos quatro anos após o término do tratamento -, Freud (1905[1901]/2006) nos diz que “justamente a parte mais difícil do trabalho técnico nunca entrou em jogo com essa paciente, pois o fator da ‘transferência’, considerado no final do caso clínico [no posfácio], não foi abordado durante o curto tratamento” (p. 24). Nesse sentido, Freud (1905[1901]/2006) elucida sobre este conceito, de forma geral, em seu posfácio:

[Transferências] São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. [...] Quando se penetra na teoria da técnica analítica, chega-se à concepção de que a transferência é uma exigência indispensável. [...] O tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas simplesmente a revela, como a tantas outras coisas ocultas na vida anímica (pp. 111-112).

Após elucidar este conceito e concluir que somente a partir dele pôde “esclarecer as particularidades da análise de Dora” (Freud, 1905[1901]/2006, p. 113), Freud (1905 [1901]/2006) abre margem a uma nova concepção acerca da fantasia: ao compreender que muitas vezes as reações da paciente não eram direcionadas a ele e sim ao próprio pai, por exemplo, ele conclui que a jovem “atuou uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento” (p. 113). Nesse sentido, a análise de Dora possibilita uma nova compreensão do conceito de fantasia no tratamento, pondo-se este mesmo fator como um achado de Dora: com a elucidação da transferência no caso, o conceito se reposiciona como chave do tratamento. Dora não abandona o tratamento sem motivo algum: segundo Freud (1905[1901]/2006), ele mesmo lembrava, representava, inserido no contexto transferencial, o pai de Dora. Logo, o abandono justificar-se-ia por uma vingança direcionada ao pai e não ao médico: “ela se vingou de mim como queria vingar-se dele, e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele” (p. 113). Ao mesmo tempo em que esse tratamento possibilita essa nova compreensão da fantasia, possibilitaria também uma nova

concepção da mulher e de sua sexualidade. Dora atua em lembranças e fantasias e tinha interesses maiores que Freud, de início, não poderia imaginar. Dora “escondeu” sua paixão pela Sra. K, fazendo Freud pensar que ela era apenas uma menina que revivia seu complexo de Édipo, apaixonada pelo pai e enciumada em suas relações com outras mulheres. Dora mostrou a Freud, além da transferência, uma sexualidade ampla e complexa, cheia de nuances próprios da histeria e de toda a fantasia envolta nela. Seu conhecimento sobre o sexo era surpreendente para sua idade, o que a torna também sábia, além de fantasiadora.

A partir dessas considerações feitas acerca do caso Dora, parte-se para a sistematização da teoria da sexualidade em Freud. Este passo é marcado com a redação e publicação dos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905. Esta obra, juntamente com a *Interpretação dos sonhos* (1900/2006), simboliza toda a originalidade de Freud ao descrever pilares teóricos básicos da psicanálise. É aqui que Freud vai falar do sexual de forma estruturada, apoiando-se na teoria da libido e em seus conhecimentos, postulados ao longo de seu trabalho, acerca da sexualidade. Ao falar sobre a questão da sexualidade no *Estudo autobiográfico*, Freud (1925b[1924]/2006) não deixa de anunciar o que se desenrola teoricamente a partir do trabalho de tratamento após a crítica da teoria da sedução e de sua histérica seduzida:

[...] a realidade psíquica era de maior importância que a realidade material. Mesmo agora não creio que forcei as fantasias de sedução aos meus pacientes, que as “sugeri”. Eu tinha de fato tropeçado pela primeira vez no *complexo de Édipo*, que depois iria assumir importância tão esmagadora, mas que eu ainda não reconhecia sob seu disfarce de fantasia. [...] Quando o erro foi esclarecido, o caminho para o estudo da vida sexual das crianças estava desvendado. Tornou-se assim possível aplicar a psicanálise a outro campo da ciência e utilizar seus dados como meio de descobrir um novo conhecimento biológico (p. 40).

Percorrendo o caminho de pensamento até agora apresentado neste capítulo, entende-se que foi somente nos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905/2006) que Freud

pôde redigir, de forma mais sistemática, suas concepções acerca da sexualidade. Mas, em psicanálise, se fala de sexualidade ou de sexualidade infantil? Freud realiza uma diferenciação teórica entre o que diz respeito à sexualidade adulta e a sexualidade vivida na infância? O que Freud faz é empreender à infância uma “vida sexual”. Sua concepção acerca do infantil não se remete às experiências e brincadeiras inocentes de descoberta. Para Freud (1925b[1924]/2006):

A função sexual, conforme verifiquei, encontra-se em existência desde o próprio início da vida do indivíduo, embora no começo esteja ligada a outras funções vitais e não se torne independente delas senão depois; ela tem de passar por um longo e complicado processo de desenvolvimento antes de torna-se aquilo que estamos familiarizados como sendo a vida sexual normal do adulto (p. 40).

Logo, ao se pensar em psicanálise, é necessária a concepção da sexualidade infantil. Desde a infância, a criança se submete a experiências pela busca de prazer e de satisfação plenas. Essa satisfação ocorre de várias formas e de modo compatível com a perversão, já que “de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da chamada pulsão sexual normal (pelo menos de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de *perversas* (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósito da fantasia e em ações” (Freud, 1905/2006, p. 157). Isso implica em dizer, nas palavras de Freud, que a criança é um perverso polimorfo parcial, é “polimorficamente perversa”, pois busca prazer de várias formas e, mesmo que sempre deseje uma totalidade de satisfação, encontrará – normalmente – a parcialidade. Essa característica polimorfa/perversa da sexualidade é de ordem pulsional.

Nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2006) nos diz que algumas manifestações da sexualidade infantil são exemplificadas no chuchar (sugar com deleite) e no auto-erotismo (satisfazer-se no próprio corpo). Logo, é considerado que essas atividades “puramente infantis” dizem de uma busca pelo prazer, busca que

destaca a sexualidade dos órgãos genitais. Aliás, toda a teoria sexual apresentada na obra de 1905 leva este ponto como fundamental: não se trata do prazer sexual que normalmente é obtido em uma relação sexual. Trata-se de um prazer que é buscado a partir de uma ampla noção de sexualidade. A noção de sexualidade freudiana não se reduz às ideias sobre a relação sexual e o que se obtém com este ato:

O destacar a sexualidade dos órgãos genitais apresenta a vantagem de nos permitir levar as atividades sexuais da criança e dos pervertidos para o mesmo âmbito que o dos adultos normais. [...] Encaradas do ponto de vista psicanalítico, mesmo as perversões mais excêntricas e repelentes são explicáveis como manifestações da primazia dos órgãos genitais e que se acham agora em busca do prazer por sua própria conta, como nos primeiros dias do desenvolvimento da libido (Freud, 1925b[1924]/2006, p. 43).

É fundamental destacar que a parte nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* destinada à sistematização da teoria da libido data de 1915 (sendo o último parágrafo de 1920). Nela, Freud (1905/2006) elucida o conceito de libido “como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” e que possuiria “também um caráter qualitativo” (p. 205). Freud (1905/2006) nos diz de uma separação entre a libido, entre esse tipo de energia, e os outros tipos de energia psíquica e postula conceitos como “libido do ego” e “libido do objeto” para falar de representação:

Chegamos assim à representação (*Vorstellung*) de um quantum de libido a cujo substituto (*Vertretung*) psíquico damos o nome de *libido do ego*, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados. Essa libido do ego, no entanto, só é convenientemente acessível ao estudo analítico depois de ter sido psiquicamente empregada para investir os objetos sexuais, ou seja, quando se converteu em *libido do objeto* (p. 205).

Nesse sentido, Freud chama a atenção para um quesito que o transformará, segundo Gay (1989/2007) num democrata psicológico. Enquanto dá ênfase à concepção de libido, descortina os caminhos que o indivíduo percorre, na atividade sexual, em prol da satisfação, quando as maneiras e formas de sexualidade são formas de organização da

libido. A libido seria a força que a excitação sexual atinge – por isso podendo ser considerada em termos quantitativos – e que pode ser observada, no trabalho de tratamento, a partir do momento que é “empregada para investir os objetos sexuais”. Com a primazia da realidade psíquica já há tempos considerada, entende-se que os objetos dos quais fala Freud não se referem a objetos do mundo real exterior e sim às representações psíquicas desses objetos. É a partir dessas representações que a análise quantitativa e qualitativa da libido se dá em psicanálise. A questão considerada anteriormente sobre a diferenciação ou não entre sexualidade e sexualidade infantil é retomada a partir das considerações feitas até aqui. A sexualidade que Freud vem falar, a “ampla sexualidade” se desenrola no sentido de localizar a pré-história do indivíduo, onde já há vivência sexual. As experiências pela busca do prazer vividas na infância – e que possuem um caráter descolado da sexualidade genital – não são esquecidas. Na verdade, o que ocorre é uma amnésia em relação à sexualidade infantil, mas que não a apaga. Pela via do recalque, o que permanece são “inscrições e traços esquecidos, mas não apagados” (Zavaroni e cols., 2007, p. 68):

[...] os modos mais arcaicos do desenvolvimento permanecem presentes, também, na sexualidade do adulto. Assim, o adulto portará para sempre o infantil que o constituiu. [...] não é a infância em si que ali [nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*] se apresenta, mas um mundo de desejos, fantasias, lembranças e recordações que, mesmo em uma criança, se davam a *posteriori* (Zavaroni e cols., 2007, p. 68).

Logo, pode-se dizer que a sexualidade na qual Freud fala, a sexualidade com a qual a psicanálise trabalha, esta é sempre infantil. O termo “sexualidade infantil” é o próprio conceito de sexualidade em Freud: toda sexualidade é infantil ao passo que se estrutura na infância e carrega inscrições e traços arcaicos – ou seja, “gerados” na infância – durante toda a sua constituição. “Infantil” não significa, portanto, uma característica da sexualidade, pois o próprio termo, por si só, já abarca essa peculiaridade. O caráter infantil permeia, então, toda a noção freudiana de sexualidade, sendo a mesma sempre

infantil. No trabalho de análise, por exemplo, o que geralmente se busca é o infantil, mesmo que, assim como a infância, seja perpassado pelo recalque e que se encontrem “atravessados pela impossibilidade de um resgate literal e finito” (Zavaroni e cols., 2007, p. 68).

Outro conceito que, após certo tempo, se constituiria como um dos pilares fundamentais da psicanálise é o de “pulsão”. É claro que os desdobramentos que Freud faz nessa obra sobre o termo não são definitivos, pois a pulsão vai adquirir, ao longo do desenvolvimento da psicanálise, proporções bem maiores, por assim dizer. Entretanto, é importante elucidar, aqui, o que Freud pretendia fazer entender com o uso desse conceito nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006). Desde a primeira parte dessa obra, Freud (1905) se utiliza do termo “pulsão sexual” para explicar o uso do outro termo já aqui explorado, “libido”:

O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma “pulsão sexual”. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar (no caso da pulsão sexual) uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido” (p. 128).

Com a explicitação da sexualidade em 1898, um passo fundamental foi dado para toda a construção dos conceitos iniciais que sustentam a metapsicologia. Entretanto, é bom lembrar que essa sexualidade de 1898 ainda se refere à sexualidade vivida na infância pela interferência de outro, de um adulto, o que não condiz com a sexualidade infantil postulada nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006). Diante de seu material clínico (que não convém descrever aqui), Freud constatou que a sexualidade nem sempre aparecia explicitamente nos sonhos e nas fantasias, surgindo, muitas vezes, sob disfarces que era preciso saber “decifrar”. O propósito desse estudo deu-se na obra em questão. No trecho acrescentado a esta edição em 1910, ele fornece uma definição geral:

Por “pulsão” podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que distingue as pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus alvos. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico (p. 159).

Aí, se trata da pulsão sexual. É a partir dessa conceituação que Freud vai dizer de sua concepção de “zona erógena” totalmente descolada da área genital. Para Freud (1905/2006), a cavidade bucal e o orifício anal, por exemplo, constituem-se como “parte do aparelho sexual” (p. 160). As zonas erógenas, então, seriam órgãos dos quais partem as pulsões parciais. Na histeria, por exemplo, “esses lugares do corpo e os tratos de mucosa que partem deles transformam-se na sede de novas sensações e de alterações de inervação – e mesmo os processos comparáveis à ereção –, tal como os próprios órgãos genitais diante das excitações dos processos sexuais normais” (Freud, 1905/2006, p. 159). Nesse sentido, a concepção de zona erógena freudiana condiz com sua concepção de sexualidade, pois não se trata daquele conceito normalmente conhecido. Trata-se de representações que deslocam esses conceitos a caracterizações mais amplas, observadas somente no trabalho de tratamento. A pulsão, por si só, não possui sentido algum. Trata-se de uma energia psíquica que só se dá ao encontrar uma representação. O sentido da pulsão só se dá neste encontro. Não se pode pensar em pulsão isoladamente.

Nesse sentido, observa-se que o caminho freudiano de construção da sexualidade da mulher, até este ponto, pode ser dividido em três partes: primeiro, durante as elaborações acerca da histeria publicadas juntamente com Breuer, se utilizou basicamente da recordação como possibilidade de tratamento e estabeleceu a *teoria do trauma* para o mesmo, concebendo a noção da mulher – e de sua sexualidade – enquanto uma histórica

seduzida. Após perder as referências de seu trabalho com a crítica da teoria da sedução e dessa concepção da mulher e de sua sexualidade, esbarra nos limites que a recordação oferece e escapa no sentido do conhecimento do inconsciente – do psíquico – para saber exatamente o que compreendia aquilo de que estava falando. Com a *Interpretação dos Sonhos* (1900/2006), se debruça sobre a representação a fim de apresentar a técnica da interpretação dos sonhos, o que sustenta, então, sua *teoria do psiquismo*. Utiliza-se do caso Dora para provar que a técnica que havia postulado anteriormente sobre os sonhos funcionava. Dora lhe traz, então, indícios para a conceituação posterior da fantasia – e da própria sexualidade –, que não é um elemento totalmente acessível, pois a sexualidade infantil não é a própria fantasia, mas aquilo que o adulto conta possibilita alguma compreensão para o tratamento. É a partir do conhecimento que Freud obtém acerca do inconsciente e dos indícios de sexualidade que Dora lhe dá é que ele vai embarcar na tentativa de empreender uma teoria da sexualidade de forma sistematizada, essa se constituindo como o outro pilar básico da metapsicologia até então – o outro é a teoria do psiquismo. É assim que surge o primeiro indício da concepção de uma mulher diferente da histérica seduzida, que participa mais “ativamente” da constituição de sua sexualidade. Essa mulher é a histérica fantasiadora, sábia da vida sexual como jamais Freud havia previsto. Apresentando o conhecimento sistematizado acerca da sexualidade, Freud traz consigo nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006) as noções de representação e afeto substituindo suas noções anteriores de neurônios e quantidade; elucida a ideia de que a máquina psíquica se move por uma energia e que essa energia é sexual; estabelece mais um contato com a fantasia, ainda que não tão sistematizado, colocando-a no lugar de poder pensar a representação e o afeto (libido) e postula uma teoria da libido; conceitua pulsão e estabelece seu caráter também sexual.

Com o objetivo de continuar construindo a noção da mulher fantasiadora e da concepção freudiana acerca de sua sexualidade, passa-se agora ao ano de 1907, quando Freud escreve *O esclarecimento sexual das crianças*. Esse texto é uma resposta ao dr. Frust, médico de Hamburgo que questionou Freud acerca do esclarecimento sexual das crianças, ou seja, em que idade isso deve ocorrer e de que modo deve ocorrer. Freud, se colocando ao longo de todo o texto como alguém que considera a “constituição psicosexual e certos males da vida sexual como as causas primordiais das perturbações neuróticas” (p. 123), se mostra a favor do esclarecimento, de forma gradual e contextualizado ao desenvolvimento da criança, visto que a ocultação ou a negação de fatos provenientes da sexualidade às crianças é uma prática sem propósito. Na verdade, a falta de esclarecimento poderia trazer danos à criança, pois sua curiosidade precisa ser satisfeita, mesmo que de forma parcial. A sexualidade infantil, proveniente de seus estudos sistematizados em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006) é demonstrada através de citações sobre o auto-erotismo e as diversas zonas erógenas. Sobre a sexualidade infantil, Freud (1907/2006) nos diz:

A puberdade apenas concede aos genitais a primazia entre todas as outras zonas e fontes produtoras de prazer, assim forçando o erotismo a colocar-se a serviço da função reprodutora. Naturalmente esse processo pode sofrer certas inibições, e em muitas pessoas (que tendem a se tornar mais tarde pervertidas ou neuróticas) não se completa senão imperfeitamente (p. 125).

Mais uma vez, Freud traz a colocação que influencia diretamente – e, às vezes, drasticamente – no desenvolvimento da sexualidade da mulher. Se o desenvolvimento “normal” da mulher é chegar, em condições plenas, às suas funções reprodutivas, o que dizer daquelas que não possuem esse desejo de criança? Provavelmente, serão condenadas à eterna situação de invejosas do pênis, mesmo que se sintam felizes em sua realidade. A neurose ou a perversão são as duas vias destinadas àquelas que não completam o processo de forçar o erotismo a colocar-se a serviço da função

reprodutora, ou seja, àquelas que são imperfeitas no que diz respeito à sua constituição sexual plena. Outro aspecto que esse texto traz é a anunciação de um quesito que será, mais tarde, discutido com mais afinco por Freud: as teorias sexuais das crianças. Na busca por respostas sobre o sexo que satisfaçam sua curiosidade, as crianças tendem a fantasiar acerca dos enigmas do sexo. Como “problemas” iniciais, Freud cita a diferença anatômica entre os sexos e a origem dos bebês.

Apesar de não tratar exclusivamente da sexualidade da mulher ou da mulher fantasiosa, Freud acaba por dar indícios das origens da fantasia dessa mulher, assim como das origens de sua sabedoria sobre o sexo. Se a histérica fantasiosa é a mulher freudiana desse contexto, ela está incluída nessa gama de pacientes que, por algum motivo, teve seu esclarecimento sexual prejudicado. Se esse processo não ocorreu adequadamente, em etapas de acordo com seu desenvolvimento psicosexual, então boa parte de suas fantasias, sintomatizadas pela via da histeria, podem ter ligação com essa falta de esclarecimento adequado. Se não houve o esclarecimento da forma como Freud propõe, duas coisas devem ser ditas: confirma-se que certos males da vida sexual podem ser causas primordiais das perturbações neuróticas e, por outro lado, a falta do esclarecimento não deixou a histérica ignorante sobre o sexo, pois ela tratou de criar, devanear e fantasiar suas próprias teorias sexuais, na busca de respostas para sua curiosidade.

Já em *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (1908a/2006), Freud examina a relação entre fantasias e sintomas na histeria, reafirmando a importância das fantasias como bases dos sintomas históricos. Discorre acerca da sexualidade da mulher fantasiosa e, de forma sucinta, aborda o tema da bissexualidade nessas fantasias. Ao anunciar seus comentários sobre esse texto de Freud, S. André (1987/2011) ressalta:

A histérica, com efeito, se consagra a denunciar a falta de uma identidade feminina, a ausência no Outro de um significante do sexo feminino e a falha que daí resulta ao nível da identificação

especular. E ela designa seu responsável: o pai, insuficiente por definição. Ela não está enganada em notar essa impotência do polo paterno, mas não participa menos da desordem de que se queixa, a partir do momento em que se obstina na sua demanda exorbitante, quer se dedique a reparar este pai falho pondo-se a serviço de seu falo tão pouco à altura, quer se revolte, passando da demanda queixosa para a reivindicação mais raivosa. [...] No centro da resposta que a histérica traz à precariedade da identificação feminina se aloja uma fantasia, cujas linhas de força foram notavelmente observadas por Freud em seu artigo *Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade* (p. 137).

O que S. André (1987/2011) aponta com muita clareza é a falta de identificação que a histérica denuncia com o feminino. Nesse sentido, a histérica, ao denunciar o pai por sua insuficiência, entranha-se na desordem que ela mesma aponta, demandando e reivindicando. Freud, no texto em questão, aborda especificamente essas fantasias históricas que são construídas para responder à precariedade de sua identificação feminina. De início, ressalta que os chamados “devaneios da juventude” são, nas mulheres, invariavelmente de natureza erótica, o que não acontece sempre com os homens. Esses devaneios, assim como fantasias conscientes, sofrem a ação do recalque e tornam-se inconscientes. Entretanto, o retorno do recalcado, movimento psíquico primordial da histeria, faz retornar o esquecido, que aparece sob a forma do sintoma histórico. Sobre esses sintomas, Freud (1908a/2006) estabelece uma série de fórmulas que tentam demonstrar a origem e o progresso dos sintomas históricos, desde colocá-los enquanto símbolos mnêmicos e substitutos de experiências traumáticas, produzidos por conversão, até estabelecer seu caráter sexual, com a afirmação de que eles correspondem a um retorno a um modo de satisfação sexual que era real na vida infantil, mas que fora recalcado. Mesmo que assumam uma representação não sexual, sua significação sempre será. Para falar da relação entre as fantasias históricas e a bissexualidade, Freud (1908a/2006) volta ao que teorizou em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006) para apontar uma falta:

Como demonstrei em meus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), a conexão entre os sintomas e as fantasias

torna fácil chegar da psicanálise dos primeiros a um conhecimento dos componentes dos instintos sexuais que dominam o indivíduo. Em alguns casos, entretanto, uma investigação por esses meios produz resultado inesperado. Mostra que há muitos sintomas onde a exposição de uma fantasia sexual (ou de várias fantasias, uma das quais, a mais significativa e primitiva, é de natureza sexual) não é suficiente para efetuar a resolução dos sintomas. Para resolver isso é necessário ter duas fantasias sexuais, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino. Assim uma dessas fantasias origina-se de um impulso homossexual (p. 153).

A partir dessa constatação, Freud (1908a/2006) postula mais uma fórmula acerca dos sintomas histéricos: “os sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina” (p. 153). Apesar de ressaltar a não universalidade dessa última fórmula, acredita que ela pode ser demonstrada em numerosos casos e a usa para confirmar sua tese da disposição bissexual inata no homem. Entretanto, voltando à afirmação de S. André (1987/2011), qual seria a origem desse tipo de sintoma histérico que apresenta uma fantasia sexual masculina e outra feminina? A questão parece se resolver a partir da investigação que S. André (1987/2011) faz acerca da falta de identificação feminina e, conseqüentemente, da histérica se colocar a serviço do falo e ser seu porta-estandarte. Dentro dessa desordem é que a histérica produz seu quadro sintomático e apresenta formas de comunicação⁶². Ao tentar dar conta do que lhe falta (a identificação feminina) e do papel que, inconscientemente, assume, constrói fantasias históricas que “agradem” os dois âmbitos, o masculino e o feminino, que resultam em sintomas histéricos expressos. Segundo S. André (1987/2011):

A histérica teme que sob essa máscara da falicização da imagem do corpo só haja “isso”, quer dizer, o real orgânico ao qual se reduz o corpo dessexualizado. Em resposta, ela produz um excesso de sexualização do corpo imaginário. Assim se destaca a contradição interna à lógica da histérica: querendo conseguir uma positivação da feminilidade e denunciando, com esse fim, o semblante da máscara fálica, ela obtém, certamente, alguma coisa, mas justamente o que não queria (p. 138).

⁶² Já que a histeria é aqui tratada enquanto uma forma de expressão da mulher e de sua sexualidade.

A histérica, em sua lógica contraditória, não pode viver sem máscara alguma. Isso implica em dizer que ao denunciar a máscara fálica, ela também perderá a suposição de uma presença feminina em si mesma e, assim, precisará de uma nova máscara. As máscaras – ou fantasias – históricas são parte integrante de um complexo de sintomas que dá razão à sua histeria. Logo, é conveniente que se tenha cautela ao se deparar com uma delas.

Continuando no grupo de artigos de Freud que tratam sobre a fantasia, é interessante discutir acerca de *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908c/2006), texto que complementa e aprofunda o pensamento de Freud sobre as teorias que as crianças criam para solucionar suas curiosidades em torno da sexualidade. Mesmo declarando sua restrição às observações do desenvolvimento sexual masculino, Freud (1908c/2006) não deixa de apontar que as teorias sexuais são construídas pelos dois sexos. Entretanto, a primazia fálica da sexualidade infantil aparece em todas elas. O primeiro grande problema infantil, que levaria à criação de uma teoria sexual, seria a questão “de onde vêm os bebês?”. Freud critica as respostas dadas pelos pais que tem em seu conteúdo fábulas e mitos conhecidos, alegando que esse tipo de explicação afeta o desenvolvimento psicosexual das crianças. Em resposta a essas explicações dadas pelos adultos, as crianças constroem falsas teorias que explicam, cada uma a seu modo, o seu questionamento. Essas teorias podem ser ou não confirmadas por outras crianças. Como primeira teoria sexual das crianças, aparece a atribuição do pênis a todos os seres humanos, inclusive as mulheres. O clitóris feminino é a zona erógena correspondente ao pênis e tanto o menino quanto a menina tendem a “esperar” seu crescimento. Segundo Freud (1908c/2006):

A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que esse pequeno pênis, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um pênis genuíno – torna-se a sede de

excitações que fazem com que ele seja tocado, e sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de recalque nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher. Como a função sexual de muitas mulheres apresenta-se reduzida, seja por seu obstinado apego a essa excitabilidade do clitóris, de modo a permanecerem anestesiadas durante o coito, seja por um recalque tão excessivo que seu funcionamento é em parte substituído por formações compensatórias históricas – tudo isso parece mostrar que existe uma dose de verdade na teoria sexual infantil de que as mulheres possuem, como os homens, um pênis (p. 197).

O trecho em questão aponta para uma ideia freudiana primordial acerca da sexualidade em geral, a da primazia fálica. Apesar de já estar se aventurando a discutir a sexualidade da menina, Freud não deixa de ter como referência a sexualidade do menino e seu órgão sexual, o pênis. Nesse sentido, as meninas padeceriam nessa inveja, se não completarem seus destinos sexuais na substituição do desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um filho. O clitóris, colocado pela psicanálise freudiana como o equivalente ao pênis, será, na puberdade, abandonado enquanto zona erógena para dar lugar à vagina, já que é somente pela vagina que a reprodução será possível para as mulheres. Ao abandonar o clitóris enquanto zona erógena, a mulher atingiria seu maior grau de “evolução” perante sua sexualidade: se conformaria com a impossibilidade de existência de seu pênis para dar lugar à existência de sua vagina. Além disso, Freud enfatiza nesse trecho a relação entre o recalque excessivo da função sexual feminina e formações compensatórias históricas. Para que a mulher “surja”, ela deve fazer a mudança de zona erógena. Na verdade, o que Freud quer dizer é que a mulher apenas terá sua sexualidade bem (ou “normalmente”) constituída se superar a inveja do pênis, se achar um substituto para essa inveja e, finalmente e como consequência disso, reproduzir, comprovando o sucesso na utilização de sua vagina enquanto zona erógena. Pelos moldes freudianos, entende-se que a vagina só existe se for “utilizada” em prol da superação da inveja do pênis. J. André (1996), ao teorizar sobre as origens femininas da sexualidade, discute a seguinte questão: “existe um ‘conhecimento’ precoce da vagina?” Ao se tentar

responder esse questionamento, outras perguntas se colocam antes. De que maneira, por exemplo, se elabora a feminilidade da criança? Qual o papel da fantasia nessa elaboração? Os textos de Freud trabalhados até aqui mostram uma elaboração tardia da feminilidade, apesar de que o menino também assume posições femininas durante a infância. Nas histéricas, por exemplo, a feminilidade é negada e uma posição fálica é assumida por elas para dar conta disso, para utilizarem, dessa maneira, alguma via de expressão de si mesmas. Já a fantasia constrói-se ao passo em que a sexualidade se desenvolve. Não é possível desmembrar a fantasia do desenvolvimento psicosssexual de ninguém, visto que não pode haver sexualidade sem fantasia, e vice-versa.

Diante dessa mudança de zona erógena que o próprio desenvolvimento “normal” da sexualidade da mulher parece impor, é importante se pensar acerca do significado que essa mudança pode trazer, inclusive no que diz respeito à construção da subjetividade de uma mulher. Se na puberdade essa mudança não ocorrer, por algum motivo, estaria o desenvolvimento da sexualidade dessa mulher ameaçado, ou seja, a sexualidade na puberdade “reduzida” à zona erógena clitoriana é algo que prejudicaria o desenvolvimento da sexualidade de uma mulher? Segundo Freud, parece que sim. E talvez aí também resida a origem da consideração do desenvolvimento de uma sexualidade homossexual na mulher. A mulher homossexual estaria condenada à inveja do pênis para sempre, segundo Freud. Entretanto, a psicanálise, principalmente nos dias de hoje, deve considerar os diversos caminhos possíveis para o desenvolvimento da sexualidade daquela que não conclui a mudança de zona erógena⁶³. Afinal, não se pode reduzir a sexualidade de alguém somente à sua anatomia, já que essa, principalmente em psicanálise, não pode possuir tal poder de definição.

⁶³ Esse e outros desdobramentos entre a psicanálise e as demandas da sexualidade feminina na atualidade serão discutidos no capítulo 4.

Além dessa primeira teoria sexual das crianças, Freud (1908c/2006) ainda pontua outras duas: já que as crianças em geral não possuem conhecimento acerca da existência da vagina nas mulheres, acreditando que todos tem ou terão um pênis, acreditam que “o bebê precisa ser expelido como excremento, numa evacuação” (p. 198), além da última teoria, que versa sobre a “concepção sádica do coito” (p. 199), onde o mais forte (normalmente o pai) dominaria de forma violenta o mais fraco (normalmente a mãe). Freud também aponta para o grau de sabedoria que a criança teria sobre a sexualidade. Apesar da existência do recalque sexual, às vezes bem adiantado em algumas crianças, muitas delas, na vida adulta, ao se submeterem à psicanálise, trazem a tona o conhecimento sobre o sexo originado na primeira infância. Isso parece ser um movimento bastante comum das histéricas que Freud se deparou após a crítica da teoria da sedução. De seduzidas e inocentes, vítimas até, elas passaram para fantasiadoras e conhecedoras do sexo, mesmo que não tivessem consciência disso no primeiro momento.

Outro texto de Freud que dá continuação às observações de Freud acerca da concepção da sexualidade da mulher pós-crítica da teoria da sedução é *Algumas observações gerais sobre ataques histéricos* (1909[1908]/2006). Nele, Freud (1909[1908]/2006) nos diz:

[...] tais ataques [histéricos] não passam de fantasias traduzidas para a esfera motora, projetadas sobre a motilidade e representadas por meio de mímica. É verdade que as fantasias são inconscientes, mas, com exceção desse detalhe, são da mesma natureza das fantasias que podem ser observadas diretamente nos devaneios ou que podemos inferir da interpretação dos sonhos noturnos. Muitas vezes um sonho pode substituir um ataque, e ainda mais frequentemente explicar o mesmo, já que a mesma fantasia se expressa de formas diversas no sonho e no ataque (p. 209).

Ao estabelecer a ligação entre os ataques histéricos e as fantasias, Freud (1909[1908]/2006) considera também que os devaneios e os sonhos noturnos podem ser substituídos por esses ataques, na histeria. Na verdade, o que se entende é que essas duas últimas formas da histeria se dar se estabelecem enquanto formas de expressão da

histórica, ou seja, ela também pode se expressar, comunicar sua doença, por meio dos relatos de seus devaneios diários e do conteúdo manifesto de seus sonhos. Isso se torna muito importante quando se pensa na histeria, como um todo, como um meio de expressão da mulher e de sua sexualidade. Agora, além de seus habituais ataques, ela também pode contar com outras vias para a expressão de seu desejo. Dando continuidade a esse raciocínio, Freud (1909[1908]/2006) estabelece outras 4 propriedades do ataque histérico. São elas: a possibilidade do ataque histérico se fazer representar através da condensação, o que o liga ainda mais aos sonhos e ao seu mecanismo de interpretação; a identificação múltipla como característica de alguns ataques, quando o paciente representa atividades de ambas as figuras que aparecem na fantasia, o que se remete, por exemplo, ao já estabelecido por Freud em *Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908a/2006), quando estabelece que alguns sintomas histéricos são a expressão, por um lado, de uma fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina; o que ele chama de “inversão antagônica de inervações” (p. 210), ao explicar que, no ataque, um elemento pode transformar-se em seu oposto, ou seja, um movimento brusco, por exemplo, que envolva movimentos convulsivos que possam ter a aparência de repelentes, podem estar representando, na fantasia histérica, um abraço ou alguma demonstração “positiva” de afeto; por fim, Freud (1909[1908]/2006) chama a atenção para a “inversão da ordem cronológica” (p. 210), tal qual acontece nos sonhos, quando o ataque (ou o sonho) podem começar representando o final da ação que desejam encobrir terminam com seu início.

Ao falar acerca de como o ataque histérico pode ser determinado, Freud (1909[1908]/2006) estabelece 4 vias: associativamente, organicamente, a serviço do objeto primário e a serviço de objetos secundários. Essa última via, na qual “a doença se

alia para que através do ataque o paciente atinja uma meta útil para ele” (p. 211), talvez seja a mais interessante ao se pensar na sexualidade da mulher e nas formas de expressão que a histérica pode contar para comunicá-la. A quarta via descreve “um ataque endereçado a determinados indivíduos, podendo ser adiado até que estes estejam presentes e dando a impressão de ser conscientemente simulado” (p. 211). Logo, essa via demonstra que a histérica, mesmo que inconscientemente, pode e direciona sua expressão ao espectador que lhe interessa, o que implica em dizer que seu conhecimento acerca de seu desejo pode não estar consciente, mas não é nulo. Na verdade, o que a histérica ganha se seu ataque estiver determinado pela quarta via estabelecida por Freud é o que se pode chamar de ganho secundário da doença, visto que ela usufrui de seu estado “doente” para realizar seu desejo (sexual). Ao finalizar o texto, Freud (1909[1908]/2006) estabelece a semelhança entre um ataque histérico convulsivo e o coito, já que, quando há perda de consciência durante o ataque, se observa uma “ausência”, uma entrega do sujeito àquela situação, o que, para ele, é semelhante ao que ocorre “no clímax de toda satisfação sexual intensa, inclusive as autoeróticas” (p. 212). Diz-nos Freud (1909[1908]/2006):

[...] os ataques histéricos, assim como a histeria em geral, revivem uma parcela da atividade sexual das mulheres que existiu durante sua infância e que naquele período revelava um caráter essencialmente masculino. Podemos observar com frequência que aquelas jovens que mostravam natureza e tendência masculinas nos anos anteriores à puberdade, são justamente as que se tornam histéricas daí em diante. Em grande número de casos a neurose histérica representa apenas uma intensificação excessiva daquele influxo típico de recalque que, apagando a sexualidade masculina, permite o aparecimento da mulher (p. 213).

Tudo o que Freud teorizou acerca da mulher fantasiosa e sábia parece estar aí, mesmo que de forma sintetizada. Mais que isso, este último parágrafo parece demonstrar tudo o que Freud aprendeu com essa mulher, já recuperado da crítica de sua teoria da sedução e de sua histérica seduzida: a etiologia da histeria é sexual; os ataques histéricos, assim

como toda a histeria, apresentam o retorno do recalcado sexual das mulheres, de toda a vida sexual que tiveram na infância e que agora se apresenta em forma de sintoma; o caráter essencialmente masculino é uma marca da histérica, visto que ela apresenta uma recusa de sua feminilidade e pela via da bissexualidade, no contexto da histeria, pode demonstrar em sua fantasia os dois polos (a masculinidade e a feminilidade) como meio de expressão para sua sexualidade; a puberdade traz consigo a exigência do conhecimento da vagina enquanto zona erógena, o que implica no abandono do prazer pela via clitoriana para dar lugar ao surgimento da mulher que supera a inveja do pênis e se submete à reprodução, transferindo seu desejo de ter um pênis por seu desejo de ter um filho; o apagamento da masculinidade, própria da histeria, é condição fundamental para o surgimento da mulher e para a “cura” de seu quadro histérico.

Em 1919, Freud anunciou por carta à Ferenczi que estava escrevendo um artigo sobre o masoquismo, um tipo particular de perversão. De acordo com os preceitos que este estudo tem apresentado o que se coloca a partir daí é o aparecimento de uma nova mulher freudiana, que de histérica fantasiosa e sábia passa agora por outras interpretações que permitem um novo olhar acerca da sexualidade dessa mulher. É importante destacar que o surgimento dessas novas maneiras de ver e compreender a sexualidade da mulher não excluem as anteriores: a histérica seduzida não desapareceu, mas ganhou um novo lugar, um reposicionamento teórico. É isso que acontece com a histérica fantasiadora e sábia após o surgimento da perversa.

3.1.3 A PERVERSA

Os dois textos escolhidos para demonstrar a construção da concepção da sexualidade da mulher perversa são *“Uma criança é espancada” – contribuição ao estudo da origem*

das perversões sexuais (1919/2006) e *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1920b/2006). Apesar de já figurarem neste estudo, como auxiliares na análise de Anna Freud, eles representam uma reorientação na teoria de Freud acerca do feminino, passando de uma concepção do complexo parental da menina para a abordagem da importância da relação dessa menina com a mãe, relação essa que antecederia seu complexo de Édipo. Segundo S. André (1987/2011):

Em 1919, o ponto de origem da problemática feminina é designado na fixação amorosa ao pai e o ponto de saída numa identificação masculina. [...] “*Uma criança é espancada*” apresenta para nós o interesse de fornecer um primeiro esquema dessa virada fundamental que, para Freud, dá conta do destino da mulher: aquilo que ele chama, simplesmente, de uma troca de sexo. Para chegar à posição final que a insere em seu papel sexual, a menina deve trocar de sexo, ou seja, abandonar a posição sexual que é inicialmente a sua no Édipo. Freud manterá essa concepção ao longo de toda a sua obra, mas, como veremos, modificará totalmente seu sentido entre 1919 e 1925. Em “*Uma criança é espancada*”, essa mudança se efetua no sentido de uma masculinização, inscrevendo o destino feminino no desenvolvimento de um complexo de masculinidade. Há, aí, um paradoxo evidente, que o caso da jovem homossexual já permitirá deslindar (pp. 184-185).

Ao se recordar acerca do que Freud escreveu em 1919, observa-se a descrição, em três fases, das fantasias de espancamento: o pai espanca a criança que eu odeio, sou espancada pelo pai e, por fim, uma criança é espancada. Freud (1919/2006) certifica-se que o primeiro momento pode ser uma lembrança, mas é claro que com traços fantasísticos envolvidos. O segundo, muito importante, não se trataria de uma lembrança, jamais existiu e jamais chegará à consciência. Sendo assim, não passa de uma construção da relação analítica, mas nem por isso sem relevância, pelo contrário. A entrada da própria criança na cena do espancamento é algo que vai fazer Freud considerar que a criança espancada é a favorita do pai, lugar esse de espancamento antes ocupado por um rival dela. Com um tipo observado em análise de fantasia extremamente masoquista é que Freud irá se preocupar em contribuir para o estudo da perversão, como o próprio título do texto anuncia. Já a terceira fase (ou tempo) da

fantasia de espancamento apresenta uma particularidade, que é a mesma que S. André (1987/2011) assinala em suas observações sobre esse texto: a criança espancada, mesmo nas fantasias das meninas, é sempre do sexo masculino. Freud já trabalhava há tempos com a noção do complexo parental da menina, que se centrava em sua relação com o pai e com a culpa resultante desse amor incestuoso. Os dois tempos iniciais das fantasias de espancamento simplesmente confirmam isso ao expressarem a ligação edípica da menina com o pai, visto que, na primeira fase, a criança é destituída do amor paterno, enquanto que na segunda ela volta a ser eleita, desbancando seu rival que era espancado em seu lugar. E na terceira fase, o que acontece? Ainda segundo S. André (1987/2011):

Entretanto, é preciso considerar um limite para essa fixação ao pai já que, na terceira fase, a relação pai-filha desaparece da cena e se vê substituída por aquela que une um substituto paterno a um menino. Esse enigma leva Freud a introduzir a noção de “complexo de masculinidade” na menina (pp. 186-187).

É exatamente nesse “complexo de masculinidade” que se constrói a novidade que Freud (1919/2006) traz à sexualidade da mulher nesse contexto. E do que se trata esse complexo? Ele não é a homossexualidade feminina propriamente dita. Se assim fosse, Freud estaria dando como saída do complexo de Édipo feminino daquelas meninas da fantasia de espancamento a perversão. Não é isso que ocorre. O “complexo de masculinidade” se constitui, a partir de 1919 e para todo o pensamento de Freud acerca da sexualidade da mulher em diante, como uma fase que as meninas passam, que todas as meninas passam, mas que deve ser superada para que ela atinja seu desenvolvimento sexual “normal”, ou seja, para que ela possa superar a inveja do pênis, substituindo seu desejo de ter um pênis por seu desejo de ter um filho. Então, já que as meninas das fantasias de espancamento são em sua maioria, nas palavras de Freud (1919/2006), neuróticas⁶⁴, onde estaria a mulher perversa que este estudo tenta assinalar?

⁶⁴ Segundo Freud (1919), dos 6 casos que forneceram o material para sua reflexão, 5 seriam casos de neurose.

Na verdade, o que se dá em termos de perversão no texto *Uma criança é espancada* (1919/2006), se dá nos termos da fantasia. É a fantasia que se constitui enquanto perversa e não o sujeito que produz a fantasia. Nessa chamada “perversão infantil”, comum ao desenvolvimento sexual das crianças, é a fantasia que possui o qualitativo de perversa, mesmo que se trate de uma constituição neurótica. No caso de uma estrutura perversa, observada na vida adulta, já se trata de uma perversão adulta, que advém da evolução e do não recalçamento daquela perversão infantil. Logo, há uma diferenciação feita por Freud (1919/2006) quanto às perversões. Enquanto a menina das fantasias de espancamento passa, no terceiro tempo da fantasia, por um “complexo de masculinidade” e atua, em sua fantasia, sua perversão infantil, a jovem homossexual de 1920 teria se fixado nesse “complexo de masculinidade”, passando a atuar, não só fantasisticamente, sua perversão adulta. É isso que o caso dessa jovem traz de contribuição à construção da sexualidade da mulher: a consideração da vivência de uma outra saída da castração da menina, a da constituição homossexual, mesmo que colocada em termos de perversão.

A história da jovem que precede os comentários de Freud já foi exposta neste estudo⁶⁵. Sendo assim, nessa parte, somente citações e comentários que auxiliam os objetivos deste capítulo é que serão pontuados. Ao expressar o desejo dos pais da jovem, Freud (1920b/2006) não deixa de assinalar que “um casamento rápido deveria despertar os instintos naturais da moça e abafar suas tendências inaturais” (p. 161). A frase mostra um pensamento muito comum, até mesmo nos dias de hoje, que é o da naturalização do gênero. Os gêneros masculino e feminino teriam predisposições naturais, biológicas, que os fariam ter certos tipos de comportamento que estivessem de acordo com sua anatomia com suas funções naturais. Freud já era considerado transgressor ao falar tão

⁶⁵ Ver capítulo 2.

abertamente sobre sexualidade. Entretanto, não deixa de se embasar teoricamente, vez ou outra, em concepções que visam uma prisão à anatomia e ao que se espera socialmente, principalmente no que tange à noção de normalidade. O fato é que os pais da jovem queriam uma filha “normal”, que não se encontrasse com moças mais velhas e que cumprisse seu destino pré-determinado de se casar e ter filhos. Mas não parece ser o que a moça queria.

A tal jovem, além de parecer muito confortável em sua condição de homossexual, não parecia também se importar com a sociedade em geral, com exceção de seus pais. Ao comentar o possível êxito, conseguido pelo tratamento psicanalítico, da “conversão” de pacientes homossexuais em heterossexuais, Freud (1920b/2006) destaca que não se estabelece um número notável. Segundo ele:

Via de regra, o homossexual não é capaz de abandonar o objeto que o abastece de prazer e não se pode convencê-lo de que, se fizesse a mudança, descobriria em outro objeto o prazer a que renunciou. Se chega a ser tratado, isso se dá principalmente pela pressão de motivos externos, tais como as desvantagens sociais e os perigos ligados à sua escolha de objetos; e esses componentes do instinto de autoconservação mostram-se fracos demais na luta contra os impulsos sexuais. Então, logo descobrimos seu plano secreto, que é obter do notável fracasso de sua tentativa um sentimento de satisfação por ter feito tudo quanto possível contra a sua anormalidade, com o qual pode resignar-se agora de consciência tranquila (pp. 162-163).

Freud (1920b/2006) começa descrevendo o insucesso da tentativa de “cura” de um homossexual. Ao citar as convenções sociais que dificultam a vida dos homossexuais, Freud (1920b/2006) mostra-se de acordo com seu escrito de 1908, *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna*, onde mostra o antagonismo entre a civilização e a vida pulsional do sujeito. A civilização, em prol da “normalidade” pede algo ao sujeito que é contra toda a sua vida pulsional. Se assim fizer o homossexual, ou seja, se esse ceder ao que demanda a civilização, estará indo contra seu desejo e estará prestes a adoecer. No caso da jovem homossexual, seus pais queriam que ela adoecesse, mesmo sem se dar conta disso, ao demandar sua “cura” e exclamarem seu desejo de casamento

e filhos para a filha. Por esses motivos, Freud (1920b/2006) relata que se absteve “por completo de oferecer aos pais qualquer perspectiva de realização de seu desejo”⁶⁶ (p. 163), visto que era impossível e que era um desejo deles e não da própria jovem. Ainda sobre a citação acima, é mais uma vez notável o uso de termos como “anormalidade”, visto que não era “natural” e a pontuação acerca dos “perigos” ligados à escolha homossexual de objetos. Que perigos seriam esses? E o que seria mais perigoso, a vivência homossexual da jovem ou sua tentativa de “harmonizar” o que demanda a civilização com o que demanda sua vida pulsional? Com certeza, a última opção, visto que ela levaria àquilo que a psicanálise justamente não quer ver acontecer: o adoecimento do sujeito. A via de desenvolvimento sexual homossexual parecia não ser bem vista até mesmo pela própria dama com a qual a jovem se relacionava. Segundo Freud (1920b/2006):

A dama costumava recomendar à moça, sempre quando se encontravam, que afastasse sua afeição dela e das mulheres em geral, havendo persistentemente rejeitado todos os avanços da jovem até a ocasião da tentativa de suicídio (p. 164).

Sendo assim, é visível que nem a própria homossexual estava disposta a agariar mais “seguidores”. A dama já sabia de tudo aquilo que Freud (1920b/2006) alertava à jovem, ou seja, sobre os perigos da homossexualidade. Entretanto, a jovem afirma a Freud que não possuía nenhuma necessidade de se libertar de sua homossexualidade, mas que iria se esforçar terapeuticamente, por amor aos pais (e por falta de amor a si mesma). Logo, a jovem, de uma maneira ou outra, mesmo com a impossibilidade de sua “cura” declarada por Freud, escolhe harmonizar as demandas da civilização com sua vida pulsional, o que representa um assombro à sua própria vida psíquica. É exatamente nesse ponto que Freud deveria ter barrado esse tratamento ou o levado por outras vias. Ao saber da relação entre a doença nervosa moderna e a moral sexual “civilizada”,

⁶⁶ Entretanto, em sua biografia, a jovem comunica às autoras que era desejo de Freud que ela se tornasse heterossexual, como seus pais desejavam. Sobre isso, ver capítulo 2.

poderia ter se negado a tratar a jovem, visto que era contra o seu desejo. Seu desejo, na verdade, era ser amada pelos pais e agradá-los de qualquer maneira, inclusive passando por cima de sua vida pulsional. Essa poderia ser a outra via pela qual esse tratamento poderia ser conduzido.

Entretanto, o caso demonstra contribuições muito importantes à constituição da sexualidade da mulher, agora perversa (também). A jovem homossexual seria o caso de Freud onde, após a consideração teórica da existência de um “complexo de masculinidade”, proveniente da perversão infantil, se expressa a perversão na vida adulta, sendo a via da sexualidade homossexual um resultado de uma fixação nesse mesmo “complexo de masculinidade”, não superado pela jovem. Logo, ela está fadada a não superação da inveja do pênis. Outra questão extremamente relevante é o acréscimo que Freud faz à posição edipiana clássica da menina. Ao apontar que Freud (1920b/2006) pontua a relação da jovem com a mãe em uma fase anterior ao complexo de Édipo, S. André (1987/2011) nos diz:

Essa hipótese modifica completamente a concepção que Freud tinha até então defendido quanto à posição edipiana clássica da menina (amar o pai e desejar receber um filho dele). Revela-se, agora, que por trás desta posição amorosa do pai se esconde uma outra mais antiga e que a inclinação pelo pai oculta, de fato, um amor primordial pela mãe. Este está longe de ser apagado pela eleição do pai, já que basta uma decepção na esperança suscitada por este último para que o amor mais antigo volte à tona, quaisquer que sejam, aliás, os motivos de hostilidade que possam se colocar contra o primeiro objeto (pp. 193-194).

É exatamente esse o grande trunfo que a jovem homossexual traz a Freud: o da possibilidade da existência de uma relação pré-edipiana com a mãe ainda mais forte que a relação propriamente edipiana. Nesse sentido, o complexo de Édipo da menina é reposicionado, sendo agora considerado como algo que ocultaria sua relação primordial com a mãe. No caso da jovem homossexual, segundo Freud (1920b/2006), a decepção na esperança de ter um filho com o pai, visto que a mãe estava grávida dele e não a

jovem, fez com que a menina resgatasse sua relação afetiva mais primordial, fazendo assim com que ela resolvesse revivendo, já na puberdade, seu complexo de Édipo pela via da homossexualidade, pelo trazer a tona seu “complexo de masculinidade”, fruto de sua perversão infantil. A jovem, então, assume uma posição culturalmente conhecida como masculina, ao amar a dama (que, obviamente, se torna a amada) e tendo como objetivo algo considerado tipicamente masculino, o “salvar” a dama, a quem ama, de sua depravação. Logo, ao se considerar o período pré-edipiano e sua importância, fica estabelecido, no desenvolvimento da sexualidade da mulher, um estágio que S. André (1987/2011) conceitua como “estágio zero”, que é aquele onde a menina está identificada com o pai, tem a mãe como objeto de desejo e possui, enquanto objetivo amoroso, o “amar” como ação principal.

Após todas as considerações acima feitas, o que ensina essa mulher perversa à Freud, que possibilita ao autor um novo posicionamento da histérica seduzida e da histérica fantasiosa e sábia? Essa mulher ensina a Freud que existe um tempo do desenvolvimento da sexualidade denominado “complexo de masculinidade”, derivado do terceiro tempo das fantasias de espancamento e próprio da perversão infantil. Além disso, essa perversão infantil não qualifica o sujeito enquanto perverso, mas sim tipificaria sua fantasia. Com a jovem homossexual, a mulher perversa assume os rumos de uma perversão adulta, demonstrada pela via da homossexualidade. Para concluir, insere o complexo de Édipo nesse contexto, ao demonstrar a Freud uma relação pré-edipiana entre a criança e a mãe, mais forte que a relação edipiana propriamente dita, tendo a menina o objetivo de amar seu objeto, materializado na figura materna. Essa fixação da filha à mãe será tema das pesquisas de Freud nos anos seguintes, especialmente a partir de 1925, com a introdução da pré-história do complexo de Édipo feminino. É baseado nesse ponto que Freud nos apresenta sua nova mulher, que de

desenvolvimento edípico igual ou muito semelhante ao do menino, torna-se agora diferente e única.

3.1.4 DE IGUAL À DIFERENTE

Os três textos escolhidos para dar continuidade à exposição da sexualidade da mulher constituem-se como um grupo de escritos que parece seguir uma evolução da teoria freudiana. Os textos em questão são *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923/2006), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924b/2006) e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/2006). Seguindo uma ordem cronológica, esses textos vão apontar de que forma Freud se organizou, dentro de sua própria teoria, para finalmente sistematizar o desenvolvimento da sexualidade da menina, partindo de certas semelhanças com o do menino e chegando às conclusões que modificariam de vez sua teoria da sexualidade e a própria sexualidade da mulher.

No primeiro dos três textos, de 1923, Freud se preocupa em “reparar uma negligência” (p. 157) acerca do que já havia dito nos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006). Ao longo do tempo, Freud vinha caracterizando a sexualidade infantil ao levar em consideração a universalidade do pênis. “Todos tem um pênis” se estabelece como uma das teorias sexuais infantis criadas pelas crianças na tentativa de responder suas questões acerca da sexualidade. Neste texto em questão, Freud (1923) assinala esse mesmo ponto, mas de outra forma:

[...] a característica principal dessa “organização genital infantil” é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O

que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo (p. 158).

Além de construir agora seu pensamento acerca do desenvolvimento da sexualidade baseado na primazia do falo, outro ponto ganha agora mais destaque: o complexo de castração. Se antes, quando “todos tinham um pênis”, se fosse observado que, anatomicamente, a menina não possui um, isso era facilmente explicado pela possibilidade de seu crescimento. O texto de 1923 traz, além disso, a problemática em torno da falta de um pênis ou da possibilidade de ser castrado. Segundo Freud (1923/2006):

A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria. [...] Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração (pp. 159-160).

A partir daí, apesar de deixar claro desde o início do texto que se trata de um exame da sexualidade do menino e não da menina, marca-se a diferença sexual em outros termos. Se antes o parâmetro era a universalidade de um órgão (ou a fantasia em torno dessa universalidade), agora o que se põe explícita é uma falta. Se em 1908, quando escreveu *Sobre as teorias sexuais das crianças*, Freud postulava que a falta não era constatada, sendo encoberta pela teoria da universalidade do pênis, agora, em 1923, o complexo de castração vira ponto central, sendo o sexo feminino, aos olhos do menino, aquele onde falta um pênis. Nas palavras do próprio Freud (1923/2006), “a antítese aqui é entre possuir um órgão genital masculino e ser castrado” (p. 161). Esse mesmo complexo de castração se tornará ainda mais primordial quando Freud resolve caracterizar a sexualidade da mulher de forma isolada. Nelas, ele antecede o complexo de Édipo, apresentando às mulheres três vias de destino sexual⁶⁷. Além disso, ainda nesse mesmo texto, Freud (1923/2006) estabelece a primazia fálica a serviço da reprodução (e essa

⁶⁷ Este ponto será discutido no item 3.1.5 deste capítulo.

sempre considerada como a última fase da organização da sexualidade) e a valorização da vagina enquanto “lugar de abrigo para o pênis” (p. 161). A sexualidade da menina parece ainda continuar intocada, no que diz respeito à sua individuação perante a sexualidade do menino, mas, ao apontar a primazia fálica e a importância da castração, Freud já dava indícios do que estava por vir em seus próximos textos. O desenvolvimento sexual de meninos e meninas vai ficando cada vez mais diferente e singular, ao se apontar suas particularidades.

Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924b/2006), as colocações acerca das diferenças no desenvolvimento da sexualidade de meninos e meninas já são diferentes. Para Freud (1924b/2006), “a menina gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais” (p. 193), enquanto que “o menino encara a mãe como sua propriedade, mas um dia descobre que ela transferiu seu amor e solicitude para um recém-chegado” (p. 193). Bem, isso já estava claro desde que Freud começou a falar sobre o complexo de Édipo. Então o que esse texto de 1924 traz de novo para contribuir na construção da sexualidade da mulher que passa de igual à diferente? Uma dessas contribuições, que marca uma das diferenças entre o desenvolvimento sexual de meninos e meninas é apontada por S. André (1987/2011):

Quanto à questão do futuro do complexo de Édipo no menino, a resposta é simples: não existe. Freud retoma assim a tese que postulou desde 1924, em *A dissolução do complexo de Édipo*: o complexo de castração, no menino, faz literalmente estilhaçar o complexo de Édipo. Este não é apenas recalçado pela força da ameaça de castração, mas, diz Freud, “sob condições ideais” desaparece pura e simplesmente do inconsciente, vindo o supereu assumir seu lugar (p. 207).

Já para as meninas, a história vai ser diferente: sendo uma situação mais complicada, a menina, que já vivenciou seu período pré-edípico, onde tinha a mãe como objeto de desejo e tinha como ação primordial amar essa mãe, agora terá que trocar de objeto, ou seja, renunciar à mãe e substituí-la pelo pai. Isso, é claro, de acordo com as condições

previstas pela “normalidade” e pela naturalização dos gêneros. Apesar dessa troca que a menina deve fazer, Freud (1924b/2006), nesse momento, nos diz:

O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza (p. 198).

Simplificando dessa forma o Édipo feminino, Freud ignora, pelo menos nesse momento, suas análises com Dora e com a jovem homossexual, por exemplo. Elas não queriam simplesmente assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai. Seus desejos passavam por vários caminhos que não cabem nessa simplicidade a que Freud resumiu a sexualidade feminina em 1924. Entretanto, há ganhos, visto que ela já possui diferenças e particularidades em relação ao desenvolvimento sexual do menino. De acordo com o pensamento freudiano expresso nesse texto, a dissolução do complexo de Édipo nas meninas se resume à renúncia “forçada” ao pênis, mas que exige uma compensação ou um prêmio de consolação por ser marcada pela falta e pela culpa de ser castrada e não saber o motivo disso. É daí que o desejo por um filho, que não será dado pelo pai, substituiria seu desejo de não ser castrada, de ter um pênis e a compensaria da forma mais satisfatória possível. É a partir desse pensamento que surge a noção de que as mulheres que não escolhem esse caminho, que não estão dispostas a fins reprodutivos, permanecerão na falta eterna e cultivarão a inveja do pênis para todo o sempre.

Ao assinalar a incompletude e sua compreensão insatisfatória acerca do desenvolvimento da sexualidade das meninas no fim desse texto de 1924, Freud abre caminhos, em sua própria teoria, para a construção de novas concepções. Elas viriam,

de forma clara e expressa, em seu texto de 1925, *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. O complexo de Édipo das meninas, antes considerado por Freud como mais simples que o dos meninos, agora ganha novas nuances. Nesse sentido, coloca Freud (1925/2006):

Nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais que nos meninos. Em ambos os casos, a mãe é o objeto original, e não constitui causa de surpresa que os meninos retenham esse objeto no complexo de Édipo. Como ocorre, então, que as meninas o abandonem e, ao invés, tomem o pai como objeto? Perseguindo essa questão pude chegar a algumas conclusões capazes de lançar luz exatamente sobre a pré-história da relação edipiana nas meninas (p. 280).

As conclusões as quais chega Freud interferem diretamente na concepção da sexualidade da mulher que agora atinge grandes diferenças em relação à sexualidade do homem. Essas conclusões permitem afirmar que a menina possui uma ligação intensa com seu pai e daí provém seu desejo de ter um filho dele. Essa sua fantasia, a de ter um filho de seu pai, promove sua atividade masturbatória infantil. Freud já havia percebido a existência de uma pré-história edipiana nas meninas, mas talvez não em toda sua intensidade. A menina e o menino seguem em seu desenvolvimento psicosssexual, descobrindo sua diferença anatômica. Se para o menino a falta do pênis nas meninas é, inicialmente, rejeitada, mais tarde isso se torna importante para ele. É quando a realidade da ameaça da castração passa a assombrá-lo verosamente, visto que ali onde nada era percebido, agora se percebe uma falta, ou uma castração realizada. Já a menina percebe sua falta desde o início e, desde então, já sabe que não o possui. Entretanto, deseja tê-lo. Segundo S. André (1987/2011), se menino e menina descobrem a mesma coisa, o significado disso não é o mesmo para os dois, visto que “esta descoberta se inscreve no registro da falta para o menino e no registro do véu para a menina” (p. 204). É nesse momento que, segundo Freud (1925/2006):

Aqui, aquilo que foi denominado de complexo de masculinidade das mulheres se ramifica. Pode colocar grandes dificuldades no caminho de seu desenvolvimento regular no

sentido da feminilidade, se não puder ser superado suficientemente cedo. A esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem, pode persistir até uma idade incrivelmente tardia e transformar-se em motivo para ações estranhas e doutra maneira inexplicáveis. Ou, ainda, pode estabelecer-se um processo que eu gostaria de chamar de “rejeição”, processo que, na vida mental das crianças, não aparece incomum nem muito perigoso, mas em um adulto significaria o começo de uma psicose. Assim, uma menina pode recusar o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que realmente possui um pênis e subsequentemente ser compelida a comportar-se como se fosse um homem (pp. 281-282).

Nesse ponto do texto, Freud insere o “complexo de masculinidade” na história do desenvolvimento da sexualidade feminina, apontando a necessidade de sua superação, se essa menina deseja superar sua inveja do pênis. Para a não superação, outras duas saídas apontadas: ou “um motivo para ações estranhas”, ou seja, a evolução do “complexo de masculinidade”, o que o faz perdurar até a idade adulta da menina, culminando em um desenvolvimento homossexual, ou a psicose. Nenhum desses dois caminhos parecem ideias a Freud. Sendo assim, ele insiste na superação do complexo e ainda aponta outras consequências que a inveja do pênis pode trazer à menina. São elas: o desenvolvimento de um sentimento de inferioridade perante aos homens, uma persistência no sentimento de ciúme, que, segundo Freud (1925/2006), é bem mais expressivo do que nos homens, o afrouxamento da relação afetiva da menina com sua mãe, considerada a grande responsável pela falta de seu pênis e um forte movimento contra a masturbação, visto que a estimulação clitoriana nunca será a estimulação do pênis, logo, seria melhor deixar de mão a prática masturbatória.

Todas essas consequências apontadas por Freud (1925/2006) levam, mais uma vez, a construção da sexualidade da mulher diferente da sexualidade do homem. Aqui, a pré-história edipiana das meninas transforma seu complexo de Édipo em um complexo secundário, algo que não ocorre nos meninos. Além disso, Freud (1925/2006) constata que as meninas entram no complexo de Édipo pelo complexo de castração, enquanto que nos meninos o sentido é oposto. Nas meninas, diferente dos meninos, falta uma

razão para se acabar com o Édipo, visto que a ameaça de castração nunca existiu para elas e assume um contexto psíquico e anatômico bem diferente. Ao apontar que, nos meninos, o complexo de Édipo é estraçalhado, Freud (1925/2006) aponta para a possível persistência do Édipo feminino. Se nos meninos ele termina com a constituição de um supereu, nas meninas constitui-se um supereu bem mais frágil, dependente e bem menos exigente.

A partir desses três textos de Freud acima citados, o que dizer sobre a mulher, que passou de igual à diferente? O que a observação do desenvolvimento da sexualidade dessa mulher ensina à Freud é que seu desenvolver sexual é bem mais amplo e complexo do que ele imaginava. Partindo da primazia fálica, a mulher, agora diferente, desenha sua sexualidade a partir de uma pré-história edipiana, reposicionando seu complexo de Édipo ao colocá-lo como secundário. Entende a diferença anatômica como uma constatação e daí surge sua inveja de ter algo que jamais poderá ter. Além disso, ela dá a Freud a possibilidade de inserir em sua teoria, de forma sistemática, seu complexo de masculinidade. Sofre as consequências de sua inveja do pênis, que são muitas, adentra ao Édipo de forma oposta ao menino e culmina, no contexto do complexo de Édipo, em uma constituição sexual que tem como bases um supereu fragilizado, um ciúme eternizado e expressivo e um possível sentimento de inferioridade perante os homens, o que a faz, inclusive, abandonar sua prática masturbatória clitoriana, visto que o prazer que essa atividade sexual pode gerar jamais poderá se comparar com a estimulação peniana. É com esses pressupostos que Freud vai, mais uma vez, se aventurar a argumentar acerca da sexualidade feminina, agora de forma mais ampla. A partir dos reposicionamentos de todas as mulheres já constituídas é que ele irá constatar a impossibilidade de nomeação total da sexualidade da mulher.

3.1.5 A INOMINÁVEL

O desenvolvimento da sexualidade da mulher que ajuda Freud a classificá-la como um enigma conta com a participação de todas as outras mulheres freudianas já citadas aqui. A mulher de sexualidade inominável é a histérica seduzida, a histérica fantasiadora e sábia, a perversa e a que passa do desenvolvimento análogo ao do menino ao desenvolvimento diferente, único e particular. São todas as características já observadas e discutidas por Freud ao longo de todos esses anos, acerca da sexualidade da mulher, que a tornam inominável, sem nome e sem rotulação que dê conta de dizer de sua sexualidade por inteiro. Nessa parte final deste capítulo, dois textos fundamentais de Freud serão utilizados como referência: *Sexualidade feminina* (1931/2006) e *Feminilidade*, que corresponde à XXXIII conferência em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933[1932]/2006).

Em *Sexualidade feminina*, Freud (1931/2006) vai apontar, com mais afinco e de uma forma mais completa, basicamente todos os apontamentos que já havia feito em 1925, em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Mais uma vez, ressalta a importância da ligação pré-edipiana (ou pré-história do Édipo) entre a menina e sua mãe. Além disso, traz a noção de elementos tanto passivos quanto ativos da menina em relação à sua mãe, algo que jamais havia sido explorado dessa forma, visto que a atividade permaneceu, por muito tempo, ligada ao menino/homem e a passividade à menina/mulher. O complexo de castração volta a ser discutido, nos termos de suas diferenças para se dar em meninos e meninas. O ponto de destaque é talvez não a vivência da menina do complexo de castração, mas sim sua saída dele. Segundo Freud (1931/2006):

Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. Dessa atitude, dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva à uma revulsão geral à sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade incredivelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse “complexo de masculinidade” nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do Complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o Complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração (pp. 237-238).

Essas “linhas de desenvolvimento” as quais Freud se refere dão indícios do que virá, na entrada do complexo de Édipo. Entretanto, não é só disso que se tratam. Essas linhas demonstrariam um desenvolvimento que pode culminar, muito provavelmente, na vivência de características próprias de cada uma delas, na vida adulta. Sendo assim, se a menina sai do complexo de castração para o Édipo de acordo com a primeira linha de desenvolvimento, ela estará sujeita “a uma revulsão geral à sexualidade” ou ao que se denomina, neste trabalho, de assexualidade⁶⁸. Isso não significa uma inexistência de sexualidade e nem sexualidade recalcada, visto que a sexualidade, de toda forma, sempre sofrerá, em maior ou menor grau, a ação do recalque. Significaria a existência de uma sexualidade que sofre recalque até o ponto de adormecer, de não ser facilmente percebida. Já a segunda linha de desenvolvimento citada por Freud, se se estabelecer e perdurar até a vida adulta, representa a vivência homossexual feminina, ou seja, a persistência do complexo de masculinidade em seu mais alto grau. Nas palavras de Freud (1931/2006), é somente na terceira e última linha de desenvolvimento que a

⁶⁸ Sobre isso, ver também capítulo 2.

menina teria a possibilidade de superação da inveja do pênis, ao trocar seu objeto de amor materno pelo paterno e substituir seu desejo de ter um pênis (o que implica, também, na superação do “complexo de masculinidade”) por um desejo de ter um filho. Todas essas possibilidades citadas acima não ocorrem tão simplesmente. Há uma série de fatores particulares do desenvolvimento da sexualidade da mulher que contribuem para suas passagens pela castração e pelo Édipo, até se tornar, de fato, uma mulher adulta. Dentre esses fatores, destaca-se, em concordância com o texto de Freud (1931/2006), a pré-história edipiana, que ganha o status de relacionamento original, sendo o edipiano uma construção secundária, feita sobre ele. A atitude hostil que a menina assume em relação à mãe também não é sem razão, mas não se pode encontrá-la já no Édipo. A origem dessa atitude seria mais antiga, proveniente da pré-história edipiana e, durante o Édipo é somente reafirmada. Daí surge uma questão: já que a hostilidade em relação à mãe tem sua origem bem mais arcaica do que se imaginava, quais seriam então as causas dessa hostilidade? Segundo Freud (1931/2006), existiriam várias causas que poderiam explicar esse movimento da menina, como o ciúme que ela sente da mãe com outras pessoas; a mãe colocada, primeiramente, como a responsável pelo início da atividade fálica da menina, já que desempenha papéis nos primeiros anos que se encaixam perfeitamente com as fantasias de sedução, e, depois, ser a responsável por barrar sua atividade masturbatória. É como se a mãe oferecesse o doce e depois da primeira mordida da criança, ele fosse tomado a força. A menina se ressentia “por ser impedida de uma atividade sexual livre” (p. 240); outro ponto que contribuiu para a hostilidade da menina em relação à seu amor materno é a descoberta de que a mãe, também castrada, reafirma que nela a falta é permanente. Nesse sentido, a mãe seria a grande responsável pela falta da menina, sofrendo, assim, “uma grande depreciação a seus olhos” (p. 241). De forma resumida e didática, Freud (1931/2006) nos diz:

Quando passamos em revista toda a gama de motivos para se afastar da mãe que a análise traz à luz – que ela falhou em fornecer à menina o único ou órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu em partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor de menina, e, finalmente, que primeiro despertou a sua atividade sexual e depois a proibiu -, todos esses motivos, não obstante, parecem insuficientes para justificar a hostilidade final da menina. [...] Talvez o fato real seja que a ligação à mãe está fadada a perecer, precisamente por ter sido a primeira e tão intensa, tal como frequentemente se pode ver acontecer nos primeiros casamentos de mulheres jovens, que ingressaram neles quando estavam mais apaixonadamente amorosas. Em ambas as situações, a atitude de amor provavelmente passa para a de pesar pelos inevitáveis desapontamentos e pela acumulação de ocasiões para a agressão (p. 242).

Sendo assim, esse tipo de hostilidade poderia ser explicado pela conjuntura de todos esses fatores já citados ou, simplesmente, pelo destino em que normalmente as primeiras relações caem. Mas essa segunda opção corroboraria ainda mais com a ideia de se manter a mulher e sua sexualidade como um enigma, como algo que jamais poderá ter conclusões que a determinem por completo. Freud (1931/2006) ainda aponta a ambivalência na qual essa relação costuma se dar. Se de um lado há amor, do outro há ódio. Essa relação, por sua grande intensidade, seria extremamente ambivalente.

O outro ponto de destaque que esse texto de 1931 traz é a constatação da presença de elementos passivos e ativos na relação com a mãe. Erroneamente, assumiria Freud em 1933⁶⁹, tendeu-se por muito tempo a se afirmar que a passividade era própria das mulheres, enquanto que a atividade pertencia aos homens. Na verdade, o entendimento psicanalítico sobre esses termos vai mais além: a atividade é um elemento próprio do masculino, enquanto que a passividade é um elemento próprio do feminino. Isso não quer dizer que cada elemento desses pertença a um gênero, visto que a mulher vivencia a masculinidade, vide seu “complexo de masculinidade”, e o homem, por sua vez, também vivencia a feminilidade, vide a posição que assume, em determinadas fases, perante seus pais. No caso do texto em questão, Freud (1931/2006) vai dizer desta outra

⁶⁹ No texto *Feminilidade*, parte de suas conferências.

ambivalência a qual as meninas vivenciam em suas relações com seus objetos de amor maternos. Isso se dá pela caracterização do que Freud (1931/2006) vai chamar de “objetivos sexuais das meninas” (p. 244), que podem ora ser passivos, ora ser ativos.

De início, a relação entre a menina e a mãe tende ao caráter passivo. A menina é cuidada, alimentada, limpa, entre outras coisas. Entretanto, logo ela começa a apresentar as nuances de um caráter ativo: do mesmo que a menina mama no seio de sua mãe, a mãe também se sente alimentada pela menina; os cuidados básicos que a mãe tem com a menina logo evoluem para a brincadeira, onde a menina possui uma filha e faz o papel da mãe, alimentando-a e vestindo-a, por exemplo. Segundo Freud (1931/2006), essa quantidade de caracteres passivos e ativos observados em uma criança pode ajudar a se tirar conclusões sobre a intensidade futura de masculinidade e de feminilidade que ela pode apresentar em sua sexualidade. Se voltando para suas antigas conclusões acerca da histeria e das teorias da sedução e da fantasia, Freud (1931/2006) ainda acrescenta que a mãe, nessa nova organização do desenvolvimento da sexualidade da menina, se torna a primeira sedutora da criança, lugar que era normalmente ocupado pelos pais nos relatos das histéricas. A mãe, nessa nova concepção, seria a responsável por inaugurar a atividade fálica da menina, que, após essa “inauguração”, tende a evoluir em sua atividade sexual, passando para a estimulação clitoriana. Segundo Freud (1931/2006), essa atividade, nesse período, estaria “provavelmente acompanhada por ideias referentes à mãe” (p. 247). O afastamento da mãe deve acontecer ao mesmo tempo em que ocorre um rebaixamento dos impulsos sexuais ativos, ao passo que os passivos devem tornar-se mais expressivos. É exatamente o aumento das tendências passivas que devem auxiliar a menina a desenvolver sua feminilidade.

Ao isolar com mais cuidado todos esses pontos acima descritos, Freud empreende uma concepção do desenvolvimento da sexualidade da mulher extremamente complexa. Se

antes já tinha passado de simples a não tão simples assim, agora ele se torna, apesar de fundamentado, incompreensível sob muitas nuances. Tornar-se mulher depende agora de várias etapas de desenvolvimento sexual pelas quais a mulher passa, mas, por outro lado, essas etapas permanecem restritivas. O ser mulher está restrito à uma mudança de objeto de amor seguida de uma mudança de zona erógena que, por sua vez, possibilitaria a substituição de uma inveja. Esse caminho, apesar de transgressor para a época e bem mais esclarecedor que os anteriores, também trouxe conclusões que não agradaram, como o eterno sentimento de inferioridade da mulher perante o homem, sua menor capacidade de sublimação e, por fim, sua satisfação sexual adulta ligada sempre ao mesmo fim, a reprodução. São esses e outros pontos, como a sexualidade da mulher na vida adulta, que Freud (1933[1932]/2006) vai discutir em *Feminilidade*.

Nesse texto, Freud (1933[1932]/2006) preocupa-se em fazer uma recapitulação de todo o seu pensamento acerca da sexualidade da mulher até então. Um dos pontos ao qual se prende é acerca da questão da atividade nas mulheres e de que formas ela pode ser demonstrada. Ressalta também que antes da puberdade a menina já está “preparada”, ou seja, já está completa em muitas de suas funções sexuais. Mesmo com diversos pontos estipulados, o enigma parece jamais ser solucionado. Segundo S. André (1987/2011):

[Em *Feminilidade*, Freud] Começa por dar à feminilidade seu estatuto na reflexão – vamos entender, na reflexão estruturada pelo modo de pensar masculino. É um enigma. “Os homens em todos os tempos meditaram sobre o enigma da feminilidade”. E acrescenta que, nesse ponto, nada se deve esperar das mulheres que “são, elas mesmas, este enigma”. Então, por um lado, a feminilidade é um objeto de pensamento inapreensível, e por outro lado, para as próprias mulheres, faz parte do registro do ser inefável que não tem necessidade alguma de ser pensado para ser. O enigma da feminilidade tem assim um duplo papel, segundo o sexo: faz falar os homens e calar as mulheres (p. 224).

Sendo assim, é exatamente nesse ponto onde repousam as bases da sexualidade da mulher inominável: ao mesmo tempo que muitos (homens?) falarão sobre ela, seu silêncio e as questões que ele levanta jamais poderão ser totalmente decifrados. Essa

também parece ser a conclusão do próprio Freud, mesmo contando com uma vasta bagagem teórica acerca do assunto. Sobre as mulheres pode se teorizar, mas jamais se chegará a conclusões totalmente satisfatórias, jamais se alcançará alguma certeza. Além disso, ao longo do texto, Freud (1933[1932]/2006) pontua que a feminilidade é um vir-a-ser. O tornar-se mulher corresponderia, assim, a um processo. Ao passar por todas as etapas de desenvolvimento sexual, a menina teria a possibilidade, se as vivências fossem apreendidas satisfatoriamente, de tornar-se uma mulher.

A sexualidade da mulher na vida adulta é também objeto de discussão de Freud nesse texto. Um dos pontos que destaca é a frigidez sexual das mulheres que, no entendimento deste estudo, pode estar associada à linha de desenvolvimento pós complexo de castração que prevê uma rejeição total à sexualidade. Freud (1933[1932]/2006) ainda aponta outras peculiaridades psíquicas da feminilidade como a grande quantidade de narcisismo, o que torna a necessidade de ser amada maior do que a necessidade de amar, a inveja do pênis, que coloca a mulher em uma posição inferior ao homem e mantém nela a necessidade da vaidade, de chamar atenção por seus atributos, a vergonha, que, segundo Freud (1933[1932]/2006), estaria ligada à falta do pênis, “como finalidade a ocultação da deficiência genital” (p. 131), contando com os pelos pubianos para esconder seu clitóris já abandonado de suas funções sexuais (mesmo que o abandono não seja total) e sua vagina antes desconhecida. Freud (1933[1932]/2006) também discorre acerca das escolhas objetais das mulheres maduras. Quanto mais ela permanecer vinculada ao pai, mais sua escolha fará o tipo paterno. Em outros casos, a relação com um homem pode fazê-la reviver sua pré-história edipiana e toda a ambivalência própria dessa relação, originalmente com a mãe, será revivida e atualizada. Sobre a maternidade, Freud (1933[1932]/2006) afirma que ela não é somente experimentada quando a mulher tem um filho. Segundo ele, “um casamento não se

torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe” (pp. 132-133). Para concluir, Freud (1933[1932]/2006) apresenta algumas características que as mulheres possuiriam, sempre comparadas com os homens: a predominância da inveja em sua vida mental, sua menor capacidade de sublimação e sua libido imutável e rígida.

A partir de tudo o que foi colocado, quem seria essa mulher? O que essa mulher, inominável e enigmática em sua essência, teria ensinado à Freud? Ao mesmo tempo em que ela lhe ensina acerca das etapas de desenvolvimento sexual pelas quais passa, ela também lhe diz que sua história jamais poderá ser reduzida a isso. Ela lhe ensina, por exemplo, que seu desenvolvimento sexual, além de possuir uma pré-história edipiana, possui elementos de atividade e passividade. Que sua relação com a mãe estabelece-se na ambivalência, tanto na passividade e na atividade, quanto no amor e no ódio. Comunica a Freud de forma expressa que seu “complexo de masculinidade” pode ser considerado como uma resposta a tudo o que lhe fez se afastar de seu primeiro objeto de amor materno. Sobre sua atividade masturbatória, conta à Freud que ela é “iniciada” pela mãe. Se antes a mulher se vangloriava de ter sido seduzida pelo pai, agora ela cairá fatalmente nas mãos de sua primeira sedutora. Além disso, seu afastamento diz de sua revolta pela mãe ter lhe seduzido, mas, ao mesmo tempo, não permitir sua atividade sexual. A mulher inominável ainda pode escolher três saídas ao fim de seu complexo de castração. A cada uma delas, consequências surgirão, é claro. Sendo a terceira saída a mais adequada, talvez porque haja a possibilidade de superação da inveja do pênis, talvez por questões sociais, é nela em que Freud aposta para tentar fazer com que essa mulher, inominável, possa ao menos vislumbrar a possibilidade de substituir sua inveja por um filho. Se for um filho homem então, melhor. Talvez a mulher inominável seja

marcada pela impossibilidade da definição justamente porque reúne em si todas as outras mulheres de Freud.

A partir dessas considerações acerca da relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito teórico, origina-se a ideia aqui apresentada de que, em cada época descrita, Freud produz uma dessas cinco mulheres: a histérica seduzida, a histérica sábia e fantasiadora, a perversa, a que passa de igual à diferente e a inominável. São elas produções do trabalho de Freud, tanto clínico quanto teórico, e são elas as representantes do pensamento acerca da sexualidade da mulher. Todas as características da sexualidade de cada uma delas ajudam a pensar como essa mulher psicanalítica foi construída e quais seriam as noções sobre a sexualidade da mulher que, por conta delas, foram produzidas. O próximo capítulo, além de ter como objetivo a construção da relação entre os três âmbitos apresentados aqui (relações pessoais, clínico e teórico), também discutirá o pensamento construído na psicanálise contemporânea acerca da sexualidade da mulher e, principalmente, apresentará novas e antigas possibilidades de solução para as demandas psicosexuais atuais da mulher.

CAPÍTULO 4

FREUD E A SEXUALIDADE DA MULHER, HOJE: A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA E OS DESTINOS DA MULHER FREUDIANA

Ao longo de todo este estudo, procurou-se contextualizar a relação de Freud com a sexualidade da mulher em três âmbitos: o das relações pessoais, onde Anna Freud figura enquanto relação exemplo; o da clínica, onde o tratamento de sua filha foi destaque, além da pontuação da presença de Anna na obra de Freud, o que ajudou na discussão e nas conclusões sobre seu caso; e, finalmente, o âmbito teórico, quando a obra de Freud, utilizada cronologicamente, serviu de terreno para se analisar de que forma ele vai construindo e remodelando suas mulheres teóricas e quais as dúvidas e conclusões que essas mulheres trazem para Freud.

Nesse quarto capítulo, o objetivo final deste trabalho será alcançado, que é o de apontar alguns limites que a psicanálise, de referência freudiana, encontra na atualidade em relação à sexualidade da mulher, apontar as demandas que essa mulher tem nos dias atuais e, finalmente, apontar e discutir que tipo de respostas e estratégias teria a psicanálise, hoje, para dar conta dessas demandas ligadas à sexualidade da mulher.

Para que essa discussão se torne possível, alguns caminhos deverão ser antes percorridos. Nesse sentido, esse último capítulo apresentará, de início, a relação entre os três âmbitos já discutidos, onde será demonstrado de que forma eles se entrelaçam, chegando ao ponto de se causarem mutuamente. Além disso, será discutida a crise que, segundo muitos teóricos da psicanálise atual⁷⁰, a psicanálise se encontraria hoje em dia. Primeiramente, a crise será discutida em âmbitos gerais, para depois se passar à

⁷⁰ Esses teóricos da psicanálise atual serão apresentados devidamente no item 4.2 desse capítulo.

discussão acerca da crise das concepções a respeito da sexualidade da mulher em psicanálise. É claro que essa crise é voltada a alguns pontos específicos da teoria e do tratamento. Assim, se apresenta o pensamento acerca da sexualidade da mulher proferido por alguns teóricos da psicanálise dita contemporânea e que tipo de “soluções” eles apontam para que a psicanálise saia dessa crise que a cerca. Concluindo, serão apresentadas, a partir de alguns pontos, diretrizes postuladas para o trabalho de psicanálise na contemporaneidade, visando a manutenção dele frente às demandas atuais que versam, principalmente, sobre a sexualidade da mulher.

4.1 O PESSOAL, O CLÍNICO E O TEÓRICO: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Muito se fala acerca das influências que a teoria de Freud pode ter sofrido ao longo do tempo. Essas influências vem de diversos campos, mas aqui serão discutidas as influências provenientes de suas relações pessoais e de sua clínica, sob a ótica da sexualidade da mulher.

Nas relações pessoais, tem-se um Freud que se destaca por dois tipos de atuações distintas. Por um lado, um Freud mais conservador, que protege a filha de possíveis pretendentes e que ressalta características que acredita terem as mulheres. Esse primeiro viés ressalta um tipo específico de mulher freudiana: aquela que serviria para ser sua, filha ou esposa. Marta Freud foi o símbolo do pensamento de Freud sobre esse tipo de mulher mais feminina, recatada, sem muitas pretensões intelectuais. Marta foi tratada como uma “doce princesa”, que, segundo Gay (1989/2007), não deixava de ser cansativamente educada por Freud ao longo do tempo. Segundo Freud, em correspondência a Marta de 23 de outubro de 1883:

[...] Sei, afinal, como você é terna, como você pode transformar uma casa em um paraíso, como participará de meus interesses, como você será alegre e incansável. Deixarei que você governe

a casa quanto quiser e você me recompensará com o seu terno amor e sobrepondo-se a todas aquelas fraquezas pelas quais as mulheres com tanta frequência são desprezadas. Até onde o permitirem minhas atividades, leremos juntos o que quisermos e eu a iniciarei em coisas que não poderiam interessar uma moça enquanto ela não se familiarizasse com seu futuro companheiro e a ocupação dele. (in Kehl, M. R., 2008, p. 236).

Toda a correspondência entre o casal é marcada por romance e cuidado por parte de Freud, mas talvez a maior característica dela sejam as pequenas lições educativas que Freud lançava à Marta. Essas lições pareciam ser uma tentativa de fazer com que Marta se encontrasse com a feminilidade necessária para ocupar o lugar de esposa. Uma esposa deveria, naturalmente, saber de alguns afazeres que as donas de casa tinham como rotina. Esse fato mostra o quanto Freud legitimava a diferença entre os sexos e considerava muitas dessas diferenças como naturais, como inerentes a homens e mulheres. Segundo Gay (1989/2007):

Como outros burgueses convencionais de sua época, Freud dava grande importância à diferença entre os sexos, “a coisa mais significativa quanto a eles” [...]. Mandar as mulheres para a luta pela existência já era uma ideia “abortada”; pensar em Marta Bernays, sua “meiga e querida garota” como uma concorrente, parecia a Freud uma estupidez. Ele admitia que era possível chegar um dia em que um sistema educacional diferente contribuiria para a existência de novas relações entre homens e mulheres, e que a lei e os costumes concederiam às mulheres direitos então recusados. Mas a emancipação total significaria o fim de um ideal admirável. Afinal, concluía ele, a “natureza” destinou a mulher, “através da beleza, do encanto e da doçura, a algo mais”. Ninguém poderia imaginar, a partir desse manifesto impecavelmente conservador, que Freud estava em vias de elaborar as teorias mais subversivas, perturbadoras e pouco convencionais sobre a natureza e o comportamento humanos (p. 52).

Como assinalado por Gay (1989/2007), ao mesmo tempo em que Freud foi o desbravador de toda uma teoria sobre a sexualidade, manteve com Marta um diálogo de ensinamentos sobre o feminino que beirava o naturalismo que permeia o discurso de gênero. A naturalização dos gêneros é também algo que pode ser observado em sua teoria, visto que a mulher deveria superar seu complexo de masculinidade, encontrar sua feminilidade, trocar de zona erógena, superar a inveja do pênis tendo um filho, dentre outras coisas. Todos os outros caminhos diferentes destes que a mulher escolhesse,

estaria fadado à eterna fixação no complexo de masculinidade ou a uma aversão total à sexualidade, sendo esses dois outros caminhos considerados problemáticos pelo próprio Freud. Outros aspectos que seriam da natureza da mulher podem também ser relacionados entre o relacionamento com Marta e sua teoria sobre a sexualidade da mulher: elas não lutam por sua existência, já que são preparadas para exercerem outras funções que estejam mais de acordo com seu supereu prejudicado e com sua inferioridade perante aos homens.

Com Anna Freud, sua outra relação pessoal aqui abordada, as coisas foram mais complicadas. Apesar da insistência de Freud em fazer desabrochar a feminilidade de Anna, esta parece ter relutado bem mais que Marta. Anna não se contentou com os afazeres domésticos e com seus pontos de crochê. Buscou durante toda a vida um reconhecimento intelectual, mesmo que ele viesse à custa da teoria do pai. É por esse motivo que Anna Freud é a mulher escolhida nesse trabalho para a discussão da relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito pessoal: ela se torna sua mulher mais enigmática quando simplesmente não se encaixa nem na noção naturalizante de mulher de Freud, nem na posição de intelectual mais masculina, características marcantes das mulheres que Freud admirava. Esse se configura como o outro tipo de atuação que Freud tinha perante às mulheres e sua sexualidade: se por um lado atuava enquanto admirador de sua bela natureza ingênua e feminina, por outro lado admirava aquelas que fugiam a esse parâmetro e se apresentavam como intelectuais, masculinas, independentes, teóricas e atuantes no meio psicanalítico. Talvez o maior exemplo disso tenha sido Lou Andreas-Salomé. Ela personifica a mulher das relações pessoais de Freud que representa esse outro lado, oposto a Marta e a tudo o que ela representava em sua subjetividade. Anna Freud tentou condensar em si mesma esses dois grupos de características. Entretanto, pode-se pensar que pode não ter sido somente o desejo de

Anna que a fez circular por esses dois campos de atuação. Freud, por sua vez, foi o grande responsável por não colocar Anna em um só lugar, visto que ao passo que ele implorava por sua feminilidade e pelo desabrochar de sua sexualidade, receava por sua vida nas mãos de qualquer suposto pretendente. Ao mesmo tempo em que compartilhou com seus amigos mais próximos a preocupação que tinha com a vida afetiva da filha, sabia que ela lhe servia afetivamente e intelectualmente e não deixou de incentivar isso. Talvez Anna seja o perfeito paralelo que se pode construir para se explicar a relação entre dois dos três âmbitos explicitados por esse estudo. Anna, ao mesmo tempo ingênua e intelectual, ascética e sexual, feminina e masculina, protegida e destemida, dependente e independente, personifica a teoria sobre a sexualidade da mulher. Como? A teoria acerca da sexualidade da mulher freudiana reúne todas as características de Anna Freud. A mulher que Freud teoriza é inovadora, pois passa de uma concepção simples e oposta a do homem, em relação à constituição de sua sexualidade, para ser, ao passo em que a teoria evolui, uma mulher que possui, em seus destinos sexuais, características únicas e bastante complexas. A mulher da teoria de Freud é masculina, pois vivencia o complexo de masculinidade, podendo superá-lo ou não, e é feminina, pois precisa reencontrar sua feminilidade para ressignificar sua vagina e sua inveja do pênis. Essa mulher também é ingênua, é uma “histérica seduzida”, é alguém que não sabe sobre o sexo, mas também pode ser alguém que fantasia, alguém que atua na perversão, alguém que sabe muito sobre o sexo e seu sentido. Também pode ser ascética, ao se resolver pelo destino da aversão total à sexualidade, como também pode ser muito sexual e fantasiar acerca dos mais diversos tipos de situações, como ser espancada. Por fim, assim como Anna Freud, a mulher da teoria da sexualidade de Freud é dependente, pois depende do homem, de seu oposto, para ter sua sexualidade constituída, o que a torna refém da primazia fálica, mas se torna independente ao ter sua

constituição sexual comentada quase até os limites, chegando ao inominável e beirando o vazio. Nesse sentido, ao se pensar sobre que tipo de relações existiriam entre os três âmbitos citados nesse estudo, chega-se à primeira delas: a relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito das relações pessoais alimenta a relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito teórico. Isso implica em dizer que seus pensamentos acerca da sexualidade da mulher, demonstrados e observados em suas relações pessoais, principalmente com as representantes dos dois grupos de mulheres de Freud (as que ele amava, femininas e ingênuas, e as que ele admirava, masculinas e intelectuais), condensados na figura de Anna Freud, alimentaram o tipo de relação que estabeleceu com a sexualidade da mulher no âmbito teórico.

E o âmbito clínico, como relacionar com outros âmbitos? A clínica de Freud é conhecida como aquela que dá origem a toda a teoria freudiana. A prática psicanalítica é a responsável por toda a teorização que Freud faz a partir dela e não o contrário. Muitos exemplos de trabalhos de tratamento com mulheres na clínica de Freud podem exemplificar isso. Já nos *Estudos sobre a histeria* (1895/2006), surgem as primeiras contribuições que os casos clínicos – e as pacientes, principalmente – dão a Freud, para que ele possa teorizar ao longo do tempo. Elisabeth von R. (Ilona Weiss) seria a responsável, por exemplo, pelo primeiro passo em direção à técnica da associação livre e, mais tarde, para a elaboração da noção de resistência no tratamento. Já no tratamento de Miss Lucy (ou Srta. Lucy R.), Freud utiliza a palavra “recalque” para conceituar que os sintomas dela eram provenientes de um conteúdo inconsciente. Outra importante “colaboradora” de Freud seria sua paciente Dora. Com ela, Freud só lucra no que diz respeito à sua teorização futura. Desse trabalho de tratamento, Freud, que havia se debruçado anos antes na teoria dos sonhos, achou ter comprovado com Dora a eficácia dela, visto que essa análise é baseada em dois sonhos chave que Dora tem. Além disso,

Freud retira outro grande trunfo para sua teorização futura desse caso: a noção de transferência. Ao assumir que, no momento do tratamento de Dora, não soube manejar os afetos que a paciente direcionou a ele, afirma a existência da transferência, de sua necessidade e importância no trabalho de tratamento.

Não só de trunfos é construída a relação entre o clínico e o teórico em Freud. O incômodo que sentiu ao “representar” em alguns momentos, na relação transferencial com a jovem homossexual, por exemplo, uma figura feminina, é notório. E não foi só a jovem a quem Freud comunica a necessidade do tratamento dela com uma analista mulher: Anna, após vários anos de análise com o pai, também teria sido encaminhada a Lou Andreas-Salomé pelo mesmo motivo. A jovem homossexual também trouxe a Freud, além da possibilidade de ampliação da teorização acerca da perversão, a vivência clínica do destino do complexo de castração o qual ele denomina de “complexo de masculinidade” (ou a não superação dele). Anna também se caracteriza enquanto caso clínico e, nesse sentido, vários outros desenvolvimentos teóricos foram feitos por Freud⁷¹. Para se citar um exemplo, basta relacionar o tratamento psicanalítico de Anna Freud e o texto *“Uma criança é espancada” – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* (1919/2006), considerado fundamental para a análise dela.

Ao passo que a relação entre Freud e a sexualidade da mulher, no âmbito das relações pessoais, alimenta a relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito teórico, essa relação no âmbito clínico, por sua vez, não só alimenta como gera a mesma relação no âmbito teórico. Isso implica em dizer que a importância do âmbito clínico é fundamental, visto que ele é a base de toda a fundamentação teórica futura. O sentimento de engodo ao se pensar na relação entre Freud e a sexualidade da mulher está pautado, também, em suas relações pessoais com elas, assim como em seus

⁷¹ Sobre isso, ver capítulo 2, onde figuram as análises dos textos de Freud nos quais Anna é representada como um dos casos expostos.

tratamentos por vezes determinados por trunfos e falhas e, conseqüentemente, em suas construções teóricas provenientes de seu trabalho clínico e alimentadas por suas relações pessoais.

Para que se pense o que vem adiante nesse trabalho, foi necessário se percorrer esse caminho, se produzir esse conhecimento e a discussão sobre ele. Os três âmbitos aqui apresentados e relacionados servem como fundamentação teórica para se pensar, primeiramente, que tipo de crise vivenciaria hoje a psicanálise, com destaque para a crise acerca da teorização e da clínica da sexualidade da mulher, para se chegar, finalmente, à psicanálise dita contemporânea e suas reais possibilidades de se dar, também, enquanto trabalho de tratamento da sexualidade da mulher, considerando as demandas que hoje elas apresentam.

4.2 SOBRE A CRISE PSICANALÍTICA: DE QUE SE TRATA?

Muito se fala sobre uma certa crise que estaria pairando sobre a psicanálise nos dias atuais. Essa concepção é proveniente de vários fatores e está localizada nos âmbitos do pensamento teórico psicanalítico e na concepção da psicanálise enquanto trabalho de tratamento clínico. É exatamente a discussão acerca dessa crise que essa parte deste estudo irá apresentar, com o objetivo de se chegar nos pontos críticos que assolam a teorização e a clínica psicanalítica que versa sobre a sexualidade da mulher. Mas o que está se chamando de “crise”, especificamente?

Os autores que trabalham com a noção de crise na psicanálise atual se dividem, basicamente, em dois grupos: por um lado, temos aqueles que apontam a atualidade da psicanálise e de que forma ela poderia sobreviver, hoje, sem maiores problemas e tendo por objetivo se questionar acerca do trabalho de tratamento das novas demandas, como

Celes (2009), Quinet (1992), Birman (2005) e Roudinesco (2000). Por outro lado, outros autores, mais radicais em suas concepções, buscam teorizar propostas de trabalho de tratamento que fogem de algumas formas às propostas de Freud, pois acabam por abrir mão, de certa forma, da clínica das pulsões, e tendem a propor um trabalho mais pautado nas teorias psicanalíticas do *self* e nas teorias das relações de objeto. Nesse segundo grupo, tem-se enquanto representantes principais Kohut para as teorias psicanalíticas do self e Fairbairn nas teorias das relações de objeto. Esses dois grupos, por intermédio de alguns de seus representantes, serão discutidos aqui a fim de ajudarem na compreensão de uma crise mais específica dentro da suposta crise da psicanálise: a crise em torno da teorização e do trabalho de tratamento da sexualidade da mulher.

Começa-se com as concepções de Celes (2009) acerca da relevância e da atualidade da psicanálise enquanto trabalho de tratamento, baseado na clínica das pulsões. Deixando explícita a concepção revolucionária da psicanálise, que diz respeito às noções de Freud acerca da singularidade do sujeito, pontua as duas ordens de determinação da subjetividade desse sujeito, que nem sempre estariam de acordo com os propósitos sociais. Essas duas ordens denominam-se nas ideias do inconsciente enquanto fundamento do psiquismo e na sexualidade (infantil e perversa). Mas o que ocorre quando as ordens que determinam o sujeito, do ponto de vista psicanalítico, não condizem totalmente com os propósitos de toda uma sociedade, na qual esse mesmo sujeito está inserido? De acordo com Celes (2009):

A pretensão de universalidade da psicanálise tem o propósito em Freud de colocá-la a salvo de interpretações que a desqualifiquem como um saber de ocasião (determinado por fatores culturais específicos de sua época), talvez uma seita (guiado por interesses nem sempre explícitos de grupos ou seções), sem base empírica que assegure sua veracidade. A universalidade (conhecimento geral e duradouro) evitaria o relativismo do conhecimento psicanalítico e eliminaria as questões das fronteiras culturais da psicanálise e sua adaptação à diversidade cultural. No entanto, o esforço explícito de Freud

não escondeu, nem para ele mesmo, a crise na qual se constituiu a psicanálise e que se manteve ou se repetiu ao longo de sua história. Não somente se tratam de crises intestinais, por assim dizer, interiores ao seu próprio conhecimento, mas crises constituídas pelo embate da psicanálise com novas condições culturais e sociais, como também constituídas pela novidade das demandas a que ela se apresentaram e se apresentam. A psicanálise mostrou-se também relativa quanto ao seu conhecimento e à sua prática (pp. 254-255).

Nesse sentido, desde sua criação, a psicanálise (e Freud) já conhece a crise. Formou-se na crise, visto que tinha pretensões de universalidade que jamais foram alcançados da maneira que Freud pretendeu um dia. A psicanálise, na verdade, por se caracterizar enquanto trabalho de tratamento, só poderia mesmo se erguer diante da dualidade sujeito individual e sociedade. Sendo em si mesma uma prática que visa o trabalho clínico do psiquismo daquele que a procura, teve que muitas vezes entrar em desacordo com outras questões provenientes da ordem social geral, gerando a impossibilidade de acordo entre os dois itens dessa dualidade. No início da obra de Freud, é notório seu interesse pela conquista da cientificidade da psicanálise. Para que ela fosse reconhecida e respeitada, deveria alcançar certo status de ciência. Com o passar do tempo, observa-se que Freud vai, lentamente, abandonando esse desejo, por mais que se mostre ressentido em alguns momentos. Se a psicanálise não se estabelece enquanto conhecimento geral e duradouro, e isso a coloca em situação de crise perante às ciências, é exatamente por esse mesmo motivo que ela se torna uma prática clínica única e duradoura. Da crise, se construiu a singularidade de um trabalho de tratamento respeitado e reconhecido. Mas de que forma a psicanálise pôde e poderá atender às demandas que lhe aparecem? E quais seriam essas demandas? Segundo Celes (2009), a ampliação da psicanálise, necessária diante das mudanças de contexto histórico e, com isso, das demandas dos sujeitos, “sempre foi a função terapêutica que justifica sua existência” (p. 256). Nesse sentido, a psicanálise só existe porque continua a exercer sua

função e, conseqüentemente, precisa atender às demandas que lhe chegam. Logo, segundo Celes (2009):

[...] apresenta-se a necessidade, por assim dizer, de a psicanálise manter-se atenta aos “movimentos” dos sujeitos em seus meios sociais, culturais e históricos, atenta a seus comportamentos, seus sonhos, aos seus sofrimentos psíquicos típicos e singulares, para que ela se faça adequada e não anacrônica, para que seja uma psicanálise de seu tempo: apreender e atender a demanda específica característica de determinada época e cultura, bem como compreendê-la, isto é, construir entendimentos, teoria, das características estruturações subjetivas recorrentes e suas variações singulares. [...] Já contemporaneamente, admite-se a presença mais significativa e especial de estados narcisistas, como as depressões, os borderlines, as adições, e assim por diante, também em sintonia com as características fragmentárias e imanentes das sociedades contemporâneas ocidentais e delas decorrentes, dos modos de vida baseados, em resumo, no espetáculo e no consumo de bens pouco duráveis (pp. 256-257).

Com todas essas necessidades que tem a psicanálise, estaria ela fadada à crise, no que diz respeito à conciliação entre as demandas do sujeito e as demandas sociais. É claro que existem relações entre esses dois lugares, mas ela está principalmente pautada na consideração da demanda que um sujeito faz, que é contextualizada à determinadas épocas e culturas. É exatamente esse o ponto de união possível entre o individual e o social, visto que o sujeito, apesar de ter necessidades e demandas próprias, está inserido em uma sociedade que o ajuda a se constituir culturalmente e socialmente e que lhe apresenta também elementos de conflito de confeccionam sua neurose individual. As demandas apresentadas acima, como expressões próprias da contemporaneidade, estão evidenciadas pelo simples fato de que são dessas formas que o sujeito vem respondendo às demandas da sociedade e da cultura atuais. Se tudo é rapidamente consumido e tem pouca durabilidade, inclusive as relações e os afetos, a resposta que o sujeito apresenta à essa situação se mistura entre as depressões, as adições, os borderlines, entre outras. Até aí, totalmente compreensível, visto que é sabido, desde a época de Freud, que as demandas dos sujeitos, por mais que não fossem novas a cada tempo, apareciam

repaginadas de acordo com seu contexto sócio histórico e cultural. O que muitos autores, defensores da psicanálise freudiana, questionam, é a existência, pós Freud, de outras alternativas de trabalhos de tratamento que se intitulam como psicanálise, mas fogem à regra da clínica das pulsões, ensurdecendo o inconsciente e a sexualidade como Freud concebeu. Novamente, segundo Celes (2009):

Numa palavra, talvez a psicanálise tenha muitas vezes renunciado ou carregue traços de uma renúncia à sua condição sexuada, isto é, à sua condição de teoria sexual e pulsional e à compreensão do inconsciente sexual; em favor de uma “atualização” que estivesse em direção à sua própria sobrevivência (p. 259).

Entende-se que, abrindo mão de pontos fundamentais constituintes da psicanálise, como de sua condição sexuada, da teoria pulsional e da compreensão do inconsciente sexual, alguns ramos da psicanálise contemporânea acabam por descaracterizar as bases constituintes da psicanálise freudiana em prol de uma “atualização”, que nada mais é do que adequar uma teoria às demandas atuais, mesmo que isso implique em violentá-la simbolicamente. Sendo essas demandas atuais rápidas, precisas, pouco duráveis e consumidas em excesso e freneticamente, a psicanálise que se constrói perante a isso nasce como resultado da crise entre o que demanda um sujeito, individual e único e o que demanda uma sociedade, que carece de adaptações às exigências desses novos tempos. Entretanto, apesar da psicanálise, assim como qualquer tipo de trabalho de tratamento, não estar alheia às mudanças, essas não podem interferir de forma tão grave e profunda, a ponto de desfigurar completamente um conhecimento e uma prática há anos estabelecidas.

Continuando a discussão acerca da crise em que a psicanálise estaria imersa na atualidade, apresentam-se algumas concepções de Quinet (1992) acerca da serventia da psicanálise e da crença em seus supostos efeitos curativos:

Qual o objetivo terapêutico da análise? Encontramos em Freud algumas respostas que ultrapassam o objetivo de suspensão do sintoma. Transformar o “sofrimento histórico em infelicidade

comum”, diz ele no final de *Estudos sobre a histeria*. Ao colocar a reação terapêutica negativa como um limite à eficácia terapêutica da análise, Freud diz que “afinal esta não se dispõe a tornar impossíveis as reações patológicas, mas dar ao eu do paciente a liberdade para decidir por isso ou por aquilo” (*O ego e o id*) (p. 21).

É importante que se discuta sobre a noção de cura e a serventia da psicanálise pois, na contemporaneidade, talvez por conta da velocidade em que ocorrem os fatos, as relações e os afetos, criou-se a noção de que todo tipo de trabalho terapêutico deve objetivar a “cura” do paciente, inclusive a psicanálise. Essa cura seria a expressão do fim do conflito e traria resoluções ao sujeito acerca dele mesmo. Entretanto, não é o que ocorre, ou pelo menos não é e nem nunca foi a proposta da psicanálise. Muito mais do que compreender “cura” enquanto objetivo analítico, a psicanálise a entende enquanto o próprio tratamento, enquanto o próprio processo. Sendo assim, não é curioso que muitos sujeitos “desistam” da psicanálise por acreditarem que ela durará muito tempo e não trará o tipo de resposta que esse sujeito deseja. Qual seria, então, a promessa da qual Freud (1913a/2006) fala, em *Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)*⁷²?

Se o enfermo não padece de uma histeria nem de uma neurose obsessiva, mas de uma parafrenia, o médico não poderá manter sua promessa de cura e, portanto, deverá dispor, de sua parte, de todo o possível para evitar um erro de diagnóstico (p. 153).

Quando da interpretação dos sintomas histéricos, na época dos *Estudos sobre a histeria*, acreditou Freud (1895/2006), nem que seja por um pequeno espaço de tempo, que a psicanálise poderia simplesmente fazer desaparecer aquilo que parecia ser a queixa do paciente. Entretanto, após a constatação da existência de todo um conteúdo inconsciente escondido sob as vestes do sintoma, ficou claro a Freud a impossibilidade da promessa de objetivos curativos para o processo analítico. O que Freud se refere nos termos da

⁷² Apesar de esse capítulo ter como objetivo primordial discutir noções ligadas à psicanálise contemporânea, o texto de Freud em questão é utilizado por apresentar noções que até hoje estão presentes no trabalho de psicanálise.

citação acima, apesar de colocá-los apenas para a neurose, é a promessa de cura enquanto dimensão terapêutica da análise, ou seja, ao considerar o valor terapêutico indiscutível da psicanálise, expressa sua insuficiência e exalta que é no efeito de verdade que a psicanálise produz que reside a maior cura que ela pode proporcionar. Ainda nesse mesmo texto, Freud (1913a/2006) fala de dois outros pontos que, na atualidade, podem contribuir para a crise da psicanálise. O primeiro é o tempo:

Para falar claramente, a psicanálise é sempre questão de longos períodos de tempo, de meio ano ou de anos inteiros – de períodos maiores do que o paciente espera. [...] Considero muito mais honroso, e também mais conveniente, chamar sua atenção – sem tentar assustá-lo, mas bem no começo – para as dificuldades e sacrifícios que o tratamento analítico envolve, e, desta maneira, privá-lo de qualquer direito de dizer mais tarde que foi enganado para um tratamento de cuja extensão e implicações não se deu conta (p. 145).

Já o segundo, dinheiro:

No que concerne às classes médias, a despesa envolvida na psicanálise é excessiva apenas na aparência. Inteiramente à parte do fato de nenhuma comparação ser possível entre a saúde e a eficiência restauradas, por um lado, e um modesto dispêndio financeiro por outro, quando adicionamos os custos incessantes das casas de saúde e do tratamento médico e contrastamo-los com o aumento de eficiência e de capacidade de ganhar a vida que resulta de uma análise inteiramente bem sucedida, temos o direito de dizer que os pacientes fizeram um bom negócio. Nada na vida é tão caro quanto a doença – e a estupidez (p. 148).

Esses dois pontos, tempo e dinheiro, até hoje prevalecem enquanto desculpas utilizadas pelo sujeito para que esse não se submeta ao trabalho de tratamento psicanalítico. Também há de se constatar que hoje, mais do que nunca, o contexto social quase não permite que o sujeito tenha tempo para dispor. Com a velocidade na qual o sujeito acredita que deve vir a resposta de sua demanda – e o contexto social alimenta isso –, estar diante de um processo que demanda mais tempo do que outros, que não propõe a cura como objetivo final e que custa caro é desanimador. Não há tempo, nem esperança e nem dinheiro para/na psicanálise. Com isso, outros tipos de trabalhos terapêuticos, de caráter mais específico e imediato, são privilegiados, fazendo com que a psicanálise seja

estigmatizada como processo terapêutico destinado àqueles que possuem tempo livre e dinheiro. É mais um possível indicador da crise na qual se supõe estar a psicanálise, mesmo que os preceitos de Freud acerca desses pontos sejam extremamente coerentes com toda a sua teoria posterior e viáveis, se o trabalho de tratamento for uma prioridade. Outro autor, representante da psicanálise contemporânea, que se debruça sobre o tema da crise a qual a psicanálise estaria vivendo nos dias atuais é Joel Birman. Segundo suas concepções sobre esse tema, a psicanálise estaria sofrendo para se manter na atualidade por conta de três critérios fundamentais, que a marcam hoje:

Pelo primeiro deles, a psicanálise produziu um vasto contingente de individualidades homogeneizadas, que não se apresentam com marcas singularizantes e estilo próprio de existência, como podemos apreender pelo que se evidencia na comunidade analítica. Pelo segundo critério, de ordem clínica, pode-se registrar uma diminuição drástica da demanda psicanalítica. Revela-se aqui um crescente desinteresse das pessoas pela realização da análise, ao lado de um interesse significativo por outras modalidades de psicoterapia e tratamentos biológicos. Finalmente, pelo último critério, revela-se hoje uma busca preferencial das pessoas, em estado de sofrimento, pela salvação no campo da religião, além da crença nas promessas aliviadoras propiciadas pelos psicofármacos e o êxtase das drogas pesadas (Birman, 2005, pp. 33-34).

Esses três critérios apresentados podem ser mais bem discutidos ao passo que se investiga o porque de a psicanálise se encontrar, hoje, imersa neles. O primeiro diz respeito ao fracasso da ideia freudiana de produzir singularidades. Quando se considera a psicanálise como um trabalho de tratamento homogeneizador das individualidades está se falando de uma certa incapacidade da teoria e da clínica psicanalíticas de se sustentar em seus propósitos originais, em prol de um silenciamento dos excessos do sujeito e, principalmente, de seu próprio mal estar do qual Freud tanto falou. Segundo Birman (2005), essa homogeneização pode ser considerada fruto dos próprios modelos os quais assumem hoje as comunidades psicanalíticas, visto que elas são consideradas como “uma amostra bastante significativa do que se produziu por intermédio da psicanálise na população em geral que demanda cuidados analíticos para seu

sofrimento” (p. 33). Sobre o segundo critério, o da diminuição da demanda psicanalítica, volta-se a pontos já discutidos neste trabalho. Por que as pessoas estão procurando, cada vez menos, o trabalho de tratamento psicanalítico? Pelo imediatismo característico da sociedade e da cultura atuais, presume-se que outras “soluções” andam tomando o lugar da psicanálise. Dentre elas, segundo Birman (2005), o consumo da literatura de auto ajuda, o longo tempo do processo de análise versus a curta duração de outros processos terapêuticos, o dinheiro investido na análise, entre outros. Para completar, segundo o terceiro critério apresentado pelo autor, ainda conta-se hoje com o grande aumento do consumo de medicamentos psicofarmacológicos e a busca por salvação nas instituições religiosas. Como se pode perceber, o que Birman (2005) traz a tona é a necessidade de articulação entre os fundamentos da cultura atual, que é imediatista e consumista, e os fundamentos da psicanálise, que se construiu ao longo do tempo como um trabalho de tratamento do pulsional, que demanda tempo, dinheiro e entrega, principalmente. E, diante disso, o que pode a psicanálise fazer a fim de se sustentar ao longo do tempo? Que estratégias pode utilizar? Segundo Birman (2005):

Se a psicanálise não pode interpretar totalmente a construção da situação histórica e antropológica, pode se posicionar face a isso a partir de sua posição restrita, procurando trazer para si o que lhe concerne. Em seguida, a psicanálise pode compreender de que maneira o incremento do desamparo humano provocado pelo fim das utopias aumentou em muito o desespero e a busca de soluções aliviadoras pelas individualidades. Além disso, a psicanálise pode indicar, pelo retorno ao discurso freudiano, as fronteiras entre seu projeto e os discursos não psicanalíticos. Por que isso? Para evidenciar algumas modalidades de soluções de compromisso que uma parcela da comunidade analítica já começara a forjar com as neurociências, o cognitivismo e os discursos religiosos (pp. 34-35).

Essas são algumas das estratégias de sobrevivência que a psicanálise poderia utilizar. Quando a psicanálise traz para si o que realmente é seu ponto de interesse, não significa que toda a construção social e cultural que a envolve será desconsiderada. Pelo contrário: ao tentar articular os fundamentos da cultura atual com os seus, estará

fincando seu lugar, mesmo que isso implique em sofrer algumas adequações em consideração às demandas existentes atualmente. E essas adequações também não significam um afastamento da obra de Freud. Mais uma vez, pelo contrário: quanto mais a obra de Freud for retomada, discutida e articulada, mais se compreenderá sua atualidade e se resgatará seus fundamentos primordiais. Não se pode deixar de lado a sexualidade, o inconsciente e a teoria das pulsões, por exemplo, em prol de uma pasteurização teórica que se adeque melhor ao atual processo de subjetivação do sujeito. Na verdade, se trata de trazer esse sujeito à sua singularidade, ao conhecimento de suas faltas e desejos e ajudá-lo a se colocar no caminho da construção de sua vivência criativa. Isso tudo, sem abrir mão de Freud, mas se utilizando de adequações necessárias frente às novas demandas, produzidas no contexto sócio cultural atual. Além disso, há outro ponto trazido por Birman (2005) que é fundamental para a psicanálise: a questão do desamparo. Considerando a teoria freudiana e seus fundamentos acerca da castração, do Édipo e do mal estar na civilização, o sujeito seria originalmente desamparado. Essa marcação em sua subjetividade, essa condição de sujeito desamparado, teria origem na própria teoria psicanalítica, como demonstra Birman (2005):

Ora, com o primado anterior do princípio do prazer, desde as páginas iniciais do *Projeto de uma psicologia científica* e sua elaboração logo em seguida em *A interpretação dos sonhos*, Freud tinha fundado a psicanálise sob o pressuposto do vitalismo, que seria o correlato do imperativo de cientificidade para a psicanálise. Com a ruptura posterior, contudo, o mortalismo é que foi colocado na posição de fundamento da subjetividade no discurso freudiano. Estamos aqui no cerne da problemática do desamparo, em suas condições de possibilidade. As consequências de tudo isso nos registros teórico e clínico foram imediatas e abrangentes. [...] evoquemos rapidamente seus principais pontos: a revisão da teoria da angústia centrada no sexual, pelo resgate de um conceito traumático para a angústia e o enunciado de uma angústia sinal; a releitura da clínica das neuroses e das psicoses; a formulação da especificidade da perversão, centrada no fetichismo e na recusa da castração; e, finalmente, os impasses colocados para o fim da análise, pelo primado assumido pelo masoquismo e pela pulsão de morte (pp. 42-43).

O que o autor traz é a ideia de que o discurso freudiano, ao colocar o “mortalismo” em uma posição fundamental, colocou a figura do desamparo e todos os fantasmas que lhe cercam no fundamento do sujeito. Além disso, antes de as convenções e regras presentes na civilização produzirem um mal estar no sujeito, seria esse desamparo original, próprio desse mesmo sujeito, que instauraria esse mal estar, e isso ainda e talvez com mais força até na modernidade. Nesse sentido, pode-se considerar que a psicanálise, além de clínica do pulsional, também se constrói, principalmente na atualidade, enquanto clínica do desamparo. É o desamparo e toda a angústia por ele provocada que inspiram a grande maioria das demandas atuais, que se pautam em estados depressivos, culpas narcísicas e solidão, por exemplo. Pensando acerca da clínica do desamparo, como deve ser a figura do analista que trabalha com esse tipo de demanda? Segundo Birman (2005):

[...] que o analista não tenha a pretensão e a arrogância de universalizar seus ideais, mesmo suas escolhas no campo psicanalítico, para empreender a conversão e a salvação dos sofredores que lhe demandam cuidados por não suportarem a dor de existir. A figura do analista não é um remédio, tampouco um fármaco, capaz de promover a salvação das almas sofredoras. [...] a figura do analista seria a de alguém capaz de sustentar radicalmente a experiência limite da morte indicada pela dor do desamparo, acreditando que da fronteira com o horror do impossível, o sujeito vai advir (p. 46).

Sendo o analista um promotor do advento do sujeito, deverá ele, antes de tudo, ser capaz de bancar a frustração que a experiência do desamparo envolve. Ele não pode acabar com o desamparo do sujeito que lhe demanda, muitas vezes, isso. Lançando mão de seus ideais fálicos, o analista desconstrói a fantasia do analisando de que ali haverá uma identificação (e não uma relação de transferência) que o retirará do sofrimento do desamparo. Ao contrário, ao se colocar na sua posição, a de analista simplesmente, ele dá possibilidades àquele sujeito demandante de se contituir, mesmo dentro de seu desamparo original, em um “estilo singular de existência” (Birman, 2005, p. 46), individual.

Seguindo uma outra linha de pensamento acerca da crise da psicanálise na contemporaneidade, Roudinesco (2000) apresenta seu ponto de vista ao vislumbrar, por exemplo, o futuro da psicanálise enquanto teoria e trabalho de tratamento. Ela apresenta a noção de “homem trágico”, aquele que estaria em oposição ao “homem comportamental”. Esse “homem trágico” seria o sujeito da modernidade, marcado pela angústia, pelo Édipo, pela castração e, principalmente, pelo narcisismo. Para Roudinesco (2000), a modernidade traz, mesmo que repaginado, os velhos tabus do complexo de Édipo, como o desejo de incesto e o desejo de matar o pai e, conseqüentemente, a partir dessas proibições fundadoras de todas as sociedades humanas, Freud e sua psicanálise ainda introduzem as temáticas da lei moral e da culpa na atualidade. Entretanto, não parece ser apenas o mito edipiano aquele considerado nuclear. Segundo Roudinesco (2000), na contemporaneidade, de acordo com Heinz Kohut e sua *self psychology*, o novo mal estar da civilização poderia também ser explicado pelo mito de Narciso:

[...] o eu (ou *self*) tinha se transformado no objeto de todos os investimentos narcísicos, num mundo em que o desmoronamento dos grandes valores patriarcais levava à idealização de uma figura da individualidade imersa na contemplação de sua imagem. Daí a ideia de que o mito de Narciso era mais apropriado que o de Édipo para explicar o novo mal estar na civilização. [...] essa passagem de Édipo a Narciso deixa claro como a psicanálise dos anos sessenta tentou resolver os problemas de uma subjetividade entregue ao individualismo e às substâncias químicas. Reduzido a se mirar na infelicidade infinita de sua imagem, o homem trágico dessa psicanálise do *self* foi a expressão máxima de uma preocupação consigo mesmo que não demoraria a soçobrar no nada de uma sociedade convertida ao paradigma da depressão (pp. 135-136).

As teorias psicanalíticas do *self* são consideradas construções teóricas que visam repaginar a psicanálise, para dar conta de demandas atuais. A demanda atual é extremamente narcísica e as doenças psíquicas mais recorrentes seriam provenientes do narcisismo exacerbado que assola o sujeito. Nesse sentido, um trabalho de tratamento que se baseia nas teorias psicanalíticas do *self*, por exemplo, pode ser muito eficaz.

Entretanto, para algumas linhas de pensamento da psicanálise, isso resultaria em um afastamento da teoria freudiana em seus princípios mais básicos, ao começar pela destituição do complexo de Édipo como complexo nuclear das neuroses, por exemplo. Outro ponto a ser articulado nessa discussão é o silenciamento de caracteres fundamentais e constituintes do sujeito, como a sexualidade e o trabalho pulsional.

No mesmo sentido das teorias psicanalíticas do *self*, ou seja, estabelecida sob a crítica à psicanálise e servindo como estratégia para a sobrevivência dela, está a teoria das relações de objeto, representada em boa parte por Willian Fairbairn. Se colocando enquanto oposta à teoria da libido de Freud (ou da psicanálise clássica), a teoria das relações de objeto se constitui sem a consideração da teoria pulsional, promovendo um abandono da pulsionalidade, do inconsciente sexual. Sem esses dois caracteres básicos, pode a teoria das relações de objeto e as teorias psicanalíticas do *self* serem consideradas psicanálise? Ou psicanálise para a atualidade? Não se pode negar que se tratam de considerações teóricas importantes e, por muitos autores contemporâneos, ampliações da obra de Freud. Entretanto, ao seu retirar itens tão fundamentais de uma teoria, ou colocá-los em segundo plano, a descaracterização em seus propósitos originais será inevitável. É isso que tem acontecido com a psicanálise e esse pode ser o maior motivo de sua crise: a desfiguração da teoria e da clínica, que acontece com a desculpa de se tornar o trabalho mais viável e adequado às demandas da atualidade. Na verdade, o que se observa entre a psicanálise e as psicanálises do *self* ou das relações de objeto é uma diferença de objetivos frente às demandas apresentadas, como aponta Celes (2009):

Se os “diagnósticos” dos sujeitos contemporâneos são os mesmos ou assemelhados para toda a psicanálise, não o são suas respostas. Se nas psicanálises do *self* ou das relações de objeto ou nas psicanálises “intersubjetivas” (Green, 2005) o assento cai sobre as condições pouco adaptadas do acolhimento e sustentação dos sujeitos desde seus inícios, e nas intervenções psicanalíticas, busca-se a reconstituição dos *selfs* “desencaminhados”, dos *selfs* prejudicados em suas atitudes

criativas e produtivas no mundo, por meio de uma técnica de regressão “ao concreto”: na clínica das pulsões a ênfase estaria um tanto deslocada. Ela estaria atenta às condições fundamentais da repetição, do descontrole das forças pulsionais; estaria voltada para os objetos pulsionais, afinal autoeróticos. O acolhimento do limite intransponível dos sujeitos, numa palavra, da castração para o gozo, impõe-se como horizonte da finalidade da psicanálise. Limite constantemente revisitado, jamais superado (p. 263).

Logo, mais do que preocupada em aniquilar todas as estratégias teóricas e clínicas surgidas nas últimas décadas, chamadas “psicanalíticas”, a psicanálise deve se ocupar, para ultrapassar sua crise e se sustentar na atualidade, com a manutenção de seus pressupostos principais e de suas bases estruturais, como o pulsional e a sexualidade, mas de forma a adaptar-se às sociedades e culturas as quais está inserida. Não pode perder de vista seu objetivo básico, de ser trabalho de tratamento do psiquismo. Deve refletir acerca da necessidade de articulação entre seus propósitos e os fundamentos da civilização, discutindo as formas de expressão dos sujeitos presente na atualidade e suas demandas, novas ou antigas, ou somente repaginadas. Após a apresentação e discussão dos principais pontos os quais levam a psicanálise a estar em uma situação crítica (e talvez não propriamente em crise) na atualidade, busca-se agora discutir aspectos que demarcam um estado crítico mais específico: o da sexualidade da mulher, nos dias de hoje, sob o viés psicanalítico.

4.3 A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA E O PENSAMENTO ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER: POSSIBILIDADES PARA A ATUALIDADE

Após a apresentação e discussão acerca da crise que se apresenta na psicanálise contemporânea, sob a visão de alguns autores que comentam essa crise, passa-se agora a um ponto específico da situação geral e que é objeto de estudo deste trabalho: a crise que se instalou, ao longo do tempo, sobre a teorização e o trabalho de tratamento psicanalítico da sexualidade da mulher. Nesta parte do estudo, serão apresentadas,

primeiramente, os comentários e pontuações de autores da psicanálise contemporânea sobre os caminhos que a sexualidade da mulher tomou, com base nas críticas e soluções apresentadas por eles. Por fim, à guisa de conclusão do trabalho, segue-se com a retomada de todo o conteúdo aqui apresentado e com direcionamentos para mudanças e novas possibilidades de a psicanálise se dar, hoje, enquanto teoria e trabalho de tratamento da sexualidade da mulher. Neste item, serão apresentadas críticas e sugestões para a psicanálise contemporânea, com o objetivo de consolidar ainda mais a prática psicanalítica enquanto trabalho que se ocupa, também, da sexualidade da mulher na contemporaneidade, o que implica em dizer que as atualizações são necessárias e possíveis para tratar das demandas da mulher de hoje.

4.3.1 A CHAMADA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA E SUAS QUESTÕES: DISCUSSÕES E SOLUÇÕES PROPOSTAS ACERCA DA SEXUALIDADE DA MULHER

Antes que se faça referência ao pensamento de alguns autores contemporâneos sobre os rumos que a sexualidade da mulher tomou na psicanálise, é importante que se retome à Freud, no que diz respeito a ideias que discutem a relação entre o contexto social e temáticas que tratam da questão da sexualidade da mulher. O objetivo desse retorno à Freud é mostrar sua preocupação com a mulher e suas formas de expressão dentro da cultura e da sociedade na qual ela está inserida e de que forma as repressões que sofre por conta da moralidade e de sua condição de mulher podem abalar seu psiquismo. Para isso, foi escolhido o texto *Moral sexual “civilizada” e doença e nervosa moderna* (1908b/2006).

Esse escrito mostra a preocupação de Freud em expor o antagonismo entre a civilização com suas imposições sociais e morais e a vida pulsional do sujeito. Não se trata de um texto escrito sobre a mulher especificamente, mas, durante suas exposições, Freud (1908b/2006) não deixa de demarcar o quanto o gênero feminino está exposto e prejudicado pelos radicais pensamentos, crenças e hábitos da sociedade que, ao passo que se diz civilizada e em constante evolução, não deixa de abalar a saúde psíquica de seus membros, ao impor um regime de uma moral sexual. Por conta da relação desigual entre os gêneros, ainda mais na época de Freud, a mulher se destaca enquanto a mais prejudicada por esse regime, visto que é dela que se espera a castidade e a falta de vivências sexuais como um todo. O que Freud conclui e discute ao longo do texto é a relação entre a alta incidência da doença nervosa e a moderna vida civilizada. Além disso, ele alerta que a supressão das pulsões ou a renúncia à vivência de atributos sexuais “tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização” (p. 173). Ao falar da evolução da pulsão sexual, nos diz Freud (1908b/2006):

[...] podemos distinguir três estádios de civilização: um primeiro em que a pulsão sexual pode manifestar-se livremente sem que sejam consideradas as metas de reprodução; um segundo em que tudo da pulsão sexual é suprimido, exceto quando serve ao objetivo da reprodução; e um terceiro no qual só a reprodução legítima é admitida como meta sexual. A esse terceiro estádio corresponde a moral sexual “civilizada” da atualidade (p. 175).

O que Freud (1908b/2006) demonstra ao expor o desenvolvimento da pulsão sexual é o caminho que se inicia no autoerotismo e termina com a união dos genitais, entre gêneros opostos, já que a homossexualidade ou inversão é considerada por ele, nesse mesmo texto, como um exemplo dos “distúrbios do desenvolvimento” (p. 175) sexual ou um desvio no desenvolvimento psicosexual normal. Entretanto, é no terceiro estádio que se fundamentam questões importantes à psicanálise. Mesmo que Freud (1908b/2006) afirme que as perspectivas psicanalíticas consideram que a pulsão sexual não serve originalmente e apenas aos propósitos da reprodução e sim à obtenção de prazer, é nas

mulheres que a ideia de só a reprodução legítima enquanto meta sexual tem mais força e mais consequências. Na época de Freud, não se esperava que a mulher descobrisse sua sexualidade com outros objetivos que não o da reprodução. Mais do que isso, era esperado que a mulher cumprisse o papel que era “naturalmente” seu: desconhecer o sexo até o casamento, manter-se virgem e reconhecer o sexo apenas para fins de reprodução. Nesse texto, aparece um Freud crítico da sociedade e do moralismo construído por ela, mas que também não deixa de apontar a mesma “naturalização” e inferioridade da mulher que ele mesmo critica, como no trecho abaixo:

É comum a irmã de um pervertido sexual, a qual em sua condição de mulher possui uma pulsão sexual mais débil, apresentar uma neurose cujos sintomas expressam as mesmas inclinações das perversões do seu irmão, mais ativo sexualmente (p. 177).

A afirmação de que as mulheres, por sua condição de mulher, possuiriam uma pulsão sexual mais débil é concordante com todo o resto da teoria freudiana sobre o desenvolvimento psicosexual da mulher. Poder-se-ia pensar que essa afirmação de Freud vem a partir da ideia de que a própria sociedade, ao desprezar o desejo sexual da mulher simplesmente pela obtenção de prazer, consideraria a pulsão sexual da mulher mais débil, menos desenvolvida ou menos afluída. Entretanto, mesmo que essa ideia seja proveniente da sociedade, ela é corroborada por Freud em diversos de seus escritos acerca da sexualidade da mulher. A primazia fálica e a inferioridade feminina são ideias que Freud defendeu até o fim de sua vida. A condição de mulher a qual Freud fala é marcada por itens que a inferiorizam, tanto socialmente quanto psiquicamente. Além disso, também nos diz Freud (1908b/2006) sobre as mulheres:

[...] a experiência também mostra que as mulheres, em sua qualidade de verdadeiro instrumento dos interesses sexuais da humanidade, só possuem em pequeno grau o dom de sublimar suas pulsões, e que, embora possam encontrar um substituto adequado do objeto sexual no filho que amamentam, mas não nas crianças maiores – a experiência mostra, insisto, que as mulheres que as mulheres ao sofrerem as desilusões do casamento contraem graves neuroses que lançam sombras duradouras sobre suas vidas (p. 180).

Ao apontar a pequena capacidade de sublimação das pulsões sexuais pelas mulheres, Freud (1908b/2006) pontua o que parece ser o labirinto sem saída delas: a cura das doenças nervosas que elas podem apresentar por conta das desilusões de seu casamento não existe. Isso porque a “cura” estaria na infidelidade conjugal, coisa que elas, por estarem submetidas às exigências da civilização, não se atreveriam a experimentar. Logo, frente à possível desilusão que o casamento pode trazer, a elas há apenas uma alternativa: se submeter ainda mais às essas exigências, viver os danos causados pela moral sexual civilizada e se contentar com os substitutos de objeto sexual que pode ter, como um filho. A capacidade intelectual da mulher estaria também afetada, visto que sua inferioridade nesse aspecto se ligaria diretamente à necessidade de sua supressão sexual:

No sexo feminino percebemos facilmente um caso especial dessa tese de que a vida sexual constitui um protótipo para o exercício de outras funções. A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de qualquer forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso ou a proibição de ideias sobre a lealdade entre cidadãos fiéis. Não acredito que “a debilidade mental fisiológica” feminina seja consequência de um antagonismo biológico entre o trabalho intelectual e a atividade sexual, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual (pp. 182-183).

Nesse trecho, Freud (1908b/2006) justifica seu pensamento acerca da inferioridade sexual feminina na inibição do pensamento necessária à supressão sexual delas, o que parece ser uma relação extremamente coerente. Entretanto, já que Freud parecia se incomodar bastante com a imposição da moral sexual “civilizada”, já que ela promovia o surgimento cada vez mais frequente das doenças nervosas, então porque não se utilizou de sua teoria e de seu trabalho de tratamento, ou seja, da própria psicanálise,

para ajudar a promover uma mudança na concepção da condição de mulher e de sua sexualidade? É claro que a psicanálise promoveu uma ampliação de todo o pensamento acerca da sexualidade em geral, mas é inegável que os homens foram bem mais privilegiados por essas novas concepções do que as mulheres. Ao se investigar toda a produção freudiana acerca da sexualidade da mulher posterior a 1908, se perceberá que muitos pontos os quais corroboram com a moral sexual “civilizada” foram também corroborados por Freud como, por exemplo, a constatação dessa inferioridade intelectual da mulher. Ao passo ele mesmo pergunta ao leitor, ao longo desse texto de 1908, se a nossa moral sexual “civilizada” vale o sacrifício que nos impõe e, além disso, se mostra a favor de “defender a necessidade de tais reformas” (p. 186), afirma que não seria atribuição do médico propor essas mesmas reformas. Essa ideia parece contraditória, pois o próprio Freud (1908b/2006) afirma a relação entre a moral sexual “civilizada” e o incremento da doença nervosa moderna. Se há essa relação, como o médico ou o psicanalista poderia se abster dessa questão, da necessidade dessas reformas? O fato é que jamais se saberá a causa de tamanha abstenção, mas se pode supor que, principalmente nesta época, Freud estava preocupado com a aceitação da psicanálise. As ideias sobre a sexualidade já tinham afastado muitas pessoas e propor uma reviravolta nas ideias acerca da moral sexual “civilizada” e, conseqüentemente, nas concepções acerca da educação da mulher e da necessidade de reformas seria demais. Parece que Freud, apesar de não deixar de fazer férreas críticas à moral sexual “civilizada” e aos danos que ela pode causar a ambos os gêneros, deixou de se utilizar dessas ideias para basear possíveis argumentações em prol de mudanças que poderiam, inclusive, diminuir a incidência das doenças nervosas, assunto o qual se ocupa a psicanálise.

Após a apresentação desse texto freudiano que discute a relação entre a moral sexual “civilizada” e as doenças nervosas, passa-se agora às questões presentes na psicanálise contemporânea acerca da sexualidade da mulher. Para isso busca-se expor e discutir essas questões frente a posicionamentos de alguns autores da psicanálise atual, a fim de demonstrar de que forma vem se tratando delas. Com a finalidade de ser mais didática, essa exposição está dividida em pontos que remetem a essas questões. São eles: algumas concepções gerais sobre a sexualidade da mulher na contemporaneidade, família e maternidade e destinos e novos destinos da sexualidade da mulher.

4.3.1.1 ALGUMAS CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Muitos autores ditos “contemporâneos” se ocupam da discussão acerca da sexualidade da mulher na atualidade. Depois de todas as reformulações e atualizações propostas à psicanálise freudiana ao longo do tempo, o que restou à mulher? Algumas proposições que visam responder esse questionamento serão apresentadas e discutidas, com a finalidade de se construir um mapeamento das construções teóricas acerca da sexualidade da mulher na atualidade.

Segundo Cunha (2010), existe uma inquietação que marca o pensamento psicanalítico diante de novas formas de experiência do sexual, em relação às quais certas formulações freudianas parecem perder a sua força. Na atualidade, o sexo estaria em todo lugar: na televisão, na internet, nos supermercados, nas livrarias e até mesmo nas farmácias. Entretanto, apesar de estar em todo lugar, o sexo também estaria desvinculado de qualquer finalidade, visto que, na sociedade atual, é comum que se encontrem outras vias de satisfação que colocam o sexo em segundo plano. O prazer pode ser conseguido

rapidamente pela ingestão de uma droga, a reprodução pode ser garantida no laboratório, o encontro com o outro é cada vez mais evitado, e daí por diante. Logo, Cunha (2010) questiona:

O sexo já não é mais segredo para ninguém. Ele se dá não na intimidade do desejo, e sim na exterioridade do ato, sendo esse o sentido em que se torna necessário interrogar se na contemporaneidade a experiência do sexual continua a ser o eixo central em torno do qual se produz uma verdade sobre o indivíduo que enlaça formas de subjetivação e sujeição (p. 106).

A partir desse questionamento, o autor considera a necessidade urgente que teria a psicanálise hoje em repensar a relação entre o sujeito e sua experiência do sexual. A partir dessa urgência, Cunha (2010) descreve o que chama de “morte da sexualidade”, conceito que expressa a dúvida se a leitura psicanalítica do erotismo ainda pode dar conta de uma escuta do que se passa na vida sexual dos sujeitos. Mais do que isso e principalmente, se a psicanálise, como hoje se encontra, poderia oferecer as armas necessárias ao confronto com as novas formas de poder e dominação “que parecem se mover na direção do completo apagamento da vida subjetiva e da negação de toda possibilidade de produção de formas singulares de subjetivação” (p. 116). Mas o que exatamente essa posição do autor significa, principalmente para a teorização freudiana e seus caminhos? Nas palavras de Cunha (2010):

[Não quer dizer] que a sexualidade, ao morrer, leve consigo aquilo que fez Freud, após surpreender-se em sua clínica, enredar-se nas malhas de uma ciência sexual: a potência do encontro erótico com o corpo do outro. Em vez disso, nosso argumento se calca na ideia de que é a insistência na sexualidade que pode minar a força de resistência e criação que o sexo, na condição de experiência subjetiva de confronto com a pulsão e com o corpo e o desejo do outro, ainda pode representar. O reconhecimento de tal perecimento, anunciado, é a condição de possibilidade, talvez não suficiente, mas certamente necessária, para que a experiência da clínica psicanalítica contribua de modo crucial para a transformação das formas de ser e estar no mundo (p. 116).

Nesse sentido, Cunha (2010) aponta a necessidade que a psicanálise contemporânea tem de atender às demandas do presente. Isso implicaria no deslocamento do que a

aprisiona, como a centralização de sua concepção de sujeito nas instâncias da lei e da interdição, o que faz a psicanálise, ainda hoje, insistir em formas discursivas e “soluções” que já não parecem dar conta do que há para ser simbolizado. Haveria a necessidade, então, de criação de novas formas de enunciar a sexualidade, ou seja, a relação entre o sujeito e seu próprio corpo e entre o sujeito e o corpo do outro. A teoria e a clínica psicanalítica devem encontrar, sobre esse viés, novas formas de se dar na atualidade, formas essas que se façam necessárias frente às demandas construídas pela própria evolução da sociedade e, conseqüentemente, pela mudança dos desejos de seus membros.

Ao discutir relações entre sexo, gênero e sexualidade, Aidar (2003) alerta que não há, hoje, uma operatividade imediata para a clínica psicanalítica, além de constatar a necessidade de reafirmar o lugar da psicanálise e do psicanalista na história, na cultura e na sociedade. Com essa finalidade, a autora escreve sobre a diferença entre os três termos e discute a relação que a psicanálise constrói com eles. Segundo Aidar (2003):

[...] se por um lado a psicanálise é imprescindível, por outro é insuficiente para pensarmos o gênero, termo e tema incorporado e complexo, discutido também pelas ciências sociais, em relação aos usos e abusos que se fazem dele. Podemos pensar que a diversidade de articulações entre sexo e gênero configura diferentes sexualidades, e aqui estamos no campo do sexual, do sexual recalcado, ou seja, na especificidade fundamental da psicanálise. Atualmente, vários autores vem trabalhando a teoria psicanalítica, no sentido de desmistificar, de refundar ideais, de desvelar o mal-estar existente na relação entre homem e mulher, de buscar regulações mais plásticas e compatíveis com a atualidade e de rever as prescrições vigentes sobre feminilidade e masculinidade (p. 65).

Apontando a insuficiência da psicanálise para se pensar o gênero e o trabalho da psicanálise contemporânea que versa sobre as reformulações necessárias acerca da relação entre homens e mulheres, Aidar (2003) pontua também uma maior incapacidade, mais grave ainda: dois gêneros não podem abarcar a diversidade existente na atualidade. Por mais que somente o pensamento psicanalítico seja incapaz de

confrontar-se com a noção de gênero, é necessário lembrar que as discussões entre as relações entre os gêneros estão presentes em boa parte da psicanálise. A teorização de um desenvolvimento psicosssexual da mulher, ou da sexualidade da mulher, é exemplo de que a psicanálise reconhece os gêneros e postula sua teoria de acordo com a diferença entre eles, mesmo que gênero e sexo sejam duas categorias distintas. O desenvolvimento psicosssexual dos gêneros pela psicanálise foi ficando cada vez mais distinto com o passar do tempo. Entretanto, como avisa Aidar (2003), a teoria sobre a sexualidade da mulher pode ser considerada “insuficiente, em alguns pontos insustentável e ideológica” (p. 66). Ainda Aidar (2003):

O que ele fez, não fez pelas mulheres, mas pelo seu desejo de saber e de poder, a partir de sua própria experiência, que o sensibilizou para os padecimentos corporais e psíquicos causados pelo mal-estar cultural inerente à moral sexual (p. 67).

Frente às postulações de Freud acerca da sexualidade da mulher e das necessidades que a psicanálise apresenta hoje, Aidar (2003) descreve alguns requisitos que os psicanalistas de hoje devem ter, como estar qualificados para desenvolver o conhecimento da relação entre os sexos, das conotações inconscientes do ato sexual, das representações específicas a que dá vida, das teorias sexuais inconscientes da idade adulta que colocam em jogo, o valor psíquico da satisfação sexual, entre outros. Além disso, demonstra que a primazia fálica é algo a ser discutido na atualidade, visto que falo permanece, em muitos contextos, como sinônimo de pênis. Nesse sentido, a insistência na teoria do primado do falo seria sustentada pela confirmação que encontra na cultura? É bem provável que sim, visto que se o pênis é algo que os homens tem e as mulheres não, e se pênis é entendido enquanto sinônimo de falo, é na cultura que se encontra a afirmação de que homens tenham poder e as mulheres não o tenham, ou o tenham em menor quantidade. Mais uma vez, pode-se observar uma relação entre a discussão de gênero e a psicanálise, visto que a primeira se ocupa com mudanças nas

concepções de cada um dos gêneros pela cultura e a segunda utiliza-se das diferenças, às vezes corporal, entre os dois gêneros para teorizar acerca do desenvolvimento sexual que os constitui.

Outro autor que ajuda no mapeamento dos rumos da sexualidade da mulher na atualidade é Birman (2010). No texto em questão, ele discute de que forma a sexualidade está, hoje, na berlinda, visto que existe a necessidade de se discutir como o discurso freudiano sobre o sexual serve ainda de referência para a comunidade psicanalítica. Como referência desse discurso, o autor se utiliza da obra de Freud que condensa seu legado sobre a sexualidade, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006). Longe de se traçar comentários, neste momento, sobre essa obra, apresenta-se o pensamento de Birman (2010) acerca da concepção da psicanálise como uma arte erótica, mais ainda do que uma ciência do sexual. Nesse sentido, sendo uma arte erótica, a psicanálise não se adequou aos parâmetros exigidos pela teoria científica no sentido estrito do termo. Pelo contrário, é marcada por alto grau de “ficcionalidade e indeterminismo causal” (p. 26), longe de qualquer tipo de positivismo cientificista. É com esse argumento que Birman (2010) defende que a psicanálise se mantém muito distante de qualquer tipo de normalização do sexual, mesmo que, por muitos outros pontos de vista seja acusada exatamente disso. Na visão do autor, o que acontece é o seguinte:

Nada disso impediria que a psicanálise sofresse os efeitos dos imperativos de normalização e estabelecesse com ela uma solução de compromisso. Por exemplo, não resta dúvida de que parcela significativa do pensamento psicanalítico pós-freudiano adotou tal solução de compromisso, ao assumir uma postura ética e teórica de moralização do erotismo (p. 26).

Essa questão levantada por Birman (2010) é extremamente preocupante para a psicanálise atual e, sobretudo, para as questões que envolvem a teoria e a clínica da sexualidade da mulher. Como exemplo das soluções de compromisso que faz a

psicanálise hoje, o autor cita a leitura moralista que se faz hoje das perversões. Mas a maior problemática talvez seja mais ampla. Segundo Birman (2010):

[...] Freud mostrou, já em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), como o imperativo dos padrões objetivos estava na fonte do mal-estar moderno, ou seja, pelo estabelecimento de objetos moralmente aceitáveis à regulação da pulsão sexual, a moral sexual civilizada tornou-se uma camisa de força, engendrando as insatisfações eróticas que estão na base das doenças nervosas dos tempos modernos (p. 26).

Essa constatação de Freud, mesmo que de 1905, ainda é bastante atual. Se boa parte da psicanálise hoje se preocupa com soluções de compromisso, na tentativa de normalizar cada vez mais o sexual, isso se torna um dos grandes problemas que a psicanálise contemporânea precisaria combater para alcançar seus reais objetivos. Trata-se de um trabalho de tratamento que postula, desde sempre, os malefícios que a moral sexual civilizada pode causar ao sujeito e à sua vida psíquica. Logo, esse é um outro ponto no qual o retorno à Freud é necessário: é imprescindível e urgente que se resgate a origem sexual da psicanálise, a clínica das pulsões e as pontuações freudianas acerca da moral sexual civilizada. Esse retorno teórico seria de total importância à clínica da sexualidade e mais especificamente ao trabalho de tratamento da sexualidade da mulher.

Por fim, buscam-se agora colocações feitas por Arán (2006) acerca do destino que tomou a diferença sexual na cultura contemporânea. Segundo a autora, existe uma relação entre os deslocamentos que o feminino vem sofrendo ao longo do tempo e a crise que acomete o masculino na sociedade atual. Para se pensar a relação entre os sexos, é importante que se rompa com critérios bastante utilizados outrora e ainda, como a descrição do corpo feminino a partir da ênfase nos órgãos reprodutivos, no “cérebro menor” e na “fragilidade dos nervos”. Esses critérios foram principalmente utilizados a fim de corroborar com a noção de que a mulher possui um lugar “naturalmente” inferior na sociedade, que utilizaria o modelo de dominação masculina como base, onde a mulher teria uma função de objeto. Outra reflexão feita por Arán

(2006) é sobre a relevância, na atualidade, da questão “o que quer a mulher?”. Para ela, seria melhor se deslocar esse enigma para “como pensar a diferença de sexos?”, já que, cada vez mais, novas formas de sociabilidade vão se anunciando e constituindo uma mudança significativa. Por conta disso, Arán (2006) estabelece os principais fenômenos constitutivos dessa mudança:

[...] a crise da forma burguesa da família nuclear (monogâmica e heterossexual), a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução e uma política de visibilidade da homossexualidade. Todos esses fenômenos provocaram uma crise nas referências simbólicas organizadoras da sociedade moderna, principalmente a partir do deslocamento das fronteiras homem-público e mulher-privado, configurando um novo território para pensar as sexualidades (p. 17).

As consequências que teriam esses fenômenos são de fundamental importância para se pensar a mulher hoje. Quanto mais deslocamentos a feminilidade sofre, mais descoladas do destino “natural” as mulheres ficam. Isso implica em dizer, também, que elas se expressarão cada vez mais de novas formas, que sua sexualidade se expressará de outras formas e que suas demandas ou mudarão ou se apresentarão pela primeira vez. Diante desse panorama, cabe à psicanálise, já que se dispõe a ser trabalho de tratamento, dar conta dessa ampliação acerca da sexualidade da mulher, mesmo que, para isso, tenha que sofrer atualizações constantes. Esse novo esboço do feminino, segundo Arán (2006), permite também que o masculino se repagine, inclusive saindo de seu universo fálico para tecer novos arranjos de sociabilidade. A autora conclui seu pensamento afirmando que um dos grandes desafios da psicanálise contemporânea é a possibilidade de positivar a feminilidade, coisa que Freud já apontava, mesmo trabalhando a ideia de feminilidade como um continente negro. Isso significaria “realizar um deslocamento, no interior da própria teoria, do campo da representação para o campo da vida pulsional” (p. 172).

Não seria possível traçar todo o mapeamento da sexualidade da mulher na atualidade, em psicanálise. Entretanto, as discussões feitas pelos autores apresentados acima dão a

ideia dos destinos que a teoria e a clínica de Freud acerca desse tipo específico de sexualidade tomaram. Segue-se agora com a apresentação de ideias acerca da relação entre a mulher e as noções de família e maternidade que podem ser observadas hoje e de que forma a psicanálise pode e deve se haver com essas questões.

4.3.1.2 FAMÍLIA E MATERNIDADE

Ao passo que a sexualidade da mulher encontra novas concepções psicanalíticas, outros temas que envolvem a vivência de sua sexualidade, como a constituição de uma família e a experiência da maternidade também sofrem influências. Alguns autores da psicanálise contemporânea se ocuparam em descrever que ideias constroem a noção de família hoje e qual seria o papel da mulher dentro dela. Além disso, a maternidade também é discutida, ao passo que fora considerada por séculos como parte naturalmente integrante das funções da mulher. São essas ideias que serão apresentadas e discutidas agora, com a finalidade de questionar de que forma a psicanálise, hoje, pode e deve se haver com elas, já que a sexualidade da mulher está em jogo.

Birman (2001) apresenta sua concepção acerca da mulher e da maternidade retomando às origens acerca das ideias que rodeiam as noções de homem e mulher, cada um com suas funções bem definidas. Acreditava-se em um dom para a maternidade que faria parte de uma continuação das finalidades biológicas que a mulher possui. Logo, a reprodução seria uma tarefa comum que elas cumpririam ao longo da vida, o que colocaria aquelas que escolhessem outros destinos em uma má situação perante a sociedade. A concepção da maternidade como algo estritamente instintivo colocaria a mulher, segundo Birman (2001), mais próxima do polo da natureza, já que esta seria sua função natural, enquanto que os homens se aproximariam mais do polo da civilização,

já que ocupariam o espaço público com seus trabalhos e tarefas diárias. Só essas concepções já posicionariam a mulher em um patamar inferior ao homem? Segundo Birman (2001):

Acreditava-se, de fato, que não se estava retirando poder social das mulheres em relação ao poder masculino, mas tão-somente repartindo socialmente os diversos sexos segundo as virtualidades irrefutáveis de suas diferentes naturezas. Não se trataria, pois, de usurpação de direitos, mas de sua justa distribuição social, de acordo com as disposições naturais diferentes. Existiria, enfim, uma ordem diferencial na natureza que implicaria uma ordem social diferenciada, com funcionalidades específicas para cada um dos sexos em questão. De qualquer maneira, nessa repartição social da legitimidade sexual, aos homens foi atribuído o registro dos direitos, enquanto às mulheres o dos costumes (p. 57).

Nesse sentido, essa separação de funções naturais, que coloca a mulher como agente da maternidade não se configura como uma concepção preconceituosa. A mulher, assim como o homem, teria suas funções simplesmente porque elas foram naturalmente coladas a cada um desses gêneros. Entretanto, há de se fazer algumas reflexões acerca disso. A primeira delas versa sobre a questão da nomeação do natural. Quem nomeia o que é natural ou não, senão a própria sociedade ou cada cultura? Se é verdade que cada civilização nomeia seus costumes e crenças, e que elas não estão escritas em nenhum item da natureza, então se pode dizer que até mesmo o natural é social. Ao se colocar a mulher enquanto detentora dos costumes e o homem dos direitos, isso não é uma proposição que a própria natureza criou e sim algo que demonstra uma crença social que a própria sociedade biologizou ao longo do tempo. Logo, até mesmo a ideia de naturalização da mulher enquanto alguém que se destina à maternidade, pois esta é uma das suas funções, senão a mais importante, é socialmente construída. A outra reflexão que cabe aqui é o questionamento acerca das formulações de Freud sobre a sexualidade feminina e sua relação com a questão do natural. Segundo Birman (2001), os comentários de Freud acerca da mulher, apesar de terem produzido muitos efeitos no que se refere à moral sexual civilizada, inscrevem-se “tanto no contexto da reprodução

biológica quanto no dos costumes que aquelas promoveriam” (p. 59). Isso implica em dizer que os escritos de Freud sobre a sexualidade da mulher, por mais transgressores que tenham sido, por mais que possam ter considerado as mulheres como agentes para a realização do projeto de modernização do social, estavam impregnados do contexto biológico e natural o qual a sociedade daquela época criou e alimentou. Seguindo esse pensamento, outro ponto acerca da obra de Freud é trazido por Birman (2001):

Nessa leitura de Freud, seria, portanto, a demanda sexual desmesurada e o imperativo do amor que colocariam a figura da mulher numa posição anticivilizatória e antissocial, tal como formulado posteriormente em *Mal-estar na civilização*. Assim, delineada ao mesmo tempo como agente civilizatório a agente anticivilizatório, isto é, entre catalisador da ordem e operador da desordem, a figura da mulher estaria polarizada todo o tempo entre a maternidade e o erotismo. Isso porque, como a mãe, a figura da mulher seria sempre agente civilizatório e da ordem, enquanto, pelo segundo eixo, seria agente da desordem e do processo anticivilizatório. O erotismo seria sempre socialmente problemático no ser da mulher, na representação forjada pela modernidade (p. 59).

Ao citar a polaridade da figura da mulher, Birman (2001) traz a tona a problematização do erotismo delas, visto que ele ameaça sua função de mantenedora dos costumes e, principalmente, da experiência da maternidade. É aí que se insere a dualidade entre maternidade e desejo, entre prazer e reprodução. Se o erotismo é comum a ambos os gêneros, o que faz a mulher quando seu desejo não é o de ter um filho ou quando seu prazer sexual está acima da maternidade, por exemplo? O erotismo seria, então, o ponto que desvia a mulher de seu reto caminho reprodutivo, ameaçando, dessa forma, a civilização. Se a figura da mulher enquanto mãe provoca coesão social, a mulher erótica, por sua vez, “promoveria a dissolução dos laços sociais e até mesmo a possibilidade de sua devassidão” (p. 64). Nesse sentido, não é interessante para a própria cultura trazer a tona o desejo sexual da mulher. Mesmo assim, por mais que fosse abafado por vários anos, ele se torna cada vez mais presente e exigente na contemporaneidade, fazendo com que a psicanálise e todas as outras formas de terapia sejam quase que obrigadas a criar estratégias de trabalho de tratamento dessa

sexualidade mais livre da mulher. Esse trabalho de tratamento da sexualidade da mulher para a contemporaneidade se ocuparia, basicamente, do que Birman (2001) chama de “modalidades de figuração do feminino” (p. 67), ou seja, das outras e diversas maneira que possui a mulher de se expressar e de expressar sua sexualidade que não a maternidade ou algum outro de seus caminhos naturalmente previstos.

Outras concepções acerca da relação entre a maternidade, o feminino e a psicanálise podem ser encontradas em Sigal (2003). Ao tentar construir ideias acerca do que afeta as mulheres, hoje, em sua subjetividade, no que diz respeito ao desejo de serem mães, a autora afirma a importância do fato de saberem que outros destinos lhes são possíveis que não só a reprodução, o que facilita o entendimento de que ter um filho é uma opção e não seu único destino possível. Outro ponto fundamental do escrito de Sigal (2003) é a importância dada à psicanálise com essas mulheres, visto que muitas delas só compreendem que são livres em seus destinos após se submeterem ao trabalho de tratamento. Dessa forma, a autora coloca a psicanálise em uma posição fundamental, visto que ela pode ser um dos meios para a compreensão da amplitude da sexualidade da mulher e de seus caminhos. Ao posicionar a psicanálise enquanto elemento atuante no processo de conhecimento do desejo (de ter um filho ou de se ter ou de se fazer outras coisas), nos diz Sigal (2003):

De acordo com a minha perspectiva, o inconsciente tem um realismo no qual as representações e os objetos pulsionais tem uma grande interação com o que a realidade oferece. Por essa razão, penso que, a partir de certos fenômenos novos que a história social e singular propõe à mulher, ela encontra novas representações e destinos para seu mundo pulsional. [...] A maternidade passou a ser uma opção: pode-se decidir sobre o desejo de ter ou não um filho, um desejo inconsciente que passa a encontrar novos cenários. [...] Durante séculos a única leitura possível do corpo da mulher e de sua relação com o homem era a da reprodução, e qualquer outro interesse tinha o valor de simples contraponto ou fuga desse trabalho de criação humano. A maternidade já não é mais um destino biológico. Considerá-la um anseio natural ou instintivo da mulher é permanecer no remanescente biologicista da sexuação feminina. Hoje a relação da mulher com a maternidade se

define no seio da forma global que essa mulher escolhe para sua existência (pp. 254-255).

É nesse ponto que a autora lança um questionamento para a psicanálise contemporânea, acerca das novas representações e destinos para o mundo pulsional da mulher. Se essas representações tem grande interação com a realidade, elas vão se adaptando e se reformulando com as mudanças que ocorrem no contexto social. Isso implica em dizer que a psicanálise, enquanto clínica do pulsional, deve dar conta dessas reformulações das representações, visto que esse é o seu trabalho. Se a psicanálise possui como objetivo se manter enquanto trabalho de tratamento na atualidade, então deve se posicionar frente a essas novas representações. No contexto da maternidade, essas novas representações estão ligadas, segundo a autora, a questões, por exemplo, que dizem respeito às novas formas de reprodução como a inseminação artificial, a fertilização, o coito programado, a barriga de aluguel, o banco de óvulos, a adoção, entre outros. Além disso, essas representações da mulher podem estar ligadas a outros destinos, como o desejo de não casar, o desejo homossexual, o não desejo de se constituir família e mais alguns. Esses seriam alguns dos novos destinos pulsionais que se abrem a partir de recentes avanços da biotecnologia e da própria sociedade em geral. Sigal (2003) também traz reflexões sobre a relação entre a maternidade e a feminilidade:

Discordo da ideia de se colocar a maternidade como o único caminho possível para a feminilidade, pois isso implica manter a mulher adulta presa às teorias sexuais infantis. Se pensarmos a inveja do pênis como uma marca que prevalece na sexualidade adulta, e não como uma marca do percurso edípico, equiparamos feminilidade com histeria. Freud, entretanto, indica a maternidade como saída única para o alcance da feminilidade. No trabalho *Feminilidade*, ele diz que “a condição feminina se estabelece somente quando o desejo do pênis é substituído pelo desejo de se ter um filho” (Freud, 1933, p. 119). Poderíamos afirmar hoje que uma mulher que escolhe não ter um filho fracassou no seu caminho em direção à feminilidade? Por que atrelar a condição do feminino à condição de mãe? (p. 260).

Talvez mais importante e desafiante ainda, para a psicanálise contemporânea, do que atrelar o caminho da maternidade como o único possível para a feminilidade seja

repensar o conceito de feminilidade. O que significa feminilidade, hoje? As questões trazidas pela autora vão nesse caminho, já que ela considera que a escolha por não ter um filho não pode implicar necessariamente no fracasso da feminilidade. Nesse caso, pode-se pensar em outras formas ou outros destinos de se alcançar a feminilidade, isso se for do desejo da mulher alcançá-la. Sobre a predominância das teorias sexuais infantis na mulher adulta, sabe-se que a sexualidade, sob qualquer contexto, é sempre infantil. Isso implica em dizer que mesmo na idade adulta o sujeito expressa sua sexualidade, em grande parte, a partir dos privilégios eróticos de sua infância. Entretanto, ao se colocar a inveja do pênis, por exemplo, como uma das marcas do percurso edípico (que pode prevalecer ou não) e não como uma marca que prevalece, necessariamente, na idade adulta, se estabelece um novo posicionamento na história sexual da mulher. Poderia se dizer, por exemplo, que uma mulher adulta pode ou não ainda sofrer os efeitos da inveja do pênis ou poderia se pensar na separação entre inveja do pênis e desejo de ter um filho. Quem deseja ter um filho pode desejar por outros motivos que não só a inveja do pênis e esse desejo continuaria sendo sexual. De uma forma ou de outra, a psicanálise, em relação à sexualidade da mulher, deve ajudar a ampliar as condições femininas, auxiliando no reconhecimento das diversas possibilidades ou destinos que uma mulher pode ter.

Para concluir este item, segue-se agora com algumas contribuições de Roudinesco (2003) sobre a maternidade e a família. Ao colocar que a situação atual da instituição familiar é de desordem, visto que diversas concepções (patriarcais, em sua grande maioria) caíram por terra ao longo dos anos, a autora discute sobre o poder das mães e da maternidade e sobre as novas ideias que caracterizam o que ela denomina de “família do futuro”. Segundo Roudinesco (2003):

Freud excluía a ideia de que seria possível uma separação entre o feminino e o materno, entre o ser mulher e a procriação, entre o sexo e o gênero. E, no entanto, aceitou considerar essa

eventualidade, até mesmo com ela se confrontar, na exata medida em que criara as ferramentas teóricas capazes de a conceitualizar. Mas não tentou nem integrá-la à sua interpretação da civilização, nem mesmo imaginar que a civilização um dia pudesse aceitá-la sem naufragar no caos (p. 147).

A afirmação da ausência da eventualidade da separação entre o ser mulher e a procriação nos termos da interpretação freudiana da civilização é correta e grave. Por mais que não se possa afirmar que a psicanálise deixou a mulher na situação de inominável por conta dessa exclusão, pode-se pensar que ela ajudou a construir uma ideia de civilização que se apoia na manutenção da mulher enquanto destinada a um só objetivo, mantendo o costume e determinada pela ideia de naturalização. Todo esse histórico foi aos poucos superado, e a mulher pode, a preços altos, conquistar direitos e poderes que lhes permitiram não apenas reduzir a dominação masculina, mas mudar seu curso e ordem. A ideia de falência da família patriarcal acontece ao passo que a mulher descobre que ela mesma, se quiser, pode ser a figura principal e talvez única em um lar ou organização familiar. Segundo Roudinesco (2003), a segunda metade do século XX é marcada de mudanças promovidas pela mulher e pela cultura:

Nesse contexto, as mulheres se preocuparam mais com sua imagem e em garantir um papel social que lhes permitisse mascarar sua interioridade afetiva. Foram então menos rebeldes, menos histéricas, menos depressivas. Logo se afirmou que elas se “masculinizavam” e que os homens se “feminilizavam”, e deduzia-se que os filhos dessas mulheres “viris” e desses homens “andróginos” não conseguiriam nunca garantir para si uma identidade estável. Todas essas metamorfoses não faziam senão traduzir as angústias de um mundo abalado por suas próprias inovações (p. 152).

Essas mudanças ocorridas a partir da metade do século XX mostram um novo posicionamento da mulher perante o que já viviam. A amplitude delas foi tão grande que foi sentida na instituição familiar ou pelo menos na noção que se tinha acerca do que era uma família. Cada vez mais, o vínculo familiar foi se tornando solúvel, temporário, e os papéis encarnados dentro dele foram se mostrando bem mais diversos. A família contemporânea se pretendeu “frágil, neurótica, consciente de sua desordem”

(p. 153) e, entretanto, mais preocupada do que nunca em recriar um equilíbrio entre seus participantes. Esse fato, por sua vez, respingou na experiência da maternidade: agora as mulheres poderiam optar, por exemplo, em se tornarem estéreis, solteiras, divorciadas ou qualquer outra possibilidade. É dessa gama de mudanças que surgem novos termos para designar a tal família que estava em desordem, mas que buscou se ordenar a seu modo, perante o desejo de seus membros. Apareceram famílias co-parentais, recompostas, biparentais, multiparentais, monoparentais, homoparentais, entre outras. Se antes a família era o lugar onde a mulher mantia o costume, era seu ambiente privado com suas tarefas domésticas bem definidas e tinha como objetivo maior a reprodução da espécie, agora ela poderia ser um lugar do desejo, onde sua organização dependia do desejo de seus membros. Todas essas transformações não podem passar despercebidas pela psicanálise. Questiona-se se ela estaria preparada para lidar com todas elas na contemporaneidade, visto que tentou manter, por muito tempo, ideias que se aproximam da família patriarcal, da importância do pai, da primazia fálica, da aproximação entre pênis e falo e da relação entre a maternidade e a feminilidade.

Após a apresentação e discussão do pensamento de alguns autores contemporâneos sobre as noções de família e maternidade e de que forma isso implica na noção de sexualidade feminina, sob o viés psicanalítico, passa-se agora a uma última parte. O objetivo será apresentar e discutir o pensamento contemporâneo que a psicanálise vem formulando acerca dos destinos e novos destinos da sexualidade da mulher.

4.3.1.3 DESTINOS E NOVOS DESTINOS DA SEXUALIDADE DA MULHER

Esse último item acerca das ideias presentes na psicanálise contemporânea que envolvem a abordagem da sexualidade da mulher diz respeito à destinos e novos destinos que essa sexualidade vem tomando ao longo das últimas décadas. Discute-se se

esses destinos seriam tomados por elas há tempos ou se seriam novos, de acordo com o contexto social atual. Na verdade, se o destino ainda prevalece como caminho possível para a vivência da sexualidade da mulher até hoje, então a temporalidade dele não se torna mais tão importante. Dessa forma, de “destinos”, aqui, serão chamadas as três saídas da castração da menina postuladas por Freud (1931/2006) e “novos destinos” denominarão aqueles discutidos pelos autores da psicanálise contemporânea. O fundamental, ao se pensar nos caminhos que a sexualidade da mulher toma hoje, é apresentá-los e discuti-los, de forma a inseri-los nas “preocupações” psicanalíticas e colocá-los como itens a serem trabalhados na clínica. É exatamente dessa apresentação e discussão, por parte de autores da psicanálise contemporânea, que esse item vai tratar. Por mais que definir todos esses novos destinos seja impossível teoricamente, alguns dos mais discutidos atualmente serão trazidos.

Antes que se fale em “novos destinos”, algumas observações sobre os destinos⁷³ que Freud propôs para a saída do complexo de castração da menina serão feitas. É importante lembrar que esses destinos da mulher são formulados por Freud a partir de valores instituídos no século XIX, o que implica em dizer que muitas das ideias predominantes na sociedade naquela época serviram de conceitos que estão na base da teoria de Freud. A exemplo dessas ideias tem-se a mulher enquanto figura responsável pela maternidade, pela vida privada e pelos costumes, tendo seu polo erótico condenado pela moral sexual civilizada. Segundo Birman (2001), a partir da constatação de sua condição de castrada, a mulher poderia ocupar diversas posições, mesmo que jamais possa desconstruir a concepção de toda e qualquer sexualidade centrada na referência ao falo. Além disso, o ponto de partida de todos esses destinos ou caminhos possíveis para ela “seria sempre o horror da constatação e o reconhecimento trágicos de sua condição

⁷³ As expressões “caminhos” ou “linhas de desenvolvimento” são utilizadas, nesse contexto, como sinônimos.

de castrada” (p. 203). Sobre os destinos que postula Freud (1931/2006), pontua Birman (2001):

Podem-se depreender desses enunciados freudianos [sobre as três linhas de desenvolvimento] diversas dimensões, que não conflitam e que não se anulam. Essas dimensões seriam, em verdade, complementares. Antes de mais nada, existiria uma ruptura com o determinismo natural presente nas concepções neuropatológicas sobre as quais se construiu a psicanálise e uma abertura para a história da subjetividade, para uma série de possibilidades diversas a partir de um mesmo acontecimento estrutural. Vale dizer, a constatação estrutural pela figura da mulher do horror da castração poderia ser a condição concreta de possibilidade para diferentes desdobramentos e conjunturas psíquicas. Não existiria, então, uma resposta unívoca e circunscrita, mas diferentes maneiras da subjetividade se articular diante disso, isto é, um variado leque de possibilidades (p. 205).

Logo, verifica-se que o autor vê esse item da teorização freudiana sobre a sexualidade feminina como algo positivo, pois demonstra caminhos que rompem com o determinismo natural e se abrem para várias possibilidades que, segundo ele, podem ser complementares e não unívocas. Porém, mais adiante, continua suas considerações ao texto de Freud, trazendo para discussão o privilégio da linha de desenvolvimento heterossexual:

Não obstante, não resta dúvida de que, para o discurso freudiano, a melhor solução viria pela assunção, pela figura da mulher, da maternidade. Com efeito, enquanto a inibição [assexualidade] e a virilização [complexo de masculinidade] estariam no polo da anormalidade e da patologia, a maternidade representaria efetivamente o polo da normalidade. Ser mãe, portanto, seria a modalidade de subjetivação esperada da figura da mulher na sua organização psíquica, a maneira dela de finalmente se organizar consigo mesma e encontrar devidamente seu lugar no mundo e no próprio corpo. Vale dizer, diante da experiência de horror provocada pela constatação da castração e da ausência do falo em seu corpo, assunção da maternidade seria o caminho por excelência para a instauração do falo, representado pela figura da criança. Enfim, a solução para o conflito feminino e o impasse da castração seriam sempre, no discurso freudiano, a restauração da plenitude fálica, por intermédio de algum objeto (Birman, J., 2001, p. 206).

Portanto, o que o autor continua a dizer é que apesar dessa teorização ter aberto os caminhos para a constituição da subjetividade feminina, ela também continua a apontar o privilégio pelo destino heterossexual, o que se faz problemático ainda hoje. As

definições atribuídas às outras duas linhas de desenvolvimento são também problemáticas, ao serem definidas como “anormais” ou patológicas. Nesse sentido, de acordo com a psicanálise freudiana, existiriam destinos para a sexualidade da mulher que seriam considerados problemáticos, visto que não geram a figura da mulher enquanto mãe e podem expressar aquilo que a moral sexual civilizada tanto quis calar, que é a mulher erótica. Por mais que a mulher, nesse contexto, não fosse obrigada a escolher o caminho da heterossexualidade – até porque não se trata de uma escolha e sim de amplos fatores que geram uma constituição sexual -, ela permaneceria condenada à inveja do pênis e ou presa ao complexo de masculinidade, ou abriria mão de toda e qualquer experiência erógena⁷⁴. As mulheres que caminham pelos outros dois destinos que não o da heterossexualidade sacrificariam sua única possibilidade de feminilização.

Partindo dessas pontuações freudianas, passa-se agora aos chamados “novos destinos”. O primeiro “novo” destino o qual sempre existiu, mas que nos últimos anos tem sido vivenciado de forma mais aberta e “assumida”, é o da homossexualidade feminina. E o que há de novo nesse destino da sexualidade da mulher? A novidade é que, por conta das evoluções de pensamento trazidas pelo feminismo, pelos autores da chamada teoria *queer* e pela própria psicanálise, por exemplo, a homossexualidade feminina passou a ser discutida e considerada enquanto um destino como outro qualquer. Entretanto, sabe-se que aos olhos da sociedade atual, que ainda cultiva grande parte dos resquícios de moral sexual civilizada da época de Freud, a questão não é tão simples assim. Para homossexuais em geral, ainda se designam termos como perversão, anomalia, anormalidade e patologia, por exemplo. Antes que se fale sobre o que há na psicanálise contemporânea sobre a possibilidade do destino homossexual da sexualidade da mulher,

⁷⁴ Sobre isso, ver mais no capítulo 3 deste estudo.

é importante que se faça um breve relato de fatos históricos que relacionam a psicanálise e a homossexualidade.

A historiadora e psicanalista Elisabeth Roudinesco (2003) traça um percurso, que faz parte da história da psicanálise, bastante desanimador. Trata-se da extrema intolerância que herdeiros e discípulos de Freud mostraram em relação à homossexualidade. Desde Karl Abraham, passando por Ernest Jones e Anna Freud que homossexuais foram perseguidos e execrados pelas instituições psicanalíticas. A medicalização do tratamento com homossexuais foi enfatizada, além da não aceitação deles como membros dessas instituições. Isso ocorre, ao que se sabe, desde 1921, mas até cinquenta anos depois, sob a influência crescente das sociedades psicanalíticas norte-americanas, a IPA, embora se adequando formalmente às posições da psiquiatria daquela época, que lutava pela desconsideração da homossexualidade enquanto patologia, reforçou sua repressão. Anna Freud e seus discípulos americanos foram uns dos maiores militantes da causa. Segundo Borrillo (2010):

Ao ser formulada a questão a saber se um homossexual podia tornar-se psicanalista, tanto Sigmund Freud quanto Ferenczi – que, em sua época, não deixavam de ser bastante progressistas – dobraram-se às exigências de Ernest Jones que, no âmbito da International Psychoanalytical Association, recusou categoricamente considerar a questão ao assinalar que, na percepção das pessoas, a homossexualidade era “um crime repugnante: se um de nossos membros viesse a cometê-lo, seríamos gravemente desacreditados por sua presença, ele iria atrair para nós um grande descrédito”. Mais tarde, Anna Freud há de empreender uma ardente luta contra o acesso dos homossexuais à profissão psicanalítica. Sendo ela própria lésbica, a filha do pai da psicanálise “teve sempre o objetivo de transformar seus pacientes homossexuais em bons pais de família heterossexuais, no decorrer de sua prática clínica [Plon; Roudinesco, 1996, verbete “Homossexualidade”, p. 450] (p. 70).

O preconceito parece não ter sido somente proveniente das instituições e de seus membros. Alguns autores da psicanálise contemporânea também contribuíram, por conta do uso inadequado de noções freudianas sobre a sexualidade, para a má

interpretação da homossexualidade. Barbero (2005) nos traz algumas reflexões importantes:

Muitas vezes, como vimos, os próprios autores lacanianos utilizam ambos os termos como sinônimos [perversão ou desvio e homossexualidade]. Serge André, por exemplo, considera “a jovem” como o paradigma de uma estrutura perversa, enquanto Dora seria o da histeria, levando a pensar somente em duas possibilidades para a homossexualidade feminina: perversão ou histeria. Freud considerou que o caso da “jovem” se tratava de uma inversão, não neurótica, sem sintomas histéricos e “amando à maneira de um homem”; ela sofreria, segundo ele, de um complexo de masculinidade. Mas será que ela “sofria” de alguma doença, neurótica ou perversa, ou sofria pela rejeição paterna, derivada do fato de ela se apaixonar por mulheres, e pela rejeição social que provavelmente causara o fato de ela amar uma mulher, além de tudo considerada uma “*cocotte*”, alguém de cuja moralidade podia se duvidar? [...]Para começar, está clara clinicamente a existência de neurose obsessiva nas mulheres, e me pergunto se, às vezes, o “complexo de masculinidade” não poderia se relacionar a uma estrutura psíquica de tipo obsessivo, já que esta é a forma mais comum do lado masculino (p. 108).

Se até os tempos atuais ainda se coloca a homossexualidade como sinônimo de inversão, “anormalidade”, perversão ou patologia, isso demonstra que a ideia de que a psicanálise, em certos termos que versam sobre os outros destinos da sexualidade da mulher que não o heterossexual, precisa de atualizações que visam, curiosamente, um sério e profundo retorno à Freud. O uso de termos é, por vezes, extremamente descuidado, o que pode possibilitar a interpretação de que a psicanálise corrobora com os preconceitos cultivados em suas instituições, desde 1921.

Após essa exposição, passa-se agora às ideias que a psicanálise contemporânea vem formulando acerca do destino homossexual da sexualidade da mulher. Uma das autoras que discute ao assunto é McDougall (1997). Além da homossexualidade da mulher, ela pontua que seus outros dois pontos de interesse são também destinos para a sexualidade que não estão de acordo com a maioria das noções predominantes na sociedade, que são o transexualismo feminino e as ditas “perversões” femininas. Para falar sobre a homossexualidade feminina na clínica, afirma McDougall (1997):

Em primeiro lugar, as questões clínicas com analisandas lésbicas não são significativamente diferentes daquelas que surgem no trabalho analítico com pacientes heterossexuais. Na medida em que a mulher homossexual que quer uma análise não esteja em conflito com sua orientação sexual, sua busca de ajuda geralmente gira em torno das mesmas questões que atraem outras mulheres para a aventura analítica. Muitas mulheres, heterossexuais ou homossexuais, buscam ajuda psicanalítica em resposta a alguma inibição, ou mesmo colapso, em seu trabalho profissional que habitualmente é de natureza intelectual ou artística. O sofrimento neurótico clássico, resultante de graves fobias ou de sintomas obsessivos, não é diferente, seja a paciente homossexual ou heterossexual. Com frequência, esses sintomas também contribuem para as inibições mencionadas acima (pp. 36-37).

Sendo as questões de mulheres homossexuais praticamente as mesmas das mulheres heterossexuais, o que afirma a presença delas em um grupo, o das mulheres, concorda-se com a ideia de que a “orientação” ou a constituição sexual de um sujeito, seja ele quem for, não deve ser critério de análise. Ao menos que o próprio analisando traga essa questão, declarando um possível conflito ao constatar sua constituição sexual, os termos entre análises de pacientes homo ou heterossexuais devem ser os mesmos. Freud, quando analisou a jovem homossexual, estava analisando, principalmente, a psicogênese de sua homossexualidade. Nesse sentido, é bastante normal que tenha se aventurado a descobrir a origem da constituição sexual da moça, traçando sua história em busca dos “culpados”. Entretanto, o que a psicanálise contemporânea afirma questionar acerca da homossexualidade da mulher são questões que podem ser comuns a toda e qualquer análise. Segundo McDougall (1997), essas questões falam, basicamente, de dificuldades sexuais dentro de um relacionamento amoroso, de falta de interesse em obter prazer sexual para si mesmas, da perda ou ameaça de ruptura de um relacionamento amoroso, entre outros. Porém, não se pode negar que por conta das ideias sociais e culturais que definem a homossexualidade, as mulheres homossexuais podem apresentar demandas outras, que não aparecem na fala das mulheres heterossexuais. Segundo McDougall (1997):

As atitudes negativas ubíquas de muitas pessoas em relação a indivíduos que fazem parte de alguma minoria são mais um fator motivador para a busca da análise – este, específico de mulheres homossexuais. (Os homens e as mulheres que expressam críticas virulentas ou que falam depreciativamente das mulheres homossexuais, muito frequentemente estão descarregando seu próprio temor das tendências homossexuais não reconhecidas) (p. 38).

Sobre essa demanda de análise específica de analisandas homossexuais, pontua-se sua atualidade. A psicanálise contemporânea deve estar apta para lidar com esse tipo de questão, muito mais do que, por exemplo, mapear as razões e causas da homossexualidade de alguém. Se hoje se discute a possibilidade, por parte dos psicólogos em geral, da chamada “cura gay”, isso também se deve ao fato da falta de esclarecimento, por parte daqueles que trabalham com a psicologia e com a psicanálise, acerca dos objetivos de seu trabalho, além do mau uso, por parte de alguns, de seus referenciais teóricos. Por muito tempo, ao se fazer referência à homossexualidade, se utilizou termos que geraram ideias errôneas sobre esse possível destino da sexualidade da mulher. Desde “anormalidade”, passando por “inversão” e até mesmo “perversão”, eles perduraram ao longo do tempo e terminaram por associar a homossexualidade a algum tipo de patologia. Segundo Barbero (2005):

Inverter [como sendo a “ação” que significa a homossexualidade] significa tomar ou voltar em sentido contrário ao natural, segundo o dicionário, mas não existe nada “natural” no comportamento nem no desejo humano. Portanto, inverter, neste caso, significa tornar do avesso o que? Simplesmente o esperado, por quem? Pela cultura, é claro, mas a cultura não é fixa, nem eterna, e contém sempre elementos de transformação; este é claramente um deles (p. 107).

O termo “inversão” soa como algo que fugiu à regra, escapou ao “normal”. Mais uma vez, encontra-se, na raiz da teorização freudiana do desenvolvimento psicosssexual, a concepção de que a heterossexualidade é o caminho para o desenvolvimento “normal” – e, porque não, mais “sadio” ou mais culturalmente adequado. Ditada pela cultura, a classificação do que é “normal” ou não se faz problemática tanto às questões de gênero quanto à psicanálise. É claro que não somente a teoria psicanalítica seria responsável

por atribuir a “normalidade” à heterossexualidade, mas além de estar claro o privilégio dado por ela a essa linha de desenvolvimento da sexualidade (algumas vezes de forma explícita, outras nem tanto), a psicanálise poderia fazer, na contemporaneidade, usufruto do que se teorizou “em prol”, por assim dizer, acerca da homossexualidade, por exemplo. Segundo Loureiro (2004):

[...] salta aos olhos que tal configuração [a homossexualidade] (até 1910, denominada por Freud de “inversão”) seja referida como uma forma “imatura”, pouco ou insuficientemente desenvolvida de sexualidade; parece haver, ainda que implícita, uma norma em relação a qual homossexualidade é “outra”, ou “a menos”, ou “não ainda”. Por outro lado, muitas das declarações de Freud testemunham uma compreensão acurada do assunto: multiplicidade de configurações reunidas sob o termo “homossexualidade”; apenas um destino possível, entre outros, da sexualidade; necessidade de tolerância social; reconhecimento do caráter cultural das formas de lidar com homossexualidade; recusa da “conversão à heterossexualidade” como objetivo clínico; aceitação de homossexuais como candidatos à psicanalistas nas sociedades oficiais [o que é questionável, por exemplo, por Barbero (2005) e Borrillo (2010)] (pp. 89-90).

A autora aponta para alguns caminhos de compreensão que a homossexualidade ganhou na teorização freudiana sobre a sexualidade. Com um ponto de vista mais “otimista”, pode-se ver alguns ganhos, como a impossibilidade da “conversão à heterossexualidade” ou a necessidade de tolerância social. Entretanto, não custa lembrar que essa multiplicidade de termos utilizados para a homossexualidade foi, quase sempre, baseada no referencial primordial da heterossexualidade. A homossexualidade é invertida porque se inverteu o comum, o esperado. É “anormal” porque existe o normal, que é o destino heterossexual. É perversa porque não se enquadra na neurose e possui componentes que a constituem que fogem ao que seria entendido como “sexualmente saudável”. Não se pode esquecer também que *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), que demarcam o início da teorização freudiana sobre a sexualidade, apontam para o conceito de Complexo de Édipo “negativo” para designar a constituição homossexual infantil. Seguindo a concepção da possibilidade de ser ver na teoria da

sexualidade freudiana uma contribuição à homossexualidade, Roudinesco (2009), também aponta, assim como Loureiro (2004), os “benefícios” trazidos pela teoria freudiana à concepção da sexualidade homossexual, colocando o homossexual freudiano como “um sujeito civilizado, um sujeito do qual a civilização precisa, uma vez que é, de certa forma, a encarnação do sublime” (p. 48). São duas concepções demonstradas aqui que apontam que a teorização freudiana acerca da sexualidade pode ser ainda mais ampla do que já se pensa. Logo, percebe-se que, dependendo do referencial utilizado, pode-se pensar que os frutos que deixou a teorização freudiana acerca da sexualidade da mulher são mais ou menos transgressores. Portanto, nada muda o fato de que resta à psicanálise contemporânea atender a essas demandas ligadas à homossexualidade e que são cada vez mais crescentes, visto que a possibilidade da vivência homossexual é cada vez maior.

Outro destino da sexualidade da mulher que vem sendo discutido pela psicanálise contemporânea é o transexualismo, também abordado por McDougall (1997). Segundo a autora, é importante que se defina o termo para que não se recorra a equiparações comuns com a perversão sexual feminina ou com a psicose, por exemplo. Segundo McDougall (1997):

A causa central de sofrimento em transexuais de ambos os sexos deriva da profunda convicção de uma antinomia entre seu gênero anatômico e seu gênero psicológico. Em outras palavras, os transexuais vivenciam sua identidade sexual como totalmente incongruente com sua genitália anatômica. Esse sentido impregnante de incongruência, de desarmonia biológica, com muita frequência é acompanhado pela impressão de ser desfigurado, aleijado, monstruoso mesmo. É preciso enfatizar que o transexual não sofre de um delírio a propósito de seu gênero anatômico; este é reconhecido pelo que realmente é, porém é vivenciado como uma deformidade. Em geral, o transexual não deveria ser classificado como psicótico (p. 43).

Se ser transexual pode ser um dos destinos da sexualidade de uma mulher, então aqui está mais um ponto do qual a psicanálise contemporânea pode se ocupar, no âmbito teórico, inclusive. Ao se fazer a distinção entre transexualismo, psicose e perversão, se

pode começar a se pensar em um trabalho de tratamento adequado a esses casos. Sob o ponto de vista de Argentieri (2009), no decorrer das últimas décadas houve uma dramática mudança, principalmente em termos psicológicos, no campo social o qual vivem os transexuais. Embora façam parte das chamadas minorias, esse campo social vem ganhando a atenção da mídia e da opinião pública e isso não pode ser ignorado pela psicanálise, visto que esse ganho de atenção provoca consequências subjetivas e psíquicas no sujeito transexual. Segundo Argentieri (2005), “a psicanálise deve recuperar laboriosamente seu próprio espaço autônomo teórico e clínico, distante da confusão e da chantagem das ideologias” (p. 168), visto que existe um grande fosso, hoje, entre os apelos repressores de pensadores e representantes convencionais e fundamentalistas e as exigências das associações e grupos “trans” por direitos legais e civis.

Para finalizar esse item acerca dos destinos e novos destinos da sexualidade da mulher, apresentam-se agora algumas ideias de McDougall (1997) sobre as chamadas “perversões femininas”. Sobre a relação entre a sexualidade da mulher e a perversão, aponta McDougall (1997) acerca do pensamento de Freud:

Uma das dificuldades conceituais na discussão e no estudo do comportamento perverso nas mulheres provém do fato de que, desde o tempo de Freud, a perversão em si é intimamente identificada com a sexualidade masculina e o pênis. As construções perversas foram compreendidas como defesas contra o temor da castração e os conflitos e os conflitos do complexo de Édipo masculino. Assim, a literatura sugere que as mulheres não criam desvios sexuais. Freud acreditava que o complexo de Édipo da menina se resolvia uma vez que ela aceitasse o fato de que podia receber um filho de seu pai em vez de um pênis. Este ponto de vista implica que as mulheres não precisavam de criações sexuais perversas – no lugar disso, elas simplesmente tinham bebês! (p. 47).

Apesar dessas dificuldades conceituais na discussão e no estudo da perversão nas mulheres, a autora cita alguns exemplos de práticas sexuais perversas comuns de analisandas de sua clínica. Não concordando com a noção, defendida por alguns autores contemporâneos como Kaplan (1989), de que a anorexia, a bulimia, a automutilação e a

cleptomania seriam exemplos de atuações perversas femininas, McDougall (1997) cita exemplos como a masturbação desviante, que se caracteriza pela atividade autoerótica concebida como “proibida”, o exibicionismo feminino, a relação sexual onde a urina e as fezes são componentes eróticos e a experiência, cada vez mais constante entre casais homossexuais e heterossexuais, de atos sexuais fetichistas e sadomasoquistas. Talvez a ideia de que a mulher tem como função principal a maternidade, tendo assim de ficar afastada do erótico ou de qualquer coisa que acenda seu desejo sexual e da ideia de prazer pelo prazer, fez com que ela ficasse afastada também da possibilidade de atuar na perversão. Entretanto, diante do contexto social e cultural já instaurado hoje, não se pode mais pensar nesse afastamento e sim na consideração da perversão sexual como um dos destinos possíveis para a sexualidade da mulher.

Ao longo desse item, foram feitas considerações acerca das discussões e soluções propostas para a sexualidade da mulher na contemporaneidade. De início, antes da abordagem das ideias da psicanálise atual, utilizou-se o texto de Freud (1908b/2006), *Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna* como referência teórica para se pensar, a partir daí, como se constrói essa moral sexual e de que forma ela influencia, ainda hoje, nos caminhos possíveis para a sexualidade da mulher. Após essa introdução, passou-se para a apresentação e discussão de algumas concepções gerais sobre a sexualidade da mulher que os autores da psicanálise contemporânea tem apresentado nas últimas décadas. Além disso, também se verificou o que vem sendo discutido acerca das ideias de família e maternidade e, por fim, apresentou-se os destinos (teorizados por Freud) e alguns dos novos destinos (teorizados por autores contemporâneos) da sexualidade da mulher e de que forma a possibilidade de vivência de cada um deles (homossexualidade, transexualismo e perversão feminina) pode ter implicações na clínica psicanalítica. De agora em diante, passa-se ao último item deste estudo, que tem

por objetivo apontar algumas possibilidades de atualização e mudança para a psicanálise contemporânea, sob o viés de uma clínica da sexualidade da mulher.

4.4 A PSICANÁLISE (E A SEXUALIDADE DA MULHER), HOJE: MUDANÇAS E PERSPECTIVAS

Partindo de todas as colocações feitas até agora neste estudo, desde a apresentação e discussão dos três âmbitos – relações pessoais, clínica e teoria – e de como Freud lidou com a questão da sexualidade da mulher em cada um deles, chegou-se à abordagem dessa mesma questão na psicanálise contemporânea. Entretanto, o que se observou, tanto na teorização acerca da chamada crise da psicanálise e em sua crise em um tópico específico (a sexualidade da mulher), é que os teóricos que versam sobre esses assuntos normalmente tendem a criticar ou a argumentar em favor de Freud, não se incomodando muito com a atualização da psicanálise para as demandas atuais da sociedade. Se a civilização passa por modificações ao longo do tempo, influenciando, assim, o modo de se pensar o sujeito e suas relações, é necessário que a psicanálise, enquanto trabalho de tratamento, apresente suas estratégias de trabalho frente a isso, para que se coloque como uma possibilidade que esse mesmo sujeito pode utilizar a fim de diminuir seu sofrimento perante o mal estar presente.

É com esse objetivo, de apresentar essas estratégias, que este estudo teoriza sua parte final. Apesar de já ter sido dito que há a necessidade de se fazer um retorno extremamente fundamentado à Freud, mesmo que isso implique na atualização de alguns conceitos para o contexto atual, segue-se agora com algumas possíveis diretrizes para o trabalho psicanalítico. Logo, o objetivo dessas argumentações é identificar a atualidade da psicanálise, demonstrando de que forma ela ainda se estabelece enquanto

clínica da sexualidade da mulher. Além disso, constroem-se argumentos a fim de demonstrar, também, que tipo de argumentações utilizadas ao longo do tempo pela psicanálise podem ser reposicionadas, a fim de torná-las possíveis de serem compreendidas pela diversidade e amplitude que são encontradas agora, no que tange à sexualidade da mulher. Nesse sentido, alguns tópicos serão discutidos para que a argumentação fique mais clara e didática. São eles: a noção de psicanálise enquanto trabalho de tratamento e crença, as questões que envolvem a necessidade que a psicanálise teve, desde seus primórdios, de aceitação, as instituições psicanalíticas, a necessidade da discussão dos conceitos de sexo e identidade sexuada para a psicanálise, as construções teóricas que podem ser feitas, para a atualidade, acerca do conceito de feminilidade e, por fim, a necessidade de a psicanálise, enquanto clínica da sexualidade da mulher, considerar o desejo da mulher e, com isso, a vivência de novos destinos de sua sexualidade⁷⁵.

Psicanálise é trabalho de tratamento (e crença)

Para se falar sobre a primeira diretriz, que pode ser uma perspectiva para a psicanálise contemporânea, aborda-se a consideração da psicanálise enquanto trabalho de tratamento. É exatamente essa a proposta para a psicanálise desde Freud. Entretanto, o que se observa acontecer por parte de alguns psicanalistas e teóricos da psicanálise atual é a consideração da psicanálise, além de como trabalho de tratamento, como crença. Essa última consideração se torna extremamente problemática, pois se forma diante de fundamentalismos e da teoria levada enquanto dogma, o que dificulta atualizações que a psicanálise deve se sujeitar para estar adequada e “respondente” ao contexto atual.

⁷⁵ Os tópicos apresentados fazem referência, inicialmente, à psicanálise contemporânea como um todo. A partir do quarto tópico, as diretrizes são exclusivamente para a questão específica da teoria e clínica da sexualidade da mulher.

Desde o início de suas pesquisas, Freud (1925a[1924]/2006) sempre procurou a intencionalidade puramente terapêutica de seu trabalho. Isso pode ser observado desde o momento da teorização científica buscada no projeto de 1895, passando pela sedução histérica e pela “descoberta” da fantasia, até sua chegada ao conceito-limite em análise, a pulsão (a sexualidade pulsional). Celes (2005) assinala o efeito dessa intencionalidade:

Freud (1919) até mesmo afirmou ser essa “intencionalidade terapêutica” a sua [da psicanálise] mais importante significação, devendo-se a ela o prestígio da psicanálise na sociedade dos homens. Dessa maneira, parece que a intencionalidade terapêutica da psicanálise não somente designa seu sentido primeiro, mas também seu motivo de existência e seu valor, o que nos leva a afirmar que um sentido ético está fundamentalmente estabelecido desde a origem da psicanálise (p. 158).

Se se trata de um trabalho onde a intencionalidade é puramente terapêutica e é isso que justifica sua existência e seu valor, então esse trabalho, exatamente por ser de tratamento do psíquico, não pode ser dar à fundamentações imutáveis e, por vezes, até mesmo retrógradas, visto que se utiliza de concepções que foram determinadas em contextos sociais e culturais diferentes do de hoje. Além disso, sabe-se a que a psicanálise não é um trabalho definido por teorizações e suas aplicações. A efetivação do trabalho é a própria psicanálise e essa é uma das condições nas quais se apoia a discussão acerca da cientificidade da psicanálise. Mezan (2003) pontua essa cientificidade:

No espírito de Freud, ela (a psicanálise) é uma parte da ciência. Possui um objeto próprio, o inconsciente e suas leis; um método específico, a interpretação do discurso dos pacientes na “situação analítica”; um critério para a formação dos investigadores, a análise pessoal e o estudo dos textos teóricos pertinentes. Baseia-se na descrição dos fenômenos observados na situação analítica e na formulação de leis gerais a partir deles; constitui um corpo de conhecimento acumulados pelos meios adequados, transmissíveis a quem desejar se apropriar deles, verificáveis desde que se respeitem suas condições de emergência e retificáveis por observações mais cuidadosas ou por teorias mais pertinentes. Enfim, como afirma Freud em uma de suas conferências, ela é fundamentalmente uma disciplina científica, partilha da visão de mundo da ciência e deve ser avaliada pelos critérios aceitos da cientificidade (pp. 48-49).

Aqui há mais outros pontos que reforçam a ideia de que a psicanálise é um trabalho de tratamento e que, exatamente por essa sua especificidade, jamais poderia ter sido considerada enquanto uma crença, o que prevê fundamentalismos, argumentos imutáveis e dogmas que devem ser cumpridos. Mesmo possuindo um grande arcabouço teórico e algumas regras para a clínica, como a associação livre e o estabelecimento da transferência, se cada analisando é um e se cada análise é uma, é impossível considerar a psicanálise enquanto uma teoria que se aplica, sempre da mesma forma, a todos. O que torna também a psicanálise como um trabalho sem pretensões de crença é sua consideração, feita pelo próprio Freud (1913[1911]/2006), de algo que é fruto de uma experiência e não de qualquer outra coisa:

A psicanálise constitui uma combinação notável, pois abrange não apenas um método de pesquisas das neuroses, mas também um método de tratamento baseado na etiologia assim descoberta. Posso começar dizendo que a psicanálise não é fruto da especulação, mas sim resultado da experiência; e, por essa razão, como todo novo produto da ciência, acha-se incompleta. É viável a todos convencerem-se por suas próprias investigações na correção de teses nelas especificadas e auxiliar no desenvolvimento ulterior do estudo (p. 225).

Considerando a psicanálise enquanto resultado da experiência (analítica) e, por consequência disso, incompleta e sujeita a novas investigações, Freud (1913[1911]/2006) já apontava para o modo como a psicanálise deveria ser tratada ao longo do tempo. Ela poderia e deveria ser atualizada ao longo do tempo, dependendo das necessidades e demandas do contexto social e cultural da época, sem nunca se caracterizar como algo imutável, visto que é fruto da experiência. Se cada análise corresponde a uma experiência diferente, de cada análise se pode construir uma contribuição teórica, a fim de caracterizar o trabalho como algo dinâmico, mutável, que satisfaz as demandas dos sujeitos a cada tempo. Esse caráter de dinamismo da psicanálise já propõe que os termos da concepção da psicanálise como uma crença são inaceitáveis, pois vão contra toda sua fundamentação original.

Em se tratando da sexualidade da mulher enquanto algo do que o trabalho se ocupa, o argumento de psicanálise enquanto crença é ainda mais insustentável. Partindo do pressuposto de que hoje são possibilitados à mulher novos destinos para sua sexualidade, por exemplo, de que forma uma crença poderia se manter? Se até boa parte da teorização de Freud acerca da mulher é hoje questionada, visto a mudança cultural e social e das demandas dos sujeitos, considerar a psicanálise uma crença imutável seria impossível. Dessa maneira, **a primeira diretriz apresentada por este estudo diz respeito à consideração da psicanálise enquanto um trabalho de tratamento que é fruto da experiência analítica, o que implica em dizer que ele pode e deve ser atualizado ao longo do tempo, dependendo das mudanças sociais e culturais, o que afeta diretamente as demandas dos sujeitos inseridos nesses contextos.**

A psicanálise e sua aceitação

Desde os primórdios da psicanálise, um grande problema que ela enfrentou foi o da aceitação de seus pressupostos e de seu trabalho de tratamento, visto que se tratava de uma teoria da sexualidade, o que não teve sua amplitude compreendida de início. A questão do sexual na obra de Freud sempre lhe despertou paixão, assim como sentimentos conflituosos, visto a dificuldade de sua aceitação pela ciência e pela sociedade em geral. Freud se utilizou da psicologia desde sempre. Foi sempre isso que lhe interessou, era isso que queria investigar. Dessa forma, o criador da psicanálise é um conquistador, pois conquistou o “proibido”, que se desmascarou ao longo do tempo com as teorizações sobre a sexualidade, o inconsciente e o recalcado, por exemplo. Para atingir esse “proibido”, Freud teve que fazer uma busca sem escrúpulos ao cerne da questão do psiquismo, desbravando seu próprio inconsciente, se submetendo a uma

autoanálise, fazendo uma verdadeira dissecação de seus casos clínicos e postulando conceitos que se dão no mesmo momento em que se dá o trabalho. Segundo Mezan (2003), o que diferencia Freud de seus contemporâneos é precisamente a consideração de “regiões obscuras” e de “processos misteriosos” como problemas científicos. Não se trata, portanto, de exprimir o inefável, mas de estabelecer correlações, de descrever fenômenos, de procurar as leis a que eles obedecem. Mesmo assim, é o próprio Freud que vai demarcar, em 1937, uma certa impossibilidade “própria” do trabalho psicanalítico:

Quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões impossíveis quanto as quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas, conhecidas há muito tempo, são a educação e o governo. Evidentemente, não podemos exigir que o analista em perspectiva seja um ser perfeito antes que assuma a análise, ou, em outras palavras, que somente pessoas de alta e rara perfeição ingressem na profissão. Mas onde e como pode o pobre infeliz adquirir as qualificações ideais de que necessitará sua profissão? A resposta é: na própria análise, com a qual começa sua preparação para sua futura atividade (p. 247).

Se a análise é uma profissão impossível e se as qualificações para um ofício de analista podem ser encontradas em sua própria análise, foi exatamente isso que Freud buscou. Em sua autoanálise, investigou seus próprios sonhos, se perguntou sobre as questões clínicas de seu trabalho e se questionou sobre a cultura e o contexto sócio-histórico que o rodeava e o determinava, mesmo que não totalmente. Entretanto, a questão de ter sua produção teórica aceita e comemorada pela sociedade para não ter sido resolvida. Por mais que Freud tenha se mostrado, ao longo da evolução de sua obra, como um crítico transgressor da sociedade (vide as críticas acerca da moral sexual civilizada, por exemplo), continuou preocupado, durante muito tempo, com a interpretação que essa sociedade fazia do que ele postulava. Se a psicanálise gostaria de alcançar um status de ciência, deveria, então, cair nas graças de todos aqueles que poderiam “julgar” sua veracidade e aplicabilidade. Mas isso não aconteceu. Ao contrário, ao longo da obra de

Freud percebe-se que ele cada vez mais se acostumou com o status próprio que a psicanálise adquiriu, que não correspondia com os padrões clássicos de ciência daquela época.

O que parece estar acontecendo à psicanálise contemporânea é algo que diz de um retorno a essa questão da aceitação. Hoje, é claro, os parâmetros são outros. Para a sociedade em geral, em se tratando de trabalhos de tratamento do psiquismo, o que é considerado aceitável é o breve, o rápido, o que propõe cura, o que não seja tão caro e o que remedie a dor e o desamparo. Essas funções, da forma que estão propostas, não dizem respeito à psicanálise. Birman (2005) aponta o que tem acontecido com uma parcela da comunidade psicanalítica frente a esse quadro:

[Alguns psicanalistas] reconstroem uma outra versão tecnológica da psicanálise. De que maneira? Pela bricolagem entre o discurso psicanalítico, as neurociências e o cognitivismo. Um monstro epistemológico foi assim colocado em cena, balizando pesquisas em laboratórios de psicanálise e em associações psicanalíticas (p. 221).

Além disso, procura-se desesperadamente por uma cura, por um “remédio” que silencie a dor psíquica que assola as pessoas. O psicanalista parece não ser a pessoa mais indicada para isso, já que quase sempre recorre a métodos e técnicas que perduram por algum tempo. Cada vez mais a psiquiatria entra em cena para “reparar” o que a psicanálise parece não dar conta. Marucco (2005) aponta a índole problemática da atual relação entre a psicanálise e a cultura ou, mais precisamente, entre cura analítica e cultura:

Reconhecida a importância das exigências provenientes da cultura, que se manifestam, por exemplo, nas relações hoje imperativas entre tempo e dinheiro, tempo e eficácia ou rendimento, é possível dissociar a psicanálise da cultura? E, se for, ela não estaria ajudando a gerar o que se convencionou chamar de terapias alternativas? Mas se, por um lado, a psicanálise tenta satisfazer essa demanda mediante uma atitude adaptativa com a exigência cultural, não estará por acaso perdendo sua especificidade naqueles pontos que a definem? Será a noção mesmo de processo uma das chaves que definem a psicanálise? (p. 63).

Observa-se um desentendimento entre o que Freud propôs com seu trabalho e o que se faz hoje para se adequar a psicanálise à contemporaneidade, para fazer com que a contemporaneidade aceite a psicanálise como trabalho de tratamento possível frente às demandas atuais. Nesse sentido, além do surgimento das “terapias alternativas” acima destacadas, afirmam-se também outras vertentes psicanalíticas, como a teoria das relações de objeto e as ditas psicanálises do *self*. O espaço está aí para todos, mas o que a comunidade psicanalítica não deveria conceber é a questão de outras alternativas terapêuticas estarem ganhando cada vez mais espaço simplesmente porque a psicanálise já não consegue mais tanta aceitação frente às demandas de hoje. Posto isso, **a segunda diretriz que este trabalho propõe para a psicanálise contemporânea é a urgência de aceitação da psicanálise, de seus métodos e práticas e de sua especificidade científica, pelos próprios membros da comunidade analítica, visto que esse é um dos caminhos possíveis para a psicanálise continuar a conquistar seu espaço, de forma ética, na atualidade.**

As instituições psicanalíticas

Para falar sobre as instituições psicanalíticas e de que forma elas são entendidas pelos próprios psicanalistas, começar-se-á com algumas concepções acerca da instituição como um todo, seu significado para a comunidade psicanalítica e se apresentarão algumas críticas possíveis a esse modelo vigente de organização de pessoas.

Pellegrino (1982) faz uma crítica bastante contundente às instituições psicanalíticas como um todo, após ter sido expulso da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e, segundo ele, sem direito de defesa. Não é objetivo deste estudo retomar esse fato historicamente. Entretanto, algumas opiniões do autor serão utilizadas como exemplo, a

fim de apresentar o pensamento de alguns psicanalistas sobre as instituições de psicanálise em geral. Para o autor, as instituições psicanalíticas deveriam ser um lugar científico aberto, democrático, a serviço da formação e da transmissão do saber psicanalítico. Entretanto, o que parece é que cada vez mais os grupos de pessoas que se organizam em prol do saber psicanalítico demonstram um fechamento teórico e uma espécie de servidão a diversos outros poderes que não a psicanálise em si. Segundo Pellegrino (1982), sobre as instituições em geral:

A instituição é, a meu ver, um mal necessário e, portanto, um bem. O paradoxo aparente pode ser explicado a partir da definição de que a liberdade é o conhecimento da necessidade. Se a instituição é um mal necessário, ela implica, necessariamente, um conhecimento da necessidade. Nesta medida, e a partir da definição considerada, ela é um passo à frente no sentido da liberdade e, portanto, constitui um bem, já que aponta para a liberdade, bem supremo. Acontece, entretanto, que a instituição – mal necessário – com muita frequência se transforma num mal mais do que necessário e, desta forma, deixa de ser um bem para tornar-se um mal desnecessário. Isto ocorre, sem possibilidade de exceção, em todos os casos em que a estrutura institucional se põe a serviço, não da necessidade, em sua justa e necessária medida, mas de privilégios, injustiças e iniquidades. Quando assim acontece, a instituição se degrada e se transforma num instrumento liberticida, avesso à liberdade, trabalhando para criar o avesso da liberdade, isto é, a servidão (p. 35).

As seguintes considerações são feitas a partir da ideia de instituição como um todo. Entretanto, os mesmos parâmetros utilizados podem ser aplicados às instituições psicanalíticas. Se cada vez mais elas se constroem enquanto ambientes fechados para a discussão e transmissão da psicanálise, elas, de certa forma, corroboram com a ideia de que pode se tornar esse instrumento liberticida, que cria o avesso da liberdade, o que é exatamente o que uma instituição, como um todo, deveria proporcionar. A questão que aborda a necessidade das pessoas se instituírem em prol de algo é respondida pela lei geral de qualquer processo civilizatório: é em prol de algo ou de algum tipo de motivação que as pessoas de uma cultura se organizam. Entretanto, o que está em jogo nas instituições psicanalíticas? Seria o justo motivo de se organizar em prol do saber e

da transmissão da psicanálise? Segundo Pellegrino (1982), o que parece acontecer cada vez mais é a supervalorização dos saberes individuais dentro dessas instituições, ou seja, o julgamento pelo qual passam os candidatos a membros é cada vez mais concentrado nas mãos de um ou dois membros que se julgam a personificação do suposto saber. Além disso, há a denúncia do preconceito presente nesses julgamentos, uma vez que o candidato deve atender a um certo padrão, que não se reduz a seu conhecimento, para adentrar na instituição. Por mais que esses padrões não sejam ditos ou explícitos, permanecem implicitamente nos julgamentos. No campo da psicanálise especificamente, segundo Pellegrino (1982), a instituição:

[...] deve ser o lugar onde a alteridade constitutiva advém, através do livre e respeitoso intercâmbio de experiências humanas clínicas e teóricas. A instituição psicanalítica deve existir para favorecer o surgimento e a estruturação do sujeito psicanalítico, na sua busca de autonomia e originalidade. Ela deve implicar, nessa medida, um mínimo de *contrainte* e um máximo de liberdade. À semelhança do Édipo e da linguagem, ela deve subordinar a necessidade à liberdade, o peso ao voo (p. 40).

Entretanto, não é o que se tem visto atualmente a respeito das instituições psicanalíticas. Os membros de cada instituição, inclusive, tem muitas vezes como regra implícita a não comunicação, de tipo algum, com membros de outras instituições também psicanalíticas. As transmissões das quais elas falam parecem estar restritas a um conjunto de saberes que são importantes e eficazes a cada instituição e não à psicanálise como um todo. Outra questão também é abordada por Pellegrino (1982), no que confere ao que ele chama de ideologia do apoliticismo, presente nas instituições psicanalíticas:

[...] através da ideologia do apoliticismo, as instituições psicanalíticas se colocam a serviço do sistema político e social vigente, ao mesmo tempo em que, através do baronato, na formação psicanalítica, transformam a análise didática num tipo de mordomia cartorária, fonte de clínica vitalícia, de prestígio, poder e pecúnia. Tudo isso – é claro – se faz à custa da integridade do saber psicanalítico e de sua transmissão confiável. [...] O apoliticismo, aliás, seja psicanalítico, seja de que tipo for, é sempre uma produção ideológica destinada a encobrir uma plena e eficaz definição política, a favor do sistema (p. 41).

Nesse sentido, dizer que as instituições psicanalíticas servem hoje, em sua grande parte, à ideologia do apoliticismo, significa dizer que cultivando posturas omissas, de conformismo e de neutralidade científica, elas e seus membros afirmam sua adesão irrestrita à presente ordem social e política, desautorizando qualquer meditação ou ação no sentido de questionar a natureza e a estrutura do poder da instituição. Isso não parece democrático de forma alguma. Ao contrário, corrobora com a ideia de que a instituição estaria destinada a manter suas crenças e hierarquias já estabelecidas há tempos, o que é contraditório, por exemplo, com a noção de instituição como algo que deve criar e manter a liberdade de seus membros. Por conseguinte, pode-se pensar, então de que forma a psicanálise se ligaria à política, ou até mesmo se a psicanálise deve ou não se haver com a política. Se pensarmos a psicanálise como trabalho de tratamento do psíquico e, assim, do sujeito que a procura, coloca-se a psicanálise em um lugar difícil, pois ora deve se construir enquanto um saber individual, ora tem como finalidade a consideração das demandas dos sujeitos, que estão inseridos em uma sociedade e em uma cultura e que, por esse motivo, sofrem as consequências dos acontecimentos do contexto, inclusive político. O que permanece inaceitável é a instituição psicanalítica ser um lugar onde a chamada ideologia do apoliticismo seja cultuada, mesmo que de forma implícita.

A partir dessas colocações acima, **a terceira diretriz que este estudo propõe à psicanálise contemporânea é a necessidade de atualização dos motivos que servem à organização do saber e da transmissão psicanalíticas por instituições psicanalíticas. Além disso, a psicanálise contemporânea também deve se reposicionar em sua possível relação com a política e definir se há ou não a necessidade dessa relação e de que maneira ela poderia existir sem ferir a psicanálise em seus objetivos originais.**

A psicanálise, o sexo e a identidade sexuada

Esse quarto ponto para a discussão de uma próxima diretriz é o primeiro que diz respeito, especificamente, à sexualidade da mulher. Os pontos anteriores, apesar de tratarem da psicanálise e, por esse motivo, se relacionarem com seus âmbitos mais específicos (como a sexualidade da mulher, por exemplo), foram mais gerais em suas abordagens. Esse tópico se faz fundamental pela necessidade de se separar, em psicanálise, sexo de identidade sexuada e de se inserir, no saber psicanalítico, uma discussão mais aprofundada em torno deste último conceito.

O termo “identidade sexuada” é utilizado aqui como propõe Chiland (2005), ao utilizá-lo enquanto sinônimo de gênero. Para a autora, o sexo estaria ligado às noções biológicas e às diferenças anatômicas, enquanto que a identidade sexuada apresentaria o fator do sujeito sentir que pertence a um ou outro sexo, o que é bem diferente. Assim como a sexualidade em geral, a questão da identidade sexuada assume extrema importância para a psicanálise, visto que ela também se estabelece como clínica do sexual e, mais especificamente, como clínica da sexualidade da mulher. Sendo a diferença sexual o fundamento de todas as diferenças entre os sexos, pois o que comanda as relações entre os sexos é, primeiramente, a diferença entre seus órgãos genitais, a autora afirma que as interpretações da diferença sexual, que são variáveis em cada cultura, definem o masculino e o feminino. Dessa forma, muitas vezes a identidade sexuada do sujeito é ignorada, visto a possibilidade da recusa do sexo de atribuição. Sendo assim, se um sujeito possui órgãos sexuais femininos, foi nomeado por seus pais como menina, mas sente-se pertencente ao masculino, sua identidade sexuada é masculina. E como fica o trabalho de tratamento desse sujeito?

Segundo Chiland (2005), é possível que este trabalho fique comprometido, pois afirma a ausência da abordagem teórica acerca da identidade sexuada na obra de Freud. Nesse sentido, se Freud considerava o sujeito como fundamentalmente bissexual, ser um homem ou uma mulher já era uma abstração de bom tamanho. Se esse homem ou se essa mulher possuísse uma identidade sexuada que não correspondesse com seu sexo de atribuição, essa não era, ainda, uma questão. Entretanto, hoje se percebe, cada vez mais, a multiplicidade de expressões que os sujeitos apresentam para declarar seu sexo e sua identidade sexuada. As mudanças sociais e culturais ao longo dos anos, principalmente aquelas que dizem respeito às revoluções sexuais e feministas, ajudam a possibilitar essas expressões de identidade, mesmo que isso ainda não seja algo de extrema aceitação. Porém, a falta de aceitação não justifica o ato de ignorar esses fenômenos sexuais, principalmente por parte da psicanálise. Sendo assim, ela, assim como as outras práticas psi devem estar cada vez mais e melhor preparadas para lidarem com as demandas que a questão da identidade sexuada pode suscitar nos sujeitos. Sobre a identidade sexuada, afirma Chiland (2005):

[...] o sentimento de pertencimento a um dos dois sexos é uma crença. De hábito, o desenvolvimento confirma essa crença, e a atitude das pessoas à volta a conforta. [...] Nossa identidade sexuada, antes que dela nos apropriemos, está na cabeça de nossos pais e daqueles que nos cercam. Nossos pais tem desejos e fantasias quanto ao nosso sexo. As pessoas à volta reagem diferentemente em função do sexo que nos foi atribuído. É pela decifração dessas mensagens que aprendemos nosso sexo. Os pais procedem, cientemente e à revelia, a uma verdadeira modelagem ao favorecer ou ao estigmatizar certas respostas; quando a criança souber que essas respostas são ditas masculinas ou femininas, ela já terá aprendido a reprimi-las ou a desenvolvê-las. Nosso corpo decerto nos proporciona sensações, que não são as mesmas para um menino ou para uma menina. Mas o que sentimos não nos informa sobre o que sente o outro; nasce uma interrogação com a descoberta da diferença anatômica entre os sexos (pp. 40-41).

Sendo a crença de um outro que define, inicialmente, nossa identidade sexuada, ela não precisa ser permanente. Se não for permanente, ou seja, se há, mais tarde, a recusa do sexo de atribuição, então se deve considerar a problemática trazida pelo sentimento de

não pertencimento a algo que fora atribuído ao sujeito. É diante dessa problemática, que envolve também a sexualidade da mulher em sua amplitude e em seus destinos possíveis, que a psicanálise contemporânea deve estar preparada para atuar, teorizando estratégias que permitam essa clínica, por exemplo. Mais que isso e a favor de como trabalhou Freud, essas estratégias teóricas podem surgir a partir da prática, visto que é extremamente possível, muito mais hoje do que antes, que o analista se depare com analisandos que não se sentem pertencentes ao que lhe foi atribuído.

Outra teórica da psicanálise que se preocupa com a abordagem das questões presentes no tema da identidade sexuada é Butler (2010/1990), se utilizando do termo “gênero”. Sendo psicanalista e membro atuante de movimentos feministas, a autora faz uma crítica aos modelos vigentes de consideração do feminino na atualidade, na tentativa de desconstruir noções biologizantes e “naturais” acerca do desenvolvimento psicosexual da mulher e de seus destinos possíveis. Ao trabalhar a separação entre o sexo e o gênero, Butler (2010/1990) coloca o sexo como uma criação do discurso de gênero, que, em sua visão, tem como objetivo fazer perpetuar, pelo discurso, o que ela denomina de “matriz heterossexual”. Nesse sentido, o discurso de gênero precisaria de uma materialidade que dê suporte a uma ideia de binarismo como algo natural, biológico. Essa ideia constrói a base da heterossexualidade normativa e da concepção da heterossexualidade como algo “natural”, mais até do que esperado. Entretanto, como o que denomina o sexo é um discurso, pois é a sociedade e seus membros, de acordo com suas crenças e sua cultura, que nomeiam o que é o homem e o que é a mulher, então não há nada de natural ou de biológico no sexo. Essa categoria seria, assim como muitas outras, mais uma produção do discurso. No caso, de um discurso proveniente de uma sociedade que visa manter a heterossexualidade normativa ou a “matriz heterossexual”.

Diante das colocações feitas, **afirma-se agora a quarta diretriz para a psicanálise contemporânea, que diz da necessidade de inserção do conceito de identidade sexuada/gênero pela psicanálise, visto que ele se expressa na própria vivência de alguns destinos da sexualidade da mulher. Sendo a psicanálise também clínica dessa sexualidade, precisa ter estratégias para lidar com as categorias de sexo e identidade sexuada/gênero, inclusive com a separação conceitual delas.**

Sobre o conceito de feminilidade

O conceito de feminilidade passou por várias reformulações e reposicionamentos na obra de Freud. No final de seu percurso, Freud (1937/2006) o formulou de forma negativa, na medida em que a feminilidade seria a fronteira do denominado “rochedo de castração”, mas, entretanto, também revelaria o originário do psiquismo, algo anterior à ordenação da subjetividade fundada na primazia fálica.

De início, Freud postulou a feminilidade como presente no fundo de ambas as modalidades de ordenação sexual e, segundo Birman (2001), “numa posição de latência contra a qual as sexualidades masculina e feminina se organizariam” (p. 224). Isso significa que, segundo Birman (2001):

[...] o discurso freudiano enunciou que a feminilidade indicaria a existência de outro registro psíquico, que se contraporaria ao anterior, centrado no falo. Vale dizer, no registro da feminilidade não existiria o falo para o sujeito, seja como referente ou até mesmo como referência. Esse território psíquico não seria nem regulado nem fundado na figura do falo. Este seria então, na feminilidade, uma ausência, um faltante. Por isso mesmo, tanto os homens quanto as mulheres teriam horror à experiência da feminilidade, justamente pela ausência do falo. Como consequência disso, existiria uma forma de recusa desta pelo terror que provocaria na subjetividade, que se organizaria pela oposição sistemática contra aquela. A ordenação das sexualidades masculina e feminina, portanto, se faria pela inscrição do falo no psiquismo, sob a forma do ser e do ter [...]. O monismo sexual centrado no falo, enfim, se faria contra a feminilidade e como recusa a esta,

se enunciando sob a forma das sexualidades masculina e feminina (pp. 225-226).

Colocando a feminilidade na origem do psiquismo, Freud incita a ideia de que a ordem fálica seria uma recusa e até mesmo uma oposição ao registro originário da feminilidade. Entretanto, além de estar na origem, também configura-se enquanto destino, e destino da sexualidade da mulher. Após o “complexo de masculinidade” pelo qual a mulher passaria, deverá haver um movimento de superação dessa masculinidade, em busca da feminilidade. A maternidade seria o melhor caminho para o encontro dessa feminilidade. O que dizer então daquelas mulheres que vivem sua sexualidade sem ter o desejo da maternidade ou simplesmente sem efetivá-lo? Elas jamais encontrariam a feminilidade enquanto destino, mas somente como origem, antes da ordem fálica? Se for verdadeiro que a feminilidade, enquanto destino, é privilégio daquelas que passam pela experiência da maternidade, então ela é excludente, mesmo após estar na origem de todos, inclusive naqueles cujo o sexo é masculino. A ideia de feminilidade ligada à reprodução exclui a possibilidade de ela ser um destino também às outras possibilidades de vivência da sexualidade que possui a mulher. Entretanto, dependendo do tipo de processo de subjetivação pelo qual passa a mulher ao longo de sua vida, outros fatores que não somente a maternidade podem ser simbolizados enquanto possibilitadores do (re) encontro dela com a feminilidade. Outro ponto importante a ser pensado é a consideração da obrigatoriedade de ter a feminilidade enquanto destino para a sexualidade da mulher. Se não for de seu desejo ou se não estiver concordante com o gênero dessa mulher, por exemplo, por que então ela deve buscar a feminilidade? A “falta” de feminilidade seria prejudicial a todas as mulheres? Se sim, de que forma?

A questão da feminilidade ainda é ampla o suficiente para que nem todos esses questionamentos tenham resposta. Entretanto, eles podem funcionar enquanto balizadores de discussões acerca de teorias psicanalíticas para a atualidade,

principalmente no que diz respeito à primazia fálica, à experiência da maternidade e aos outros destinos possíveis para a sexualidade da mulher, à questão da identidade sexuada e à importância da consideração de que as categorias que normalmente se utiliza para se falar sobre a sexualidade, como sexo, gênero, masculinidade e feminilidade, por exemplo, são criadas pelo discurso da sociedade, pelo esperado e em prol da manutenção de ideais que são tidos como parâmetros da normatização do sexual.

Sendo assim, a quinta diretriz proposta por este estudo para a psicanálise contemporânea é **a necessidade de entendimento e de reposicionamento do conceito de feminilidade diante do contexto social e cultural atual e, principalmente, a urgência do entendimento desse conceito como algo que pode ser descolado da experiência da maternidade, por exemplo.**

A consideração do desejo da mulher

Todas as diretrizes já propostas, de forma direta ou indireta, convergem para esse último ponto, que fala sobre a consideração, pela psicanálise contemporânea, do desejo da mulher, nos termos da vivência de sua sexualidade. Se na atualidade existe uma maior possibilidade de vivência de destino, visto que a sociedade e a cultura passaram por modificações significativas em suas formas de lidar com a sexualidade, então a psicanálise deve ajudar a possibilitar, também, a atualização do desejo da mulher em todos os âmbitos que ele se implica.

Quando se fala em escolha, se presume que o sujeito pode escolher entre todos os destinos possíveis qual será aquele a seguir. Entretanto, no âmbito da sexualidade, não se trata de uma escolha pura simples. Ninguém escolhe, por exemplo, entre a heterossexualidade ou a homossexualidade. Na verdade, o que existe são destinos

sexuais que são privilegiados ou não, de acordo com a constituição subjetiva de cada sujeito. Na sexualidade da mulher, isso não se torna diferente. De acordo com seu desenvolvimento psicosexual, com suas experiências prévias e com os privilégios dados a uma ou a outra vivência, por exemplo, é que esses destinos serão construídos e ajudarão a mapear o desejo delas. O psicanalista, por sua vez, pode ser entendido, na medida do possível, como um “facilitador de desejos”, como alguém que pode ajudar na compreensão que o sujeito necessita de sua sexualidade e do que ele pode experimentar a partir disso.

Entretanto, para que o sujeito possa se beneficiar com essa função analítica, deve a psicanálise estar, primeiramente, ciente de que necessita de certas reformulações. Elas estão, curiosamente, ligadas à necessidade de um retorno à obra de Freud, a um estudo rigoroso de seus conceitos e de sua clínica. Não se pode criticar nem atualizar o que não se conhece.

A partir desse retorno, espera-se que os reposicionamentos que a teoria deve e pode sofrer sejam bem fundamentados e embasados. É necessária a compreensão total e a consideração do novo contexto histórico, cultural e social, assim como o conhecimento das diversas mudanças que impactaram o modo de pensar das pessoas, e de que forma esse impacto ocorreu.

Sobre a sexualidade da mulher, em específico, é fundamental que a psicanálise reconheça suas diversas formas de experimentar o sexual, ou seja, os destinos de sua sexualidade. Se não houver esse reconhecimento, como poderá o psicanalista trabalhar com conteúdos os quais ele não considera enquanto viáveis ou fazendo parte do desejo dessa mulher? Só após esse reconhecimento, que pode advir tanto do campo teórico como do campo da clínica, é que a psicanálise contemporânea poder estabelecer estratégias para o trabalho de tratamento mais condizentes com a atualidade.

Este estudo preocupou-se, primeiramente, em investigar a relação de Freud com a sexualidade da mulher em três âmbitos (relações pessoais, clínico e teórico). Assim se fez pois a ideia do retorno à obra de Freud pôde ser, aqui, executada desta maneira, mesmo que haja incompletudes e reducionismos. Só após essa investigação é que se passou à psicanálise contemporânea e a todas as suas particularidades que remetem à ideia de crise, por exemplo. Apresentou-se e discutiu-se a crise da psicanálise em geral e depois se passou à crise das noções e práticas clínicas que envolvem a sexualidade da mulher, sob o viés psicanalítico, na contemporaneidade. A seguir, foram propostas, a partir de pontos iniciais, algumas diretrizes que possuem como finalidade a manutenção da psicanálise enquanto trabalho de tratamento do psíquico e, mais precisamente, da sexualidade da mulher.

Tendo em vista todas as ideias já colocadas ao longo deste estudo, conclui-se com a afirmação tanto da necessidade do retorno à Freud, quanto da necessidade de algumas atualizações e reposicionamentos de sua teoria. Além disso, ressalta-se a importância de se pensar a psicanálise contemporânea como uma prática ou um trabalho que, a se ver em uma situação crítica frente às novas demandas sociais, necessita também de mudanças. Sobre a crise nas concepções acerca da sexualidade da mulher na atualidade, se reforça a ideia de que a psicanálise não pode ser um instrumento da “ideologia do apoliticismo”, como nos diz Pellegrino (1982), mas um dispositivo que afirme, cada vez mais, a diversidade da sexualidade da mulher e estabeleça em sua prática possibilidades para sua consideração e vivência. Acredita-se que as diretrizes postuladas aqui possam servir como parâmetros para a psicanálise contemporânea, ao passo em que visam o retorno à Freud, atualizações e reposicionamentos psicanalíticos frente às demandas da contemporaneidade, novos entendimentos sobre conceitos que versam sobre a sexualidade da mulher, como identidade sexuada/gênero e feminilidade e, por fim, a

consideração do desejo da mulher e dos destinos que a constituição de sua subjetividade lhe permitiu privilegiar.

CONCLUSÃO

Ao fim do estudo, é necessário que se faça um retorno aos principais argumentos apresentados e discutidos ao longo dele, com o objetivo de se facilitar o entendimento das ideias finais. Desde o início, fica claro que o maior objetivo dessa pesquisa foi investigar a situação das concepções acerca da sexualidade da mulher na contemporaneidade, para, só assim, produzir diretrizes que possam ser pensadas com a finalidade de reposicionar o trabalho de tratamento que a psicanálise se propõe a fazer, a partir de demandas atuais dos sujeitos. Entretanto, não se poderia chegar a essas diretrizes sem antes promover um retorno à obra de Freud, no que diz respeito à relação dele com a sexualidade da mulher. Para esse estudo, foram escolhidos três âmbitos – pessoal, clínico e teórico. A partir da apresentação e discussão da relação entre Freud e a sexualidade da mulher neles três é que se pôde pensar a contemporaneidade e de que forma a sexualidade da mulher se apresenta nela.

O âmbito pessoal serviu ao estudo ao proporcionar, além da investigação surpreendente e interessante da relação entre Freud e a filha, no que diz respeito a aspectos biográficos, o conhecimento do que pôde ser retirado por Freud de suas relações pessoais com mulheres para sua teoria. Considera-se que, nesse caso específico, a relação que Freud traçou com a sexualidade da mulher, mais especificamente com Anna, influenciou em suas concepções teóricas, na construção de sua teoria sobre a sexualidade da mulher em geral.

O âmbito clínico, também demonstrado, mesmo que sob outro viés, na relação entre Freud e Anna Freud, serviu ao estudo por apresentar momentos onde as noções de Freud sobre a sexualidade da mulher eram construídas. Se da prática clínica provém a teorização psicanalítica, Anna Freud não deixou de dar ao pai diversos subsídios para

suas argumentações futuras. Algo que prova esse argumento é a inclusão dela em alguns de seus escritos da temática da sexualidade da mulher, figurando enquanto caso clínico.

O âmbito teórico possibilitou a apresentação e discussão da mulher freudiana, aquela criada de acordo com a evolução teórica da obra de Freud. Divididas aqui em grupos, elas ajudaram na compreensão da relação entre Freud e a sexualidade da mulher. Partindo da histérica seduzida e chegando à inominável, a mulher freudiana se destaca, finalmente, pela impossibilidade de definição fechada, o que aponta a diversidade e amplitude de sua sexualidade.

Após o retorno feito aos âmbitos para se investigar a relação entre Freud e a sexualidade da mulher, passou-se à investigação no âmbito da contemporaneidade. Antes, entretanto, se pontuou a relação que os três primeiros âmbitos já apresentados constroem entre si. Pontuou-se que a relação entre Freud e a sexualidade da mulher, no âmbito das relações pessoais, alimenta a relação entre Freud e a sexualidade da mulher no âmbito teórico, e a relação no âmbito clínico, por sua vez, não só alimenta como gera a mesma relação no âmbito teórico. Isso implica em dizer que a importância do âmbito clínico é fundamental, visto que ele é a base de toda a fundamentação teórica futura. O sentimento de engodo ao se pensar na relação entre Freud e a sexualidade da mulher está pautado, também, em suas relações pessoais com elas, assim como em seus tratamentos por vezes determinados por trunfos e falhas e, conseqüentemente, em suas construções teóricas provenientes de seu trabalho clínico e alimentadas por suas relações pessoais.

A investigação no âmbito da contemporaneidade deu-se, de início, com a apresentação e discussão da chamada “crise da psicanálise”, termo que se caracteriza pela situação na qual a psicanálise se encontraria, hoje, frente às chamadas demandas da atualidade. Para dar conta disso, a psicanálise por vezes se mostrou adaptável, e de uma forma que

compromete sua origem. Para que fosse aceita e útil na atualidade, o trabalho de tratamento parece, em alguns casos e sob a visão de alguns teóricos, se modificar até que perca sua fundamentação original, freudiana. Não é isso que esse trabalho propõe. Ao contrário, defende que o primeiro passo para reposicionar a psicanálise na atualidade e colocá-la enquanto uma prática clínica viável é promover um retorno à Freud. Esse retorno deve ser rigoroso e específico, como também crítico e com objetivos de atualização da teoria frente aos contextos social e cultural encontrados hoje. Esse processo de retorno à Freud tem como um dos pontos mais importantes a conservação da origem e da originalidade da psicanálise, entendida primordialmente como trabalho de tratamento.

Durante todo o estudo, ao se colocar a psicanálise enquanto prática de intencionalidade puramente terapêutica, buscou-se também considerá-la, dentre outras coisas, como clínica da sexualidade feminina. É lógico que a psicanálise não pode ser apenas isso. Entretanto, como essa é a temática principal deste estudo, buscou-se afirmar a necessidade do cuidado com a sexualidade da mulher. É nesse sentido que o termo “clínica da sexualidade da mulher” é colocado.

Após a discussão acerca da crise da psicanálise, passou-se para uma discussão mais específica, que tem como objeto as ideias que versam, hoje, sobre a sexualidade da mulher, sob o viés da psicanálise. Nessa discussão, os temas foram separados e apresentou-se, além de concepções gerais de autores contemporâneos, ideias sobre família e maternidade e uma discussão sobre os destinos e “novos” destinos da sexualidade da mulher. Frisa-se que os “novos” destinos apresentados (homossexualidade, transexualismo e perversões femininas) são apenas alguns dos vários outros que a evolução moderna ajudou a transformar em possibilidade. Sobre a homossexualidade, é sabido que desde Freud ela já era considerada enquanto destino

possível para a mulher, proveniente da não superação do complexo de masculinidade. Entretanto, foi pontuada nesse estudo também enquanto “novo” destino porque se acredita que hoje sua vivência tem ganhado novas conotações que fogem (lentamente, é verdade) de noções que foram continuamente ligadas, ao longo do tempo, a seu contexto, como patologia, perversão e anormalidade. Sendo assim, pontua-se que o destino homossexual da sexualidade da mulher é, hoje, uma vivência que deve ser continuamente desligada das noções de homossexualidade feminina que se possuía antes. Se anteriormente uma mulher homossexual seria alguém anormal e condenada a nunca encontrar a feminilidade, visto que jamais teria um filho, por exemplo, hoje a evolução tanto cultural como da própria ciência denunciam que essas concepções não possuem mais lugar.

A ideia de se lançar diretrizes para a psicanálise contemporânea se deu a partir da preocupação com a consideração do trabalho de tratamento psicanalítico na atualidade. O que vai ser dele, visto que hoje as demandas mais comuns provenientes da sociedade fogem ao que ele prega? A urgência e a necessidade de reposicionamentos da psicanálise frente à contemporaneidade e suas demandas é inegável e pontuada por diversos autores da atualidade. Entretanto, parecem faltar direcionamentos mais precisos e específicos, que demonstrem de forma clara como a psicanálise pode atuar frente a uma falta ou falha sua. Considerando que a psicanálise jamais poderá se desenvolver negando sua origem e sua originalidade, foram criadas diretrizes que podem ajudar a conduzir, de forma mais contextualizada, a psicanálise diante do que se apresenta, enquanto demanda, hoje.

As diretrizes foram apresentadas a partir de tópicos que versam sobre a psicanálise enquanto trabalho de tratamento e crença, a aceitação da psicanálise e toda a problemática que essa demanda (a de ser aceita) pode gerar, a questão das instituições

psicanalíticas e da necessidade de atualização dos motivos que servem à organização do saber e da transmissão psicanalíticas por essas instituições, a questão da necessidade de inserção do conceito de identidade sexuada/gênero na psicanálise, enquanto teoria e trabalho de tratamento, o conceito de feminilidade e a necessidade de seu entendimento e reposicionamento frente ao contexto social atual e a questão da consideração do desejo da mulher. Esse último tópico não teve, ao longo do capítulo quatro, uma descrição formal de sua diretriz. Isso aconteceu propositalmente, visto que ele é base para todas as outras diretrizes, principalmente aquelas que versam especificamente sobre a sexualidade da mulher.

Ao se discutir a consideração do desejo da mulher na atualidade, é importante verificar que alguns preceitos da chamada moral sexual civilizada, pontuada por Freud em 1908, ainda perduram. As mulheres não estão livres, hoje, de todas as concepções de caráter biológico e naturalista que se fez delas ao longo do tempo. É importante afirmar, novamente, que quaisquer concepções de ordem biológica ou natural são, sobretudo, sociais, visto que é o próprio sujeito ou a própria sociedade que as determina inicialmente. O natural protege interesses que determinadas sociedades tem em relação aos grupos sociais. Dessa maneira, se é concebido pela sociedade que a mulher deve ter como função principal a reprodução da espécie, isso é interessante para aquela sociedade. Mas e para aquela mulher, isso é interessante? Talvez seja esse o questionamento que a psicanálise, enquanto, também, clínica da sexualidade da mulher, pode fazer a fim de demonstrar que a consideração do desejo da mulher é algo que lhe interessa.

Todas as diretrizes propostas possuem sua atualidade. Nesse sentido, podem ser utilizadas pela psicanálise contemporânea, de acordo com sua necessidade. É importante

frisar que elas são apenas o início de uma teorização que ainda pode estar por vir, se assim for necessário. Além disso, as diretrizes propostas ajudam a estimular o pensamento acerca do futuro da psicanálise e de que forma ela poderá se manter, dentro de seus propósitos de origem, na contemporaneidade. Hoje as demandas assustam boa parte da psicanálise e, por conta disso, algumas das teorizações psicanalíticas tendem a se organizar sem estar de acordo com sua origem em Freud. No futuro, por conta de diretrizes que se construam com a consideração da origem da psicanálise, o trabalho poderá ser, ao mesmo tempo, original e genuíno, bem fundamentado e atualizado, contextualizado e freudiano, por excelência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIDAR, M. A. K. (2003). Considerações sobre as relações entre sexo, gênero e sexualidade. In FERRAZ, F. C. & FUKS, L. B. (orgs.) (2003). *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, pp. 63-72.
- AFLALO, A. (2002). Homo-sexualité féminine et ravage. *Ornicar?* digital. Disponível em www.lacanian.net/ornicar. Acesso em 12/01/2013.
- ANDRÉ, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- ANDRÉ, S. (1987). *O que quer uma mulher?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- APPIGNANESI, L. & FORRESTER, J. (2010). *As mulheres de Freud*. Rio de Janeiro: Record.
- ARÁN, M. (2006). *O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Garamond.
- ARGENTIERI, S. (2009). Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação. In Instituto de psicanálise “Durval Marcondes”/ Sociedade brasileira de psicanálise de São Paulo (2009). *Jornal de Psicanálise: masculinidades/feminilidades*. São Paulo: SBPSP, vol. 42, n. 77, pp. 167-183.
- BARBERO, G. H. (2005). *Homossexualidade e perversão na psicanálise: uma resposta aos Gays e Lesbian Studies*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BIRMAN, J. (2001). *Gramáticas do erotismo – a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BIRMAN, J. (2005). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- BIRMAN, J. (2010). A sexualidade na berlinda. In PRATA, M. R. (org.) (2010). *Sexualidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, pp. 15-26.
- BORRILLO, D. (2010). *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- BUTLER, J. (2010). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CELES, L. A. M. (1995). *Sexualidade e subjetivação: um estudo do caso Dora*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- CELES, L. A. M. (2005). Psicanálise é o nome de um trabalho. *Psicol. clin.* Rio de Janeiro, vol. 17, n. 2, pp. 157-171.
- CELES, L. A. M. (2009). Pela hora da morte. In ZANELLO, V.; CARNEIRO, C. & CAMPOS, M. N. (orgs.) (2009). *Fronteiras em psicanálise*. Guarapari: Ex Libris, pp. 251-265.
- CHILAND, C. (2005). *O sexo conduz o mundo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- COHEN, D. (2010). *A fuga de Freud*. Rio de Janeiro: Record.
- COUTINHO JORGE, M. A. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, vol. 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar.
- CUNHA, E. L. (2010). O sexo e seus destinos: a psicanálise, o mundo contemporâneo e a história da sexualidade. In PRATA, M. R. (org.) (2010). *Sexualidades*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, pp. 95-116.
- ERIKSON, E. (1983). Tributo a Anna Freud. *Selected Papers (1930-1980)*, org. S. Schlein. Nova York: Norton.
- FALZENDER, E. & cols. (org.) (1995). *Sigmund Freud e Sándor Ferenczi: correspondência (vols. 1 e 2)*. Rio de Janeiro: Imago.

FREIRE COSTA, J. (1995). *A face e o verso – estudos sobre homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.

FREUD, A. (1922). A relação entre fantasias de espancamento e devaneios. *The Writings of Anna Freud* (vol. 1). Nova Iorque: International Universities Press, Inc.

FREUD, A. (1971[1927]). *Sobre a técnica da análise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, A. (1946). *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

FREUD, A. (1971). *Infância normal e patológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FREUD, S. (1895). Estudos sobre a histeria. *Obras completas, ESB*, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. *Obras completas, ESB*, vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1905[1901]). Fragmento da análise de um caso de histeria. *Obras completas, ESB*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Obras completas, ESB*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, S. (1907). O esclarecimento sexual das crianças. *Obras completas, ESB*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1908a). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. *Obras completas, ESB*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1908b). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. *Obras completas, ESB*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1908c). Sobre as teorias sexuais das crianças. *Obras completas, ESB*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1909[1908]). Algumas observações gerais sobre ataques histéricos. *Obras completas, ESB*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. *Obras completas, ESB*, v. X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1913[1911]). Sobre a psicanálise. *Obras completas, ESB*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1913a). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). *Obras completas, ESB*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1913b). O tema dos três escrínios. *Obras completas, ESB*, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1915). O instinto e suas vicissitudes. *Obras completas, ESB*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1919). “Uma criança é espancada” – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. *Obras completas, ESB*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1920a). Além do princípio do prazer. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1920b). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. *Obras completas, ESB*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1924a). O problema econômico do masoquismo. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- FREUD, S. (1924b). A dissolução do complexo de Édipo. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1925a[1924]). As resistências à psicanálise. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *Obras completas, ESB*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1925b[1924]). Um estudo autobiográfico. *Obras completas, ESB*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1931). Sexualidade feminina. *Obras completas, ESB*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1933[1932]). Feminilidade. *Obras completas, ESB*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. *Obras completas, ESB*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GAY, P. (1989). *Freud - uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HELLER, P. (org.) e BITTNER, G.; ROSS, V. (cols) (1992). *As cartas de Anna Freud a Eva Rosenfeld*. Rio de Janeiro: Imago.
- KAPLAN, L. (1989). *Female Perversions*. Nova York: Aronson.
- KEHL, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- LOUREIRO, I. (2004). Psicanálise e sexualidade: crítica e normalização. In PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F. & CARRARA, S. (orgs.) (2004). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, pp. 81-94.

- MARUCCO, N. (2005). Processo analítico e a “historicização” no imediatismo da cultura: contribuições para uma psicanálise contemporânea. *Rev. Psiquiatr. Rio Gd. Sul*, Porto Alegre, vol. 27, n. 1, pp. 63-68.
- MASSON, J. (org.) (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1897-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- MCDOUGALL, J. (1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- MEYER-PALMEDO, I. (org.) (2008). *Correspondência Freud-Anna Freud*. Porto Alegre: L&PM.
- MEZAN, R. (2003). *Sigmund Freud: a conquista do proibido*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- PASKAUSKAS, R. A. (org.) (1993). *Correspondência completa de Sigmund Freud e Ernest Jones (1908-1939)*. Londres: Harvard University.
- PELLEGRINO, H. (1982). Análise da instituição psicanalítica: um caso clínico. In CERQUEIRA FILHO, G. (org) (1982). *Crise na psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, pp. 31-51.
- PETERS, U. H. (1984). *Anna Freud, uma vida para a criança*. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag.
- PFEIFFER, E. (org.) (1968). *Sigmund Freud/Lou Andreas-Salomé: correspondência*. México: Siglo Veintiuno.
- QUINET, A. (1992). Psicanálise cura? In MAURANO, D. (org.) (1992). *Circulação psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago, pp. 17-24.
- RIEDER, I. & VOIGT, D. (2008). *Desejos secretos: a história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.

- RIVIERE, J. (1927). Contribution to a Symposium on Child-Analysis. *Int J Psa* (vol. 8), pp. 370-377.
- RODRIGUÉ, E. (1995). *Sigmund Freud: o século da psicanálise* (vol. 3). São Paulo: Escuta.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. (2000). *Para que serve a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. (2009). *Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- SHARPE, E. F. (1927). Contribution to a Symposium on Child-Analysis. *Int J Psa* (vol. 8), pp. 380-384.
- SIGAL, A. M. (2003). A mulher não nasce mãe, pode tornar-se mãe: a psicanálise, o feminino e sua relação com as novas técnicas de fertilização. In FERRAZ, F. C. & FUKS, L. B. (orgs.) (2003). *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, pp. 251-264.
- STEIN, G. (2009). *A autobiografia de Alice B. Toklas*. São Paulo: Cosac Naify.
- YOUNG-BRUEHL, E. (1992). *Anna Freud: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago.
- ZAVARONI, D., VIANA, T. C. & CELES, L. A. M. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. *Estud. Psicol.*, Natal, vol. 12, n. 1, pp. 65-70.